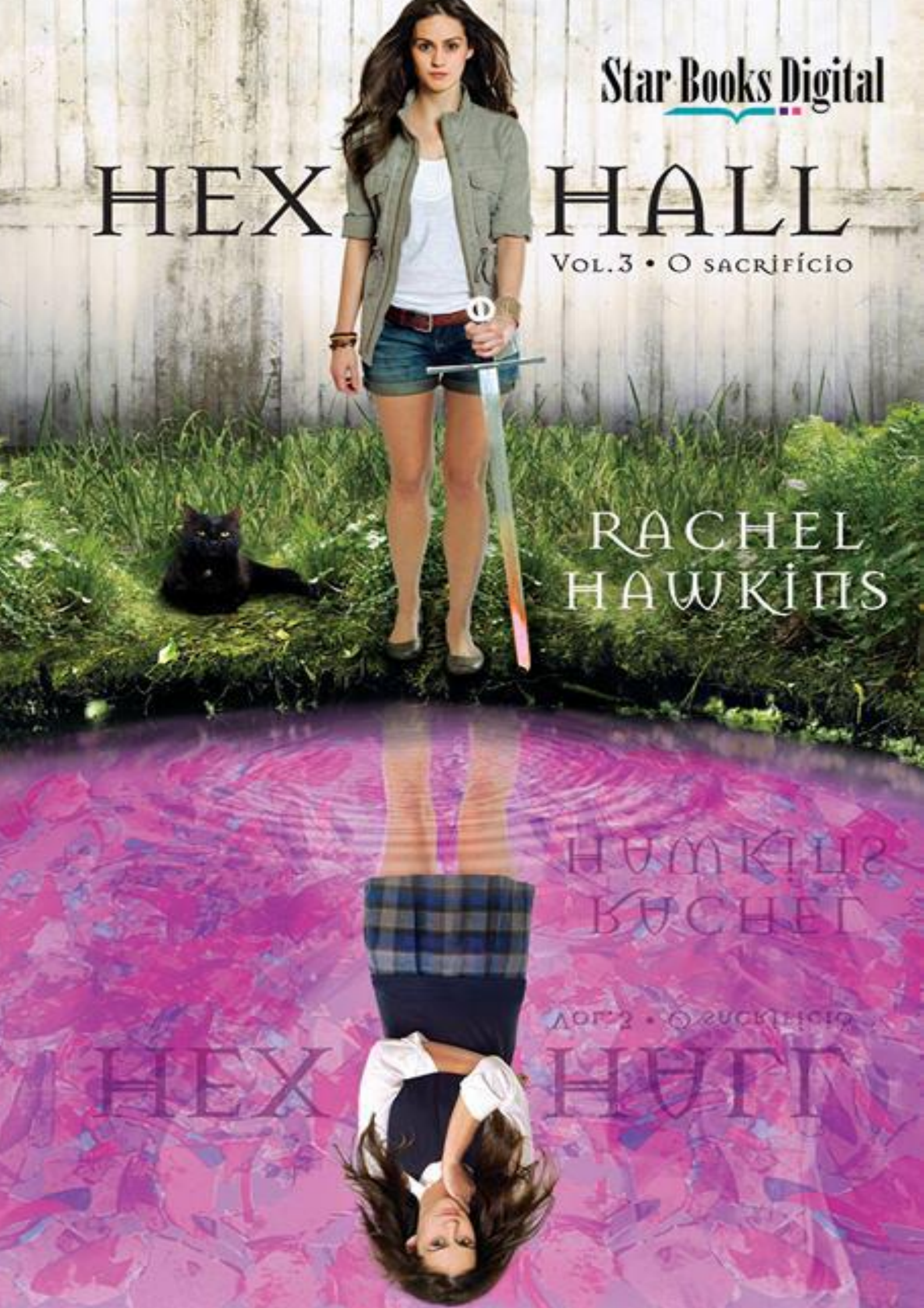
Star Books Digital

HEX HALL

Vol.3 • O sacrifício

RACHEL HAWKINS



RACHEL HAWKINS

HEX HALL

VOL.3 • O SACRIFÍCIO

Star Books Digital

Créditos

A presente obra é disponibilizada por Star Books Digital, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

Para minha extraordianária agente Holly Root, por seu apoio,
a sua capacidade de falar alguns autores fora sem medo,
e para encontrar para eu e Sophie uma casa perfeita!

PARTE I



"Eu me pergunto se eu fui transformada à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Eu quase acho que consigo lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: Quem no mundo sou eu? Ah, *esse* é o grande quebra-cabeças!"

— Alice no País das Maravilhas

Capítulo 1



Há circunstâncias em que a magia realmente é uma droga.

Claro, é incrível quando você está usando-a para mudar sua cor de cabelo, ou voar, ou transformar o dia na noite. Mas na maioria das vezes, a magia tende a terminar em explosões, ou lágrimas, ou com você de costas no meio do nada, sentindo-se como se um anãozinho estivesse cavando diamantes na sua cabeça.

Ok, então talvez este último pedaço seja somente eu.

Uma das desvantagens de viajar através do Itineris — uma espécie de portal mágico que pode te levar de um lugar para outro — é como ele é rude com o seu corpo. Cada viagem que eu fiz por ele me deixou sentindo como se eu tivesse sido virada do avesso; mas desta vez foi particularmente ruim. Eu estava realmente tremendo. Claro, isso pode ter sido por causa de toda a adrenalina. Eu sentia como se o meu coração estivesse tentando se jogar para fora do meu peito.

Eu respirei fundo e tentei acalmar o meu pulso acelerado. Ok. O Itineris havia me deixado... Bem, em algum lugar. Eu não havia descoberto onde ainda, principalmente porque eu ainda não me sentia capaz de abrir os olhos. Aonde quer que fosse, era silencioso e quente. Eu corri minhas mãos pelo chão embaixo de mim. Grama. Algumas pedras. Alguns gravetos.

Eu tomei uma respiração irregular e pensei em levantar a minha cabeça. Mas a própria ideia de tentar mover fez cada terminação nervosa que eu tinha me zombar, *Sim, nem pense nisso*.

Gemendo, eu apertei meus dentes e decidi que agora era uma boa hora para fazer um balanço.

Até esta manhã, eu havia sido um demônio e em posse de um pouco de magia super fantástica. Graças a um feitiço de amarração, aquela magia se foi. Bem, não se foi exatamente; eu podia senti-la tremulando dentro de mim como uma borboleta dentro de um vidro. Mas eu não podia acessar nenhum dos meus poderes, então podem muito bem ter sumido.

O que também se foi? Minha melhor amiga, Jenna. E o meu pai. E Archer, o cara que eu estava apaixonada. E Cal, meu noivo. (Sim, minha vida amorosa era complicada.)

Por um segundo, a dor na minha cabeça era nada comparada a dor no meu peito quando eu pensei sobre eles quatro. Honestamente, eu não tinha certeza com quem eu me preocupava mais. Jenna era uma vampira, o que significava que ela podia se cuidar, mas eu tinha encontrado a sua pedra de sangue esmagada no chão em Thorne Abbey. O principal trabalho da pedra de sangue era proteger Jenna de todos os efeitos colaterais de ser um vampiro. Se tivesse sido tomado dela durante o dia, o sol teria a matado.

E então tinha o papai. Ele havia sido sujeitado à Remoção, o que significava que ele estava mais impotente até do que eu estava agora. Pelo menos eu ainda tinha a minha magia, mesmo inútil como

ela era agora. Os poderes do papai se foram para sempre. A última vez que eu havia visto-o, ele estava deitado em uma cela, pálido e inconsciente, coberto com tatuagens roxas escuras da Remoção. Archer estava com ele, e até onde eu sei, os dois *ainda* estavam trancados naquela cela quando Throne Abbey foi atacada.

Ainda presos lá quando o Conselho usou Daisy, outro demônio, para botar fogo em Thorne Abbey.

Cal havia entrado na mansão em chamas para salvá-los, mas não antes de me dizer para usar o Itineris para achar a minha mãe, que estava, por alguma razão, com Aislinn Brannick, líder do grupo de caçadores de monstros. E já que os Brannicks *me* viam como um destes monstros, eu não conseguia imaginar a razão para a minha mãe estar com eles.

Foi assim que eu terminei de costas, a espada do Archer ainda agarrada na minha mão, minha cabeça doendo. Talvez eu pudesse apenas ficar deitada aqui e esperar que a mamãe *me* encontrasse. Isso seria conveniente.

Eu suspirei enquanto o vento agitava as folhas em cima. Sim, isso era um plano sólido. Ficar deitada aqui no chão e esperar que alguém venha me pegar.

Uma luz brilhante de repente queimou as minhas pálpebras, e eu fiz uma careta, erguendo a minha mão para afastar seja lá o que for. Quando eu abri os meus olhos, eu honestamente esperava ver uma das Brannicks parada lá, talvez com uma tocha ou uma lanterna.

O que eu não estava esperando era um fantasma.

O fantasma de Elodie Parris, para ser exata, parada aos meus pés, me encarando, com os braços cruzados. Ela estava brilhando tanto que eu apertei os meus olhos quando eu me sentei. Elodie havia sido assassinada pela minha bisavó há quase um ano atrás (longa história), e graças a uma magia dividida entre nós antes que ela morresse, o seu fantasma estava agora atrelado a mim.

— Oh, uau, — eu resmunguei. — Eu só estava deitada aqui pensando que esta noite não poderia ficar pior, e então realmente ficou. Hum.

Elodie revirou os olhos, e só por um segundo pensei que ela brilhou ainda mais. Ela moveu sua boca, mas nenhum som saiu. Uma das desvantagens de ser um fantasma — ela não podia falar. Pela sua expressão e um pouco de leitura labial que eu conseguia fazer, eu pensei que era provavelmente uma coisa boa.

— Ok, ok, — eu disse. — Agora não é hora para gracinhas.

Usando a espada do Archer como uma muleta, consegui ficar de pé. Não havia lua, mas graças à luminescência de Elodie, eu conseguia ver... Bem, árvores. Muitas delas. E não muito mais.

— Alguma ideia de onde nós estamos? — eu perguntei para ela. Ela deu de ombros e balbuciou. — Floresta.

— Você acha? — Ok, então o negócio sobre 'sem gracinha' não começou *bem*. Eu suspirei e olhei ao redor. — Ainda é noite, então devemos estar no mesmo fuso horário. Isso significa que nós não podemos estar muito longe. Mas está quente. Tipo, bem mais quente que em Thorne.

A boca de Elodie se moveu, e levou várias tentativas de nós duas antes que eu pudesse decifrar o que ela estava dizendo. Finalmente, eu descobri o que era: - Onde você estava tentando ir?

— Às Brannicks, — eu disse para ela. Com isso, os olhos de Elodie se arregalaram, e seus lábios começaram a voar de novo, sem dúvidas dizendo-me o quão idiota eu era.

— Eu sei, — eu disse, erguendo uma mão para cortar o seu discurso silencioso. — Os caçadores irlandeses de monstros assustadores, talvez não o melhor plano. Mas Cal disse que a minha mãe estava com eles. E não, — eu disse, quando sua boca fantasmagórica se abriu novamente. — Eu não sei o por quê. O que eu *sei* é que aparentemente o Itineris é uma droga, porque a única ruiva assustadora que eu vejo aqui é você. — Suspirando, eu esfreguei a minha mão livre nos meus olhos. — Então agora nós apenas...

Um uivo dividiu o ar.

Engoli em seco, e meus dedos apertaram o punho da espada. — Agora, nós só esperamos que seja o que for, não venha para cá, — eu terminei fracamente.

Outro uivo, este mais perto. À distância, eu podia ouvir algo batendo na vegetação rasteira. Por um segundo eu pensei em correr, mas os meus joelhos estavam tão moles que só ficar em pé já era um desafio. De jeito nenhum eu conseguiria correr mais do que um lobisomem. O que significava ficar e lutar.

Ou, você sabe, ficar e ser atacada.

— Ótimo — eu murmurei, erguendo a espada, os músculos nos meus ombros gemendo. Eu senti os meus poderes se mexerem na boca do meu estômago, e um terror repentino passou por dentro de mim. Eu era normal, eu me lembrei. Apenas uma menina normal de dezessete anos, prestes a enfrentar um lobisomem com nada mais do que... Ok, bem, eu tinha uma baita espada e um fantasma. Isso tinha que contar para alguma coisa.

Eu olhei de relance para Elodie. Ela estava encarando a floresta, parecendo vagamente entediada.

— Hum, oi, — eu disse. — Um lobisomem está a caminho. Você não está nem um pouco preocupada com isso?

Ela sorriu para mim e gesticulou na direção de seu corpo cintilante. Eu li seus lábios: - Já estou morta.

— Certo. Mas se eu for morta, também, você e eu *não* vamos virar melhores amigas fantasmas.

Elodie me deu um olhar que disse não haver perigo daquilo acontecer.

Os sons estavam ficando mais altos, e eu ergui a espada mais para cima.

Então, com um rosnado, algo grande e peludo pulou das árvores. Eu dei um pequeno grito, e até Elodie pulou para trás. Bem, flutuou para trás.

Por um momento, nós três ficamos congelados, eu segurando a espada como um taco de beisebol, Elodie pairando a alguns metros do chão, o Lobo agachou na nossa frente. Eu não tinha ideia se era um menino ou uma menina lobisomem, mas para mim parecia jovem. Espuma branca escorria de seu focinho. Lobisomens são meio babões.

Ele abaixou a cabeça, e eu agarrei a espada com mais força, esperando que ele atacasse. Mas ao invés de pular para arrancar o meu pescoço, o lobisomem fez um som baixo de lamento, quase como se ele estivesse chorando.

Eu o olhei nos olhos, que eram perturbadoramente humanos. Sim, definitivamente lágrimas. E medo. Muito. Ele estava bem ofegante, e eu tinha a sensação de ele estava correndo há um tempo.

De repente me ocorreu que talvez o Itineris não era tão ruim quanto eu havia pensado. Algo havia assustado este lobisomem, e havia poucas coisas que eu poderia pensar que fariam *isso*. Caçadores irlandeses assustadores de Prodígios? Eram os primeiros da lista.

— Elodie... — eu comecei a dizer, mas antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, ela piscou como uma vagalume megera.

O lobisomem e eu estávamos enfiados na escuridão. Eu xinguei, e o lobisomem fez um grunhido que soava como a mesma palavra. Por alguns momentos, somente o bastante para me fazer pensar que talvez eu estivesse errada, a floresta estava quieta e silenciosa.

E então tudo explodiu de uma vez.

CAPÍTULO 2



Houve um grito de algum lugar na minha frente, e o lobisomem rosnou. Eu ouvi uma breve briga, seguido por um grito afiado. Então o único som era a minha própria respiração, berrando dentro e fora dos meus pulmões.

Eu peguei um movimento com o canto do meu olho, e instintivamente dei um passo em direção a isso, ainda segurando a espada à minha frente.

De repente, uma luz brilhante, muito mais brilhante do que Elodie tinha sido, brilhou diretamente em meu rosto. Fechei os olhos, e tropecei. Isso foi quando algo bateu na minha mão estendida, com força suficiente para me fazer chorar. Minha mão ficou dormente imediatamente, e a espada de Archer escorregou dos meus dedos. Outra batida, desta vez na parte de trás das minhas pernas, e de repente eu estava no chão.

Um peso assentou em meu peito, como joelhos pressionando ambos os meus braços para o chão. Senti uma ardência forte sob o meu queixo, e eu lutei contra a vontade de choramingar.

Então uma voz estridente perguntou, — O que você é?

Abri meus olhos devagar. A lanterna que tinha me cegado estava deitada a poucos metros da minha cabeça agora, o que me deu apenas luz suficiente para ver o que parecia ser uma garota de 12 anos sentada no meu peito.

Eu tinha sido derrotada por um aluno de *sexta série*? Isso era constrangedor.

Em seguida, o metal frio em meu pescoço lembrou-me que este particular aluno da sexta tinha uma faca.

— Eu sou... Eu não sou nada, — eu disse, tentando mover minha boca o mínimo possível. Meus olhos foram rapidamente se ajustando à fraca luz, e eu podia ver o cabelo vermelho brilhante da menina. E quão estranho que possa parecer, com uma lâmina em minha garganta e tudo, meu primeiro pensamento foi, *Oh, graças a Deus.*

Ela podia ser menor do que eu esperava, mas em muitas maneiras, esta menina era tudo o que eu tinha imaginado que as Brannicks seriam. Elas eram uma grande família de mulheres — sempre mulheres, embora eu ache que deve ter tido caras em algum ponto, vendo como a família tinha sido em torno de mais de mil anos. Descendente de uma bruxa branca megapoderosa chamada Maeve Brannick, eles dedicavam-se a livrar o mundo do mal.

Infelizmente, eu me encaixo em sua definição de mal.

A menina fez uma careta. — Você é alguma coisa, — ela sussurrou, inclinando-se mais perto. — Eu posso senti-lo. O que quer que seja, não é humano. Assim, você pode querer me dizer que tipo de aberração você é, ou eu posso cortá-la e descobrir por mim mesma.

Olhei para ela. — Você é uma criancinha casca-grossa.

Sua carranca aprofundou.

— Eu estou procurando as Brannicks, — disse rapidamente. — Assumo que você é uma por que... Sabe, ruiva, a violência e tudo mais.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou, quando o ardor no meu pescoço tornou-se uma dor real.

— Sophie Mercer, — eu disse através dos dentes cerrados.

Seus olhos se arregalaram. — Sem chance. — ela disse, soando pela primeira vez meio infantil, o que provavelmente era.

— Com chance — eu resmunguei.

Por um segundo, ela parecia insegura, e a faca na minha garganta deslizou para trás, talvez uma polegada ou algo assim. Era tudo que eu precisava.

Eu rolei para um lado. O movimento puxou tão forte algo em meu ombro que as lágrimas saltaram aos meus olhos, mas ainda assim teve o efeito desejado de empurrar a menina de cima de mim.

Ela gritou e eu ouvi um abafado baque que eu realmente esperava ser a faca caindo no chão. No entanto, eu não perco tempo verificando. De quatro, eu procuro pela espada de Archer. Meus dedos se fecharam em torno do punho, e a puxo para mim.

Usando a espada como alavanca, eu levantei e me virei para a menina. Ela ainda estava sentada no chão, inclinada para suas mãos, sua respiração vinda difícil e rápida. Todos os traços de Garota Durona saíram de seu rosto, agora ela era apenas uma criancinha assustada.

Eu me perguntava por quê. Quer dizer, eu ainda estava inclinada sobre a espada, não estava apontando para ela. Minhas pernas tremiam muito, eu tinha certeza que ela podia vê-las, e eu sabia que meu rosto estava riscado com lágrimas e suor. Eu não poderia ser muito intimidante...

E então me lembrei de seu rosto quando ela tinha ouvido o meu nome. Ela me conhecia, ou pelo menos sabia de mim. O que significava que ela provavelmente sabia o que eu era.

Ou costumava ser.

Eu tentei dar-lhe o meu melhor olhar de "Eu sou uma Princesa Demônio", o que era completamente um desafio, já que meu cabelo estava pendurado na minha cara e meu nariz estava escorrendo. — Qual é o seu nome? — eu perguntei.

A menina manteve os olhos em mim, mas suas mãos se moviam inquietas sobre o chão em torno dela, sem dúvida procurando a faca. — Izzy. — ela disse.

Eu levantei minhas duas sobrancelhas. Não exatamente um nome que espalha o medo no coração.

Izzy deve ter lido isso na minha expressão, porque ela franziu a testa. — Eu sou Isolda Brannick, filha de Aislinn, filha de Fiona, filha de...

— Certo, certo, filha de um grupo de senhoras ferozes, entendi. — Corri a mão sobre o meu rosto, meus olhos ardendo e arenosos. Eu não tinha certeza se alguma vez estive tão cansada na minha vida. Minha cabeça era como se estivesse cheia de cimento, e mesmo meu batimento cardíaco parecia pesado

e lento. E também tinha esse sentimento estranho, no fundo da minha mente, como se eu estivesse esquecendo algo importante.

Empurrando isso de lado, voltei minha atenção para Izzy. — Eu estou procurando por Grace Mercer. — Assim quando eu disse o nome de minha mãe, um espesso e doloroso nódulo subiu na minha garganta. Eu pisquei quando acrescentei: — Me disseram que ela estava com as Brannicks, e eu realmente preciso encontrá-la.

E *jogar meus braços em volta dela, e chorar por talvez milhares de anos*, eu pensei.

Mas Izzy balançou a cabeça. — Não há nenhuma Grace Mercer com a gente.

As palavras caíram sobre mim como um golpe. — Não, ela tem que estar, — eu disse. Izzy vacilou na minha frente, e eu percebi que eu estava vendo-a através de lágrimas. — Cal disse que ela estava com as Brannicks.— Eu insisti, minha voz embargada.

Izzy sentou-se reta. — Bem, quem quer que Cal seja, ele estava errado. Há apenas Brannicks no complexo.

Encontrar mamãe. Essa tinha sido a única coisa que eu tinha focado a partir do momento que Cal voltou para Thorne Abbey. Porque se eu pudesse encontrar mamãe, então de alguma forma, tudo estaria bem, e eu seria capaz de encontrar todo mundo, também.

Meu pai, Jenna, Archer e Cal.

Uma onda de tristeza e cansaço bateu em mim. Se mamãe não estava aqui, então eu só me coloquei bem no meio do território inimigo para nada. Sem poder. Sem pais. Sem amigos.

Naquele momento, deixei-me entreter pela ideia de só colocar a espada para baixo e deitar sobre o chão. Isso parecia bom, e realmente, se eu tivesse perdido tudo, quem se importaria com o que essa pequena homicida faria comigo?

Mas com a mesma rapidez, coloquei esse pensamento de lado. De jeito nenhum eu tinha sobrevivido a ataques demoníacos, duelos de ghouls e explosões de demonglass para acabar assassinada por Raggedy Ann[1]. Se mamãe estava aqui ou não, eu sobreviveria a isto.

Meus dedos apertaram no punho da espada até que eu senti o corte de metal na minha pele. Doeu, mas era bom. Isso poderia realmente evitar que eu desmaiasse, que por sua vez manteria Izzy de me dissecar, ou seja lá o que as Brannicks faziam com os demônios.

Demônios antigos. O que seja.

— Então, vocês têm um complexo. — eu disse, tentando fazer meu cérebro trabalhar. — Isso é... Legal. Aposto que tem salas subterrâneas e arame farpado.

Izzy revirou os olhos. — Dã.

---

[1] Raggedy Ann é uma personagem fictício criado pelo escritor norte-americano Johnny Gruelle numa série de livros que escreveu e ilustrou para as crianças. Raggedy Ann é uma boneca de pano com cabelos vermelhos e tem um nariz triangular.

— Certo, então este complexo. Onde exatamente... — Minhas palavras sumiram quando o chão começou a balançar. Ou eu estava balançando de um lado para o outro? E foi tudo ficando escuro porque a lanterna estava apagando, ou eram meus olhos que haviam parado de funcionar?

— Não. Não, eu *não* vou desmaiar.

— Hum... Ok?

Eu balancei minha cabeça. — Eu disse isso alto?

Izzy levantou-se lentamente. — Você não parece bem.

Eu teria olhado para ela se meus olhos não tivessem envolvidos em coisas mais importantes como em não cair de cabeça. Um alto ruído encheu minha cabeça, e eu percebi que eram os meus dentes.

Ótimo. Eu estava entrando em choque. Isso era só... *Tão* inconveniente.

Meus joelhos começaram a ceder, e eu segurei o punho da espada ainda mais apertado, dificilmente tentando ficar de pé. *Espada de Archer,* eu disse a mim mesma. *Você não pode desmaiar porque você tem que encontrá-lo e ajudá-lo....*

Mas já era tarde demais. Eu estava escorregando para o chão, e Izzy se virou, obviamente procurando a faca.

De repente, notei um brilho fraco vindo de algum lugar atrás de mim. Confusa, eu comecei a me virar em direção a ela, pensando que era provavelmente um grupo de caça Brannick. E, em seguida senti um poderoso zumbido quase elétrico através de mim. Reconheci-o imediatamente.

Mágica.

Eu fiquei completamente imóvel, desorientada. Eu tinha meus poderes apenas — mas não. Tudo foi fluindo através de mim, não parecia com a *minha* magia. Eu sempre senti meus poderes atirar-se através de meus pés, apressando-se do chão. Esta mágica parecia algo leve e frio se assentando em cima da minha cabeça. Como a neve.

Como a mágica de Elodie.

I*sso é porque isso é minha magia, idiota,* a voz de Elodie zombou dentro da minha cabeça.

— O quê? — eu tentei dizer. Mas a minha boca não se moveu. Um dos meus braços se levantou a partir de meu lado, mas eu não estava me movendo, tampouco. E eu certamente não disparei um raio dourado de poder das pontas dos meus dedos para Izzy.

Gritando, Izzy caiu no chão.

Eu andei para frente, a espada erguida, mas, novamente, era como se eu fosse um boneco. Eu podia sentir as ranhuras do metal do cabo da espada em minhas mãos e a dor em meus ombros da tensão de levantá-la, mas eu não tinha controle sobre o que eu estava fazendo.

Izzy tinha conseguido ficar de pé e foi tropeçando para longe de mim. Ela recuou para uma árvore com uma pancada, e eu assistia enquanto eu colocava a ponta da lâmina na sua garganta.

Mesmo quando comecei a sacudir dentro da minha própria cabeça, eu podia sentir a chama triunfante de Elodie através de mim.

S*ai!* Eu gritei silenciosamente. *Eu nem mesmo queria compartilhar um dormitório com você, muito menos o meu corpo.*

D*e jeito nenhum*, foi à única resposta de Elodie.

— Estou super em cima de você agora. — eu me ouvi rosnar para Izzy. — Então você pode dizer onde minha mãe está, ou eu posso fazer picadinho de você. Sua escolha. — Izzy estava ofegante, e havia lágrimas agrupando em seus grandes olhos verdes.

E*la deve ter 12 anos, Elodie*, pensei.

O *que seja*, Elodie respondeu. Eu poderia praticamente ouvir a revirada de olhos em sua voz.

— Eu— Izzy disse, os olhos correndo para olhar em algum lugar sobre o meu ombro.

Tentei virar a cabeça para olhar, mas Elodie mantinha meu olhar fixo em Izzy.

— Você sabe... — eu disse, sentindo meus lábios curvarem em um sorriso, — Uma Brannick morta por um demônio com uma das espadas do L'Occhio di Dio. Há algo delicioso sobre isso, não você acha?

H*á algo atrás de mim, sua insana!* Gritei interiormente. *Pare de fazer a coisa de vilão assustador, e olhe!*

Mas Elodie me ignorou.

Eu ainda estava estudando o rosto de Izzy quando seu olhar de terror de repente se tornou um de alivio. Eu não tinha certeza de qual emoção era mais forte, meu pânico ou a confusão de Elodie, ambas eu podia sentir jorrar do meu estômago.

E, em seguida, ambos os sentimentos foram eclipsados por uma enorme dor quando algo colidiu com a traseira do meu crânio.

CAPÍTULO 3



Eu estava morta. Essa realmente era a única explicação que eu tinha para sensação de que eu estava deitada em uma cama confortável e fresca, uma colcha limpa puxada até o meu queixo e uma mão macia acariciando meu cabelo.

Isso era bom. Estar morta parecia muito doce, considerando todas as coisas. Especialmente se significava que eu podia cochilar por toda a eternidade. Eu me aconcheguei um pouco mais na maciez da colcha. A mão no meu cabelo mudou-se para as minhas costas, e eu percebi que alguém estava cantando baixinho. A voz era familiar, e algo nisso fez o meu peito doer. Bem, isso era de se esperar. Canções de anjos eram terrivelmente comoventes.

— Eu estava trabalhando como garçonete em um bar, quando eu te conheci... — a voz cantava.

Eu fiz uma careta. Não era o tipo mais adequado de música para o coro celestial cantar.

A realidade bateu em mim. — Mamãe! — eu gritei, me sentando. Isso foi um erro, porque assim que me levantei, a agonia explodiu na minha cabeça.

Mãos suaves me empurraram de volta para o travesseiro e, de repente ela estava lá. Minha mãe, debruçada sobre mim, seu rosto gravado com preocupação e riscado com lágrimas, mas tão bonita que eu queria chorar também.

— Isso é real, certo? — eu perguntei, olhando ao redor da sala. Era pequena e escura, e cheirava levemente a madeira, como o cedro. Além da cama e da cadeira de cana-da-índia, a sala estava completamente vazia. Uma brilhante luz vermelho-dourado veio da janela, então eu sabia que era início da noite. — Este não é um sonho ou algum tipo de alucinação relacionada à minha concussão?

Senti o braço da mamãe em volta dos meus ombros. Seus lábios estavam quentes contra minha têmpora. — Eu estou aqui, querida. — ela murmurou. — Realmente aqui.

E então eu chorei. Muito. Grandes e doloridos soluços saltaram da minha garganta. Através deles, eu tentei dizer à minha mãe sobre tudo o que tinha acontecido em Thorne, mas eu sabia que não estava fazendo nenhum sentido.

Quando a tempestade de soluços finalmente passou, eu estava contra a minha mãe, abraçada bem forte, puxando minhas respirações. Lágrimas corriam pelo seu rosto também, molhando o topo da minha cabeça. — Tudo bem. — eu finalmente disse. — Essa é a história das minhas férias de verão. Sua vez.

Mamãe suspirou e abraçou-me apertado.

— Oh, Soph. — disse ela em voz muito baixa. — Eu não sei nem por onde começar.

— Onde estamos? — eu perguntei. — Esse é sem dúvida um bom ponto de partida.

— No complexo Brannick.

Tudo voltou para mim então. Izzy, a espada e Elodie transformando o meu corpo em um boneco assassino.

E*lodie?* Perguntei silenciosamente. *Você ainda está aí?*

Mas não houve resposta. Eu era a única pessoa na minha cabeça agora. Falando nisso...

— O que aconteceu com minha cabeça?

— Finley - que é a irmã mais velha da Izzy - foi dar uma olhada nela. Izzy disse que você a atacou com seus poderes. Eu pensei que você disse que não podia fazer mágica.

— Eu não posso. — eu disse. — É... Eu vou explicar isso mais tarde. Então Finley rachou minha cabeça com o quê? Um taco de beisebol? Um caminhão?

— Uma lanterna. — respondeu minha mãe, seus dedos delicadamente dividiram meu cabelo até eu sentir um curativo do tamanho de uma bola de basebol na parte de trás da minha cabeça.

Ficamos em silêncio então, nós duas sabendo o que eu iria perguntar em seguida: por que diabos minha mãe, que passara a maior parte de sua vida correndo de tudo que fosse coisa mágica, estava passando as férias de verão com um monte de caçadores de monstros?

Mas algo me dizia que qualquer resposta sua ia ser complicada. E, provavelmente, desagradável. E mesmo morrendo de vontade de saber o que a tinha trazido aqui, poderíamos chegar a isso mais tarde, de preferência quando o meu cérebro não estivesse ameaçando pular fora da minha cabeça.

— Estava quente. — eu disse. Há poucos tópicos menos complicados e desagradáveis do que o tempo, certo? — Lá fora. Onde exatamente é o complexo das Brannick?

— Tennessee. — mamãe respondeu.

— Ok, bem, isso é... Espere, Tennessee? — eu me sentei e olhei para minha mãe. — Eu usei as Itineris para viajar da Inglaterra para cá. Isso é aquela coisa de portal mágico, — Eu comecei a explicar, mas ela estava balançando a cabeça como se ela já soubesse. — De qualquer forma, deixei Thorne à noite, e cheguei *aqui* à noite, então eu não poderia ter ido tão longe.

Mamãe estava me observando com muito cuidado. — Sophie. — ela disse, e algo em sua voz fez meu estômago gelar. — Thorne Abbey queimou há quase três semanas atrás.

Olhei para ela. — Isso é impossível. Eu estava lá. Eu estava lá na noite passada.

Balançando a cabeça, mamãe estendeu a mão e segurou meu rosto.

— Querida, já faz dezessete dias desde que recebi a notícia do que aconteceu em Thorne. Eu pensei... — Sua voz falhou. — Eu pensei que você tivesse sido capturada ou morta. Quando Finley trouxe você hoje à noite, foi como um milagre.

Minha mente estava cambaleando.

Dezessete dias.

Lembrei-me de entrar no Itineris, lembrei do esmagamento, ainda escuro. Mas eu só o senti por um momento ou dois antes de me encontrar de costas na floresta. Como poderiam passar *dezessete dias* no espaço de algumas batidas de coração?

Em seguida, outro pensamento me ocorreu. — Se já faz tempo que Thorne queimou, você deve ter ouvido algo sobre o papai. Ou Cal, ou as Casnoffs.

— Estão todos mortos. — disse uma voz do outro lado da sala.

Eu acoitei minha cabeça para trás, estremecendo enquanto fazia. Uma mulher encostou-se no batente da porta, segurando uma caneca fumegante. Ela estava usando jeans e uma camiseta preta, e seu cabelo vermelho, mais escuro do que o de Izzy, caía sobre seu ombro em uma longa trança.

— Desapareceram da face da terra. — ela continuou, movendo-se para dentro do quarto. Ao meu lado, eu podia sentir minha mãe endurecer. — James Atherton, o menino feiticeiro, aquele *outro* menino feiticeiro, aquelas bruxas Casnoffs, e seu demônio de estimação. Nós imaginamos que você tinha desaparecido com eles até você aparecer e tentar matar a minha filha.

Eu adivinhei que esta mulher fodona era Aislinn Brannick. Ainda assim, tê-la diante de mim enviou o meu estômago para algum lugar ao sul dos meus joelhos. Limpei a garganta. — Em minha defesa, ela puxou uma faca em primeiro lugar. — eu disse.

Para minha surpresa, Aislinn emitiu um som enferrujado que poderia ter sido uma risada. Ela entregou-me a caneca. — Beba isso.

— Hum, que tal, "não". — eu respondi, olhando para o conteúdo verde escuro. O que quer que o líquido seja, ele cheirava a pinheiros e sujeira, e como essa mulher era a mãe de Izzy, eu achei que estava envenenado.

Mas Aislinn apenas deu de ombros. — Não beba, então. Não dou a mínima se sua cabeça dói.

— Está tudo bem. — minha mãe disse, nunca tirando os olhos de Aislinn. — Isso vai fazer você se sentir melhor.

— Me matando? — Eu perguntei. — Quero dizer, tenho certeza de que iria fazer a minha dor de cabeça ir embora, mas isso pode me dar um efeito colateral.

— Sophie. — minha mãe murmurou, com um tom de aviso em sua voz.

Mas Aislinn apenas me olhou com astúcia, um pequeno sorriso se insinuando em seus lábios. — Ela tem uma boca grande, isso é certo. — ela disse. Seus olhos se dirigiram para minha mãe. — Deve ter puxado isso dele. Você sempre foi tranquila.

Olhei para minha mãe, confusa, mas ela ainda estava observando Aislinn Brannick, com o rosto pálido.

— Você precisa descer em cinco minutos. — Aislinn disse, movendo-se para se situar no pé da cama. — Reunião de família.

Eu tomei um gole muito hesitante da morna caneca. Tinha um gosto ainda pior do que cheirava, mas assim que deslizou na minha garganta, senti um pouco da dor em meu crânio recuar. Fechando meus olhos, eu me inclinei para trás contra a cabeceira da cama.

— Por que você precisa de nós para isso? — Eu perguntei. — Não seria melhor que só vocês... Brannicks fossem sem nós?

Um pesado silêncio caiu sobre a sala, e quando eu abri meus olhos, mamãe e Aislinn olhavam uma para a outra.

— Ela não sabe? — Aislinn perguntou, e uma mistura de medo e raiva se levantou em meu peito. Eu não queria lidar com isso. Eu não estava pronta para lidar com isso, ainda não.

Mas quando mamãe se virou para mim, eu sabia. Eu vi o medo e a tristeza em seu rosto, na maneira como suas mãos estavam segurando o cobertor. E eu sabia que havia uma razão muito simples para o fato de estarmos aqui.

Ainda assim, ouvi-me perguntar: — Mãe?

Mas foi Aislinn que respondeu. — Sua mãe é uma Brannick, Sophia. O que faz de você ser uma de nós, também.

CAPÍTULO 4



Quando a porta se fechou atrás de Aislinn, minha mãe baixou o rosto em suas mãos com um suspiro estremecido. Engoli o resto da bebida que Aislinn tinha me dado. Imediatamente, minha cabeça ficou melhor. Na verdade, tudo parecia melhor, e eu me sentia quase... Alegre, apesar de minha boca estar como se tivesse lambido um pinheiro.

Mas o gosto espesso em minha boca era bom. Isso me deu algo para focar além do fato de que, basicamente, tudo na minha vida tinha sido uma mentira, ou que de alguma forma perdi dezessete dias, ou que tivesse um fantasma dentro do meu corpo.

De repente, senti tanta falta de Jenna que era quase uma dor física, eu queria segurar sua mão e ouvi-la dizer algo que faria toda esta situação engraçada em vez de incrivelmente fracassada.

Archer teria sido bom, também. Ele provavelmente teria levantado uma sobrancelha daquela maneira irritante/quente que ele tinha, e feito uma piada suja sobre Elodie me possuindo. — Absolutamente, depois de falarmos com… Ou Cal, ele não diria nada, mas apenas a presença dele me faria sentir melhor. E meu pai...

— Sophie. — minha mãe disse, me tirando do meu devaneio. — Eu não... Eu não sei nem como começar a explicar tudo isso para você. — Ela me olhou, com os olhos vermelhos. — Eu queria, tantas vezes, mas tudo foi sempre assim... Complicado. Você me odeia?

Respirei profundamente. — Claro que não. Quero dizer, não estou *excitada*. E eu totalmente reservo o direito de angústia sobre tudo isso mais tarde. Mas, honestamente, mãe? Agora, estou tão feliz de te ver que eu não me importo se você é secretamente uma ninja enviada do futuro para destruir gatinhos e arco-íris.

Ela riu, um som abafado e aguado. — Senti tanto sua falta, Soph.

Nós nos abraçamos, a minha face contra sua clavícula. — Quero toda a história, entretanto. — eu disse, com palavras abafadas. — Tudo isso sobre a mesa.

Ela balançou a cabeça. Aislinn.

Recuando, eu fiz uma careta. — Então, como exatamente você está relacionada a ela? Vocês são como, primas?

— Nós somos irmãs.

Eu olhei para ela. — Espere. Então você é como, uma Brannick, *Brannick*? Mas você não tem o cabelo vermelho.

Mamãe saiu da cama, torcendo seu rabo de cavalo em um coque.

— É chamado de tintura, Soph. Agora, vamos lá. Aislinn já está de mal humor.

— Sim, pode apostar. — eu murmurei, empurrando a coberta e ficando de pé.

Mamãe e eu saímos do quarto para o corredor escuro. Havia apenas outro quarto neste andar, e de repente eu me vi pensando em Thorne Abbey e em todos os seus corredores e câmaras. Ainda era difícil acreditar que um lugar que era enorme... Se foi.

Nós fomos por um lance de escadas estreitas que terminaram em um arco baixo. Além do arco estava outra sala escura. Será que essas pessoas têm algo contra a iluminação de teto?

Vi uma geladeira antiga verde e uma mesa redonda de madeira posicionada sob uma janela suja. O aroma de café pendurado no ar e havia um sanduíche semiacabado no balcão, mas a cozinha estava vazia.

— Elas devem estar na Sala de Guerra. — minha mãe disse, quase para si mesma.

— Espera aí; você acabou de dizer 'Sala de Guerra'? — eu perguntei, mas minha mãe já havia saído da cozinha e estava virando no corredor. Eu marchei atrás dela, tentando ter uma ideia da casa. A palavra principal que veio à mente foi "espartana". Em Thorne, havia tanta coisa - pinturas, tapeçarias, bugigangas, roupas miseráveis de armadura – que seus olhos não podiam processar tudo isso. Aqui, era como se tudo o que não fosse totalmente necessário havia sido arrancado. Pedaços, mesmo algumas coisas que *eram* necessárias, pareciam estar faltando. Eu não tinha visto ainda um banheiro.

Não havia janelas, apenas várias lâmpadas fluorescentes fixadas no teto, jogando uma luz doentia sobre tudo. E por "tudo", quero dizer um sofá marrom sujo, algumas cadeiras dobráveis de metal, um par de estantes cheias, algumas caixas de papelão e uma mesa enorme, redonda coberta de papéis.

Ah, e as armas.

Havia todos os tipos de instrumentos assustadores de morte espalhados de uma extremidade do quarto a outro. Junto ao sofá, eu contei três bestas, e havia uma pilha do que parecia ser aquelas estrelas ninjas no topo de uma das estantes.

Izzy estava sentada de pernas cruzadas no sofá, com um livro em suas mãos. Ela não olhou para cima quando chegamos, e me perguntava o que ela estava lendo que a tinha tão absorvida. *Matando monstros para Iniciantes*, provavelmente.

As únicas outras pessoas na sala eram Aislinn e uma garota, que olhava em volta, mais ou menos da minha idade. Quando mamãe e eu entramos pela porta, as cabeças de ambas dispararam a partir de um livro que estavam estudando. Eu vi uma lanterna escondida em um coldre na cintura da menina. Portanto, esta era Finley, a Manejadora de Lanternas. Eu esfreguei o topo da minha cabeça e ela fez uma careta para mim.

Eu me virei para olhar a minha calma, estudiosa mãe, uma mulher que eu nunca tinha visto honestamente golpear uma mosca. — Sinto muito, mas não há como você ficar aqui. Não é mesmo possível.

Houve um zumbido e eu senti algo passar pelo meu rosto. Com o canto do meu olho, eu vi a mão de mamãe ir para cima, e de repente ela estava segurando o cabo de uma faca - faca essa que tinha

aparentemente apenas sido arremessada em sua cabeça. A coisa toda aconteceu em menos de um segundo.

Engoli em seco. — Não importa.

Mamãe não disse nada, mas manteve o seu olhar focado em Aislinn, quem, eu percebi, ainda tinha uma das mãos ligeiramente levantadas. Ela estava sorrindo.

— Grace era sempre a mais rápida de todas nós. — ela disse, e eu percebi que ela estava falando comigo. Sorrindo para *mim*.

— Tudo bem. — eu disse finalmente. — Bem, eu não herdei isso dela, caso você esteja se perguntando. Eu não posso nem pegar uma bola de futebol.

Aislinn riu e a carranca de Finley se aprofundou.

— Então você é a semente do demônio. — Finley cuspiu.

— Finn! — Aislinn falou. Huh. Então, pelo menos uma das Brannicks me odiava. Estranhamente, isso me fez sentir melhor. Isso era normal. E se há uma coisa que eu sabia como lidar, era com Meninas Malvadas.

— Atualmente eu sou Sophie.

Do sofá, eu ouvi um ronco de riso, e todos nós viramos para olhar para Izzy. Ela cobriu a boca e tentou transformá-lo em uma tosse, mas Finley ainda virou a cabeça e disse: — Vá para seu quarto, Iz.

Izzy fechou o livro e colocou-o no colo, fiquei surpresa ao ver que era *Não mate a Esperança*. — Finn. — ela protestou. — Eu não estava rindo *com* ela. — Izzy me olhou com raiva. — Ela tentou me matar.

— Na verdade, não fui eu. — foi difícil olhar para Aislinn e Finley, com seus olhares assustadores em mim. A última coisa que eu queria era ser responsabilizada pelas ações de Elodie, especialmente agora que eu era, tecnicamente, uma dessas mulheres, as palavras acabaram saindo da minha boca. — Veja, eu não tenho mais poderes, porque eu deveria passar pela remoção, e esse tipo de magia bloqueou o meu poder para que eu não possa usá-lo. Mas havia uma garota — bem, uma bruxa — Elodie, e porque ela passou a sua magia para mim quando ela estava morrendo, nós estamos conectadas. Isso significa que o fantasma dela me segue e outras coisas, então quando você me atacou, ela possuiu o meu corpo. O que é novo e, francamente, super-estranho, algo que eu realmente não processei ainda. Enfim, *ela* foi a única quem usou magia em você. Ah, e segurou a espada na sua garganta, e disse todas as coisas assustadoras. Eu não sou assustadora. Pelo menos não de propósito.

Agora, as três mulheres Brannick - todas as quatro, se contarmos minha mãe - olharam para mim. Cara, o que era aquela coisa com sabor de pinheiro? A versão Brannick de Red Bull?

— Eu, uh, vou parar de falar agora.

Aislinn não sorria mais. Na verdade, ela parecia um pouco horrorizada. Finley inclinou o quadril contra a mesa e cruzou os braços.

— O que quer dizer com *você não tem poderes mais*?

Eu tentei muito, muito dificilmente não rolar meus olhos. — Eu quero dizer exatamente o que eu disse. Eu tinha poderes, o Conselho - eles são as pessoas que fazem todas as regras para Prodígios — eu expliquei, só para ter Finley revirando *seus* olhos, e dizendo: — Sim, nós sabemos disso.

— Impressionante para você. — eu murmurei. — Então, eles fizeram esse ritual que não... Bem, não era tão intenso quanto o de remoção. Minha magia não se foi para sempre. — Pelo menos, eu esperava que não fosse. Mas eu não disse isso para as Brannicks.

Aislinn e Finley se entreolharam. — Mas para todos os efeitos — Aislinn disse, — você é humana.

— Exceto quando o fantasma de Elodie me possui, sim.

Eu pensei que iria fazê-las felizes, afinal, não odiavam os Prodígios? Mas Aislinn agarrou a borda da mesa com as duas mãos e deixou cair a cabeça com um longo suspiro. Finley colocou uma mão no ombro dela, e murmurou: — Está tudo bem, mãe. Vamos descobrir um jeito.

Minha própria mãe esfregou minhas costas, e disse calmamente:

— Oh, querida. Sinto muito.

Senti aquela vontade de cair no chão e começar a chorar crescer, assim dei de ombros e disse: — Ei, fui a Londres para perder os meus poderes. Simplesmente não aconteceu da maneira como eu pensava. Mas sem tatuagens, só marcação.

Aislinn bateu um de seus punhos sobre a mesa, e quando ela levantou a cabeça, de repente ela olhou com cada polegada assustadora de caçadora de Prodígios.

— Estamos em guerra. Sua espécie está desencadeando o inferno no mundo, e você está fazendo piadas?

Eu não sabia o que tinha trazido a súbita mudança da Sorridente Aislinn à Seriamente Zangada Aislinn. Eu encarei o seu olhar e disse: — Nas últimas horas, fui possuída, quase tive minha cabeça arrancada, e descobri que minha mãe é secretamente uma caçadora de Prodígios. E antes disso, eu perdi quase todo mundo com quem me importo, e descobri que pessoas em quem confiava são secretamente levantadoras de demônio arrepiantes. Minha droga de vida está muito difícil agora. Então, sim. Estou fazendo piadas.

— Você é inútil para nós agora. — Finley disse.

— Sinto muito, exatamente como eu seria *útil* antes? — eu perguntei, mesmo tendo um sentimento de conhecimento.

Com certeza, Finley encontrou meu olhar e disse: — Você ouviu mamãe, estamos em guerra e você deveria ser a nossa arma.

CAPÍTULO 5



Eu a encarei. — E vocês pensaram que eu faria isso, por que, exatamente?

— Torin disse que você lutaria por... — Izzy se intrometeu, mas Aislinn ergueu sua mão.

— Já basta, Isolde. — ela disse. — Não importa agora, de qualquer forma.

— Me importa. — eu disse. — Quem diabos é Torin? E o que você iria fazer, me usar como a sua própria bomba mágica pessoal? — O braço de mamãe apertou ao redor dos meus ombros. Eu me desviei dela e andei até a mesa para encarar Aislinn.

— Era isso que eles queriam fazer, sabe. — eu disse a ela. — As Casnoffs. — Minha voz vacilou um pouco enquanto eu pensava em Nick e Daisy, dois garotos demônios que eu... Bem, *virei amiga* era uma palavra forte - eu conheci em Thorne Abbey. A última vez que eu vi Daisy, ela havia virado demoníaca e tentou me matar, tudo graças à Lara Casnoff. O mesmo com Nick, que atacou Archer e quase o matou. Porque Lara havia os transformado em demônios, Nick e Daisy estavam sob o controle dela.

Havia uma parte de mim que sentia falta deles, mesmo eles sendo estranhos e homicidas, o que provavelmente era a razão para a minha voz ter ficado mais alta quando eu adicionei. — As Casnoffs e os outros membros do Conselho querem usar os demônios para lutar contra vocês e O Olho.

Aislinn não pareceu estar brava mais. Somente derrotada. Ela correu uma mão pelo cabelo. — É realmente isso que você acha, Sophie? Que eles estão erguendo demônios para manter os mons - a sua raça a salvo?

— Eu... Sim, eu acho que sim. Quer dizer, eles estão sempre dizendo que vocês iriam matar a todos nós.

Um olhar estranho cruzou o rosto de Aislinn, quase como se ela tivesse pena de mim. Finley fez um som enojado. — Certo. A única razão para aquelas mulheres Casnoffs quererem fazer demônios é para que elas tenham o seu próprio dispositivo secreto. Ter seu próprio exército demoníaco não seria conveniente nem nada.

Agradecidamente uma das cadeiras dobráveis estava bem próxima, então eu fui capaz de me afundar nela.

— Eu não entendo. — eu disse, olhando por cima do ombro para mamãe.

Sua boca estava definida em uma linha triste. — Vamos apenas dizer que as Brannicks nunca acreditaram que o pai de Lara e Anastásia, Alexei, estava tão interessado em criar demônios para proteger outros Prodígios. Todo esse poder? Ele basicamente tinha o equivalente a uma arma nuclear mágica sob o seu controle.

Alexei, com a ajuda de outra bruxa, havia transformado a minha bisavó, Alice, em um demônio. Ela havia sido apenas uma garota normal, mas, uma vez que Alexei Casnoff terminou com ela, ela havia se tornado mais ou menos um monstro, a magia negra dentro dela levando-a à loucura.

Então, sim, você pode criar um demônio, mas controlá-lo não era tão fácil.

— A primeira noite que eu passei em Hex Hall... — eu disse para Aislinn. — A Sra. Casnoff nos mostrou uma grande apresentação de slides, mostrando todas as formas que os humanos mataram os Prodígios ao passar dos anos. Não apenas as Brannicks ou O Olho, mas pessoas normais também. A Sra. Casnoff basicamente fez parecer que nós, Prodígios, estávamos todos sob ataque o tempo inteiro.

— Sim, porque pessoas normais têm chance contra monstros. — Finley fungou.

— Você sabe quantas Brannicks existem, Sophie? — Aislinn perguntou suavemente. Quando eu balancei minha cabeça, ela disse: — Você está olhando para elas.

Eu a encarei. — O que, só... Só vocês três? E uma de vocês tem o que, doze anos?

— Eu tenho catorze. — Izzy falou do sofá, mas ninguém prestou atenção.

— Quatro quando nós tínhamos a sua mãe. — Aislinn respondeu.

— Ok, mas vocês se juntaram com O Olho. — eu disse. Alguns meses atrás, a Sede do Conselho de Prodígios em Londres havia pegado fogo. Sete membros do Conselho foram mortos, e de acordo com o papai, foi o L'Occhio di Dio trabalhando com as Brannicks.

Aislinn apenas riu. — O Olho? Se juntar a nós? De jeito nenhum. Nossa família é descendente de bruxas, lembra-se? O Olho não quer ter parte nisso.

— Então, o que - O Olho atacou o QG do Conselho sozinho? — eu perguntei.

— Eles não atacaram de uma forma ou de outra. — Finley disse. — Isso foi tudo as suas amiguinhas, as Casnoffs.

Senti como se tivesse sido enfiada no Mundo Bizarro, eu balancei minha cabeça de novo, como se de alguma forma o meu cérebro fosse funcionar mais rápido. — Mas porque as Casnoffs... — então caiu a ficha.

— É igual ao negócio dos slides. Fazer com que todo mundo fique com mais medo ainda do Olho e das Brannicks, e de repente ninguém se importa que você esteja transformando crianças em demônios. Não se os demônios irão mantê-los a salvo do Olho, ou de todas vocês. — eu disse, gesticulando na direção de Aislinn e Finley.

Aislinn assentiu. — Exatamente. E agora eles também colocaram a culpa da destruição de Thorne Abbey e a possível morte do seu pai no Olho, também.

O meu peito doeu com isso e eu senti a mão da mamãe no meu cabelo.

— Então, agora é como se as Casnoffs possuíssem rédea solta para erguer o tanto de demônios que elas quiserem. — Finley disse. — E ninguém vai pará-las.

— Eu vou. — eu disse automaticamente.

— Como? — Finley zombou. — Você não tem poderes. Elas possuem a arma mágica mais potente de todas.

Dentro do meu peito, minha magia cresceu e sacudiu. — Nós somos pessoas... — eu disse, e para o meu horror, eu senti lágrimas nascerem nos meus olhos. Eu realmente, realmente não queria chorar na frente da Finley. — Erguer demônios só significa derramar magia realmente negra na alma de uma pessoa normal, ou Prodígio, ou o que seja. Aquelas pessoas, quem elas são, não vão embora. Nick e Daisy. Eu e o meu - meu pai. Nós não somos coisas que você pode usar e destruir. Nós não somos armas. — Na última palavra, eu agarrei à beirada da mesa com tanta força, que eu quebrei uma das minhas unhas.

Mamãe deu um passo à frente, colocando sua mão ao redor do meu cotovelo. — Já chega. — ela disse. — O ponto é, nós vamos descobrir uma maneira de parar as Casnoffs que não envolva usar a Sophie ou nada assim.

— Esta não é sua decisão, Grace. — Aislinn disse.

Mamãe virou para sua irmã com uma firmeza que eu nunca vi antes. — Ela é minha *filha*.

— E nós nem sempre conseguimos escolher os caminhos que os membros da nossa família tomam, não é? — Aislinn respondeu, segurando o olhar da mamãe.

Um risinho baixo reverberou pela sala, e o cabelo da minha nuca se levantou. Izzy pulou, e tanto Finley quanto Aislinn se viraram para olhar de cara feia por cima de seus ombros. Pela primeira vez, eu vi que havia algo pendurado na parede. Eu não estava certa exatamente, porque estava coberto com um pedaço pesado de lona verde, mas pela sua largura, forma retangular, eu achei que era um tipo de pintura.

— Oh, Grace e Aislinn discutindo. É como nos velhos tempos de novo. — uma voz masculina, soando vagamente abafada. — Alguém poderia tirar essa maldita coisa para que eu possa ver?

Mais uma vez, minha magia estava batendo e batendo dentro de mim, então eu sabia que, o que era que estava falando, não era humano. Mesmo assim, quando Aislinn cruzou até o negócio pendurado na parede e arrancou a lona, eu fiquei surpresa com o que vi.

Não era uma pintura, afinal de contas; era um espelho, refletindo o quarto lúgubre e sombrio. Era estranho ver o quadro que nós formávamos. Mamãe de pé com sua mão ainda no meu cotovelo, sua expressão preocupada. Aislinn estava olhando para o espelho com algo como nojo, enquanto Izzy havia ficado ainda mais pálida, e Finley estava fazendo uma careta. E quanto a mim, eu estava chocada pela minha reflexão. Eu estava mais magra do que eu me lembrava ser, e a minha pele estava suja, lágrimas deixando trilhas nas minhas bochechas empoeiradas. E o cabelo... Você sabe o quê? Não vamos entrar nesse assunto.

Mas minha aparência como a Pequena Órfã Sophie não era o que estava deixado os meus poderes enlouquecerem. Era o cara.

No espelho, ele estava sentado de pernas cruzadas no meio da mesa redonda, sorrindo para todas nós. Apesar de eu saber que ele não estava realmente lá, eu olhei para o centro da mesa de qualquer forma. Os mesmos mapas e papéis que estavam amassados embaixo dele no espelho, estavam ainda

imperturbados e lisos. Seu cabelo enrolado era loiro escuro, e rendas caíam dos punhos de sua camisa, escovando os papéis sobre a mesa enquanto ele descansava seus pulsos nos joelhos. Ele também estava balançando umas bastante impressionantes botas de cano alto e calças ridiculamente apertadas, então ou ele gostava muito das Feiras da Renascença lá na Terra do Espelho, ou ele era muito velho. Eu estava achando que era a última opção.

— Então esta é a menina que está causando toda esta comoção. — ele disse, me estudando. Sua voz era baixa, e eu acho que ele teria sido gostoso se ele não estivesse radiando esse ar de "Eu sou Super Mal - Não, Sério - E não do Jeito Sexy". Mesmo assim, eu estava bem certa de que ele era um feiticeiro comum. Demônios emitiam uma vibração mais forte, mais obscura, e enquanto este cara era definitivamente má notícia, ele não era tão obscuro e nem tão poderoso.

Aislinn atingiu a moldura com a mão, fazendo com que a mesa que o cara estava sentado balançasse e quase tombasse. A mesa na sala permaneceu parada.

Agarrando um lado da mesa, o Garoto do Espelho fez uma careta e então abriu sua boca para dizer algo. Aislinn o cortou. — Você estava errado, Torin. Ela não tem mais os poderes dela.

Torin deu de ombros. — Ela não tem? Bem, isso certamente torna as coisas mais interessantes. — ele sorriu. Talvez algumas mulheres achassem isso charmoso. Eu apenas achei isso sinistro. Isso deve ter mostrado na minha cara, porque seu sorriso rapidamente caiu, e ele se virou para Aislinn de volta com um dar de ombros. — Não é importante. Eu nunca estou errado. Eu te disse que Thorne Abbey seria consumida pelo fogo e foi. Eu te disse que a menina seria devolvida a você e ela também foi.

Ele apontou para Aislinn. A superfície do espelho se curvou ao redor de seu dedo, como uma bolha se esticando. — E eu te disse que você iria perder a Grace para uma das bestas. Ninguém queria acreditar nessa. — ele disse para mim. — E mesmo assim, aqui está você. Prova de que as minhas profecias estão sempre corretas. E o que eu disse a você é verdade, Aislinn. — ele acrescentou, se virando para ela. — Essa menina irá parar as bruxas Casnoffs.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala enquanto todos nós encarávamos o cara no espelho, e eu tentei entender o fato de que as Brannicks, extraordinárias bruxas assassinas, estavam ouvindo um feiticeiro cuspidor de profecias, e isso dizia que o feiticeiro tinha aparentemente me acertado para acabar com essa enorme e louca guerra mágica que estava se formando. Mesmo assim, eu não gostei do meu pai ser referido como "besta", então eu tentei o meu melhor para parecer desdenhosa enquanto eu me levantava.

— Vocês possuem um espelho mágico? Você deveria ter mencionado isso antes. — eu disse para a Izzy. — Quer dizer, isso é bem mais legal do que arame farpado e salas subterrâneas.

— Não é um espelho mágico. — Izzy respondeu, e eu não pude evitar de notar a maneira que seus olhos nunca se moveram de Torin. — Ele é nosso prisioneiro.

— Convidado. — Torin replicou, mas todo mundo o ignorou.

— Como vocês conseguiram prender um feiticeiro sendo que vocês não usam magia? — eu perguntei.

— As Brannicks não o prenderam. — mamãe respondeu. — Ele fez isso sozinho.

Torin se tornou repentinamente muito interessado em ajeitar as suas mangas, virando suas costas para nós.

— Ele estava tentando um feitiço que era apenas um pouquinho demais para ele. — Finley acrescentou. — Terminou preso lá, em 1589.

— 1587. — Torin corrigiu. — E o feitiço não era de jeito nenhum "demais para mim". Era apenas... Mais complicado do que eu esperava.

Finley fungou. — Claro. De qualquer forma, Avis Brannick o encontrou... Isso, sei lá, alguns anos depois e trouxe o espelho de volta para o resto da família.

— Quando Avis descobriu que Torin tinha o poder da profecia, ela percebeu que ele podia ser uma ferramenta útil. Nós temos sido as guardiãs dele desde então. — Aislinn terminou. Eu me perguntei se elas sempre contavam as histórias em uma roda dessa forma. Lembrei-me dos olhares em trio que Elodie, Anna e Chaston costumavam fazer, e senti outra daquelas dores estranhas no meu peito. Não era como se eu tivesse gostado dessas três, mas agora que uma delas estava morta e duas delas estavam desaparecidas. Só Deus sabe o que aconteceu com elas.

— Elas foram corrompidas. — Torin disse, e eu me assustei.

— Você estava pensando em duas bruxas que você conhecia da escola, se perguntando o que havia acontecido com elas. — ele disse. Pela primeira vez, eu percebi que os olhos dele eram castanho escuro, quase preto. — Você suspeitava que as mulheres Casnoffs as transformariam em demônios. Elas transformaram.

— Espera, então você não apenas vê o futuro? Você sabe outras coisas também?

Ele assentiu, satisfeito consigo mesmo. — Eu sei muitas coisas, Sophia Mercer. E você tem tantas perguntas, não é? Onde você esteve por aqueles dezessete dias? O que aconteceu com a sua amiguinha chupa sangue e o seu pai...?

Sem pensar, eu cruzei a sala para ficar na frente do espelho. – O meu pai está vivo? A Jenna—

Eu parei de falar quando o Torin começou a rir e me afastei. – Eu não posso contar todos os meus segredos. — ele disse, abrindo os braços.

Cada grama de poder dentro de mim queria pular pelo espelho e quebrá-lo em pedacinhos. Eu me contentei por apenas agarrar a moldura e balançá-la. — Me diga! — eu gritei quando ele caiu, a mesa do espelho finalmente virando, papeis caindo no chão.

Mãos fortes agarraram os meus ombros e me puxaram para trás. Eu me virei, esperando ver Aislinn me segurando, mas era mamãe. — Cubra esta maldita coisa de novo. — mamãe disse para sua irmã. Enquanto Aislinn colocava a lona de volta no espelho, mamãe tirou o cabelo do meu rosto. — Nós iremos encontrar o seu pai, querida. E Jenna.

— ela atirou um olhar para o agora coberto espelho. — E nós não vamos usar o Torin para fazer isso. — Seus olhos foram de volta para Aislinn. — Nós nunca deveríamos ter começado a escutá-lo em primeiro lugar.

— Nós não temos muitas escolhas, Grace. — Aislinn disse. Ela soava cansada.

Seja o que for que tenha naquela bebida verde estava começando a se desgastar e eu podia sentir o cansaço escoando de volta para os meus ossos. Eu estava prestes a perguntar se eu podia voltar para o meu quarto quando Aislinn suspirou e disse. — Nós podemos falar sobre tudo isso depois. É quase pôr-do-sol. — Ela gesticulou para Finley e Izzy. — Vamos lá meninas, hora de patrulha.

Sem uma palavra, as duas jovens Brannicks seguiram para a porta. Eu as vi ir, enquanto planejava voltar sorrateiramente para ter uma palavrinha (ou mil) com o Torin, quando a Aislinn segurou meu ombro com a mão. — Você também, Sophia.

— O quê?

— Todas as Brannicks com menos de dezoito são requeridas a patrulhar os terrenos durante o turno da noite.

Ela me entregou algo, e demorei uns segundos para perceber o que era: uma estaca de prata. Eu pisquei para Aislinn, sem entender. Ela sorriu, e era aterrorizante.

— Bem-vinda à família.

CAPÍTULO 6



— Então, nem sérios ferimentos na cabeça, nem o fato de ter descoberto há menos de trinta minutos que é um membro desta família - e, portanto, tendo *pouquíssima experiência* no manuseio de armas – é capaz de tirar vocês da patrulha? — eu perguntei quando encontrei Finley e Izzy à porta dos fundos.

Depois que Aislinn fez seu anúncio, mamãe tentou argumentar em meu favor, dizendo que:

1) eu ainda estava tentando processar todo o lance de "ser uma Branick", e...

2) eu havia passado por muita coisa, então me faria bem uma soneca. Ou um lanche.

A resposta de Aislinn foi dar-me dez minutos para que eu tomasse um banho, pegasse algumas roupas de Finley, e um frasco cheio de um líquido com sabor de Pinho Sol. O banho ajudou, mesmo que estivesse morno; e enquanto as roupas ficassem um pouco longas e apertadas, eu estava feliz de sair de minhas roupas encardidas e enfumaçadas. Deslizei um dos pinos prateados em uma das voltas do meu cinto e esperei que não rompesse nenhuma artéria. Então tomei alguns goles da coisa verde antes de descer as escadas, e embora aquilo ainda tivesse um gosto ruim, eu me sentia melhor.

Tomei um novo e hesitante gole enquanto Izzy bufava e dizia: — Estou certa de que decapitação não nos tiraria da patrulha.

Eu sorri, o que me rendeu um olhar raivoso de Finley. — Sei que deve ser uma mudança depois de ter fadas, ou o que quer que sejam, fazendo o trabalho sujo para você, mas é assim que fazemos as coisas por aqui — ela disse, empurrando uma mochila preta para mim.

— Por favor. Você nunca deve ter encontrado uma fada, se pensa que elas fariam *qualquer coisa* suja. — eu repliquei.

— Já encontramos fadas aos montes — exclamou Finley, mas seus ombros estavam erguidos até as orelhas, e Izzy lançou lhe um olhar curioso. Tanto faz. Eu já tinha meus próprios dramas familiares com que lidar. Mas então lembrei a mim mesma de que, tecnicamente, Izzy e Finley *eram* minha família. Demônios de um lado, caçadores de Prodígios de outro. Era de se admirar que eu fosse tão confusa?

Finley virou-se de frente para a porta, a qual estava trancada com várias fechaduras diferentes. Observei enquanto ela girava o mostrador até o dois, abria outro com uma chave que ela carregava pendurada no pescoço, e desenganchava um trinco no topo.

— Cara, aposto que leva uma eternidade para você abrir seu armário da escola — eu brinquei, mas Izzy balançou a cabeça.

— Nós não vamos à escola — ela disse, e havia algo tão sério e triste em sua voz, não tive ânimo para dizer que eu estava apenas brincando.

Finley pressionou o ombro contra a porta, e esta se abriu com um rangido ameaçador. Saímos para o que parecia um playground desenhado por ninjas. Havia dois feixes de equilíbrio, ambos a, pelo menos, seis metros acima do solo. Havia também uma barra para flexões e uma pesada gaiola de ferro no limite da clareira. Perto dela, vários alvos estavam montados. Notei várias flechas presas em um deles, algumas facas retorcidas em outro, e estrelas ninja no terceiro.

Árvores circulavam a clareira, e logo além delas, pude distinguir outras estruturas. Seguindo meu olhar, Izzy acenou em direção a elas e disse: — Tendas. Eles construíram esse lugar nos anos trinta, quando ainda havia muitos Brannicks. Eles costumavam se reunir aqui. Era o que chamavam de grande reunião dos Bra…

— Cale a boca, Iz — Finley disse, afastando-se de nós — Ela não é uma maldita Brannick, então não lhe conte essas coisas, ok?

Vale registrar que ela não disse realmente "coisas". Ou "maldita", por falar nisso. Alguns meses atrás, eu provavelmente teria uma resposta mal humorada para ela, mas decidi deixar passar dessa vez. Virei-me para perguntar a Izzy mais sobre os Brannicks, o sol poente lançou um brilho sobre o pequeno pingente de esmeralda em seu pescoço. Subitamente, a imagem da pedra de sangue despedaçada de Jenna me veio à mente, e me forcei a empurrá-la para longe. Ainda assim, algo deve ter transparecido em meu rosto, porque Izzy disse: — Ela normalmente não é assim. Bem, quero dizer, ela *é,* mas os palavrões são uma coisa nova.

Eu meio que desejei despentear o cabelo dela, mas algo me dizia que ela não aceitaria isso muito bem. Então, apenas encolhi os ombros e disse: — Não foi isso. Estava apenas pensando em… Esqueça. De qualquer modo, eu entendo porque Finley não está no melhor dos humores.

O sol poente fazia o cabelo cor de cobre de Finley brilhar enquanto ela seguia pela clareira e desaparecia entre as árvores. Izzy e eu a seguimos, quando joguei a mochila sobre os ombros, ela retiniu, e olhei para Izzy. — Então, o que exatamente envolve a "patrulha"?

Ela deu de ombros. — Ter certeza de que os bosques estejam livres de supes.

— Por que haveria sopa nos - ah, 'supes'[2]? Como em "sobrenaturais"? É como vocês nos chamam, não é?

Izzy não se virou, e poderia ser apenas um truque da luz, mas achei que as pontas de suas orelhas estavam coradas. — É só uma coisa que eu inventei — ela resmungou, e fiquei feliz por ela estar de costas e não ver o sorriso que surgiu em meu rosto.

— Gostei.

Ela se virou então, e fiz questão de manter minha fisionomia séria.

— É sério — eu falei — Você sabe como chamamos a nós mesmos, não sabe? Prodígios. — Ri com escárnio — A coisa mais chata e mais pretensiosa que o Latim é o Latim inventado.

---

[2] Aqui a autora faz um jogo de palavras: supes (de supernatural, em inglês) tem o som parecido com soup (sopa) em inglês.

Izzy me olhou por um momento e aparentemente decidiu que eu não estava me divertindo à sua custa, porque assentiu levemente. Pela primeira vez, vi que ela tinha um grupo de sardas sobre o nariz, exatamente como eu.

À essa altura eu já havia perdido Finley de vista, mas Izzy parecia saber aonde íamos. Por um longo tempo, abrimos nosso caminho em meio às árvores e arbustos em silêncio. Apesar de o sol estar se pondo, eu estava suando, e puxei a gola de minha camiseta preta emprestada. — Vocês de fato encontram muitos, hmm, supes por aqui? Porque, pela minha experiência, eles não gostam muito de rondar por florestas que cercam o lar de um bando de gente querendo matá-los.

Parei de repente quando uma lembrança me veio à mente. Eu estivera tão ocupada entrando em pânico por encontrar as Brannicks que havia esquecido completamente do lobisomem que Izzy e Finley estavam caçando. — O que aconteceu com aquele lobisomem ontem à noite? — eu agora perguntava a Izzy.

Izzy virou-se para mim com um sorriso que me lembrava demais a mãe dela. — O que você acha que estamos caçando esta noite?

Contorci-me e puxei minha mochila até que ela estivesse à minha frente, então a abri. Mais estacas de prata. Garrafinhas de água benta. E, Oh, meu Deus, aquilo era uma *arma*?

Meus joelhos tremiam quando fechei o zíper da Bolsa da Morte e cuidadosamente deixei-a cair na grama.

— O que há de errado? — Izzy perguntou.

— Hmmm.. Uma porção de coisas? Há muita coisa errada acontecendo agora mesmo. Para ser específica, o fato de que vocês *são* adolescentes com bolsas contendo *armas.*

Izzy enrijeceu um pouco quando eu disse isso. — Não somos crianças. — ela dardejou. — Somos Brannicks.

Suspirando, enfiei as mãos nos bolsos. — Eu entendo isso, mas veja, Izzy, eu não posso matar um lobisomem. Eu os conheço. Vivi com alguns e eles são... Bem, eles são nojentos e babam, e são super assustadores, mas não consigo matar um deles.

Eu esperava que ela sacasse uma besta, um canhão portátil ou qualquer outra arma louca que ela sem dúvida carregava. Ao invés disso, jogou a cabeça para trás e perguntou: — Você viveu com lobisomens?

Estava quase completamente escuro agora, e desejei poder ver melhor seu rosto. — Sim. – eu respondi – Em Hex Hall. Havia alguns deles. Havia uma garota, Beth, bem legal. E um garoto, Justin, que não é muito mais velho que você.

Ajoelhei-me para pegar a mochila novamente, apenas para ser assustadoramente surpreendida outra vez quando ela perguntou: — Com que outros tipos de supes você conviveu?

Olhando para ela, eu disse: — Todos os tipos. Como eu disse antes, fadas - havia também bruxas e feiticeiros. Minha companheira de quarto era... — interrompi-me e levei um segundo para engolir o nó que se formou em minha garganta. — Minha companheira de quarto era uma vampira. Jenna.

— Caramba — Izzy disse, e uma vez mais soou como uma criança. Especialmente quando acrescentou: — Mamãe e Finley enfrentaram um casal de vampiros no ano passado. Não pude ir porque elas disseram que era muito perigoso. Você não teve medo de que ela, tipo, bebesse seu sangue enquanto você dormia?

Meu impulso foi de imediatamente defender Jenna, mas me lembrei do modo como me senti na primeira noite no dormitório, quando entrei e encontrei-a alimentando-se com uma bolsa de sangue. — Um pouquinho. Antes de conhecê-la. Mas quando a conheci melhor, nunca tive medo de que ela pudesse me machucar. Ela era – *é* - minha melhor amiga. — E então, antes que eu começasse a chorar novamente arriscando-me a uma desidratação, fiquei de pé, segurando a mochila longe de meu corpo. — Além do mais, é meio difícil ter medo de uma vampira que tem pouco mais de meio metro de altura e tem cabelo cor de rosa, sabe?

Izzy ficou quieta por um momento, antes de dizer: — Cabelo cor de rosa?

— Bem, não todo o cabelo, apenas uma faixa... — eu disse, antes que o modo como Izzy falou "cabelo cor de rosa" fosse registrado por minha mente. Pensei em todos aqueles papeis, arquivos e caixas na Sala de Guerra.

— Você já ouviu falar dela? Vocês já a viram? — eu perguntei, meu coração avolumando-se em meu peito.

— Não. — disse outra voz, zangada, e me virei para ver Finley parada atrás de mim. — Não ouvimos nada sobre uma vampira de cabelo cor de rosa, e, se tivéssemos, iríamos à Inglaterra para enfiar uma estaca em seu peito, porque é o que fazemos. Agora, vamos.

— Você está mentindo! — Eu não pretendia que minha voz soasse tão alta, mas ela parecia reverberar pela floresta escura — E se eu ouvir outra vez a palavra "estaca" relacionada à Jenna, eu vou...

— O quê? — Finley gritou de volta — Me derrubar? Puxar meu cabelo? Você não tem poderes. Perdemos tudo por sua causa e você é *inútil*.

— Oh, me desculpe se minha falta de poderes é uma inconveniência para você. E o que você quer dizer com vocês "perderam tudo"?

Finley chegou mais perto de mim, e sob o suave brilho do luar, pude notar que seus olhos brilhavam de raiva. — Não fomos sempre só nós três. Na verdade, há cerca de setenta anos, havia quase cinquenta de nós. Não era muito, mas ainda assim era *alguma coisa*. — Ela parou e esfregou o nariz. — Até que os outros descobriram que sua mãe havia sido derrotada por um demônio. Minha mãe deveria ser a próxima a liderar a família, mas ao invés disso, eles a chutaram. Elegeram uma prima distante, que nem mesmo era uma descendente direta de Maeve Brannick.

— Ok, bem, sinto muito se sua mãe não conseguiu ser a Chefe das Brannicks ou o que quer que seja, mas tudo isso aconteceu antes mesmo de nós nascermos. Então eu realmente não vejo...

— Três meses depois de a nova líder ser eleita, ela conduziu a família Brannick inteira a um ataque ao maior ninho de vampiros na América do Norte. Preciso contar os detalhes do que aconteceu em seguida?

Sentindo-me enjoada, balancei a cabeça em negativa.

— Foi estúpido e sem sentido, e mamãe teria visto isso. — Finley disse, quase cuspindo as palavras — Se a *sua* mãe não tivesse feito com que *minha* mãe fosse expulsa da família Brannick, aquele ataque nunca teria acontecido. Mas sabe de uma coisa? Quando Torin disse que você seria quem pararia as Casnoffs, eu pensei, Ei, talvez houvesse uma razão para perdermos toda a nossa família. Pelo menos essa esquisita pode fazer alguma coisa por nós. Mas você não pode. Então todos aqueles Brannicks morreram por *nada.*

Eu não sabia o que responder a nada daquilo. Então, por fim, decidi pela coisa mais fácil. — Me desculpe.

Ela bufou e mexeu desajeitadamente em algo em sua cintura. —Tanto faz. Não importa. Agora, vamos terminar o circuito antes...

Ela não terminou a frase. Desta vez não houve uivos, nenhum arbusto quebrado. Havia apenas uma grande sombra escura, saltando do escuro da noite, e o grito de Finley quando o lobisomem caiu sobre ela.

CAPÍTULO 7



Por alguns segundos, tudo virou um caos, o lobisomem estava rosnando, Izzy estava gritando para Finley e eu aparentemente derrubei a bolsa cheia de armas de novo, uma vez que não estava mais em minhas mãos. Por mais estúpido que isso soe eu ainda esperei um segundo, esperando minha mágica subir por meus pés. Será que um dia eu vou conseguir ser somente... Bem, humana?

Meus dedos finalmente fecharam sobre a bolsa, mas enquanto a trazia para mim, pensava exatamente no que fazer com ela. Eu nunca atirei com uma arma antes e não estou certa de como estacar alguém, as palavras de Finley e Aislinn ecoaram na minha mente: *Inútil, inútil, inútil.*

Eu olhei para cima e vi Izzy segurando a mesma faca de ontem à noite, mas enquanto Finley e o Lobo estavam rolando no chão, ela aguardava em pé, com certeza em dúvidas sobre como atingir a criatura sem ferir Finley. Eu pesquei dentro da bolsa e peguei um pote de água benta. Levantando, eu a joguei nas costas do lobisomem com toda a força que eu tinha.

Isso se tornou no final não sendo muita coisa, porque somente apareceram algumas bolhas. O restante escorreu por seus pelos e caiu no chão. Mas ainda sim eu retive sua atenção.

Ele se levantou de Finley e dirigiu sua cara para mim com um monte de baba escorrendo por ela, eu engoli enquanto Finley se levantava.

Ontem à noite eu vi um pouco de humanidade nos olhos do lobisomem. Hoje, com a lua cheia, estava mais do que óbvio que era mais animal que humano. Ele não me atacou, ao contrário, levantou seu nariz e começou a me cheirar e balançar sua cabeça.

— Está certo. — eu disse, torcendo para não estar gaguejando. — Você sabe o que eu sou. — Eu posso não ser capaz de usar mágica, mas o Lobo podia sentir que eu era mais do que uma humana comum. — Agora olhe — eu disse bem consciente que Finley e Izzy me encaravam como se eu fosse uma pessoa louca. — Eu sei que você está assustado e eu sei que essas garotas estiveram te caçando, mas se você machucá-las você só estará dando motivos para pessoas iguais a elas tentarem matar você. Então porque você só não, hm, some?

O Lobo me encarou e pelas próximas três respiradas eu pensei que iríamos todos sair ilesos.

Então ele mostrou os dentes e rosnou, um longo rosnado de seu peito e eu sabia que estava ferrada.

Com a visão periférica eu vi Finley pegando um mini arco, mas eu sabia o quão rápido os lobisomens se moviam. Não havia nenhum jeito dela acertar antes dele estar em mim. Então eu vi uma luz brilhar. Por um momento, achei que Izzy tinha atirado uma arma, mas então aquele sentimento de raiva, orgulho e... *Poder* flutuou por mim. Minha mão se ergueu, meus dedos giraram e o lobisomem congelou, uma teia de magia segurou-o no lugar.

V*iu!* A voz de Elodie gritou em minha cabeça, e se eu estivesse no controle do meu corpo, teria cerrado os meus dentes.

E*u apreciei o salvamento, mas vamos lá, essa coisa de entrar no meu corpo precisa parar.*

Dessa vez, não teve nenhuma resposta, mas senti mais magia se movendo da minha cabeça para meus ombros. Eu observei meus dedos se movendo novamente segurando o lobisomem firmemente, enviando brilhos azuis. E em um segundo, um movimento do ar, o lobo sumiu.

O*nde ele foi?* Eu perguntei à Elodie.

O*utra dimensão* ela respondeu, e eu me perguntava como uma voz dentro da minha cabeça poderia soar tão irreverente.

O *que*... eu comecei a perguntar mas então eu estava me virando e encarando as garotas Brannick.

— Parem de ser uma vaca com a Sophie — eu me ouvi dizendo.

Finley e Izzy se entreolharam, depois de volta pra mim. — Hmm, porque você está falando em terceira pessoa? — Izzy perguntou.

Mas Finley balançou a cabeça. — Não é a Sophie, Iz... — ela disse.

— Lembra do que ela disse para nós? Ela só pode fazer magia quando um fantasma a possui, eu acho que esse é o fantasma.

Eu senti minha cabeça concordando. — Elodie. — minha boca disse. — E eu estou falando sério. Ela não é a minha pessoa favorita, mas ela passou por muita coisa. Não é culpa dela que seu clube estúpido tenha chutado Aislinn e então acabaram morrendo. Merdas acontecem. — Eu me movimentei em direção à Finley, vi meu dedo em seu peito. — Então vá jogar sua raiva adolescente em outra pessoa, e deixa a menina em paz.

Eu estava muda. Elodie Parris, me defendendo? Talvez em toda essa confusão, o inferno *realmente* congelou.

Finley apertou seus olhos, mas Izzy disse: — Ela salvou você, Finn. Antes de o fantasma entrar nela. Ela lutou com um lobisomem apesar de não ter nenhuma mágica ou saber lutar. Esse fantasma parece uma idiota, mas talvez... Talvez ela esteja certa.

V*iu?* Elodie disse na minha cabeça. *É assim que você lida com galinhas iguais a essa.*

E*u não preciso que você lute minhas batalhas por mim* eu respondi, e ela bufou.

O*h sim, você tinha total controle no lobisomem,*

Eu estava a ponto de fazer um comentário sarcástico de volta, mas antes que eu pudesse, Elodie saiu de mim. Da última vez eu tinha desmaiado o que era muito bom. Porque ter um fantasma saindo do seu corpo do nada? Isso é traumatizante.

Eu caí sobre minhas mãos e joelhos, ofegando, com a sensação de que um Band-Aid foi arrancado da minha alma. Eu fiquei lá, respirando fundo e imaginando como me levantar de novo. E então eu senti mãos debaixo do meu braço. Izzy estava me ajudando a levantar. Finley pegou meu outro braço e as duas conseguiram me levantar e fazer andar.

— Obrigada. — eu murmurei.

Para minha surpresa, foi Finley quem respondeu: — Sem problemas. — Em seguida, Izzy acrescentou: — Vamos levá-la de volta para casa.

Nós seguimos pela noite escura. — Então, você tem alguma ideia de onde ela colocou o lobisomem? — Izzy me perguntou.

— Ela disse que em outra dimensão, então quem imagina o que isso quer dizer?

Quando chegamos na casa, mamãe e Aislinn estavam sentadas na cozinha. Ambas com uma xícara de café e pela tensão presente no ar eu imaginei que estavam no meio de uma intensa conversa. Enquanto Finley remexia na gaveta em busca de antissépticos — os arranhões em seu braço estavam vermelhos e inchados — eu contei para Aislinn a história do que aconteceu.

— É um feitiço muito poderoso. — ela disse, e apesar das palavras *Você acha?* estarem na ponta da língua, eu mordi de volta. — Se você consegue mandar criaturas para outras dimensões... — Aislinn continuou, mas eu interrompi.

— Não posso. Elodie pode. E isso não significa que ela é confiável.

— Essa foi a melhor forma que eu encontrei para dizer, C*ai fora com esse negócio de arma, porque isso não está acontecendo.*

Aislinn afundou em sua cadeira, a luz desaparecendo dos seus olhos. — Certo. Isso é um bom ponto.

Mamãe disse: — Ok, é o suficiente por esta noite. Sophie precisa de seu descanso e eu estou certa que Finley e Izzy também precisam. — Ela olhou em volta da cozinha. — Falando nisso, cadê Izzy?

Finley estremeceu enquanto ela colocava o curativo no lugar. — Ela provavelmente já deve ter subido.

Todas nós dissemos boa noite, colocando um final no que pode ter sido as 24 horas mais bizarras da minha vida (o que dizia *muito*). Aislinn disse que eu poderia continuar no mesmo quarto que estive antes, e depois de abraçar mamãe — que aparentemente estava indo terminar a conversa com Aislinn — subi em direção ao meu quarto.

Izzy estava parada na frente da minha porta, com uma pasta nas mãos. — Oi. — ela disse, soando um pouco tímida.

— Oi. Olha, Izzy, estou realmente cansada, então seja lá o que você queria falar...

— Aqui. — ela disse, colocando a pasta em minhas mãos.

— Eu só... Eu queria dizer obrigada. Por você ter tentado salvar Finley e por... Eu não sei. Por ser mais legal com a gente do que deveria.

Eu sorri para ela, e por um segundo, nós ficamos naquela dança "vamos nos abraçar?", ambas se movendo para frente e para trás com nossos braços abertos. Bom saber que embaraço reina na família. No final, apenas cumprimentamos uma a outra com tapinhas nos ombros antes da Izzy descer e eu entrar no meu quarto.

Eu me encostei na porta enquanto abria a pasta que Izzi havia me dado. O que se tornou uma boa coisa, porque assim que eu vi o que estava dentro, meus joelhos cederam. Eu escorreguei pela porta, uma mão na minha boca enquanto lágrimas enchiam meus olhos.

Havia apenas duas coisas na pasta. Uma delas era uma foto granulada tirada de uma câmera de segurança. A outra era um pedaço de papel com algumas linhas escritas. A fotografia mostrava um vampiro que eu conhecia bem - Lord Byron. Sim, o poeta. Ele foi professor em Hex Hall, e uma vez que ele deixou a escola, eu o vi em um clube em Londres. E agora ele estava aqui, andando na rua, uma carranca no rosto. Mas ele não estava sozinho.

Jenna estava andando ao lado dele, olhando nervosamente para algo sobre seus ombros. Ela estava mais magra que o normal, pálida, como se isso fosse possível. Mas não havia dúvidas sobre a tira rosa brilhante. Eu corri meus dedos pela imagem antes de olhar o papel.

N*ova vampira se juntou ao grupo de Lord Byron*, dizia a nota. *Feminina, idade TBD, possivelmente Jennifer Talbot.*

Havia uma data abaixo disso. Levando em conta as três semanas que estive sumida, a foto havia sido tirada a menos de uma semana. Jenna estava a salvo. Jenna estava salvo e sem queimaduras. Ela estava com Byron, que pode ter sido um total idiota, mas que iria cuidar bem dela.

Eu fechei meus olhos e abracei a foto apertada em meu peito. Se Jenna estava viva, então talvez papai, Archer e Cal também poderiam estar.

CAPÍTULO 8



Na manhã seguinte, Izzy me levou em um tour no complexo.

Como prometido, havia arame farpado e salas subterrâneas, mas a principal coisa que eu tirei do lugar foi quão calmo e estéril era.

— Nós sempre vivemos aqui, as outras Brannicks usavam como uma espécie de casa de recuperação. Elas vinham aqui para treinamento extra, para sessões de estratégia, o que quer que seja. — Izzy me contou enquanto caminhávamos pelo porão. Havia um par de camas lá embaixo, todas cobertas com os mesmos cobertores azuis de aparência áspera. Luzes fluorescentes zumbiam em cima.

— Onde está seu pai? — Eu perguntei a ela, sentando de pernas cruzadas em uma cama. — Quero dizer, obviamente você tem um.

Izzy brincou com o seu cabelo. — Ele está caçando sobrenaturais por conta própria. Garotos não estão autorizados a viver com as Brannicks. Eles só vêm para, hm, visitas e outras coisas. Costumamos vê-lo a cada três meses mais ou menos.

— Isso é muito... Mulher Amazona de você.

Ela se sentou ao meu lado e começou a mexer com o cobertor. — É uma droga. — ela murmurou.

Eu me peguei indo segurar a mão dela e então recuando no último segundo. — Obrigada pela foto de Jenna. — eu disse, mudando de assunto.

Corando, Izzy de repente ficou muito interessada em uma de suas unhas. — Não foi nada. Quando você disse cabelo cor de rosa, lembrei-me dessa foto que tínhamos conseguido na semana passada, e imaginei que fosse ela.

— Eu não suponho que você por acaso tenha quaisquer outras fotos por aí? — Eu estava tão aliviada de saber que Jenna estava bem, mas isso não diminuía o sentimento de vazio no meu estômago sempre que eu pensava em meu pai, Cal e Archer.

Izzy balançou a cabeça. — Não, essa veio de um amigo da Mamãe que é especializado em caçar - hm, acompanhar vampiros. — Ela abaixou a cabeça, olhando para mim de debaixo de sua franja. — Você ainda está realmente preocupada com seu pai, não é?

Minha voz estava um pouco estrangulada quando eu respondi: — Sim. Estou. Na verdade, estou preocupada com muitas pessoas. Você acha que... Esse cara no espelho, Torin. Ele realmente saberia onde o meu pai está?

Algo cintilou no rosto de Izzy, e ela se afastou um pouco. — Talvez. Mas ele só vai dizer um monte de coisas espertinhas antes de talvez te contar qualquer coisa real. Isso é o que ele faz.

Ficando de pé, eu disse: — Acho que posso ser tão espertinha quanto ele. — Corri pela escada do porão, determinada a ir ter uma palavrinha com Garoto do Espelho. Até eu que soubesse que todas as pessoas com quem eu me importava estavam a salvo, eu não poderia nem começar a envolver minha mente em torno de toda essa coisa Casnoff.

Mas quando cheguei à Sala de Guerra, minha mãe estava lá dentro, inclinada contra a grande mesa, braços cruzados, de frente para Torin. O que quer que eles estivessem conversando, pararam logo que entrei. Eu não gostei das expressões em qualquer um de seus rostos.

— Hum, oi. — eu disse, batendo os nós dos meus dedos na soleira.

— Eu estava na verdade apenas vindo conversar com você.

— Ok. — minha mãe disse, mas eu balancei a cabeça.

— Não você. Quero dizer, nós definitivamente precisamos conversar, mas primeiro, quero conversar com você. — Eu apontei para Torin.

Ele deu um sorriso largo para mim. — Certamente. Embora eu esteja supondo que suas perguntas são as mesmas de sua mãe. Onde está James, ele está vivo, há alguma maneira de chegar até ele...

— Você estava perguntando a ele sobre o papai?

Mamãe jogou um olhar sujo para Torin. — Estava. Não que isso esteja indo muito bem. Eu tinha esquecido exatamente o quão irritante você era.

Ainda sorrindo, Torin apoiou o queixo na mão e disse: — Você sabe, se você apenas me libertasse desse espelho sangrento, eu poderia ir buscar James eu mesmo. Contanto que ele não esteja queimado como uma batata frita, é claro.

Cerrei os punhos e o chamei de uma palavra que eu nunca, jamais tinha dito na frente da minha mãe, mas ela não pareceu particularmente ofendida. Em vez disso, ela murmurou: — Concordo. — e com um movimento de seu pulso, deixou cair a lona cobrindo o espelho.

— Ele é inútil na maior parte do tempo. — mamãe disse, esfregando a nuca. As linhas de preocupação em torno de sua boca estavam ainda mais profundas. — Aislinn deveria ter se livrado dele anos atrás.

— Eu ouvi isso! — Torin chorou, sua voz abafada pela lona. Mamãe revirou os olhos. — Você quer sair daqui um pouquinho?

Hesitei. O que eu queria fazer era conversar com Torin, mas eu sabia que havia um monte de coisas que minha mãe e eu precisávamos botar para fora. Além disso, não era como se o Garoto do Espelho fosse a qualquer lugar. — Claro.

Acabamos indo para um passeio. Era estranho o quão bonita e não ameaçadora a floresta ao redor do complexo Brannick parecia durante o dia. Por um longo tempo, ficamos quietas. Não foi até que chegamos ao tronco de uma árvore enorme, arqueando sobre um filete de água minúsculo demais até mesmo para ser chamado de riacho, que a mamãe disse algo. — Este costumava ser meu lugar favorito para vir pensar. Por volta de quando eu tinha sua idade.

— Aposto que você tinha muito sobre o que pensar naquela época.

Ela riu, mas não havia alegria naquele som. Nós sentamos na árvore caída. As pontas das botas da mamãe tocavam a água, mas as minhas ainda estavam há algumas polegadas acima dela.

— Ok, fale. — eu disse, uma vez que estávamos sentadas. — Eu quero ouvir toda a história de como você foi de Bebê Brannick para Grace

— Oh, uau. — Eu me virei e olhei para minha mãe. — Mercer é apenas um nome inventado, não é? Você é Grace Brannick.

Mamãe pareceu um pouco embaraçada. — Na noite em que eu fugi, o carro que me pegou era um Mercedes. Quando o motorista me perguntou meu nome, eu... improvisei.

Nomes são apenas palavras. Eu sei disso. Mas descobrir que o último nome que eu tinha usado toda a minha vida era falso...

— Assim o que eu deveria me chamar, então? — Eu perguntei. — Sophie Atherton? Sophie Brannick? — Ambos soaram estranhos e me fizeram sentir como se eu estivesse vestindo roupas que não serviam.

Mamãe sorriu e tirou meu cabelo do meu rosto. — Você pode se chamar do que quiser.

— Ok. É Sophie Incrível Princesa Brilhante.

Mamãe riu então, uma risada real, e entrelaçou seus dedos com os meus. Sentamos lá naquela árvore, minha cabeça em seu ombro, e minha mãe me contou sua história. Isso me lembrou de quando eu era pequena e ela lia para mim antes de dormir. E seu conto não era muito diferente dos contos de fadas que eu costumava amar, aqueles realmente sombrios cheios de coisas assustadoras e desilusões.

— Crescendo aqui, a vida era... Bem, você viu como é para Finley e Izzy. Era brutal. Eu amava minha família, mas era apenas treinamento, luta, caça e mais treinamento. — Mamãe suspirou e pressionou sua bochecha contra o topo da minha cabeça. — Simplesmente não parecia qualquer forma de viver. Então quando tinha 21, eu parti. Saí para patrulha uma noite, e só... continuei andando.

Ela tinha ido para a Inglaterra, esperando fazer mais pesquisas sobre a história Brannick, ver se havia alguma outra maneira em que ela poderia ser útil para sua família que não envolvesse matar coisas.

— Então você conheceu o meu pai. — eu disse suavemente. Mais uma vez, eu me perguntei onde papai estava. Como ele estava. Se ele estava.

— Sim. — foi tudo o que ela disse.

— Você sabia o que ele era?

— Não. — minha mãe respondeu, sua voz grossa com lágrimas. — O que eu te contei sobre conhecer o seu pai, tudo isso era verdade. Estávamos na Biblioteca Britânica e solicitamos o mesmo livro sobre a história de feitiçaria.

Eu dei uma pequena risada. — Isso deveria ter sido uma pista.

— Provavelmente. — Mamãe disse. — Quando fui até sua mesa para perguntar se eu poderia usá-lo... — Ela rompeu com um suspiro. — Foi como um clichê. Ele me entregou o livro, nossos dedos se tocaram, e foi isso. Eu era um caso perdido.

Pensei naquele primeiro dia que eu tinha visto Archer inclinado contra uma árvore fora de Hecate Hall. — Eu conheço o sentimento. — eu murmurei.

— Estávamos juntos há quase um ano. E então um dia, acordei cedo e o vi conjurando café da manhã do nada. Assustou-me até a morte.

— Como você pôde viver com ele um ano inteiro antes de saber o que era? Izzy descobriu que eu não era humana depois de, tipo, cinco segundos.

Empurrando os cabelos de sua testa, minha mãe disse: — Essa é Izzy. Nem todas as Brannicks têm as mesmas habilidades. Eu não posso sentir a presença de Prodígios do jeito que ela pode. De qualquer forma, quando percebi que estive vivendo com a mesma coisa com que eu deveria estar lutando, eu...

— Surtou todo o inferno? — Eu ofereci.

— Pra caramba. E então eu percebi que estava grávida de você, e... Bem, você sabe o resto. Todas as mudanças, todos os esconderijos.

— Mas não era do papai que você estava se escondendo. —As últimas peças do quebra-cabeça finalmente clicaram no lugar. — Em Thorne, meu pai disse que você tinha suas razões para sempre estar se mudando. — Ele também tinha dito que ainda estava apaixonado pela mamãe. Eu queria contar isso a ela também, mas alguma coisa me impediu. Talvez porque eu esperasse que o papai ainda tivesse uma chance de contar a ela pessoalmente.

— Eu não tinha ideia de como minha família reagiria à notícia de que eu ia ter um bebê Prodígio. E não apenas qualquer tipo de Prodígio, mas um demônio. Agora entendo que deveria ter dado a eles o benefício da dúvida, mas eu estava com medo. E era jovem. Deus, eu era apenas seis anos mais velha do que você é agora. Isso é aterrorizante. — Ela levantou seu ombro, empurrando minha cabeça. — Por favor, não me faça uma avó em seis anos, ok?

Eu zombei. — Confie em mim, depois dos Problemas com Garotos que eu já tive, estou me tornando uma freira.

— Bem, é bom saber disso.

Ficamos lá, balançando os pés sobre o riacho, conversando, até que o sol estava alto sobre nossa cabeça. No momento em que fizemos o nosso caminho de volta para o complexo, eu estava me sentindo um pouco melhor. Claro, minha vida ainda estava intensamente ferrada, mas pelo menos eu tinha algumas respostas.

Quando voltamos ao complexo, Izzy e Finley estavam fora fazendo suas tarefas. Ou o que as Brannicks chamavam de tarefas, de qualquer maneira. Izzy estava reorganizando os alvos no campo de treinamento. (Eu ainda o chamava de Quintal Ninja. Izzy riu quando eu disse isso a ela.) Finley estava no celeiro convertido na saída do campo de treinamento, afiando facas. — Você pode ajudá-la. — Aislinn me disse, uma vez que eu a encontrei. Ela estava no porão, trocando os lençóis das camas. Eu me perguntei por que ela se incomodava, mas decidi não perguntar.

— Se é tudo o mesmo para você, eu não sou realmente ótima com as facas. — disse a ela. — Existe qualquer outra coisa que eu possa fazer? Qualquer coisa menos... mortal?

Agitando um travesseiro em seu revestimento, Aislinn deu de ombros e disse: — Você pode subir até a Sala de Guerra e verificar nossos arquivos sobre Hecate Hall e as Casnoffs. Veja se há alguma informação que temos errada ou detalhes que você pode adicionar.

Ah, sim. Arquivos. Livros. Nada com bordas afiadas. Perfeito.

— Vou fazer. Obrigada.

Corri de volta subindo os degraus, parando perto do topo. — Oh, e, hm, obrigada por me deixar ficar aqui. Quero dizer, depois do o que toda a minha existência fez você passar.

Quando ela apenas olhou para mim, me apressei em dizer: — Finley me contou o que aconteceu com as outras Brannicks. Ela disse que não teria acontecido se você tivesse sido a líder delas.

Fiquei ali sem jeito enquanto Aislinn me estudava. Ela tinha os olhos da mamãe, por isso era duplamente estranho me sentir sob escrutínio tão intenso. No final, ela simplesmente disse: — Você é da família.

Não havia realmente nada a dizer sobre isso. Eu só assenti e corri de volta para cima.

A Sala de Guerra estava tão deprimente e bagunçada quanto tinha estado ontem, após dez minutos de escavar os papeis sobre a mesa, e as grandes, pesadas caixas no chão, eu não tinha encontrado os arquivos sobre Hecate Hall. Frustrada, deixei escapar um longo suspiro.

— Problema? — uma voz sedosa murmurou.

Eu ignorei Torin e voltei minha atenção para a pilha de cadernos de anotações perto do sofá.

— Eu sinto muito pelo que eu disse sobre o seu pai esta manhã. — ele disse. — Isso estava abaixo de mim.

Eu ainda não disse nada.

— Estar aprisionado assim é incrivelmente frustrante para mim, e ocasionalmente eu descarrego nos outros. Novamente, peço desculpas. Agora, se você quiser, eu posso te ajudar com o que você está procurando.

Sabendo que eu provavelmente me arrependeria, eu atravessei a sala e arranquei a lona do espelho. Como antes, ele estava sentado na mesa, sorrindo afetadamente para mim.

— Idiota, idiota na parede, onde está a informação sobre Hex Hall?

Torin riu longo e alto com isso, e vi que seus dentes eram ligeiramente tortos. Vendo como ele era do século XVI, acho que ele tinha sorte de ter algum dente afinal.

— Oh, eu gosto de você. — ele disse, enxugando as lágrimas de seus olhos. — Todas essas sangrentas mulheres guerreiras são tão sérias. É bom ter uma sagacidade real pelo lugar novamente.

— Tanto faz. Você sabe onde o arquivo sobre Hex Hall está, ou não, Garoto do Espelho?

Ele se inclinou para frente e apontou para debaixo da mesa. No espelho, vi uma caixa empurrada para trás nas sombras. Não é de se admirar que eu não tivesse notado.

Enquanto eu arrastava a caixa para fora, Torin disse: — Isso é tudo com o que você quer minha ajuda, Sophia?

Eu balancei para trás em meus calcanhares e fiz uma careta para ele. — Você deixou bem claro ontem à noite que você é grande em ser enigmático. Eu não estou no humor de ter minhas correntes sacudidas neste momento.

Ele estava quieto enquanto eu vasculhava pela caixa. Puxei para fora dois grandes envelopes de papel pardo com Casnoff rabiscado através deles. Havia três pastas separadas rotuladas Hecate Hall, e eu as tirei também.

— Você estava presa em um espaço vazio. — Torin disse.

Eu estava tão ocupada folheando a primeira pasta Casnoff que levou um segundo para o que ele disse se assentar. Uma vez que fez, eu levantei os olhos para ele em branco. — O quê?

— Essas três semanas que você perdeu. Você estava presa em um vazio entre dimensões. É assim que o Itineris funciona, viajando dentro e em torno de outras dimensões. A maior parte do tempo não existe problemas. Mas você ficou presa, provavelmente por causa do que você é. Ou não é.

Quando eu apenas continuei olhando para ele, ele esclareceu. — Você não é mais um demônio, não completamente, mas você não é humana tampouco. — Torin apoiou o queixo na mão, um pesado anel de rubi em seu dedo mindinho piscando para mim. — Você era um objeto muito confuso para o Itineris digerir. Então ele te segurou um pouco. Você é bastante afortunada que ele finalmente decidiu te cuspir para fora.

As palavras "digerir" e "cuspir" eram mais do que um pouco inquietantes. — Ok. — eu disse finalmente. — Isso é, hm, realmente terrível de saber. Mas obrigada por me dizer.

Ele deu de ombros. — Não foi nada.

Voltei para a pasta, estudando uma foto de Sra. Casnoff e sua irmã, Lara, quando elas eram jovens, talvez no final da adolescência, início dos vinte. Havia um homem sentado com elas que tinha cabelos negros penteados para trás da testa, e um bigode tão elaborado quanto um dos penteados da Sra. Casnoff. Supus que este era o pai da Sra. Casnoff, Alexei.

— Você sabe, eu posso ver mais do que apenas o futuro ou o passado.

— Sério? — Eu perguntei, folheando os papeis do arquivo. — Você também pode ver o presente? Porque eu também posso fazer isso. Tipo, neste momento, sinto que estou em uma sala bagunçada com uma caixa de ferramentas.

Eu não olhei para cima, mas podia ouvir a carranca em sua voz quando ele disse: — Não. Em certos casos, eu posso ver... Digamos, futuros alternativos.

— O que isso quer dizer?

— O tempo não é uma coisa fixa, Sophia. Cada decisão pode nos levar por um caminho diferente. Então, ocasionalmente, eu vejo mais do que um resultado possível. Por exemplo, eu disse à sua tia que você seria aquela a parar essas bruxas Casnoffs de aumentar suas forças demoníacas. E eu vi isso. Mas não é o único futuro que eu vi para você.

Eu queria ignorá-lo, mas encontrei-me colocando o arquivo para baixo e ficando de frente para o espelho. — Qual era o outro?

— É uma grande contradição. — ele respondeu, ridiculamente satisfeito consigo mesmo. — Pois em um cenário, eu vi você derrotar as Casnoffs. E no outro, vi você unida a elas. Claro que não compartilhei essa visão com Aislinn. Se tivesse, duvido que suas boas-vindas teriam sido assim tão cordiais. Você deveria me agradecer, na verdade.

Tudo o que pude fazer foi dizer: — Bem, sua visão estava errada. Eu nunca seria parte das forças das Casnoffs... O que quer que seja.

— Oh, você não era parte disso. — ele esclareceu, sorrindo largamente. — Você estava liderando.

Eu me virei para longe então; minhas mãos estavam tremendo. — Você só está dizendo tudo isso para ferrar comigo.

— Acredite nisso se quiser, Soph... — ele parou, e eu levantei minha cabeça para ver Izzy de pé na entrada. — Isolde! — Torin exclamou. — Como é amável vê-la.

Izzy mastigou seu lábio inferior. — Por que você está conversando com Torin? — ela perguntou.

— Preciso de ajuda para encontrar algumas coisas. — eu respondi, levantando a pasta para que ela pudesse ver. — Eu imaginei que ele fosse útil para isso, pelo menos, desde que suas profecias parecem estar em mau estado.

Torin fez um ruído ofendido. — Elas certamente não estão! Eu nunca estou errado. — Escorregando da mesa, seu olhar se agitou para Izzy. — Nunca.

Com isso, Izzy atravessou a sala em dois passos largos e colocou a lona de volta sobre o espelho. — Cubra-me o quanto quiser, Isolde. — Torin disse, sua voz agora abafada. — Isso não muda nada.

Algo cintilou no rosto de Izzy, e eu não pude me impedir de perguntar: — Sobre o que é tudo isso?

Mas ela apenas balançou a cabeça e veio se ajoelhar ao meu lado no chão. — Não é nada. Apenas mais da porcaria de Torin. Então você encontrou o que está procurando?

— Não estou certa ainda. — eu disse, voltando para a primeira página do arquivo dos Casnoffs.

Alexei Casnoff nasceu em 1916 em São Petersburgo (ou, como era chamado naquela época, Petrogrado), de Grigori e Svetlana Casnoff, e...

Antes que eu pudesse ir mais longe, uma alta pancada reverberou por toda a casa.

Deixei cair os papeis. — O que diabos foi isso?

Franzindo a testa, Izzy ficou de pé. — Eu não sei. Acho que é na porta da frente, mas... Ninguém nunca vem aqui.

Juntas, saímos correndo da Sala de Guerra para o saguão. Aislinn tinha uma mão na maçaneta da porta e uma adaga na outra. Mamãe estava bem atrás dela. Dentro do meu peito, minha magia guinchou e rodou, e eu sabia que o que quer que esperasse do outro lado era poderoso.

E conforme Aislinn lentamente abria a porta, eu percebi que estava certa.

De pé no limiar, parecendo mais alto e mais velho e muito mais exausto do que eu me lembrava, estava Cal.

E inclinando-se contra ele, as marcas púrpuras em seu rosto artificialmente escuras contra sua pele pálida, estava meu pai.

CAPÍTULO 9



— James! — Mamãe ofegou, e então houve total confusão quando todo mundo começou a falar de uma vez só.

— O que ele está fazendo aqui? — Aislinn ladrou, exatamente quando Izzy colocou sua mão em meu braço e disse: — Quem são esses caras?

— É - é o meu pai — eu disse, minha voz quebrando. E depois eu estava empurrando Aislinn para lançar meus braços em volta do pescoço do meu pai.

Seus próprios braços vieram fracamente até mim e me rodearam.

— Sophie. — ele murmurou contra meu cabelo. — Sophie.

Era quase bom demais para acreditar que ele poderia estar aqui, que Cal poderia estar perto dele. Eu apertei meu pai firmemente, derramando lágrimas no colarinho dele. — Você está bem. — eu solucei.

— Você está bem.

Ele deu uma risada rouca. — Mais ou menos. Graças à Cal aqui.

Eu me afastei. Os olhos de papai estavam vermelhos, ele parecia a morte requentada. E as marcas roxas serpenteando toda sua pele, sinal da Remoção, eram tão devastadoras de se ver quanto tinham sido na noite em que ele as obteve.

Mas ele estava ali, e isso era tudo o que importava. Meus olhos deslizaram para Cal, que ainda pairava incerto ao lado de meu pai. — Você está bem também. — eu disse suavemente, e ele sorriu. Bem, ele fez aquela esquisitice com o lábio que Cal chama de sorriso. — Sim. — Foi tudo o que ele disse, mas havia um monte de significados detrás daquela única palavra. Alívio e felicidade me inundaram, e eu dei um passo à frente, querendo abraçá-lo também. Mas por alguma razão, no último momento, eu o alcancei e apertei seu braço. — Fico feliz.

Sua mão brevemente cobriu a minha, o seu toque áspero e quente. Eu podia sentir um rubor espalhando-se em meu peito, então me virei para papai. — Como vocês chegaram aqui? Onde estiveram?

— Podemos ir para algum lugar menos... transitório para discutir isso? — Ele perguntou, gesticulando para o corredor. Eu senti que poderia explodir em lágrimas novamente. *Transitório*. Deus, eu senti tanta falta dele.

Eu tenho certeza que Aislinn estava prestes a lhe falar não, mas mamãe deu um passo à frente. — Com certeza. Podemos conversar na sala de estar. — Por um momento, meus pais seguraram o olhar um do outro e, embora normalmente os pais olhem um para o outro numa espécie grosseira, eu não consegui segurar um sorriso.

Como todo cômodo na casa Brannick, a sala de estar estava praticamente vazia. Havia um sofá que parecia um pouco melhor do que a monstruosidade na Sala de Guerra, papai e Cal sentaram lá. Eu sentei do lado de papai, enquanto Aislinn e Izzy encostaram-se à porta, e minha mãe na beira do sofá, próxima à mim.

Papai suspirou, sua mão tremia um pouco quando a colocou na minha. — Eu não consigo começar a dizer como é bom ver você.

Eu entrelacei meus dedos nos dele. — O mesmo aqui. Digo, comigo vendo você, obviamente.

Sorrindo, papai apertou minha mão. — Sim, eu deduzi que fosse isso.

— Como você encontrou esse lugar? — Aislinn perguntou, conseguindo matar qualquer esperança de um momento feliz em família.

— É protegido contra sua raça.

— Há um local a cerca de três metros virando a noroeste. — Cal respondeu. — As cercas estão quebradas lá. Eu posso consertá-las se você quiser.

Aislinn estava obviamente surpresa, mas ela se recuperou rapidamente. — Não precisa. Mandarei Finley lá fora para refazê-lo amanhã de manhã. — Desde que os Brannicks eram descendentes de uma poderosa Bruxa Branca, alguns deles ainda tem residuais poderes.

Aparentemente, esse era o caso com Finley. — Você pode ir ajudá-la. — Aislinn adicionou para Izzy. — Está na hora de você aprender a fazer proteções.

— Quanto à forma como nós a encontramos. — papai disse. — Não foi fácil. Cal me disse que mandou você para as Brannicks, mas quando ele tentou usar sua magia para bloqueá-la...

— Foi como se você tivesse simplesmente desaparecido. — Cal disse. — Nenhum feitiço localizador funcionou, nenhuma praga de rastro.

— Isso foi o Itineris. — eu expliquei. — Não sabe o que fazer agora que eu não tenho magia.

Papai acenou com a cabeça. — Eu já suspeitava. De qualquer jeito, nós passamos nossas últimas semanas tentando fazer nosso caminho até aqui. Cal não achou que fosse sensato para eu viajar por Itineris em meu... Estado atual, então eu tive medo de termos que viajar pelo modo antiquado.

— Isso te levou três semanas pra viajar da Inglaterra para o Tennessee? — Aislinn perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Nós não viemos para cá imediatamente. — Cal respondeu, cruzando os braços sobre o peito, uma carranca em seu rosto. — Havia muitas outras coisas para lidarmos.

— Que tipo de coisas? — Eu perguntei.

Papai se levantou e começou a andar. — Antes de as Brannicks e L'Occhio di Dio atacarem a Sede do Conselho na primavera, havia apenas cinco membros restantes de Conselho.

— Que não fomos nós, — Aislinn retorquiu. — Ou O Olho, nesse caso.

Papai parou de andar e a encarou. — O que?

Resumidamente, Aislinn contou a papai a mesma história que me contou na noite passada, sobre suspeitar que as Casnoffs tinham posto fogo em si mesmos apenas para culpar seus inimigos. Quando ela terminou, papai parecia ter envelhecido dez anos. — Eu queria poder dizer que isso é um absurdo. Mas depois do que eu vi Lara Casnoff fazer... Em qualquer caso, os outros três membros do Conselho foram mortos quando Thorne Abbey foi destruída.

Eu tinha visto um desses três, Kristopher, morto, mas isso foi um choque saber que os outros dois, Elizabeth e Roderick, foram embora também. — Lara e eu somos os únicos membros que ainda restam. — papai continuou. — Eu... — ele apontou para suas tatuagens. — não sou exatamente útil. Também estou morto.

— O que?

— Poucos dias depois de Thorne Abbey ser incendiada, Lara Casnoff convocou uma reunião enorme em Londres na mansão de algum figurão feiticeiro. — Cal disse para mim. — Eu fui capaz de fazer uma magia invisível e entrar. Deviam ter centenas de Prodígios lá. De qualquer jeito, foi onde Lara fez o grande anúncio que seu pai tinha sido assassinado pelo O Olho. — Ele balançou a cabeça na direção de Aislinn.

— Com a ajuda das Brannicks.

Aislinn xingou em sua respiração, e mamãe baixou a cabeça.

— Ok. — eu disse lentamente. — Olhe, eu acho que isso é ruim, mas você não pode simplesmente surgir e falar tipo, "Ei, aqui estou eu! Totalmente vivo!"

— Eu posso. — papai disse. — Mas se isso atender aos propósitos das Casnoffs, eu estar morto, algo me diz que eu não permaneceria "totalmente vivo" por muito tempo.

— Quais você acha que serão os propósitos das Casnoffs? — mamãe perguntou.

Papai olhou para ela, e depois para mim. — Para aterrorizar a população de Prodígios ao ponto onde o uso de demônios parece ser o único modo de ação. Eles têm Daisy, e eles devem ter conseguido encurralar Nick. Não houve quaisquer outros ataques ligados a ele. — Na mesma noite que as Casnoffs usaram Daisy para lutar contra O Olho, Nick tinha se perdido e ido em algum tipo de tumulto.

Pensar nisso me fez estremecer.

— Ela falou alguma coisa sobre os demônios nessa grande reunião? — Eu perguntei a Cal.

Ele balançou a cabeça. —Não especificadamente. Tudo o que ela disse foi que ela e sua irmã tinham um plano para abolir o mundo das Brannicks e do Olho de uma vez por todas.

—Falando nisso... — papai parou. —Sophie, você tem algum contato com Archer Cross?

Todos os olhares na sala estavam sobre mim, e eu tive esse desejo bizarro de cobrir meu rosto. Eu sabia que tudo o que eu estava sentido estava retratado nele. —Não. Eu pensei que talvez... — eu me virei para Cal. — Você o viu? Quando você entrou para pegar papai em Thorne Abbey?

Não é como se eu esperasse que Cal tivesse... *Sim, eu esperava. Na verdade, eu estava o mantendo em meu bolso. Aqui vai você.* Mas quando Cal encontrou meus olhos e disse: — Seu pai estava sozinho na cela quando cheguei lá. — as palavras doeram psicologicamente.

Você tem sorte, lembrei a mim mesma. Seu pai está aqui. E Cal também. E Jenna está a salvo. Quais eram as chances de você ter todos de volta?

— A porta da cela foi quebrada — Cal continuou. — Então eu e seu pai achamos que O Olho o levou.

— Você não se lembra de nada? — eu perguntei ao papai.

Uma expressão magoada estava em seu rosto quando balançou a cabeça. — Eu estava inconsciente, com medo.

Empurrando minhas mãos para dentro do bolso, eu disse: — Tenho certeza que você está certo. Ele provavelmente está com O Olho. — E eles o mantém ainda como seu animal de estimação feiticeiro, ou eles descobriram sobre nós dois trabalhando juntos e o mataram.

De ambos os modos, Archer foi embora.

Aquele pensamento foi tão doloroso, tão alto dentro da minha cabeça, que me levou um minuto pra perceber que papai ainda estava falando. —... Certamente não é o único a ter desaparecido.

Aislinn havia recuado de volta à porta, braços cruzados sobre o peito. — Então o garoto Cross foi embora, e ambas as mulheres Casnoffs, — ela disse, assinalando fora os nomes em seus dedos. — Assim como seus demônios.

— E a ilha Graymalkin. — Cal disse tão suavemente que a princípio eu tinha certeza que havia ouvido mal.

— Espere, o que? — Eu perguntei.

— Hecate Hall e a ilha desapareceram. — papai disse.

— Como isso é ao menos possível? — Mamãe perguntou de seu lugar no sofá.

Papai olhou de volta a ela, e novamente algo passou entre eles. — Ninguém sabe. — ele disse afinal. — Mas poucos dias depois de Thorne Abbey ser queimada, a ilha inteira pareceu desaparecer no ar. Em um minuto estava lá; no outro, nada além de um oceano vazio. A minha fé é que não foi realmente embora, mas que as Casnoffs estão ocultando-a por alguma razão.

— Você acha que é onde elas estão? — Eu perguntei, quando encontrei minha voz novamente. Eu estava lembrando-me do sentimento que tive no dia que Cal, Jenna e eu deixamos Hex Hall. Uma premonição veio até mim que nós nunca voltaríamos. Estremeci um pouco ao me lembrar disso.

— Faz sentido. — papai disse. — A ilha Graymalkin era onde eles levantavam os demônios. Foi a casa de Anastasia por anos. Não posso imaginar que elas tenham simplesmente abandonado-a. E... — papai parou, esfregando os olhos novamente. Ele voltou para o sofá, mas tropeçou. Mamãe saltou e segurou seu braço enquanto Cal se moveu para seu outro lado. Juntos, eles o abaixaram para a posição sentada.

— A viagem o apagou. — Cal disse. — Eu fiz magias de proteção nele, mas ele ainda está muito fraco.

— Por favor, não fale de mim como se eu não estivesse aqui. — papai disse, mas a exaustão em sua voz cancelou qualquer murmúrio.

— Isso é suficiente por essa noite. — mamãe disse, e eu notei que ela não tirou a mão do braço de papai.

Aislinn acenou. — Preciso contar a Finley o que está acontecendo.

Um músculo trabalhou em seu queixo, e ela murmurou: — E ter uma conversa com Torin. Vocês dois... — ela disse para papai e Cal. — Fiquem essa noite. De manhã, nós podemos decidir para onde ir daqui.

Custou-lhe algo para deixá-los ficar. Eu podia ver isso no aperto ao redor de sua boca. Eu acho que papai viu isso também, porque ele deu um aceno respeitável. — Obrigado, Aislinn.

— Eles podem usar as tendas. — Aislinn me falou. Eu esqueci sobre elas - as estranhas estruturas da tela extra que os Brannicks usaram, de volta quando havia Brannicks extras. Eu pensei em mencionar as camas dobráveis no porão, mas talvez Aislinn não estivesse de acordo com tantos Prodígios sob seu teto.

Aislinn então deixou a sala, Izzy diretamente atrás dela. Após elas irem embora, papai recostou-se no sofá e fechou os olhos. — Você deve ficar aqui essa noite. — mamãe disse a ele. — Essas tendas são um pouco desconfortáveis, e depois de tudo que você tem passado... — ela limpou a garganta. — De qualquer forma, nenhum de vocês precisa ir ao ar livre hoje à noite.

Papai apenas acenou sem abrir os olhos. Mas Cal encolheu os ombros e disse. — Estou acostumado a dormir do lado de fora. Além de que, vocês provavelmente precisam, hm, de um tempo familiar.

Ele se virou para ir, mas quando ele fez, papai disse: — Sophie, porque você não mostra à Cal suas acomodações? Eu queria falar com sua mãe em particular por um momento.

— Oh. — eu disse, colocando minhas mãos em meu bolso. — Ok. Certo. — Na última vez em que fiquei sozinha com Cal, ele me beijou.

Definitivamente foi um beijo do tipo "Nós podemos morrer, então isso é só nossa despedida (talvez)" variando, mas ainda assim. Ele era, tecnicamente, meu noivo (você sabe, como os Prodígios não são estranhos o suficiente, eles também têm casamentos arranjados). Estando noivos trouxe-me um novo nível de estranheza para a minha amizade com Cal.

Cal me deu um rápido olhar, e mesmo que eu não pudesse ter certeza, pensei ter visto seu olhar parar em minha boca por um segundo. Eu tentei dificilmente não engolir em seco, e quando ele saiu da sala, eu o segui.

CAPÍTULO 10



Cal e eu fizemos nosso caminho de volta da casa para as tendas em silêncio. Eu tinha parado na cozinha para pegar uma das lanternas a pilhas que as Brannicks aparentemente acumularam. A minha sombra e a de Cal se esticavam em frente a nós, quase entrelaçadas, mesmo que não estivéssemos andando tão perto juntos. Meus pensamentos ainda estavam tão envolvidos com Archer que eu nem mesmo vi os semicírculos de estruturas ao redor do complexo até estarmos praticamente em cima dele.

O que as Brannicks chamavam de tendas eram na verdade edifícios muito sólidos. Os telhados foram feitos de lona pesada, mas ao invés de estarem no chão, estavam situados em plataformas de madeira. Havia até mesmo escadas conduzindo a cada uma.

— Uau. — eu disse quando chegamos a uma parada. — Isso não são realmente tendas. São mais como cabanas. Ou como uma tenda e uma cabana tendo um bebê. Uma *tendabana.*

Foi uma piada de mau gosto. Uma estúpida, e meu coração não estava nem um pouco nela. Archer teria rido de qualquer maneira, pensei, e mais uma vez, dor bateu em meu peito, quase me deixando sem ar.

Cal não disse nada, então apenas estiquei meu braço, apontando para as tendas. — Escolha qualquer uma delas. Estão todas vazias.

Ainda não olhando para mim, Cal se moveu em direção à tenda diretamente em frente a nós, e empurrou a aba para trás. Ocorreu-me que eu deveria apenas ter dado a lanterna a ele ao invés de segui-lo para dentro, mas no momento que tive essa ideia, ele já estava na tenda.

Subi as escadas e me abaixei através da porta de lona. — Uau. — eu disse às suas costas. — Não é exatamente como as escavações que tivemos em Thorne, hein?

Havia duas peças de mobiliário sobre a arranhada plataforma de madeira: uma mesa dobrável e uma pequena cama dobrável como as do porão. Claro, isso era tudo para o que havia espaço. A tenda era minúscula, e de repente senti um pouco de claustrofobia.

Coloquei a lanterna sobre a mesa, desejando que o conjunto de luz que lançava fosse maior. Tal como estava, eu mal podia ver o rosto de Cal na escuridão. Então enfiei minhas mãos no bolso de trás e soltei um longo suspiro. Cal sentou na cama dobrável, e ela rangeu ligeiramente sob seu peso. Ele apoiou seus cotovelos sobre seus joelhos, mãos cruzadas em frente a ele, mas ainda não dizia nada.

— Ei. — eu disse, minha voz muito alta, — Se você estiver, hm, com fome ou algo, posso ver o que tem na cozinha. Correndo por sua vida e arrastando um demônio impotente por todo o mundo provavelmente abre o apetite, hein? — Assim que as palavras saíram da minha boca, mentalmente me encolhi tão forte, que estou surpresa que não torci algo.

— Não estou com fome. — ele respondeu em voz baixa.

— Ótimo. — eu disse. — Então vou deixá-lo sozinho e deixá-lo dormir um pouco.

Com minhas bochechas em chamas, me dirigi em direção à entrada.

E então, atrás de mim: — Penso em você. Todos os dias.

Eu congelei, minha mão ainda segurando a aba da lona.

A voz de Cal estava ligeiramente rouca quando ele continuou. — Três semanas é muito tempo para se perguntar onde uma pessoa está. Todo esse tempo, pensei que tivesse feito a coisa errada, dizendo-lhe para encontrar as Brannicks.

Virei-me então. Eu queria fazer uma piada ou dizer algo sarcástico, qualquer coisa que pudesse cortar a tensão que nos envolvia. Ao invés disso, eu disse: — Pensei em você também.

Cal olhou para cima, e encontrei seus olhos. — Cal, você... Você salvou a vida do meu pai. Você tentou salvar Archer. — Meu peito doeu, dizendo isso em voz alta, mas me fiz continuar. — Isso é tão grande, que não sei nem mesmo por onde começar. "Obrigada", realmente não reduz isso, você sabe? E não tenho certeza se uma cesta de frutas é grande o suficiente para...

Ele se levantou, e de repente seus braços estavam ao meu redor e meu rosto estava pressionado contra seu peito. Ele cheirava bem, familiar, lágrimas saltaram dos meus olhos enquanto eu colocava minhas mãos em suas costas e o pressionava mais perto. Ele acariciou meu cabelo. — Ele deve estar bem, Sophie. — Cal murmurou. — O Olho não poderia tê-lo pego.

Apertei meus olhos fechados. — Eu sei. — eu suspirei. — Não é isso. Quero dizer, é isso, mas não apenas isso. É... Tudo está tão estragado, Cal.

Seus braços apertaram. — Eu sei. Com Graymalkin tendo ido... — Ele soltou um longo suspiro, mas não disse nada mais.

Eu ainda não tinha pensado nisso. O quanto Cal tinha amado aquela ilha. Lembrei-me do que ele tinha me dito sobre Thorne, que Gramalkin sempre tinha sido como uma casa para ele. Eu estava acostumada a me sentir vagamente sem teto, mas Cal tinha vivido em Hex Hall desde que ele tinha treze anos.

Afastei-me para olhar em seus olhos. — Sinto muito. — eu disse a ele. — Por tudo isso.

Em seu rosto, eu vi tudo o que ele estava sentindo. A confusão, o abandono, a solidão. E acho que foi a última emoção que me fez levantar na ponta dos pés e suavemente roçar meus lábios nos dele. Eu não tinha a intenção de que fosse um beijo de verdade; era mais um gesto de agradecimento e conforto do que qualquer coisa. Mas quando voltei para trás, Cal segurou minha bochecha, sua boca se inclinou sobre a minha, e assim, isso foi *definitivamente* um beijo verdadeiro.

Beijei-o de volta, minhas mãos agarrando sua camiseta. Por um momento, isso foi bom. Bem, melhor que bom, na verdade. Senti-me segura e confortável, e seus braços eram tão quentes ao meu redor.

E então, de repente, eu estava me afastando, meu rosto quente. — Oh, Deus, e agora eu sinto muito por *isso*. — eu disse, virando as costas para ele e esfregando minhas bochechas com mãos trêmulas.

Eu apenas pensava que a atmosfera na tenda estava tensa antes. Agora praticamente eu estava engasgando com ela. Atrás de mim, ouvi Cal suspirar. — Não, eu sinto muito. — ele disse. — Ambos estamos... Estamos em um lugar estranho.

Virei-me novamente e lhe dei um sorriso trêmulo. — Metafórica *e* literalmente. — eu disse, gesticulando ao redor da tenda.

Cal deu um pequeno sorriso de volta. — Você provavelmente deveria ir. Verificar seu pai. Podemos nos falar amanhã quando as coisas não estiverem tão... — Suas palavras sumiram e finalmente ele apenas deu de ombros.

Eu assenti. — Certo. Amanhã.

Pude sentir seu olhar em minhas costas enquanto eu saía da tenda, era como se tivesse ficado lá, um ponto quente entre minha omoplata, enquanto eu corria de volta para casa.

E*u beijei Cal. De novo. De verdade.*

As palavras pulsavam dentro do meu cérebro no tempo dos meus passos, eu não tinha certeza se era culpa ou tontura pulando no meu estômago. Minhas mãos ainda estavam tremendo quando abri a porta dos fundos. A casa estava estranhamente silenciosa, me arrastei para a sala de estar. Papai ainda estava no sofá, de olhos fechados, respiração leve. Mamãe estava sentada no chão ao lado dele, uma caneca fumegante ao lado dela. Ela estava olhando para papai com uma expressão muito estranha: triste, medo, e... Algo mais. Seu dedo mal tocando a pele dele enquanto traçava as espirais roxas em sua mão.

Saí antes que ela pudesse me ver.

Enquanto fazia meu caminho escada acima, senti-me trêmula e oca. Às vezes acho que temos um limite em quantas emoções podemos sentir de uma vez, e eu tinha claramente atingido o meu. Entre papai e Cal reaparecendo, e beijando Cal...

Pressionei a ponta das minhas mãos contra meus olhos e respirei profundamente. Sim. Definitivamente eu tinha tudo que poderia lidar por uma noite.

Quando abri meu quarto e vi um brilho suave e fantasmagórico, eu gemi. — Não esta noite, Elodie. — eu funguei. — Não estou no clima.

— As palavras morreram em minha garganta. Não era o fantasma de Elodie em pé no meio do meu quarto. Era de Archer.

CAPÍTULO 11



— Oh, bom, funcionou. — Archer disse, seu rosto fantasmagórico aliviado. Diferentemente da Elodie, a voz dele saiu alta e clara, e tão familiar que o meu coração quebrou novamente.

Eu fiquei paralisada, minhas costas contra a porta. Apesar de ele estar fraco, eu podia vê-lo sorrir.

— Hum... Mercer? Não vejo você faz quase um mês. Eu estava esperando algo como, "Oh, Cross, amor do meu coração, fogo das minhas entranhas, como eu esperei por"...

— Você está morto. — eu deixei escapar, apertando uma mão contra o meu estômago. — Você é um fantasma, e você acha...

Todo o humor desapareceu de seu rosto, e ele ergueu as duas mãos. — Opa, opa, opa. Não estou morto. Prometo.

Meu coração ainda estava retumbando. — Então que diabos você é?

Archer parecia quase envergonhado quando ele esticou a mão dentro de sua camisa e tirou algum tipo de amuleto de uma fina corrente de prata. — É uma pedra falante. Deixa você aparecer para as pessoas tipo como um holograma. Você sabe. "Me ajude, Sophie-Wan Kenobi[3], você é minha única esperança."

— Você o roubou do porão em Hecate também? — Archer havia colecionado todos os tipos de apetrechos mágicos na época do nosso trabalho no porão em Hex Hall.

— Não. — ele disse, ofendido. — Eu o encontrei em uma... Loja. Para coisas mágicas. Ok, sim, eu o roubei do porão.

Eu corri pela sala e enfiei meu punho em seu plexo solar. Passou direto por ele, mas ainda foi meio gratificante. — Seu idiota! — Eu gritei, atingindo sua cabeça. – Você me matou de susto! Cal disse que O Olho provavelmente estava com você, e eu pensei que eles haviam descoberto que você e eu estávamos trabalhando juntos, que tinham matado você, seu pedaço arrogante de...

— Desculpa! — ele gritou, acenando suas mãos translúcidas. – Eu - eu pensei que a conversa entregaria, eu não quis assustar você, mas eu não estou morto! Então você pode, por favor, parar de me bater?

Eu pausei. — Você pode sentir?

— Não, mas mesmo assim é meio desconcertante ver o seu punho vindo no meu rosto.

Nós estávamos a centímetros um do outro. Eu deixei os meus braços caírem nas minhas laterais. — Você não está morto.

---

[3] Obi-Wan Kenobi, personagem da série Guerra nas Estrelas.

— Nem mesmo um pouco. — ele respondeu. E então ele sorriu, um sorriso feliz e verdadeiro, e minhas bochechas começaram a doer.

Foi então que eu percebi que estava sorrindo também.

— Então holograma significa... — eu finalmente disse.

— Significa não-corpóreo, sim. O que é uma porcaria já que há coisas *bem* corpóreas que eu gostaria de fazer com você neste momento.

Minhas bochechas ficaram quentes quando meu olhar caiu para os meus lábios. Então eu lembrei que dez minutos antes, eu havia estado nos braços de outro cara. Beijando os lábios de outro cara.

Eu me virei para longe dele, esperando que ele não tivesse visto e fui me sentar na cama. — Então onde você está? — eu perguntei, puxando meus joelhos para o meu peito.

Apesar de ele estar espectral, eu notei um breve lampejo de culpa em seu rosto.

— Roma. — ele respondeu. — Ou, se você quer ser mais específica, me escondendo em um armário em uma Villa em Roma.

Não era uma surpresa que ele estivesse com O Olho. Afinal de contas, isso não havia sido a melhor das suposições a respeito de ele ter saído de Thorne?

— Por que você está fazendo essa cara? — Archer perguntou. Eu abracei meus joelhos com mais força. — Que cara?

— Como se você fosse vomitar ou chorar. Os dois, talvez.

Ah, as alegrias de ter o oposto do que seria uma cara de paisagem.

— Foi apenas uma noite louca. Umas semanas loucas na verdade. — Eu não sabia o quanto de tempo eu tinha para falar com Archer, então eu ofereci a ele a versão mais resumida do que havia acontecido desde que eu deixei Thorne. Ele ficou parado ouvindo, e somente pareceu surpreso quando eu disse para ele que a minha mãe era Brannick.

— Então é por isso que nós estamos aqui — eu disse a ele, — relaxando com as Brannicks. E agora o meu pai apareceu, e, hm, Cal, e agora você. Foi meio que uma noite movimentada.

— Como o seu pai e Cal acharam você? Eu estive tentando este negócio de GPS mágico desde que eu deixei Thorne, e ele achou você somente hoje.

— Cal me disse para ir até as Brannicks quando eu deixei Thorne, então eles estavam apenas esperando que eu estivesse aqui. Pode ter sido a primeira vez que eu tive sorte desde... Oh, 2002 por aí.

Archer sorriu e então começou a piscar. — Droga. — ele murmurou, batendo em uma pedra que estava ao redor do pescoço dele.

— Ok, parece que eu não tenho muito tempo, então eu vou fazer isso rápido. Todo O Olho sabe que as Casnoffs desapareceram. Não houve mais ataques de demônios relatados, mas algo definitivamente está acontecendo. Eles apenas não sabem o quê.

— Foi o que papai disse também.

— Nós estamos procurando as Casnoffs, mas até agora, nada. É como se todos nós estivéssemos em um compasso de espera.

— Aqui também. — eu disse a ele. — Então... E agora, Cross? Você vai ficar com O Olho?

Archer olhou por cima do ombro para algo. — Eu não sei. — ele disse, quando se virou novamente, sua voz estava bem mais baixa. — Mas não é como se eu tivesse realmente para onde ir.

— Você poderia vir para cá.

Ele sorriu para isso e esticou uma mão espectral. Eu pressionei a minha ponta dos dedos com as dele, apesar de eu não poder senti-lo. — Eu queria poder. — ele disse. — Mas eles estão me assistindo bem de perto estes dias. No momento, provavelmente é mais seguro para eu ficar aqui. Dar uma enrolada.

Eu encarei as nossas mãos. — Eu vou te ver de novo?

— É melhor você acreditar nisso. — ele disse. — Eu não te prometi que nós iríamos namorar em um castelo?

Rindo, eu puxei minha mão de volta. — Você prometeu. E me levar em encontros. Encontros de verdade sem espadas ou ghouls ou sofrimento.

— Bem, aí está. — ele disse. — Logo que nós salvarmos o mundo de uma invasão demoníaca, você, eu e um restaurante.

Eu revirei meus olhos, mas eu estava sorrindo agora. — Oh, o romance.

Seu sorriso desvaneceu lentamente. — Eu verei você de novo. — ele disse, sério desta vez. — Eu prometo. — Ele se moveu para mais perto de mim para que as suas pernas translúcidas desaparecessem na cama. — Mercer, eu...

E então, do nada, ele piscou e havia ido.

— Oh, vamos lá. — eu gemi para o quarto vazio. Suspirando, eu me atirei contra os travesseiros e fechei meus olhos. Eu fiquei deitada assim por alguns minutos quando de repente tive uma sensação de que eu não estava mais sozinha.

Sem dúvidas, quando abri meus olhos, Elodie estava empoleirada no final da cama, me assistindo com uma expressão ilegível.

Finalmente, ela balbuciou: — Você o ama?

Eu levei um momento antes de responder: — Sim. Eu acho que amo.

Ela assentiu, como se fosse a resposta que ela esperava. — Eu pensei que o amava, também.

De repente me ocorreu que se eu fosse ver o Archer novamente, esse novo hábito da Elodie de pular para dentro do meu corpo sempre que ela quisesse poderia ser... Estranho.

— Ele sente muito, sabe. — eu disse para ela. — Por ter mentido para você. E por todo aquele negócio de ter causado a sua morte.

Ela deu de ombros. — Não é culpa dele eu ter morrido. — Eu estava ficando bem melhor em ler os lábios dela. Ela não tinha que repetir nada agora. — Isso foi culpa da Alice. E já que as Casnoffs tiveram um dedo na transformação dela em demônio, eu acho que é culpa delas no final.

— Nós vamos pará-las. — eu disse a ela. — Eu não sei como, mas nós vamos.

Elodie me deu um olhar. — Você irá? Eu ouvir o que aquele cara no espelho disse, sobre ver dois futuros para você.

— Eu nunca ajudaria as Casnoffs. — eu disse automaticamente, mas não pude evitar o arrepio que subiu minha espinha quando me lembrei das palavras do Torin.

Eu pensei ter visto Elodie suspirar. Era difícil dizer já que ela não respirava tecnicamente. — Bem, mesmo se você não for para o lado obscuro, você ainda está bem ferrada. O seu pai não tem poderes mais. Você praticamente não tem nada também, porque eu certamente não posso ficar possuindo você toda vez que você ficar com problemas. Aquelas duas garotinhas não conseguem nem matar um lobisomem. A sua mãe é melhor nos livros do que ela é com armas, e Torin é em igual medida irritante e inútil. Basicamente, a única coisa que você tem a seu favor é Cal, que *pode* ser capaz de adiar o inevitável quando as Casnoffs e seus demônios de estimação deixarem você em pedaços. Mas, sabe, boa sorte com isso.

E com esse pequeno discurso inspirador, ela sumiu.

CAPÍTULO 12



Na manhã seguinte, eu me encontrei no que deve ter sido o café da manhã mais estranho do mundo. Eu olhei ao redor do cômodo e tentei absorver todo mundo que estava lá: Eu, mamãe, papai, todas as três Brannicks e Cal. Ah, e Torin, já que o "café da manhã" envolvia todos nós comendo Pop-Tarts na Sala de Guerra. As palavras da Elodie da noite anterior circulavam no meu cérebro. Nós honestamente pensávamos que nós tínhamos chance de derrotar as Casnoffs?

— Você tem que saber de algo. — Aislinn estava dizendo para o Torin agora.

— Eu sei. — ele atirou de volta. — Eu disse a você, aquelas mulheres estão nas ilhas três vezes amaldiçoada delas.

— Que. É. Onde? — Aislinn perguntou pelo que deve ter sido a quarta vez.

— Dentro. Do. Maldito. Mar. — Torin respondeu. Ele jogou suas mãos para cima, seus punhos de renda caindo enquanto ele fazia isso. — Eu não sei por que vocês não conseguiram encontrá-la. Está exatamente onde sempre esteve.

— Como eu disse a você, Aislinn, é da minha crença que elas encobriram Graymalkin de alguma forma. — papai disse. Ele estava se inclinando pesadamente contra uma das cadeiras dobráveis. Cal estava de pé de um lado dele, mamãe estava do outro. Meus olhos encontraram os de Cal, e a noite passada relampejou em minha mente. Meus dedos se retorcendo na camiseta dele, minha boca contra a dele.

Eu de repente ofereci minha atenção total para Torin. — Então as Casnoffs estão em Hex Hall. — eu disse. — Provavelmente com vários demônios que elas supostamente criaram. O que elas estão fazendo lá? Dando uma festa do pijama infernal? — Quando ninguém disse nada, eu acrescentei: — Entenderam? Infernal? Porque elas são todas... Esqueça.

— Eu entendi. — Izzy disse suavemente, e eu ofereci um sorriso agradecido a ela.

— Eu não posso dizer o que elas estão planejando. — Torin disse. — Somente que elas estão lá. — Ele fez uma careta para todos nós. — Eu não sei tudo, sabe. Somente que esta garota — ele apontou para mim — é a chave para evitar que elas usem um exército de demônios para limpar os humanos da face da terra.

Ou ser o comando deles. O pensamento apareceu em minha mente, fazendo o meu estômago se revirar em nós. Torin piscou para mim, e eu me perguntei se o negócio de ler pensamento era outro de seus poderes. Ou talvez fosse só a minha expressão.

Empurrando para o lado a minha imagem na frente de um exército demoníaco, eu disse: — O Olho não sabe o que eles vão ter que enfrentar também.

De repente, todos no cômodo estavam me encarando como se estivessem registrando o que eu acabara de falar. — Eu, hm, vi Archer ontem à noite. — eu disse, como se eu tivesse visto ele no Starbucks. — Ele usou esta pedra de comunicação para... Visitar, e, hum, dizer oi.

— E apenas agora você decidiu mencionar isso? — Papai perguntou.

— Quando eu cheguei aqui, vocês já estavam gritando com Torin, — eu atirei de volta. — Eu não tive exatamente a chance de falar. Além disso, Archer não sabia de nada, realmente. Ou pelo menos nada mais do que nós sabemos. Eu não acho que foi grande coisa. Ele esteve aqui por apenas, tipo, cinco minutos.

— No seu quarto? — Mamãe perguntou, sobrancelhas levantadas.

— Ele não era corpóreo! — Eu gritei. – E era... Fantasmagórico. Foi tudo faixa-etária livre, eu juro.

— Um dos L'Occhio di Dio é seu *namorado*? — Finley perguntou incredulamente.

Papai limpou a garganta. — De qualquer forma — ele disse, me salvando de responder a Finley. — isso é boa informação para se ter. Significa que estamos todos na mesma página no que se refere às Casnoffs.

— Certo. — eu disse. — Que é que ninguém sabe o que fazer depois. Eu não estou vendo que isso seja realmente uma coisa boa, pai.

— Então o que nós *podemos* fazer? — Finley perguntou. — Só sentar aqui e esperar que as Casnoffs façam a sua jogada?

— Nós podemos ir para Lough Bealach. — Aislinn respondeu.

— Isso é um lugar ou você está engasgando? — eu perguntei, ganhando uma cara feia em resposta.

Papai fez um som estrangulado que poderia ter sido uma risada. Ele a cobriu com uma tosse e disse: — Lough Bealach é um lago na Irlanda. Foi uma vez, um lugar sagrado para a família Brannick, se eu estou correto.

— O lugar mais sagrado. — Aislinn respondeu. — Uma vez que era a responsabilidade das Brannicks guardá-lo.

— O que tem lá que é necessário guardar?

— Supostamente, uma abertura para o submundo. — mamãe respondeu.

— Se nós vamos lutar com os demônios, poderia ser útil ter bastante demonglass, já que provavelmente é a única coisa que pode matar um demônio. — Aislinn disse. — E o submundo é o único lugar que nós podemos pegá-lo.

— Tipo, *literalmente* ir para o inferno? — Eu perguntei.

Todo mundo me ignorou. — Nós não conseguiríamos entrar. — Finley disse. — Não há um de nós aqui que poderia sobreviver uma viagem para o submundo. Você precisa de magia negra poderosa para fazer isso. Se a Sophie ainda tivesse seus poderes, talvez seria possível, mas sem eles... — Ela balançou a cabeça.

E então papai disse: — Sophie ainda tem seus poderes.

— Bem, sim. — eu concordei. — Eu não passei pela Remoção. Mas eles estão presos aqui. — Eu bati no meu peito. — Seja lá qual seja a palavra dita no meu julgamento, ele selou a minha magia.

Papai esticou a mão e tocou a minha. — Você se lembra quando nós estudamos o grimoire em Thorne Abbey? Havia um feitiço naquele livro que eu fiz você colocar a sua mão.

Eu lembrava. Eu não havia sido capaz de dizer que tipo de feitiço era, mas quando eu o toquei, eu senti um baque bem no meio do meu esterno.

Que, agora eu percebi, era o lugar onde eu sempre havia sentido os meus poderes mexerem.

— Era um feitiço de proteção. — papai disse. — Garantindo que os seus poderes nunca pudessem ser totalmente tirados de você. Não importa que tipo de feitiço de amarração fosse colocado em você, tudo o que você tinha que fazer era tocar naquele feitiço em particular e a sua magia seria restaurada.

Eu apertei a mão dele com tanta força que eu devo tê-lo machucado. — Ah meu Deus. — eu sussurrei. Minha magia de volta. Sem ter mais a sensação de estar indefesa. Sem mais precisar do fantasma da Elodie para fazer mágica. Uma chance de parar as Casnoffs de verdade. Esperança e excitação aumentaram dentro de mim.

E então, como se um balde de água fria tivesse sido jogado no meu rosto, eu me lembrei do que Torin havia dito ontem à noite. Eu, guiando o exército de demônios das Casnoffs. Eu teria que ter meus poderes para fazer isso, não é? Mas não. Não, ele estava mentindo sobre isso. De jeito nenhum, *nunca* eu iria me juntar às Casnoffs para algo tão horrível.

Eu me lembrei de mais uma coisa. — Eu tenho que tocar naquele feitiço. Aquele feitiço que está no grimoire. E o grimoire está onde, exatamente?

Envergonhado, papai olhou para baixo e admitiu: — Sem dúvidas, com as Casnoffs.

Eu murchei. — Que estão em uma ilha que nós não conseguimos encontrar. Eu juro por Deus, este negócio todo parece a charada mais retorcida no mundo.

— Talvez haja outra maneira. — Finley sugeriu. — Vocês não conhecem bruxas ou feiticeiros que podem restaurar os poderes de Sophie?

— Talvez. — papai disse, mas eu o conhecia por tempo suficiente para saber que quando o papai dizia, "talvez", normalmente significava, "de maneira nenhuma".

— Alguém não poderia apenas dizer o feitiço? — eu perguntei. Eu sabia que estava me agarrando a migalhas, mas se houvesse qualquer chance para eu usar os meus poderes novamente, eu iria aproveitá-la.

Papai balançou a cabeça. — Não. Este feitiço em particular foi tecido no papel com sangue mágico. Ele tem que ser tocado. As palavras em si não possuem o mesmo poder.

— Pode não ter magia negra, mas meus poderes são bem fortes. — Cal ofereceu. — Se nós *formos* para a Irlanda, há alguma chance de que eu possa entrar?

Considerando isso, papai passou uma mão pela sua nuca. — É possível, eu acho. Mas o risco em potencial...

— Nós precisamos fazer algo. — Cal disse baixinho. — Eu prefiro correr o risco em Lough Bealach do que esperar aqui.

— O garoto está certo. — Torin disse, apesar de que ele e Cal provavelmente eram da mesma idade (bem, mais ou menos quinhentos anos, eu acho). — E quanto mais cedo, melhor. Nós estamos estagnados agora, mas algo está vindo. Eu sinto um...

— Uma grande perturbação na Força? — Eu interrompi antes que eu conseguisse evitar.

Torin fez uma careta. — Eu suspeito que você está tirando sarro de mim, mas eu não entendo a referência. De qualquer maneira, poderes obscuros estão se levantando. Quanto mais preparados vocês estiverem, melhor.

— Então, vamos. — eu disse.

— Talvez nós devêssemos explorar algumas outras opções antes de sair correndo para a Irlanda. — papai disse, empurrando seus óculos para cima. — Afinal de contas, Sophie, você já passou por bastante coisa.

— Eu dormirei no avião. Olha, nós estamos lidando com a possibilidade de um *exército de demônios*. Eu não sei quanto a vocês, mas estas palavras estão emparelhadas com "tratamento de canal" e "aulas no sábado" em termos de coisas que me aterrorizam. Nós já estamos três semanas atrasados. Nós não temos tempo de ficarmos sentados aqui e explorar mais opções ou ler mais livros ou escutar mais sobre profecias meia boca desse idiota. — eu disse, apontando para Torin. Ele fez um gesto que eu achei ser uma versão antiga de mostrar o dedo do meio.

— Então, sim. — eu continuei. — Talvez esta seja uma ideia totalmente estúpida. Mas se há pelo menos uma chance de que um de nós consiga entrar no submundo, então nós temos que aproveitá-la.

— Ok, eu gosto mesmo de você. — Finley disse, mostrando-me um sorriso. Ela olhou para o meu pai. — Ela está certa. Se nós não conseguimos descobrir um jeito de parar estas mulheres Casnoffs, então nós precisamos pelo menos nos defender contra elas. E a única maneira de fazer isso é ir para Lough Bealach e conseguir vários *demonglass*.

Suspirando, papai afundou em uma das cadeiras ao lado da mesa.

— É uma missão de tolo. — ele disse.

— Você tem outras ideias? — Aislinn perguntou.

Papai ergueu novamente sua cabeça, como se uma resposta pudesse aparecer de repente no teto. Então ele olhou de volta para mim. — Isso é honestamente o que você quer?

— Talvez Cal possa ser capaz de entrar. Talvez não. De qualquer forma, nós não vamos conseguir fazer nada sentados aqui nessa cabana. Sem ofensas. — eu acrescentei para Aislinn, que acenou despreocupada.

Papai segurou meu olhar por um longo tempo antes de finalmente dar um aceno preocupado e dizer: — Você está certa. Mas como nós vamos chegar lá? O Itineris é muito perigoso para você e poderia ser mortal para humanos. — ele disse, gesticulando para mamãe.

— Eu vou falar com a companhia aérea novamente. — Cal disse.

Para os olhares questionadores de Finley e Aislinn, papai esclareceu:

— Cal foi capaz de conjurar passagens e falsificar a papelada para nós conseguirmos sair da Inglaterra. Não é a maneira mais glamorosa de usar mágica, mas certamente é útil.

— Justo. — Aislinn disse. — Sendo assim, meninas, vão pegar suas coisas. E Finley, vá em frente e encha o tanque da caminhonete. Nós temos uma longa viagem até o aeroporto mais próximo.

Enquanto eu olhava ao redor do cômodo para todas estas pessoas — minha família — excitação reverberou dentro de mim. Sim, isso poderia entrar para história como a coisa mais estúpida que eu já tenha feito, mas a sensação era tão boa em ter um plano que eu não me importei se era um plano ruim. E olhar para o rosto de todos, eu acho que todos estavam sentindo exatamente a mesma coisa. Bem, exceto pelo Torin, que estava apenas encarando para todos nós com uma expressão entediada.

Eu segui Finley e Izzy para fora do cômodo e subi as escadas. Eu estava quase chegando quando uma luz de repente queimou os meus olhos. De primeira que pensei que era apenas uma luz da janela no topo das escadas, e eu movi minha mão para cobrir o meu rosto. Foi aí que eu percebi que a luz estava *vindo* da minha mão. Eu assisti enquanto uma luz brilhante dourada encobria o meu braço, e então se espalhava para cobrir o meu torso. Izzy se virou, e eu vi a boca dela cair aberta. Ela se esticou para pegar a minha manga, mas enquanto nós assistíamos, seus dedos passaram por mim e o meu braço sumiu.

Os tentáculos dourados se moveram com mais velocidade agora, fazendo o seu percurso ao redor do meu corpo como cobras. Eu vi enquanto as minhas pernas se tornavam translúcidas e então desapareciam.

Tudo aconteceu tão rápido que eu nem mesmo tive tempo para entrar em pânico. Tudo o que eu podia fazer era olhar para mamãe, que estava correndo pelas escadas na minha direção e gritando o meu nome.

— Mãe! — Eu senti os meus lábios se moverem, mas nenhum som saiu. Alguém mais estava correndo na direção do corredor, e eu pensei que pudesse ter sido papai. Mas então o brilho cobriu os meus olhos, me cegando. Houve a sensação mais estranha de ser puxada e empurrada, como se alguém estivesse tentando dobrar o meu corpo dentro dele mesmo, e eu estava me movendo com tanta rapidez que cada osso no meu corpo estralou. Era como ser arrancada por um tornado.

E então, tão abruptamente quanto, tudo parou.

Eu estava de pé, que pareceu ser um milagre, considerando o quanto eu estava tremendo. Minha respiração estava entrecortada saindo dos meus pulmões doloridamente, e eu estudei os meus pés e tentei me lembrar de como respirar sem soar como uma morsa hiperventilando. Eventualmente, os sibilos se tornaram mais como suspiros, mas ainda havia algo errado com os meus olhos. Eu estava usando tênis brancos sujos, mas agora, meus pés estavam pretos. E eu estava usando *meias na altura do joelho*?

Eu pisquei novamente. Na casa das Brannicks, eu estava usando jeans. Agora dos meus joelhos para cima, eu vi um rodopiar de azul, preto, e xadrez verde.

E então eu olhei para cima, e de repente, eu não estava mais com falta de ar. Eu nem estava respirando.

A casa estava ainda mais decrépita, e as samambaias que ficavam em volta da porta da frente estavam mortas. O que havia sido uma vez um "afundamento" na varanda era agora mais como uma cratera, e apesar de ser Agosto, não havia folhas em qualquer um dos carvalhos que uma vez haviam dado sombra ao local.

Eu não sabia como, ou porquê, mas não havia como negar.

Eu estava de volta à Hex Hall.

PARTE II



— Mas eu não quero ficar no meio de loucos, — Alice falou.

— Ah, não adianta. — disse o Gato. — Somos todos loucos aqui.

— *Alice no País das Maravilhas*

CAPÍTULO 13



Eu não estava sozinha de frente para o gramado de Hex Hall.

Havia uma multidão de crianças correndo a todo lado, talvez cem no total, todas olhando tão chocadas e agitadas quanto eu me sentia. Localizei Taylor, uma metamorfo de cabelos escuros que eu meio que tinha uma amizade, parada a alguns metros. Seus olhos se encontraram com os meus.

— Sophie? — ela disse, confusa. — De onde você veio? — ela olhou para baixo e pareceu notar que estava usando seu uniforme da Hecate. — De onde *eu* vim? — ela adicionou, mais para ela mesma do que para mim.

Balancei minha cabeça. — Eu não sei.

Um zumbido começou a se elevar do grupo de estudantes, e eu podia sentir a confusão se tornar pânico. Próximo, duas fadas — eu pensei que eram Nausicaa e Siobhan — abraçadas, brilhantes lágrimas coloridas caindo de suas asas.

Enquanto me movia pela multidão, eu podia apenas pegar trechos da conversação, mas ouvi palavras como, "luz dourada" e "ser capturado por um fino vento". Então o que quer que tenha acontecido, tinha acontecido comigo e com o resto deles também.

Eu tinha passado por muito nos últimos meses, mas isso me deixou paralisada. Fiquei parada lá, no gramado da Hex Hall usando meu uniforme, em volta de meus colegas de classe, e não tendo nem ideia do que fazer. Nós tínhamos finalmente feito planos nas Brannicks. Ir até Irlanda, ir até Lough Bealach. Reunir um bando de demonglass.

Meu ser magicamente se transportar de volta à Ilha Graymalkin — um lugar que tinha *estranhamente desaparecido* — não estava nos planos de ninguém.

Girando em volta, eu procurei por mais rostos familiares. Toda aquela área estava rodeada de neblina, obscurecendo qualquer coisa além das arvores de carvalho que delineavam em volta. Sobre a minha cabeça o sol era um quente disco branco atrás das nuvens cinzentas.

Ainda confusa, comecei a andar em direção à casa. E então eu escutei. — Sophie.

Virei-me. Seu cabelo rosa desbotado e seu rosto pálido, Jenna deu um sorriso instável. — Aí está você. — ela disse, como se estivéssemos separadas por poucos minutos e não por semanas.

Era um milagre eu não esparramá-la no cascalho quando corri em sua direção e joguei meus braços ao seu redor. Eu podia sentir suas lágrimas em minha clavícula, e eu estava tentando ao máximo não deixar muco por toda sua blusa, mas estávamos rindo.

— Oh, Pequena Jenna Rosa. — eu meio que chorei, meio que sorri. — Eu nunca estive tão feliz em ver um vampiro na minha vida.

Ela me apertou forte. — Eu nunca estive tão feliz em ser esmagada por um demônio!

Naquele momento, eu não me importei de ser colocada de volta em Hex Hall por algum tipo de assustadora magia negra, ou que provavelmente eu iria ser morta de um jeito ou de outro. Jenna estava aqui, e ela estava viva, e estávamos juntas. Todo o resto era solucionável.

Quando nos separamos, eu notei outro tipo de pedra de sangue em seu pescoço, essa era maior e mais ornamentada do que aquela que costumava usar. Jenna seguiu meu olhar e deu uma risada aquosa enquanto deslizava a pedra por sua corrente. — Sim, eu atualizei. — ela disse. — Eu consegui com Byron. Jurou que era cem por cento à prova de quebras.

Levantei uma sobrancelha, pegando o acessório elaborado de cor prata e ametista. — E também cem por cento desalinhado, mas se for para mantê-la segura, então eu concordo que use.

— Eu arranjarei um pra você com "BFF" escrito, em runas ou alguma coisa.

Eu ri com isso, provavelmente mais do que a piada merecia, mas eu estava tão aliviada em vê-la que eu me senti claramente volúvel. — Então você realmente estava com Byron todo esse tempo?

Ela acenou. — Sim. Aquela noite, depois de você voltar com Cal e Archer, os outros membros do Conselho vieram ao meu quarto. Eles me levaram para esse lugar anormalmente sinistro. — Jenna estremeceu com a memória, e eu tinha a sensação de que sabia exatamente onde ela ia terminar: a caverna como uma câmara debaixo de Thorne Abbey que servia como um tipo de sala de audiência mágica.

— Lara Casnoff me queria estacada. — Jenna disse, e minhas mãos apertaram as dela em reflexo. — Ela disse que era estúpido de alguma vez ter sido permitido que vampiros coabitassem com Prodígios, então eu tinha que ser executada. Sra. Casnoff pediu para ser a que faria.

Agora meu aperto na mão de Jenna era tão apertado, que deve ter machucado. Eu imaginei Jerra aterrorizada e tremendo, sendo deixada no andar superior por alguém que ela uma vez confiou, sabendo que a morte estava chegando.

Eu iria matar a Sra. Casnoff. Eu ia explodir aquele estúpido corte de cabelo de sua cabeça, uma vez que tivesse meus poderes de volta.

— Graças a Deus por ela. — Jenna disse, e eu pisquei.

— O que?

— Foi a Sra. Casnoff quem contatou Byron. Ela pegou minha pedra de sangue de mim porque disse que precisava de uma prova de que eu estava morta. Aparentemente quando você estaca vampiros, sua pedra de sangue explode. Então ela me enfiou pra fora de casa usando a passagem atrás...

— Atrás da pintura. — eu terminei. Eu tinha escapado de Thorne Abbey do mesmo jeito.

Acenando, Jenna disse: — Certo. Byron se encontrou comigo no limite da propriedade e me deu isso. — ela levantou o estranho pingente de seu pescoço. — Ele me levou de volta para o seu ninho em Londres, e deixe-me contar a você, esse lugar não tem comparação com o ninho do Senhor Assustador Byron em questão de estranheza. Mas Vix estava lá. — ela disse, sorrindo um pouco. Vix era a namorada de Jenna e outra vampira.

Mas então todo divertimento desapareceu do rosto de Jenna. — Eu ouvi a respeito de Thorne. Tudo que Byron soube era que seu corpo não tinha sido encontrado. Por o que, um mês, não houve notícias, e eu pensei...

Embalei meus braços ao redor dela de novo. — Eu sei. — murmurei. — Eu pensei a mesma coisa por muito tempo também.

Ela fungou e se afastou, esfregando seu nariz com a mão. — De qualquer forma, então ele começou a ouvir essas estranhas histórias de que você estava com as *Brannicks.*

— Eu estava. — eu disse, e quando ela ampliou seus olhos pra mim, levantei uma mão e disse: — É uma longa história, e eu prometo a você que vou contar tudo mais tarde. A versão resumida: minha mãe é uma Brannick, eu sou uma filha de um amor profano de uma Brannick com um demônio, e a barra de disfunção familiar está agora fixa bem alta.

Para o crédito de Jenna, ela sabia aguentar apenas com isso. — Ok então.

— A mais urgente questão agora é, porque estamos de volta a Hex Hall?

Jenna olhou em volta, passando pela névoa incomum, e pela apavorante casa arruinada (bem, ainda *mais* arruinada). — Alguma coisa me diz que não é pra uma reunião de classe.

— Você também foi puxada por um tipo de tornado mágico? — perguntei a ela.

— Não, eu voei para cá como morcego. É uma coisa nova que aprendi com Byron.

— Ha Ha. — eu ri golpeando seu braço.

Ela sorriu de volta e disse: — Sim, mesma coisa na verdade. Como ser puxado à força através do ar em nove infinitas[4] milhas por hora. — seu rosto se tornou sério. — Que tipo de mágica poderia fazer isso? Olhe em volta Soph. Parece que tem, pelo menos cem de nós aqui. Todos trazidos de só Deus sabe onde ao mesmo tempo. Isso não é apenas explícito, é...

— Assustador. — eu terminei.

O resto do grupo estava começando a se unir em volta da casa, e eu tive uma sensação de que estávamos todos esperando por alguém - ou alguma coisa - sair da porta. Como se em qualquer segundo, a Sra. Casnoff fosse para fora e iria ser mais outro ano de escola. Jenna e eu ficamos juntas, e permanecemos no fundo da multidão.

Alguém do meu outro lado acotovelou meu ombro, e me aproximei de Jenna para fazer mais espaço. E então uma mão se fechou sobre a minha.

Antes de virar minha cabeça, eu sabia.

— Mercer. — Archer sorriu pra mim. — Ótimo te encontrar aqui.

Por mais que eu quisesse, eu não podia jogar meus braços em volta de seu pescoço e beijá-lo. E eu realmente queria. Então arrumei para que enlaçasse os seus dedos com os meus e o puxei para mais perto.

---

[4] No original Bajillion, que quer dizer um número muito maior do que a quantidade normal; um conceito, como o infinito, em vez de um número.

Archer aqui, a salvo, sua mão na minha. E Jenna, pressionada no meu outro lado. Meu coração estava tão cheio, que mal podia respirar, e mesmo que eu tentasse manter isso claro, minha voz estava tensa quando falei: — Claro. Tudo está indo para o inferno, e você aparece. Eu devia saber.

Ele encolheu os ombros, mesmo que seus olhos estivessem queimando com a mesma emoção que estava correndo por minhas veias.

—Ah, Itália estava ficando entediante. Imaginei o que as donzelas estariam fazendo. Jenna. — ele disse, acenando para o meu lado.

Pude ver Jenna endurecer levemente; O Olho tinha matado a primeira namorada de Jenna, que também tinha sido a vampira que a tinha criado. Inútil dizer, ela não era exatamente a maior fã de Archer. Mesmo assim, ela deu um aceno curto. — Archer.

— Então, você foi coberto por uma luz dourada e sugado por um tipo de vórtex até chegar aqui também? — eu perguntei a Archer, tentando manter minha mente na tarefa em mãos e não na forma em que seus dedos estavam suavemente acariciando minha palma.

— Hmm? Ah, sim, luz dourada, então foi como se alguém estivesse usando meu corpo para fazer um origami. E então, bam, de volta a Hex Hall. Alguma ideia do que está acontecendo?

Foi Jenna quem respondeu. — Nenhuma. Você viu alguém que você lembra?

— Eu corri para Evan, o feiticeiro que costumava dividir o quarto comigo, enquanto eu estava procurando por você. Ele, hm, não estava tão feliz em me ver também.

Archer recuou um pouco enquanto levantava uma mão à sua maçã do rosto. Parecia um pouco inchada, e uma contusão já estava se formando. — Oh, certo. — eu quase esqueci dos rumores depois que Archer deixou a escola. — As pessoas acham que você matou Elodie. E tentou me matar, então talvez devamos soltar nossas mãos.

Eu não tinha certeza se Archer estava confuso ou puto ou alguma combinação dos dois, mas largou minha mão e disse: — Porque eu...

Mas o que quer que ele estivesse por dizer foi cortado pela porta de Hecate Hall que havia sido aberta lentamente. Todas as cabeças se viraram nessa direção, e eu juro que pude ouvir passos vindo de dentro. Segurei minha respiração e desejei que não tivesse dito a Archer me soltasse.

Sra. Casnoff veio para a luz turva, usando a mesma roupa que usava no dia que a conheci. Era a única coisa que continuava a mesma.

Ela parecia que estava dez anos mais velha desde a última vez que a vi, e suas mãos, que estendia em boas-vindas, estavam tremendo. Sua saia azul Royal e jaqueta pareciam segurar sua estrutura esquelética, e havia algum tipo de mancha negra em sua blusa de seda.

Mas o mais perturbador de tudo era, seu cabelo louro escuro, esse cabelo que estava sempre do lado errado, ameaçado ou encantado em um penteado ridiculamente enfeitado, estava agora completamente branco e escorrido em suas costas. Estava espalhado em sua cabeça como teias de aranha.

— Estudantes de Hecate Hall. — ela disse, sua voz soando como uma senhora idosa. — Bem-vindos ao novo semestre.

CAPÍTULO 14



— Ah meu Deus — Jenna murmurou, quando eu disse: — Santo inferno. — sob a minha respiração. Eu não iria repetir o que Archer disse.

Alguém na multidão - eu acho que foi Taylor - gritou: — Mas a escola está fechada. Todo mundo estava dizendo...

Sua voz foi sumindo, e uma das fadas saltou, sua voz alta e clara. — Você não tem o direito de nos trazer aqui. As Fadas não estão mais em aliança com o resto do Prodígio. Em nome do tribunal Seelie, eu exijo que você nos envie para casa. — Ah. Isso foi Nausicaa. Ela era a única das fadas que falava como se estivesse ensaiando uma peça.

Ao meu lado, Jenna se inclinou mais perto e disse: — As Fadas romperam sua aliança? Você sabia disso?

Eu balancei minha cabeça quando a Sra. Casnoff prendeu Nausicaa com um olhar. Não importa o quanto ela parecia frágil, ela ainda podia jogar um belo de um olhar malvado. — As alianças e tratados não têm significado aqui no Hecate Hall. Uma vez você foi um aluno aqui, sua fidelidade é para a escola. Sempre. — Ela deu um sorriso que era mais parecido com uma careta. — Está no código de conduta que você assinou quando você foi sentenciada para cá.

Eu lembrei disso, um panfleto grosso que eu mal tinha lido antes de rabiscar o meu nome na linha pontilhada. De repente eu desejei que tivesse o poder de viagem no tempo para que eu pudesse ir ver a Sophie De Um Ano Atrás e dizer a ela para ler as coisas antes de assinar.

— Agora, eu tenho certeza que existem muitas perguntas. — Sra. Casnoff continuou no que tinha de ser o eufemismo do ano. — Mas por agora, vão para os seus quartos. Tudo será explicado na assembleia desta noite.

— Isto é uma porcaria! — alguém gritou. Levantei-me na ponta dos pés e vi um rapaz alto, com cabelo avermelhado.

— Evan. — Archer murmurou.

A multidão meio que fugiu para longe do menino quando ele e a Sra. Casnoff se enfrentaram.

— Desculpe, Sr. Butler? — Sra. Casnoff perguntou, e desta vez, ela parecia muito mais com seu antigo eu e menos como uma frágil e velha senhora.

— O Olho e as Brannicks vêm tentando nos matar por anos, e a maldita escola desapareceu. E agora, o que, todos nós supostamente devemos apenas iniciar um novo ano escolar?

Ninguém estava sussurrando agora. Na verdade, tudo tinha ficado anormalmente calmo, eu percebi. O vento havia morrido, não havia nenhum pássaro, nenhum som distante do oceano. Isso era como se a ilha estivesse segurando a respiração.

— Basta. — Sra. Casnoff disse. — Como eu disse, a assembleia esta noite vai responder a todas...

— Não! — Evan gritou, sua voz ecoando no ar parado. — Eu não vou pôr os pés naquele lugar até que você nos diga o que diabos está acontecendo. Como você conseguiu nos trazer aqui? Por que *ele* está aqui? — Evan apontou o polegar para Archer, e várias pessoas olharam em nossa direção. Archer estava usando uma expressão de tédio, mas a contusão em seu rosto estava mais escura contra a sua pele de repente pálida.

— Sr. Butler. — Sra. Casnoff disse, ficando mais alta. — Pare com isso. Agora.

Evan bufou. — Dane-se isso. — A garota próxima a Evan, uma bruxa cujo nome eu pensei que era Michaela, colocou a mão em seu braço e disse alguma coisa a ele, mas ele balançou o braço. — Não há nenhuma maneira que eu esteja gastando mais um ano em alguma mansão podre, escondido do mundo inteiro. Não quando uma guerra está vindo. — Com isso, ele empurrou seu caminho no meio da multidão, com os pés levantando uma nuvem de poeira na calçada de cascalho.

— Evan. — a voz da Sra. Casnoff disse, e dessa vez, havia mais do que raiva ou irritação. Soou mais como um aviso.

Mas Evan nem sequer se virou.

— O que diabos ele vai fazer, nadar até o continente? — eu murmurei sob a minha respiração.

A essa altura, Evan tinha chegado ao paredão de neblina circulando a casa. Ele hesitou, vi seus ombros ir para cima e as mãos cerrarem os punhos ao seu lado, como se estivesse tentando concentrar-se. Ele ergueu a mão, vi um par de faíscas dispararem a partir de seus dedos. Eles morreram quase imediatamente com um som fraco de estalo, como um molhado fogo de artifício.

Ao meu lado, Archer mexeu os próprios dedos, e a mesma coisa aconteceu com sua magia. — Sem poderes permitidos, aparentemente. — ele murmurou.

Olhei para trás, para Evan e pensei que ele provavelmente voltaria agora. Em vez disso, ele moveu um pé na neblina.

Por um momento, ele estava ali congelado, metade dentro, metade fora da névoa cinzenta. — O que está acontecendo? — Jenna perguntou.

— Por que ele não está se movendo?

— Eu não sei. — eu disse, e Archer escorregou a sua mão em volta da minha.

Isso foi quando Evan começou a gritar. Como vimos, a névoa parecia crescer, tentáculos envolveram todo o resto do corpo de Evan. Um agarrou seus braços, engolindo-os, quando um segundo se curvou em torno de seu torso. Um terceiro serpenteava sinuosamente em torno de sua cabeça, e os gritos de Evan de repente pararam. E então ele se foi.

Ninguém se mexeu. Acho que essa foi a parte mais estranha, não houve gritos ou desmaio. Isso foi real. Evan estava... Bem, se não estava morto, então desaparecido.

Quase como um, a multidão de estudantes virou-se para enfrentar a Sra. Casnoff. Eu não sabia o que esperava que ela dissesse ou fizesse. Tagarelar, talvez. Ou abaixar a cabeça para nós e presunçosamente declarar: — Eu lhe disse para não ir.

Mas ela estava encostada na varanda, e ela não parecia convencida, ou satisfeita, ou mesmo severamente satisfeita. Só velha e cansada e talvez um pouco triste.

— Vão para dentro. — ela nos disse com indiferença. — Seus quartos são os mesmos que eram no semestre anterior.

Houve outra pausa, e então, lentamente, os alunos mais próximos da casa começaram a ensaiar seus passos.

— O que fazemos? — Jenna perguntou.

— Eu acho que entrar. — eu disse. — É melhor do que sermos comidos por um nevoeiro. Eu acho que eu prefiro me arriscar com a casa.

Nós seguimos a multidão, fazendo o nosso caminho para a varanda. Quando passamos pela Sra. Casnoff, eu parei. Eu não tinha certeza do que eu queria dizer a ela, ou o que eu queria que ela dissesse a *mim*. Eu só sentia como se devêssemos reconhecer uma a outra de alguma forma. Mas mesmo que eu estivesse apenas a três metros dela, a Sra. Casnoff nem sequer olhou na minha direção. Ela ficou no corrimão, respirando trêmula, olhando para fora, para onde Evan tinha desaparecido. Finalmente, eu me virei e atravessei a porta da frente.

De dentro da casa, eu podia ouvir suspiros e soluços abafados, então eu me preparei para Hex Hall estar tão ferrado quanto a ilha.

Eu não tinha me preparado o bastante. A primeira coisa que me atingiu foi o calor.

A ilha Graymalkin estava fora da costa da Geórgia, e estava em meados de agosto, por isso já estava loucamente úmido lá fora. Mas a casa sempre foi fresca e confortável. Agora estava abafado, o ar era quase demasiado grosso para respirar. Eu podia sentir o cheiro de mofo e umidade, o papel de parede estava descascando em alguns lugares. A primeira vez que estive em Hex Hall, eu pensei que parecia grosseiro e sujo. Em seguida, que tinha sido um feitiço que me fazia ver assim. Eu não acho que era o caso agora.

Havia também algo estranho acontecendo com a luz. Lembrei-me do corredor principal como sendo bem iluminado, mas agora era tão sombrio que as peças da sala desapareciam nas sombras.

Dei um passo à frente, e algo estalou sob meu pé. Olhando para baixo, vi que era um vidro colorido. E então, percebi por que tudo parecia tão diferente. O enorme vitral que havia dominado o espaço foi quebrado. Ele havia representado a origem dos Prodígios, um anjo com uma enorme espada chutando três anjos que viriam a tornarem-se bruxas, metamorfos e fadas, fora do céu. Mas agora estava faltando a cabeça do anjo vingador e mais a espada, havia um buraco enorme, recortada no meio das outras três figuras. Parecia que eles haviam sido cortados pela metade por algo com garras gigantes.

Por alguma razão, foi essa a janela quebrada que me chamou atenção. Aparentemente, eu não estava sozinha nisso. A poucos metros na minha frente, um grupo de quatro bruxas olhou para o anjo sem cabeça, seus braços em volta unas das outras. — O que está acontecendo? — Uma delas chorava tristemente. Ninguém tinha uma resposta.

Archer, Jenna e eu não estávamos exatamente agarrando uns aos outros e chorando, mas nós estávamos muito abalados da nossa maneira.

— Ok. — eu disse finalmente. —Podemos todos concordar que esta é sem dúvida a pior situação que já nos encontramos, certo?

— Concordo. — disseram em uníssono.

— Maravilha. — Eu dei um pequeno aceno de cabeça. — E talvez algum de vocês tenha alguma ideia do que devemos fazer sobre isso?

— Bem, não podemos usar magia. — Archer disse.

— E se tentarmos sair, seremos comidos por um Monstro Neblina. — Jenna acrescentou.

— Certo. Portanto, não há planos, então?

Jenna franziu a testa. — Além de balançar na posição fetal por um tempo?

— Sim, eu estava pensando em ir num daqueles chuveiros em que se encolhe no canto todo vestido e chora. — Archer ofereceu.

Não poderia ajudar além de segurar o riso.

— Ótimo. Então, vamos todos corrigir nossas falhas mentais, e depois nós vamos começar a pensar em alguma forma de nos livrar dessa confusão.

— Eu acho que nossa melhor aposta é a de ficar quieto por enquanto. — Acher disse. — Vamos deixar a Sra. Casnoff pensar que estamos todos muito chocados e admirados para fazer algo. Talvez esta noite a assembleia nos dê algumas respostas.

— Respostas. — eu praticamente suspirei. — Para agora.

Jenna me deu um olhar engraçado. — Soph, você está... Sorrindo?

Eu podia sentir minhas bochechas doendo, então eu sabia que eu estava. — Olha, vocês dois tem que admitir: se queremos descobrir o que as Casnoffs estão conspirando, este é praticamente o lugar perfeito.

— Minha garota tem um ponto. — Archer disse, sorrindo para mim. Agora minhas bochechas não só doíam, elas queimavam.

Limpando a garganta, Jenna disse: — Ok, assim todos nós vamos até os nossos quartos, em seguida, após a assembleia de hoje à noite podemos nos reagrupar e decidir o que fazer.

— Fechado. — eu disse quando Archer concordou com a cabeça.

— Vamos todos apertar as mãos agora? — Jenna perguntou depois de uma pausa.

— Não, mas eu posso fazer algum tipo de aperto de mão secreto se você quiser. — Archer disse, e por um segundo, eles sorriram um para o outro.

Mas com a mesma rapidez, o sorriso desapareceu do rosto de Jenna, e ela me disse: — Vamos. Eu quero ver se o nosso quarto está tão horripilante como o resto deste lugar.

— Boa ideia. — eu disse. Archer apertou suavemente a minha mão.

— Vejo você mais tarde, então? — Ele perguntou. Sua voz era casual, mas a minha pele estava quente, onde ele me tocou.

— Definitivamente. — eu respondi, imaginando que mesmo uma garota que tem que parar um par de bruxas malvadas e proteger o mundo poderia dar um tempo para beijar em *algum lugar*.

Ele se virou e foi embora. Enquanto o assistia ir, eu podia sentir Jenna olhando para mim. — Tudo bem. — reconheci com um dramático rolar de seus olhos. — Ele é *um pouco* sonhador.

Eu dei uma cotovelada gentilmente nela. — Obrigada.

Jenna começou a caminhar para as escadas. — Você vem?

— Sim. — eu disse. — Já vou. Eu só quero dar uma olhadinha rápida aqui embaixo.

— Por que, para você ficar ainda mais deprimida?

Na verdade, eu queria ficar lá embaixo apenas um pouco mais para ver se alguém aparecia. Até agora, eu tinha visto quase todos que eu lembrava do ano passado no Hex Hall. Cal teria sido arrastado pra cá, também? Tecnicamente, ele não era um estudante, mas a Sra. Casnoff tinha usado bastante os seus poderes no ano passado. Será que ela ainda o queria aqui?

Para Jenna, eu apenas disse: — Sim, você me conhece. Eu gosto de cutucar feridas.

— Ok. Tenha seu momento Nancy Drew.

Ela correu até as escadas. Esperei no hall de entrada por cerca de quinze minutos, mas não havia nenhum sinal de Cal, ou qualquer uma das Casnoffs. Curiosa, andei na direção do porão. Era um corredor estreito ao lado do hall de entrada, e enquanto o corredor sempre teve uma iluminação suave, agora estava completamente coberto de sombras. Eu podia enxergar a porta de madeira, tive que mover minhas mãos sobre ela por um tempo antes de encontrar a maçaneta. Eu torci, mas estava trancada. É claro.

— Eu já tentei. — Archer disse de trás de mim.

Fiquei feliz por estar escuro, assim não podiam me ver corar de novo. — Eu disse a você, Cross. Só haverá beijos em castelos e restaurantes de agora em diante. — Eu me virei de costas para porta.

Ele caminhou para frente. — Ah, mas isso é tecnicamente *fora* do porão. — ele murmurou, enquanto me puxava para os seus braços.

CAPÍTULO 15



Assim que nossos lábios se encontraram, eu estava contente que minhas costas estavam contra a porta. Meus joelhos estavam *definitivamente* em perigo de me derrubar. Archer passou os braços em volta da minha cintura e me segurou mais apertado enquanto eu segurava sua camisa e derramei tudo o que estava sentindo nas últimas semanas dentro do beijo - o desespero que senti quando eu achava que ele estava morto, o alívio que eu senti agora, pressionada entre ele e a porta do porão.

Quando finalmente nos separamos, descansei minha testa em sua clavícula e respirei fundo. Depois de alguns minutos era capaz de falar. — Eu pensei que você disse que faria isso "mais tarde".

Ele beijou minha têmpora. — Foi tipo, vinte minutos. Isso conta como mais tarde.

Rindo, eu levantei minha cabeça para olhar para ele. — Eu meio que senti sua falta.

Mesmo estando escuro, eu podia vê-lo sorrir. — Eu meio que senti sua falta também.

— Eu provavelmente deveria subir as escadas agora.

— Você provavelmente devia. — ele murmurou, baixando sua boca na minha.

Quando finalmente consegui ir até Jenna e meu quarto, eu estava praticamente pulando. Mas assim que entrei pela porta, meus sentimentos felizes evaporaram tão rapidamente, que praticamente ouvi o "bum".

— Ah, cara. — eu disse suavemente. — Por que eu continuo a ser surpreendida quando tudo acaba duro e deprimente?

Jenna estava sentada no meio da sua cama. — Eu achei que a janela era o pior. — ela disse calmamente. — Ou, você sabe. Evan ser comido. Mas agora eu realmente sinto vontade de chorar.

Nosso quarto nunca tinha sido o que alguém chamaria de luxuoso, mas graças ao amor obsessivo de Jenna por rosa, que tinha sido... ok, eu ia dizer "confortável" mas "brilhante" e "talvez um pouco louco" provavelmente eram melhores descrições. Ainda assim, tinha sido nosso e eu nunca tinha percebido o quanto as luzes de Jenna, lenços e seu edredom Framboesa Elétrico tinha feito eu me sentir em casa no dormitório minúsculo.

Não havia luzes agora. Apenas duas camas, empurradas para paredes opostas, uma mesa surrada e uma cômoda pesada do outro lado. O espelho acima da cômoda estava marcado e rachado, distorcendo nossas imagens. Talvez fosse essa luz cinza do nevoeiro ou talvez fosse apenas esta sala, como o resto da casa, parecia ter tido toda a cor sugada para fora dele. Fosse o que fosse, este dormitório não era mais a minha casa. Na verdade, parecia uma terrível cela de prisão.

Comecei a dizer aquilo a Jenna enquanto me movia para a porta. Mas no segundo que fiz, a porta bateu atrás de mim, forte o suficiente para me fazer saltar. Pelo corredor, eu podia ouvir outras portas batendo também e alguns gritos abafados.

— Trancada? — Jenna adivinhou. Eu balancei a maçaneta. — Sim.

— Você acha que Archer está certo em dizer que todo mundo aqui usa magia negra? Ou talvez o nevoeiro, ele e a magia de Evan... Magia negra.

Atravessando para o armário, suspirei e disse: — Estou apostando que as crianças aqui usam magia negra, mas isso realmente não importa.

— Eu escancarei o armário. Assim como pensava, as únicas coisas penduradas dentro eram os uniformes de Hex Hall. — Eu estou parando com a magia negra esses dias. — eu disse a Jenna por cima do meu ombro. — Além disso, talvez devêssemos parar de dizer magia negra. Está começando a parecer estranho.

Ela sentou-se reta. — O quê?

— Você sabe, quando você diz coisas demais, e...

— Sophie. — Jenna disse, inclinando a cabeça e franzindo a testa para mim.

Suspirando, sentei-me na minha própria cama, de frente para ela.

— Graças a esse "presentinho" do Conselho, atualmente estou sem poderes.

Sua expressão suave, Jenna suspirou: — Oh, Soph. Sinto muito.

— Não é tão ruim quanto parece. — eu disse a ela. — Os meus poderes não se foram *para sempre*. Eles ainda estão girando por aqui, mas não posso usá-los a menos que eu toque neste particular - uou.

— O quê?

Eu atravessei o quarto para sentar no final da cama de Jenna. — Há uma mágica no grimoire da família Thorne. Se eu tocá-lo, meus poderes serão restaurados. E meu pai tinha certeza que as Casnoffs tinham o grimoire. Pode estar *aqui*, Jenna. — Eu deixei sua cama rapidamente quando minha magia bateu dentro de mim. — Se encontrarmos, poderia ser um demônio antes da hora do jantar. — E, possivelmente, usando os meus poderes contra as Casnoffs. Medo, oleoso e quente, deslizou por cima de mim com a ideia, e de repente me senti doente.

— Ou Lara poderia tê-lo.

— O quê? — Eu perguntei. — Ah. Lara. Droga, eu não tinha pensado nisso. — Senti minha magia voltar a se instalar na boca do estômago, quase como se estivesse decepcionada também.

— Nós ainda podemos procurar. — Jenna disse rapidamente. — Ou Lara pode mostrar. Nós vamos encontrar uma maneira de obter os seus poderes de volta, Soph.

Eu sorri para ela. — Jenna, mais uma vez, os *seus* poderes de Impressionar me surpreendem.

— É uma habilidade. — ela concordou, balançando a cabeça tristemente. Rindo, joguei um travesseiro para ela, e por um momento, era como se nada tivesse mudado, nós éramos apenas Sophie e Jenna, brincando no nosso dormitório, se preparando para ir para Métodos de Execução Mágica 1500 - Presente, ou alguma outra classe chata. Pela próxima hora ou algo assim, nós nos sentamos em nossas camas e enchemos uma a outra em tudo o que tinha sido até o mês passado. Ela me disse que a vida

tinha sido como a de Byron (nenhuma surpresa, havia muitas roupas de veludo e beber sangue de crânios, "versão Byron da noite do microfone aberto", disse Jenna com um arrepio).

— Eu me pergunto o que Vix acha que aconteceu comigo. — Jenna disse. — Eu estava em pé ao lado dela quando apareci de volta aqui.

— Você vai voltar para ela, Jenna. Prometo.

Eu não tinha certeza o quanto Jenna acreditou nisso, mas ela balançou a cabeça. — Eu sei. Ok, então agora me conte tudo sobre as Brannicks.

Então eu fiz, incluindo Finley e Izzy e o reaparecimento de meu pai e Cal. Eu até confessei sobre Cal e meu noivado, o beijo, e tudo o que tinha acontecido com Archer voltando a Thorne Abbey. Até quando comecei a contá-los, eu não tinha percebido quantos segredos tinha escondido de Jenna.

Eu acho que até ela estava um pouco chocada, porque ela ergueu as sobrancelhas e disse: — Uau. Você estava mais ocupada do que pensei neste verão.

— Você está zangada?

Ela considerou, em seguida, disse: — Não. Eu sinto que deveria estar, mas... — Ela suspirou. — Eu entendo porque não foi fácil falar comigo sobre as coisas de Archer. Além disso, passei quase um mês pensando que estivesse morta, por isso é difícil sentir qualquer coisa mais que *Uhul, Sophie*, você sabe?

Alívio cresceu através de mim. — Bem, bom. Porque se vou chegar ao fundo de tudo o que está acontecendo aqui, eu definitivamente vou precisar da minha companheira vampira.

Jenna bufou e jogou o cabelo dela. — Tanto faz. Você é obviamente a ajudante. Com esse cabelo e todos esses comentários sarcásticos?

— Hmmm. — eu disse, fingindo pensar sobre isso. — E você tem um passado muito angustiante?

Jenna acenou com a mão. — Exatamente. Vampiro para a vitória!

Nós rimos novamente. Em seguida, olhei pela janela. O céu cinza já estava escurecendo, e o nevoeiro parecia deslizar cercando a casa.

Jenna tinha ficado quieta. — O que você acha que vai acontecer conosco?

A primeira coisa que veio à mente foi "Nada de bom", mas em vez disso, passei um braço por sobre seus ombros e disse: — Nós vamos ficar bem. Pense em todas as coisas que já passamos. Você acha que um pequeno nevoeiro assassino vai entrar no nosso caminho? Rá!

Jenna não parecia convencida, mas ela disse: — Eu não tenho certeza se você está confiante ou delirante, mas obrigada mesmo assim.

O céu estava quase negro com o passar do tempo, quando a nossa porta finalmente se abriu. A voz da Sra. Casnoff, fina e esganiçada como antes, foi levada pela escola. — Os alunos, neste momento, por favor, reúnam-se ao salão de baile.

Jenna e eu nos juntamos aos dirigidos grupos de jovens descendo as escadas. Ninguém estava chorando agora, então acho que era uma melhora.

— Sophie. — Taylor disse, aparecendo junto ao meu cotovelo. Sua voz estava em uma espécie irreconhecível porque suas pressas estavam para fora. — Então, o que é tudo isso?

— Como eu poderia saber? Eu estou tão ignorante como todos os outros.

Ela franziu a testa, que teve o efeito de empurrar os incisivos ainda mais longe. Tinha passado um tempo desde que tinha estado em torno de metamorfose; eu tinha esquecido como eles poderiam ser inquietantes. Presos entre humanos e animais, que poderiam definitivamente fazer você pirar na batatinha.

— Mas seu pai era presidente do Conselho. — ela disse. — E você estava com o Conselho durante todo o verão. Você deve saber de alguma coisa.

— E por que Archer Cross está aqui? — Isso foi de Justin. Sua voz tinha aparentemente mudado durante o verão, já que ele realmente disse as palavras ao invés de rangê-las. — Ele é um Olho.

— Ele não tinha tentado matar você? — Nausicaa tinha se afastado, e estreitado os olhos para mim. — E em caso afirmativo, por que exatamente você estava segurando a mão dele antes?

Conversas como essa geralmente terminavam em forquilhas e tochas, então segurei minhas mãos em o que esperava era um "todo mundo, muita calma agora" gesto. Mas então Jenna falou. — Sophie não sabe de nada. — ela disse, empurrando-me para atrás dela. Isso poderia ter sido mais eficaz se Jenna não fosse tão pequena. — E qualquer que seja a razão para estarmos aqui, o Conselho não tem nada a ver com isso. — Jenna não acrescentou que isso era porque todo o Conselho, com exceção da Lara Casnoff e do meu pai, estavam mortos. — Ela está tão assustada como o resto de nós, assim deixem-na em paz. — Pelas expressões nos rostos das crianças, achei que Jenna tivesse mostrado os dentes, e talvez até mesmo dado um flash dos seus olhos vermelhos.

— O que está acontecendo aqui? — Uma voz familiar zurrou. Ótimo. Como se esta noite não fosse uma droga o suficiente. Vandy - quem tinha sido um cruzamento entre inspetora da escola e guarda de prisão em Hex Hall - empurrou seu caminho através da multidão, respirando com dificuldade. Suas tatuagens roxas, marcas da remoção, estavam quase pretas contra seu rosto vermelho. — Lá embaixo, agora! — Quando o grupo começou a se mover novamente, ela olhou para mim e Jenna. — Mostre suas presas novamente, Senhorita Talbot e vou usá-las como brincos. Isso está entendido?

Jenna pode ter murmurado: "Sim, senhora", mas seu tom de voz disse algo totalmente diferente. Nós corremos escada abaixo para nos juntar ao resto dos alunos fazendo fila para entrar no salão. — Uma coisa que não mudou em Hex Hall. — Jenna disse.

— Sim, aparentemente os poderes vingativos de Vandy são uma constante. Eu acho isso reconfortante.

O menos reconfortante era o clima assustador da escola à noite. Durante o dia, ela tinha acabado sendo deprimente. Agora que estava escuro, era super sinistro. As lâmpadas antiquadas de gás nas paredes estavam queimando com uma luz aconchegante de ouro. Agora, um brilho verde nocivo emitia faíscas dentro do vidro leitoso, lançando loucas sombras por todo o lugar.

Quando nos movemos pelo corredor, parei em um dos salões. A grande janela que tinha dado para o lago (e para a cabana de Cal) estava quebrada. Mais do que a terrível neblina deslizando para dentro pela janela irregular, girando em torno do chão. Notei que muitas das fotografias que cobriam as paredes estavam agora deitadas sobre o tapete.

— Eu sei que "O Que Está Acontecendo?" se tornou praticamente um slogan por aqui... — eu disse a Jenna. —Mas, sério. O que *está* acontecendo?

Jenna estudou o nevoeiro e balançou a cabeça. — É como se a casa estivesse doente. — ela disse. — Ou envenenada. A ilha também.

— Talvez. Quero dizer, as Casnoffs têm um buraco gigante que elas usam para criar demônios. — Archer e eu tínhamos encontrado esse poço durante o verão, e eu ainda tinha pesadelos com os zumbis que o tinham guardado. — Magia negra - o *mal*... Você acha que isso realmente pode infectar um lugar?

Sua expressão preocupada, Jenna murmurou: — Não seria surpresa para mim.

— Janelas quebradas é um novo tema de decoração por aqui? — Archer perguntou, vindo por trás de Jenna e eu, e enfiando a cabeça na sala.

— É o que parece. — eu disse. Eu ainda estava olhando para fora quando uma luz tênue apareceu na escuridão. Levei um minuto para perceber que vinha da cabine de Cal. Era alguém lá fora? *Cal* estava lá fora?

Mas tão rapidamente como tinha aparecido, a luz se apagou novamente. Com o cenho franzido, virei para a porta, e deslizei o meu braço para o de Archer. Então me lembrei do que Nausicaa havia dito anteriormente. Agora não era exatamente o melhor momento para andar de mãos dadas, provavelmente.

Nós três nos arrastamos atrás de todos os outros no salão de baile. Aqui, pelo menos, as coisas pareciam mais ou menos o mesmo. Claro, o salão tinha sido sempre uma das salas mais bizarras no Hall Hex, de modo que não mudou muito. Ainda. Fiquei aliviada ao ver a confusão familiar de mesas e cadeiras e não, como, tocos de árvores ou qualquer outra coisa.

Mas então olhei para frente da sala, e qualquer alívio que eu poderia ter sentido evaporou. A Sra. Casnoff estava afundada em sua cadeira de sempre, com o olhar perdido na distância. Seu cabelo estava preso, mas ainda estava despenteado. Vandy também estava sentada à mesa, mas os outros três professores que tivemos em Hex Hall - Sra. East, Sr. Ferguson, e Byron, é claro - estavam faltando.

E sentando na outra ponta da mesa, vestindo com um terno azul brilhante, sorridente como se ela estivesse em uma festa de chá maluca, estava Lara Casnoff.

CAPÍTULO 16



De alguma forma, eu passei pelo jantar. Bem, eu empurrei a comida no meu prato. Jenna e Archer fizeram o mesmo. Na verdade, enquanto eu olhava em volta, tudo o que eu vi foram pratos cheios. Talvez fosse o medo ou o nervoso que estava fazendo com que ninguém comesse, mas para mim, era esta mistura estranha de raiva e júbilo. Lara Casnoff havia tirado tanto de mim, os meus poderes doíam para fazer algum dano grave. Mas ao mesmo tempo, o fato de que ela estava aqui significava que era bem provável que o *grimoire* estivesse aqui também. Eu estava perdida em pensamentos sobre onde o livro poderia estar quando Lara ficou de pé, bateu palmas, e anunciou: — Se vocês já terminaram de comer, nós podemos continuar com a apresentação.

— Você acha que haverá um número de dança? — Jenna murmurou enquanto nós virávamos as cadeiras para ficarmos de frente para a sala. Eu sempre apreciei uma boa piada sobre número de dança, mas era difícil rir enquanto eu encarava a mulher que havia tentado me matar mais de uma vez. Eu desejei que ela olhasse para os meus olhos, para que houvesse algum tipo de reconhecimento do que havia acontecido este verão. Mas ela nunca me olhou.

Eu senti uma sensação quase insuportável de *déjà vu* quando sentei em minha cadeira, Archer ao meu lado, e vi Lara Casnoff de pé na frente da sala. Foi apenas há um ano atrás que Archer e eu havíamos sentado nessa mesma sala, praticamente estranhos? Na época quando eu achava que era apenas uma bruxa normal. Na época quando Hex Hall havia sido uma escola e não algum tipo de prisão.

Lara ergueu suas mãos dando boas-vindas. — Eu tenho certeza que todos vocês estão se perguntando o motivo para vocês estarem aqui. — ela disse, sua voz soando alta e clara na sala silenciosa. Todos os estudantes estavam bem parados. Não havia nada daquela agitação e raiva que havia nos enchido mais cedo. Talvez fosse porque todos nós quiséssemos respostas. Ou talvez nós apenas estivéssemos com medo de sermos comidos também.

— Primeiro de tudo, deixe-me pedir desculpas pelas presentes acomodações. — Lara continuou, andando pela frente da sala. Seus saltos reverberavam tão alto como tiros. — Nós estamos canalizando uma grande quantidade de magia na proteção de vocês aqui em Hecate Hall, e estou com medo de que isso tenha afetado a casa em si. Mas então, essa escola nunca foi concebida para ser um hotel de cinco estrelas, não é? — Ela ainda estava sorrindo, mas havia uma dureza em seus olhos agora. — De qualquer modo, eu sou Lara Casnoff, e estarei trabalhando com Anastásia Casnoff como diretora este ano. Agora, tenho certeza que vocês têm muitas perguntas. Mas primeiro, acho que é hora de nós contarmos a verdade sobre os eventos que ocorreram neste verão.

Um pontinho cintilante apareceu ao lado de seu quadril, e eu sabia o que estava por vir. Com certeza, o pontinho cresceu até que fosse uma tela enorme, brilhante. E então estávamos todos

protegendo nossos olhos quando o fogo passou pela tela. — Esta é a Sede do Conselho em Londres,— Lara disse por cima do som das chamas. — Vários meses atrás, L'Occhio di Dio, juntamente com um grande grupo de Brannicks, atacou. Mais da metade do Conselho foi morto, e este foi o resultado. — Ela gesticulou para o prédio em chamas.

A voz de Lara ecoou novamente. — E então, somente alguns meses depois, O Olho atacou nossa Sede secundária em Thorne Abbey. — Na tela, a casa pairava, tão imensa e impressionante como no primeiro dia que eu havia visto. Olhando para ela, eu senti uma onda de tristeza me lavar. Eu havia sido feliz lá. Também havia me assustado e sido quase morta mais de uma vez, mas mesmo assim. Era onde eu havia conhecido mais sobre a minha história. É onde eu conheci melhor o meu pai.

Mais uma vez, uma luz alaranjada brilhante quase me cega quando Thorne Abbey foi encoberta pelas chamas. — Thorne Abbey foi destruída. Anastásia e eu tivemos sorte de escapar com nossas vidas. Infelizmente, o Chefe do Conselho, James Atherton, não teve tanta sorte.

Várias cabeças se viram na minha direção, e eu me esforcei para manter meu rosto impassível. Quando olhei da tela para Lara, vi que ela estava olhando bem na minha direção.

— Não há dúvidas de que agora nós estamos em guerra com os nossos inimigos. — Lara disse. — O Olho e as Brannicks não ficarão felizes até que todos os Prodígios sejam varridos da face da terra. — Ela bateu palma uma vez, e a tela se encolheu de volta até um pontinho, e sumiu de uma vez. — E é por isso que todos vocês estão aqui.

Eu percebi que estava sentada na beirada da cadeira.

— Por que todos vocês foram mandados para Hecate Hall originalmente? — Lara perguntou. De primeira, eu pensei que ela não queria uma resposta de verdade, mas então ela assentiu para uma das bruxas mais novas.

A garota olhou em volta antes de responder, — Porque nós fizemos algo errado. Expusemos os nossos poderes para o mundo humano.

Lara balançou a cabeça. — Não é que sua magia estava errada. — ela disse. — É que a sua magia era forte. Poderosa. Isso não é nada para se ter vergonha. E certamente não é algo pela qual você deva ser punida. Você, — ela abriu bem os braços — todos vocês, são as pessoas mais valiosas na sociedade Prodígio. Vocês sentem como se os seus poderes estivessem fora de controle, mas eles não estão. Eles simplesmente são muito intensos para vocês lidarem às vezes.

Era próximo de algo que Cal havia dito a mim em Throne Abbey, que os meus feitiços não eram destrutivos e sim "muito grandes".

— Então você vai nos ensinar a controlá-los? — Eu escutei alguém falar.

O sorriso de Lara se espalhou em seu rosto, tão grande e cintilante que era na verdade aterrorizante. — Melhor do que isso. Vocês todos foram trazidos aqui por uma razão muito especial.

— Isso não vai ser bom, vai? — Jenna sussurrou.

— Talvez o propósito especial nos envolva comendo bolos? — Eu sugeri. — Ou, tipo, brincar com unicórnios? Isso pode realmente ser possível.

Jenna me estudou. — Você deve estar *realmente* assustada.

Eu estava. E no final, eu estava certa em estar, porque a próxima coisa que a Lara disse foi: — Por centenas de anos, os Prodígios estiveram procurando por uma maneira de se tornarem mais fortes. Mais poderosos. Invencíveis, até. — Mais uma vez, seus olhos encontraram os meus. — E agora nós encontramos uma maneira. Clarice?

Vandy se levantou da mesa, uma pequena sacola de veludo em sua mão. Ela alcançou dentro dela e tirou um pedaço amassado e rasgado de papel, segurando-o acima da cabeça dela para que todos pudessem ver. Minha magia começou a fazer uma dança dentro do meu peito.

— O que é? — Archer me perguntou.

Eu não tive chance de responder. — Isso é um pedaço de papel que é a chave para a nossa salvação. — Lara continuou. — Nele está o mais poderoso feitiço já criado. Ele pode embutir cada um de vocês com a mais poderosa magia no universo. E não somente esse feitiço irá manter vocês a salvo dos nossos inimigos, isso permitirá que vocês os eliminem de uma vez por todas.

De repente, tanto as mãos do Archer como as da Jenna se apertaram nos meus pulsos.

— O quê? — eu sussurrei, olhando para trás entre os dois.

— Você estava prestes a se levantar. — Archer respondeu através de dentes apertados, nunca tirando os olhos da Lara.

— E então você provavelmente iria começar a gritar sobre como ela irá nos transformar em demônios. — Jenna acrescentou, tão baixo que eu mal pude ouvi-la. — E nós estamos permanecendo discretos, lembra?

Eles estavam certos. E Lara já estava me assistindo, aquele mesmo sorriso horripilante curvando seus lábios. Ela queria que eu pulasse e começasse a gritar sobre demônios e controle da mente. E então eu pareceria uma louca e seria isso. Assim, apesar de que estava me matando apenas sentar lá, eu fiz isso.

O sorriso da Lara escorregou um pouco quando eu segurei seu olhar, não dizendo nada. — Então foi por isso que todos vocês foram trazidos aqui. — ela disse, virando sua atenção de volta para os outros estudantes. — Para treinar. E para participar de um ritual que irá tornar todos vocês mais poderosos do que vocês acharam ser possível.

— Se somos tão "valiosos", porque nós estamos sendo presos aqui contra a nossa vontade? — perguntou Siobhan, uma das fadas.

— Os feitiços que guardam esta ilha são para a proteção de vocês. — Vandy ladrou, e apesar de que isso dificilmente respondia a pergunta, era aparente que esta seria a única resposta que nós receberíamos, porque Lara apenas assentiu e disse:

— Exatamente. Agora, nós vamos começar a preparar vocês para o ritual amanhã de manhã, será a primeira coisa. Então eu sugiro que vocês voltem para os seus quartos e descansem um pouco.

Se era uma "sugestão", eu me perguntei por que isso soava tanto como uma ameaça. Mas lentamente, os garotos começaram a se levantar e se moverem para a porta. Cabeças estavam juntas,

sussurrando, mas ninguém protestou ou tentou fazer mais perguntas. Talvez todo mundo tenha decidido ser discretos também.

Mas eu? Eu meio que estava cansada disso.

Mesmo com Jenna sibilando para mim para que eu voltasse, eu andei até a frente da sala e fiquei parada diretamente na frente de Lara Casnoff, a mulher que havia tentado me matar. A mulher que havia tentado matar Archer, Jenna e havia feito meu pai passar por um ritual que quase o matou.

— Você irá transformar todos eles em demônios? — Eu exigi. — Você se esqueceu da parte onde o seu último demônio se rebelou e começou a matar pessoas?

Ela não respondeu a minha pergunta. — Você certamente é uma coisinha insistente, Sophie.

— E você é mal e super condescendente.

— Esta é a parte onde você diz que vai me parar? Que eu não vou escapar dessa? — ela perguntou, erguendo uma sobrancelha. — Porque se for, me deixe dar a você um conselho: cresça.

Com isso, ela entregou o feitiço de volta para Vandy, que o recolocou na sacola.

Eu vi as duas saírem do salão, Sra. Casnoff seguindo atrás, enquanto Archer e Jenna se posicionaram ao meu lado.

— Bem, nós sabemos o plano agora. — Jenna disse. — Algum plano de contra-ataque?

— Evitar que as Casnoffs levantem um exército de demônios, salvar todo mundo e sair desta maldita ilha. Então, talvez, nós façamos uma festa ou algo assim. Sabe, para celebrar como nós somos maravilhosos.

— Parece sólido o bastante. — Archer disse, batendo o meu ombro com o dele. — Alguma ideia de como exatamente nós supostamente devemos fazer isso?

As luzes esverdeadas no salão se desligaram, e eu suspirei. — Nenhuma.

CAPÍTULO 17



Na manhã seguinte, fui arrancada da cama pela versão Hex Hall de um despertador - aquele som ressonante de um uivo que era metade sino, metade rosnado. O quarto ainda estava escuro, e quando olhei pela janela, tudo o que vi foi aquela maldita névoa.

Jenna já retirava um uniforme do armário. Na noite passada, havíamos descoberto que a cômoda estava repleta de camisetas brancas e calças de pijama azuis. Elas eram todas do mesmo tamanho, mas quando as vestíamos, elas mudavam e deslizavam até servirem. O mesmo aparentemente acontecia com os uniformes, porque quando Jenna deslizou para dentro de uma saia, a bainha chegava até as canelas, apenas para serpentear para trás até que seu comprimento lhe ficasse um pouco abaixo dos joelhos.

— Não sei se isto é conveniente ou assustador — ela disse, inspecionando suas pernas.

Empurrando as cobertas, saí da cama e fui pegar meu próprio uniforme. — Vamos ficar com assustador, não é?

Jenna vestiu seu blazer, e notei que ela mordia o lábio inferior, obviamente refletindo sobre alguma coisa.

— Você sabe, esse é um hábito perigoso para um vampiro. — eu disse a ela, apontando para sua boca.

— Hum? Oh, certo. — ela disse. — Desculpe, eu estava apenas... Soph, se o grande plano delas é transformar todos em demônios, por que trazer você aqui? Ou a mim, por falar nisso? Lara me queria morta há apenas alguns meses. O que a fez mudar de ideia?

O mesmo pensamento me manteve acordada na última noite. Repassei várias vezes as palavras de Torin: eu, como líder da força demoníaca das Casnoffs, usando meus poderes para eles. Seria por isso que eu estava ali?

Mas tudo o que disse à Jenna foi: — Elas são maldosas e perversas. Quem pode saber por que elas fazem qualquer coisa?

Deu para ver que a resposta não a satisfez, então acrescentei: — Mas isso é o que vamos descobrir, certo? A Operação Nancy Drew Vai À Hex Hall começa hoje!

Jenna abriu a boca para dizer algo, mas então houve um súbito clarão no meio do quarto. Ela gritou, e eu ergui a mão para proteger os olhos enquanto a bola brilhante se transformava em uma forma familiar - a estufa onde costumávamos ter aulas de Defesa. A imagem tridimensional girava lentamente enquanto a voz de Lara preenchia o quarto. — Neste momento, todos os alunos devem comparecer à estufa.

Carrancuda, balancei meu braço através do feitiço. Ele rodopiou como fumaça antes de se dissolver. — Ela adora um drama. — eu resmunguei. — Qual teria sido a dificuldade de anunciar isso ontem à noite? Ou apenas usar o alto-falante?

Jenna ainda estava olhando para o lugar onde o feitiço estivera. — O que você acha que eles farão conosco lá?

— Eu…

Antes que eu pudesse continuar, vi outro clarão, e a próxima coisa de que tive conhecimento foi me ouvir dizendo: — Olhe, eles não vão matar você, então talvez você devesse relaxar por um segundo.

Jenna sacudiu ligeiramente a cabeça, como se eu tivesse esbofeteado-a. — O quê?

D*iga-lhe que você sou eu! Ou que eu sou você. Qualquer coisa!* Eu exigi.

Eu não esperava realmente que Elodie respondesse. Não era como se ela sempre ouvisse meus comandos mentais. Mas dessa vez, felizmente, ela ouviu.

— É Elodie. — ela disse a Jenna. Ela passou tão rapidamente a explicar porque podia usar-me como seu fantoche pessoal, que tudo o que Jenna podia fazer era piscar em resposta.

— Se Sophie não tivesse usado *minha* mágica em *seu* corpo. — Elodie resumiu. — Ela já estaria morta umas dez vezes agora.

O*kay, foram só duas vezes,* eu resmunguei lá dentro.

Elodie me ignorou. — E não. — ela disse, erguendo minha mão para impedir a próxima pergunta de Jenna. — Não tenho a capacidade de possuir mais ninguém. Confie em mim, tenho tentado possuir Lara Casnoff desde que chegamos aqui. O que... Parece incrivelmente errado.

Senti meus ombros se encolherem. — De qualquer modo, você parecia querer comer seu próprio lábio, e isso é totalmente nojento, então pensei que devia dar uma passadinha e acalmar sua mente. Ontem à noite quando estava dando o melhor de mim para possuir qualquer um que não *esta* aberração, eu ouvi as Carnoffs conversando. Aparentemente, transformar um vampiro em demônio parece uma ideia incrível, e é por isso que você está aqui. Nenhuma estaca na agenda.

Usar Elodie como espiã não havia me ocorrido. *Oh meu Deus, isso é perfeito!* eu gritei. Bem, gritei mentalmente. *É claro! Eles não podem ver você a menos que você queira; você pode ir a qualquer lugar na escola e...*

N*ossa, não tão alto,* ela interrompeu. *Estou em sua cabeça, então use sua voz interior.*

Elodie afastou os cabelos dos meus olhos, resmungando: — Deus, como ela consegue viver desse jeito?

S*e você prometer parar de assumir o comando toda vez que tiver vontade, eu prometo fazer uma hidratação,* eu respondi, e ela bufou.

Jenna cruzou com força os braços sobre o peito. — Então, o que... Você está tipo, nos ajudando agora?

Meus olhos reviraram. — Não, estou na equipe Controle o Mundo Com Um Exército de Demônios. É claro que estou ajudando vocês. Especialmente porque, quando isto acabar, Sophie pode voltar a se concentrar em coisas importantes. Por exemplo, como me desvincular dela.

Jenna assentiu, distraída. — Você disse que fez mágica por meio de Sophie. Pode tentar alguma coisa agora? Como, alguma coisa simples?

— Este lugar tem algum tipo de bloqueio. — Elodie falou, quando o mesmo pensamento passou pela minha cabeça. — Nenhuma pessoa sem autorização pode realizar feitiços.

— Certo, mas as Casnoffs nem mesmo sabem que você está aqui. — Jenna disse, um lento sorriso espalhando-se por seu rosto. — Um fantasma usando um demônio sem poderes para fazer mágica? Aposto que elas não pensaram nisso.

V*ale a pena tentar*, eu disse a Elodie. Ao que parece, ela concordou, porque os dedos de minhas mãos se ergueram, e houve uma breve explosão de poder em minhas veias. Faíscas voaram e, em segundos, a mecha cor de rosa no cabelo de Jenna tinha o mesmo tom louro prateado do resto de seus cabelos.

— Caramba! — Jenna disse, puxando seu cabelo em frente dos seus olhos. — Funcionou!

O alívio fluiu através de mim, eu não estava certa se era meu ou de Elodie.

Houve uma súbita batida na porta. Jenna pulou, e Elodie fez um movimento rápido com minha mão em direção a ela.

Um tom brilhante de fúcsia deslizou pelo cabelo de Jenna outra vez, e então, com a mesma sensação desagradável, desorientadora que senti na noite com o lobisomem, Elodie se foi.

Sentei em minha cama, tentando tomar fôlego, enquanto Jenna abria a porta. Vandy estava ali parada, olhando-nos fixamente, e meu coração despencou. Eles sabiam. Sentiram a magia acontecendo aqui e mandaram Vandy para nos prender.

Fiquei sentada, tentando não arfar de terror, enquanto Jenna tremia abertamente.

— Vocês foram avisadas para dirigirem-se à estufa. — Vandy disse, seus olhos indo de uma para outra. — Agora levem suas bundas magricelas para lá.

Sabe quando você reage do modo mais inapropriado a qualquer coisa? Fiquei tão feliz por não sermos arrastadas para a morte, que caí na risada. Digo, uma grande, alta e ruidosa risada. Jenna me lançou um olhar de pânico, e a carranca de Vandy tornou-se ainda mais escura.

— O que é tão engraçado, Senhorita Mercer?

Levantei-me com as pernas bambas e fiz o melhor que pude para não irromper em riso novamente.

— Desculpe, é só que, hmm...

— Você disse "bundas", — Jenna disparou. — E Sophie tem um senso de humor muito imaturo.

— Pois é. — eu disse, agarrando-me àquilo. — Bundas. Ha ha!

Acho que se Vandy *pudesse* ter-nos matado bem ali, ela provavelmente teria feito. Ao invés disso ela apenas apontou o dedo em direção à escada e disse:

— Andem.

Saímos o mais rápido que pudemos.

Lá fora, o céu estava tão sombrio e cinza como no dia anterior. A névoa parecia ter se afastado um pouco, então pudemos caminhar até a estufa sem medo de sermos absorvidas. Ainda assim, o solo parecia mole sob os pés, a grama, que já fora verde esmeralda, estava agora de um doentio tom marrom esbranquiçado, como o interior de um cogumelo. Quando passamos por um enorme carvalho, um de seus galhos enegrecidos estalou sinistramente.

Ao termos certeza de que Vandy estava longe o suficiente de nós para que fosse impossível que ela ouvisse nossa conversa, baixei a cabeça perto de Jenna e disse: — Okay, então temos um fantasma espião.

— Um fantasma espião que pode fazer mágica. — Jenna acrescentou.

Eu assenti. — Melhor ainda. Isso quer dizer que o jogo está equilibrado, afinal.

Jenna apertou minha mão, e eu de fato me sentia otimista ao nos aproximarmos da estufa. Quero dizer, eu não ia começar a *saltar* ou coisa assim (mais porque temia escorregar em toda aquela lama), mas, apesar de tudo, senti que o mundo estava melhor.

Através das paredes de vidro da estufa, pude ver a maioria dos outros estudantes parados em círculo, e eu estava de suficiente bom humor para fazer piada com Jenna, — Oh, será que vamos brincar de Pato, Pato, Demônio[5]?

Ela riu, mas o som morreu em sua garganta quase imediatamente quando a multidão dentro da estufa abriu-se o suficiente para que pudéssemos ver do que todos estavam em volta.

Ali, correntes cintilantes de magia ao redor dos seus pulsos, estava Archer.

[5] A autora fez um jogo de palavras com uma brincadeira de criança "Pato, Pato, Ganso", em que as crianças sentam-se em círculo e uma delas é escolhida para ser o pegador, tocando as cabeças das outras crianças até que o 'Ganso' torne-se o novo pegador.

CAPÍTULO 18



Jenna e eu deslizamos através da porta tão discretamente quanto poderíamos. Meu coração estava batendo loucamente e tudo o que eu queria fazer era correr para Archer, mas Lara estava de pé exatamente ao lado dele, um sorriso em seu rosto. — Essa coisa de "permanecer fora do radar" é muito ruim. — eu sussurrei para Jenna, enquanto nós saíamos pela multidão.

Ela me deu um olhar simpático, e em seguida, voltamos nossa atenção para Lara. — Alunos — Lara disse. — Como muitos de vocês ouviram, o Sr. Cross aqui é membro do L'Occhio di Dio. — Ela andou mais perto de Archer e desabotoou os botões de sua camisa, puxando o tecido para revelar a tatuagem ouro-e-preto perto de seu coração. Eu ouvi vários suspiros da multidão. Claro, todo mundo tinha ouvido que Archer era um Olho, mas ouvir sobre isso e realmente ver a prova era duas coisas diferentes. — E O Olho é nosso inimigo. — Lara continuou, circulando Archer. Eu encontrei seu olhar, e ele tentou sorrir para mim, mas eu podia ver que ele estava tremendo.

Minhas mãos enrolaram-se em punhos, unhas cravando em minhas palmas. Minha magia era como um tsunami dentro de mim, batendo contra a sua prisão.

— Mas o Sr. Cross é, de longe, o pior do L'Occhio di Dio. Alguém gostaria de me dizer por quê? — Seu olhar parou no meu. — Senhorita Mercer? Uma vez que você foi a única que ele tentou assassinar no ano passado, por que você não informa aos seus colegas do perigo que o Sr. Cross representa?

— Ele não foi enviado aqui para me as - assassinar — eu insisti. Eu provavelmente teria soado mais confiante se eu não tivesse tropeçado na palavra "assassinar".

Eu limpei minha garganta e continuei. — Ele foi enviado aqui para me vigiar, nada mais.

— E ele também foi enviado para vigiar Elodie Parris? Por que exatamente, Senhorita Mercer, O Olho tem tal interesse em você?

Eu estava pisando em terreno movediço, e tanto Lara quanto eu sabíamos disso. Era como se ela tivesse tecido correntes em torno de mim também, apenas com palavras em vez de magia. Eu não queria assumir que era um demônio na frente de todo o corpo estudantil - afinal de contas, todos em Hex Hall ainda pensavam que era uma simples bruxa - e eu estava com medo de que qualquer outra coisa que eu dissesse apenas deixaria Archer em mais problemas. Embora eu me sentisse doente, abaixei meus olhos e pressionei meus lábios juntos.

— Eu posso dizer a você o que O Olho queria com Sophie. — Archer falou. Ele estava sorrindo, mas sua voz estava apertada com a dor.

— Ouvimos que ela era particularmente hábil em Rampas e Escadas, e uma vez que O Olho mantém um torneio de Rampas e Escadas em todos os verões... — sua voz se quebrou em um grito de

dor quando Lara torceu os dedos e brilhantes segmentos de magia em torno dele queimaram por alguns instantes. Eu tive que morder o interior da minha bochecha para me impedir de gritar.

— Archer Cross não é apenas um membro do L'Occhio di Dio, mas ele também é um traidor à sua espécie. — Lara disse, movendo-se para ficar mais perto dele. — Ele representa a maior ameaça que qualquer um de nós pode enfrentar. Razão pela qual ele vai ser assim muito útil para nós.

Jenna escorregou sua mão na minha e apertou meus dedos quando Lara disse: — Hoje, estaremos usando o Sr. Cross para a prática. O ritual discutido ontem à noite vai aumentar seus poderes, mas primeiro eu preciso ver com o que nós estamos trabalhando. — E então, como se ela estivesse se aprontando para um jogo de Red Rover, ela bateu suas mãos e disse: — Tudo bem, todo mundo, forme uma linha. Cada um terá uma chance de usar sua magia de ataque mais poderosa no Sr. Cross. Peço que vocês não façam nada que possa matá-lo. Sr. Callahan está à disposição para curá-lo, mas mesmo seus poderes somente irão até certo ponto.

Com a boca seca, eu olhei para cima. Eu tinha estado tão focada em Archer no meio da sala que eu não tinha notado Cal, de pé na parte de trás da sala, encostado na parede. Seus braços estavam dobrados sobre o peito. Ele estava me observando, a expressão em seu rosto enfrentava uma mistura estranha de alívio, raiva e tensão. Eu levantei meus dedos em um tipo de aceno e ele mexeu com a cabeça em retorno. Jenna seguiu meu olhar, e seu aperto em minha mão ficou mais apertado. — Cal. — ela murmurou. - Isso, pelo menos, é mais uma coisa em nosso favor.

E era. Pena que era impossível eu me sentir feliz sobre qualquer coisa enquanto eu passava as próximas horas assistindo meus colegas de classe torturar Archer. Porque eu não tinha magia, eu tive permissão para sentar e assistir. E Lara assegurou que eu assistisse. A primeira vez que eu tentei fechar meus olhos, eu percebi que eles estavam congelados abertos. Eu não podia mover meu pescoço tampouco, então virar minha cabeça estava fora de questão.

Michaela foi a primeira bruxa. Ela hesitou e sua mágica de ataque quando ela finalmente lançou, era fraca. Ele ricocheteou no peito de Archer e quase o fez balançar para trás sobre os seus calcanhares.

Eu pensei que talvez eles todos fossem fazer isso. Quero dizer, com certeza, Archer era o "inimigo", mas não era como se essas crianças fossem assassinas. E se não fosse por Lara, talvez eles teriam pegado leve em Archer.

Mas quando Michaela foi para a parte de trás da linha, Lara enviou uma rajada de magia que atingiu suas costas que a fez cair de joelhos.

— A próxima pessoa que propositadamente se segurar, irá obter muito pior do que isso. — Lara declarou, e eu queria saber como eu poderia ter alguma vez pensado que ela era agradável. Ou sã.

Então eu sentei lá, lágrimas caindo do meu rosto e observando Archer levar um feitiço após outro das bruxas e feiticeiros. As fadas o congelaram com gelo ou lhe queimaram com o calor. Um conjurou uma videira do ar que se envolvia em torno da garganta de Archer até que ele desmaiou.

Eu não quero falar sobre o que os metamorfos fizeram.

Após cada ataque, Cal ficava na frente e colocava suas mãos sobre o corpo de Archer até ele recuperar a consciência, ou parasse de sangrar ou começasse a respirar novamente. Cada vez que Archer

se levantava para enfrentar mais um, ele parecia um pouco mais pálido, um pouco mais quebrado, e cada vez que chegava mais perto da vez de Jenna ficar à frente da linha, mais meu estômago se contorcia. A ideia de ver minha melhor amiga morder e beber do menino que eu amava era muito errado, tão nauseante, que eu não poderia nem pensar em ver. Graças a Deus, no final, eu não tive.

Taylor foi antes de Jenna e quando Cal se ajoelhou junto ao Archer para curá-lo, ele olhou para Lara e disse: — Isso é suficiente. Qualquer um mais e eu não vou ser capaz de trazê-lo de volta.

Lara franziu suas sobrancelhas, mas acenou e disse: — Bem. Você obterá sua vez amanhã, Senhorita Talbot. — Ela voltou sua atenção novamente para o resto do grupo, os quais pareciam… Eu não sei mesmo qual palavra descreveria. Despedaçados. Esgotados. Não há nenhum sentimento pior do que ser forçado a usar seus poderes para ferir alguém.

— Bom trabalho hoje. — Lara disse e você poderia pensar que tínhamos acabado de tirar 10 em um teste de matemática ou algo assim, não torturado um colega de classe. — Agora que eu tenho uma ideia melhor dos seus pontos fortes, podemos trabalhar em aperfeiçoar suas competências. Todo mundo de volta para a casa.

Ninguém falou uma palavra enquanto em ordem aleatória saíam através das portas. Jenna voltou a sentar-se do meu lado, e assim que Lara saiu, eu podia me mover mais uma vez. Cegamente, eu corri para Archer, que estava sentado em um dos tatames grossos que usávamos nas aulas de Defesa. Seus cotovelos descansavam em seus joelhos elevados e ele tinha sua cabeça em suas mãos. Eu me ajoelhei na frente dele, desajeitadamente colocando meus braços ao redor de seu pescoço. Ele se soltou puxando-me para ele. Por um longo tempo, nós nos abraçamos, minhas mãos presas em seu cabelo; às dele, acariciando minhas costas.

— Eu estou bem. — ele disse finalmente. — Eu sei que é difícil de acreditar, mas nada dói. Quero dizer, exceto para minha mente e alma, mas aqueles sempre foram um pouco quebrados. — Delicadamente, nós nos soltamos e levantamos. — Sua magia é impressionante, cara. — ele disse para Cal, que eu percebi, estava de pé na beira do tatame, próximo à Jenna. — Embora eu tenha que dizer, agora que você já me trouxe de volta da beira da morte - como, o que, umas centenas de vezes? - estou começando a sentir como o nosso relacionamento é um pouco desequilibrado.

— Você pode me comprar um hambúrguer quando nós sairmos daqui. — Cal disse, e como de costume, eu não tinha menor ideia se ele estava brincando ou não.

Eu pisei longe de Archer e alcancei Cal para dar um daqueles desconfortáveis abraços de lado. — É bom vê-lo. — eu disse a ele. — E não apenas por causa de, hm… — Eu fiz um gesto para Archer, que levantou uma sobrancelha para mim, mas não disse nada. Desejando que meu rosto não ficasse vermelho, perguntei a Cal: — Você chegou aqui ontem como o resto de nós?

Respirando, Cal empurrou suas mãos em seus bolsos. — Sim. Um minuto, eu estava indo para a tenda para pegar algumas coisas; no próximo, havia toda essa luz, e eu estava aqui. De volta à minha cabana, na verdade.

— Por que nós só estamos vendo você agora? — Jenna perguntou.

— A cabana estava trancada. — ele respondeu. — Janelas coladas, tudo. Então essa manhã, eu recebi a ordem para vir aqui. Lara disse que precisava de minhas "habilidades especiais". Tenho que admitir, não pensei que ia ser alguma coisa tão intensa.

Agora que ele mencionou isso, Cal parecia terrivelmente velho e esgotado. Magia de cura é difícil, apenas um feitiço exigia muito de Cal. Para, repetidamente, trazer alguém de volta da beira da morte? Não me admira que ele parecesse pronto para explodir.

Ainda assim, Cal foi forte, ele balançou fora o evidente cansaço e perguntou: — Então eles estão transformando todos em demônios, hein?

— Esse parece ser o plano. — eu disse. Brevemente, contei a ele sobre o que aconteceu na noite passada, acrescentando: — E pelo que Elodie disse, é como se eles quisessem fazer algum tipo de experimento em todos nós, ver o que acontece quando você coloca um demônio em um vampiro.

— O que você quer dizer com, "Elodie disse"? — Archer perguntou, franzindo sua testa.

— Ah. Hum, Elodie me assombra. E agora, hm, ela pode me possuir e outras coisas. Que — eu me apressei a adicionar já que a expressão de Archer tinha ficado perigosamente escura — é na verdade uma coisa *boa*, porque ela pode fazer mágica através de mim.

Jenna e eu só ficamos lá, deixando os meninos compreenderem isso.

— Ok. — Archer disse lentamente. — Bem, isso é incrivelmente perturbador, mas estou de acordo com tudo que nos ajude a sair daqui o mais rápido. Especialmente se eu estou para ser usado como um tipo de cobaia para tortura. — Eu me mexi para ficar mais perto dele, colocando meu braço em volta da sua cintura e fingi não ver a forma como Cal de repente olhou para o lado.

— Então, o que fazemos agora? — Jenna perguntou.

Eu suspirei. — Honestamente, eu quero dizer correr. Passar algum tempo pesquisando feitiços que nos ajudem com aquela névoa assassina e talvez achar outro feitiço que construa um barco mágico ou algo assim.

Cal fez um som que poderia ter sido uma risada e Jenna sorriu para mim. O braço de Archer apertou minha cintura. — Mas? — Ele solicitou.

— *Mas*, — eu adicionei, — isso é como colocar um Band-Aid no pescoço de Maria Antonieta. Eu acho que nossa melhor aposta é tentar falar com a Sra. Casnoff.

— Por quê? — Archer perguntou.

— Eu não sei. É só… ela poderia ter colocado uma estaca em Jenna, mas ela não o fez.

— Porque ela quer colocar um demônio nela. — Cal apontou.

Eu balancei minha cabeça. — Talvez, mas eu não tenho tanta certeza. Olha, Lara é completamente do mal, mas a Sra. Casnoff foi... Tudo bem, agradável não é exatamente a palavra certa, mas vocês viram quão terrível que ela parece. Algo está incomodando ela. Vale a pena tentar encontrá-la sozinha.

— Talvez ela saiba onde o grimoire está. — Jenna disse, chegando a agarrar meu braço.

— Ela poderia. — eu disse, tentando parecer “entusiasmada” ao invés de “ambivalente e talvez um pouco assustada”. Tanto quanto eu queria meus poderes de volta, a segunda profecia de Torin era como uma pedra no meu peito. Só de pensar fazia minha cabeça doer.

Então eu me virei para Archer, correndo meus dedos na frente de sua camisa. Ainda estava manchada com o sangue. — Vamos lidar com a Sra. Casnoff. Mas primeiramente, há alguém que precisamos falar.

CAPÍTULO 19



— Eu não gosto disso. — Acher disse mais tarde naquele dia, quando estávamos sentados um diante do outro no chão do meu quarto.

— Eu também não, mas você tem que admitir que é melhor do que ser torturado todos os dias.

Archer murmurou algo sob sua respiração que soou como: — Não tenho tanta certeza sobre isso.

De volta à Thorne Abbey, eu tinha sido capaz de invocar Elodie. Bem, eu não estava certa se era tecnicamente invocação, ou se ela só aparecia quando tinha vontade. Então me senti meio estúpida enquanto dizia: — Hum, Elodie? Você está por aqui? Eu preciso falar com você.

Houve uma agitação de movimento no canto do meu olho, e de repente Elodie estava flutuando perto do closet. — O que... — ela fez com a boca para mim. E então ela viu Archer.

Por um longo momento, eles só encararam um ao outro. Então, tão agradavelmente quanto poderia, eu disse: — Olha, Elodie, sei que você e Archer têm... Assuntos, mas eu preciso de sua ajuda. As Casnoffs estão usando-o para prática de tiro ao alvo, e se isso continuar assim, ele provavelmente vai morrer.

Elodie fez um gesto que foi muito fácil de interpretar.

— Eu disse a você que isso era inútil. — Acher disse, movendo-se para ficar de pé. Eu peguei sua manga e o puxei de volta para baixo.

— Espere. Elodie, por favor.

Ela vinha em nossa direção, a mesma expressão ilegível em seu rosto. — O que você quer que eu faça?

Aliviada, eu soltei a manga de Archer e disse: — Qualquer coisa que você puder. Algum tipo de feitiço de proteção ou feitiço de invisibilidade... Alguma coisa.

Dobrando os braços sobre o peito, Elodie olhou fixamente para Archer. Então, com um aceno de mão e um, "Oh, ótimo," ela mergulhou em mim.

Era tão estranho ter Archer olhando para mim mas vendo Elodie. Sua expressão era de pedra e fria, algo que nunca tinha visto em seu rosto antes. Ainda mais estranho era observá-lo com os pensamentos de Elodie na minha cabeça. Ela estava com raiva; eu podia sentir isso bombeando por minhas veias, martelando dentro do meu estômago. Mas era mais do que isso. Ela estava... Triste. Magoada.

— Me dê suas mãos. — eu ouvi minha voz dizer. Ele hesitou por um momento e então colocou suas palmas sobre as minhas.

Tão logo ele fez, eu tinha uma imagem daquelas mãos cobrindo meu rosto enquanto ele me beijava. Não. Não eu.

Elodie.

Pare de pensar sobre isso!

Você acha que eu quero ter essa memória? Ela estalou em resposta.

— Ok. — ela disse a Archer, que estava olhando em algum lugar sobre o meu ombro. — Eu não posso torná-lo invisível nem nada, mas este feitiço vai evitar que você sinta a dor e limitar qualquer dano real que possa ser feito a você. Não vai durar para sempre, embora, então eu sugiro que você e Sophie encontrem algum caminho para fora daqui o mais rápido possível.

— Oh, excelente, porque isso não tinha nos ocorrido.

— Você quer o feitiço ou não?

Carrancudo, Archer assentiu e agarrou minhas mãos com mais força. Depois de um momento, senti a magia de Elodie chovendo do topo da minha cabeça, espalhando-se em meus dedos e os de Archer. Logo que a magia desapareceu, Elodie soltou as mãos dele, limpando as minhas nas minhas coxas.

— Aí. — ela disse.

Archer flexionou os dedos, olhando para eles quando disse: — Obrigado.

— Tanto faz. — foi a única resposta de Elodie, e então ela se foi, deixando-me esparramada no chão.

Tenho certeza de que foi muito atraente.

Senti mãos firmes em meus ombros, a próxima coisa que soube, eu estava sentada e inclinada contra o peito de Archer.

— Isso foi mais estranho do que eu pensei que seria. — ele disse contra minha têmpora.

Eu tentei bufar. — Você está me dizendo. Como se sente?

— Melhor. — ele disse. — Mas se essa proteção só vai durar pouco tempo, acho que quanto mais cedo você conversar com a Sra. Casnoff, melhor.

Infelizmente, isso acabou sendo mais fácil de dizer do que fazer. Pelos próximos poucos dias, só vi a Sra. Casnoff no jantar, onde ela tinha se sentado em sua cadeira, encarando sem expressão a parede, e eu me perguntei exatamente como diabos eu ficaria alguma vez sozinha com ela.

Essa não foi a única coisa que se mostrou difícil. Jenna e eu estávamos determinadas a procurar o grimoire, mas entre todas as "sessões de treinamento" que Lara forçava sobre nós (que ainda eram insuportáveis de assistir, mesmo sabendo que Archer estava fingindo a dor), e o fato de que as portas eram trancadas assim que o sol se punha, nós realmente não tivemos uma chance. Eu tentei chamar Elodie novamente, mas depois do feitiço com Archer, ela parecia estar mantendo distância.

Pelo nosso quinto dia de volta a Hex Hall, eu estava começando a ficar louca. — Temos que fazer alguma coisa. — eu disse a Jenna naquela manhã quando fizemos o nosso caminho da estufa.

— Estivemos aqui quase uma semana e não estamos nenhuma parte mais perto de encontrar o grimoire, não conseguimos a primeira pista de como impedir as Casnoffs de transformar todas as crianças aqui em demônios, e não vi a Sra. Casnoff sozinha desde...

Olhei para trás para ver que Jenna estava congelada no lugar. Ela apontou para a lagoa. — Hum, ela está sozinha agora.

Havia um pequeno banco de pedra à beira da água. Sra. Casnoff estava sentada nele, de costas para nós, cabelo branco flutuando em volta dos ombros.

— Santa merda. — eu disse suavemente. Estive querendo pegá-la sozinha por tanto tempo que eu estava na verdade chocada que isso tinha finalmente acontecido.

— Vá. — Jenna disse, me cutucando com o cotovelo. — Fale com ela. Vou te encontrar de novo em casa.

Observei a parte de trás da cabeça da Sra. Casnoff e me perguntei até mesmo por onde começar. Tinha tantas coisas que eu precisava dizer que todas elas pareciam embaralhadas.

Quando me sentei ao seu lado, ela nem sequer virou o rosto para mim. — Olá, Sophie. — ela disse, seu olhar ainda focado na água.

— Oi. — foi tudo o que eu pude dizer a princípio.

— Ela era tão quieta, — Sra. Casnoff disse, e por um segundo, eu estava confusa. Então ela disse: — Quando éramos pequenas. Pai tinha medo que ela nunca pudesse falar. — e então eu percebi que ela queria dizer Lara. — Mas eu sabia. Sua mente estava sempre trabalhando. Trabalhando, trabalhando, trabalhando. Ela era mais parecida com nosso pai do que eu. "Os fins justificam os meios" - ele dizia o tempo todo. — ela sussurrou. — Os fins justificam os meios.

Impulsivamente, estendi e cobri uma de suas mãos com a minha. Sua pele estava fria como gelo e sentia tão frágil quanto papel. — Você não acredita nisso. — eu disse. — Hex Hall... Olha, não era meu lugar favorito, mas não era um lugar ruim. Eu sei que *isso* — fiz um gesto para o nevoeiro, a escola, toda a ilha envenenada — não é o que você quer.

Mas a Sra. Casnoff não olhou para mim. Ela só continuava balançando a cabeça, e murmurou: — É o que ele queria. É pelo que ele desistiu de tudo.

— Quem? — Eu perguntei, minha garganta apertada. — Seu pai?

Então balancei a cabeça. Esta podia ser minha única chance de falar com ela, e eu precisava manter o foco. — Por que você me trouxe aqui?

Sra. Casnoff se virou para mim, o rosto riscado de lágrimas e cansado. — Sophie Mercer. — ela disse. — Um demônio da quarta geração. A única. Todos os outros, novos demais, recentes demais... imprevisíveis demais. Mas você. — Ela estendeu e agarrou meu rosto entre suas mãos e eu instintivamente levantei a mão para tirá-la de mim. — Você é a nossa melhor esperança.

— Melhor esperança para quê? — Eu perguntei.

— Está no sangue. — ela disse suavemente. — No sangue. Seu, meu, do meu pai, de Alice... — Sra. Casnoff foi parou de falar, olhando para mim, mas não me vendo.

— O que isso quer dizer? — Eu exigi, mas ela me soltou, os olhos ficando vagos novamente. — Sra. Casnoff? — Eu estendi a mão e balancei seus ombros, mas era como se ela nem sequer sentisse isso. Desespero bateu em mim, e lutei contra o impulso de sacudi-la até que seus dentes chacoalhassem. O que estava no sangue? Como eu poderia ser a esperança para qualquer coisa?

— Sophie. — eu ouvi alguém dizer, e me virei para ver Cal de pé atrás do banco. — Vamos. — ele disse suavemente, estendendo a mão.

Olhei para a Sra. Casnoff novamente, seu cabelo branco e rosto devastado. E então eu coloquei minha mão na de Cal e o deixei me levar para longe dela.

— Eu pensei que ela poderia ajudar. — eu disse a Cal, uma vez que a Sra. Casnoff estava longe atrás de nós. — Isso é estúpido, eu sei, mas... Ela se importava conosco, Cal. Ela se importava com este lugar.

Caminhamos lado a lado, e Cal eventualmente soltou minha mão. Seus cotovelos dobrados continuavam roçando os meus enquanto fazíamos nosso caminho para a casa. — Ela está doente, Sophie. — ele respondeu conforme subíamos a ligeira elevação perto de sua cabana. Hex Hall apareceu diante de nós, parecendo mais desolada do que nunca. — Assim como tudo mais aqui. — ele disse, e suspirou. Pensei no quanto Cal tinha amado este lugar, o orgulho que ele tinha dele.

— Sinto muito. — eu disse virando para ele. Seus olhos castanhos claros encontraram os meus, e um minúsculo pedaço de humor cintilou lá.

— Você diz muito isso.

Puxando meu uniforme de Defesa (que era ainda mais feio do que eu me lembrava; algodão elástico azul brilhante não era um bom look em ninguém), eu dei uma risadinha. — Sim, bem, eu sinto isso muito…

E*specialmente onde você estava preocupado*, eu queria acrescentar.

Cal não disse nada a isso, e depois de um momento, começou a caminhar em direção à casa. Esperei alguns segundos antes de seguir. Havia tanto que eu queria dizer a ele, mas não sabia nem por onde começar. *Cal, eu acho que te amo, mas talvez não esteja apaixonada por você, embora te beijar foi muito incrível* talvez fosse uma abordagem.

Ou: *Cal, eu amo Archer, mas meus sentimentos por você estão totalmente confusos porque você é impressionante e tão quente que solta fumaça, e já estamos tecnicamente noivos, o que acrescenta ao pote gigante de emoções e hormônios em ebulição que eu me tornei.*

Ok, talvez não dizer *ebulição*...

— Você está bem?

— Hum? — Eu pisquei, surpresa ao ver que havíamos chegado à frente da casa. Cal estava com um pé no degrau inferior da varanda, me encarando.

— Você tem esse olhar estranho em seu rosto. — ele disse. — Como se estivesse fazendo matemática realmente complicada em sua cabeça.

Não pude evitar um pequeno bufo de risada. — Eu estava, em uma maneira de falar. — Enquanto passava por ele e para dentro da casa, resolvi conversar com Cal como uma pessoa adulta madura.

Eventualmente.

Por agora, dei a ele um pequeno aceno de mão e fugi para o meu quarto.

Jenna estava sentada em sua cama quando eu cheguei lá, praticamente vibrando de entusiasmo. — Bem?

Eu só balancei a cabeça. — Um fracasso. Sra. Casnoff está ferrada demais para ser de alguma ajuda.

Para minha surpresa, Jenna não pareceu receber a notícia particularmente mal. Em vez disso, ela se inclinou para frente e disse: — Ok, bem, isso é uma droga. Mas, Soph, adivinha o que eu vi hoje.

Eu caí pesadamente em meu colchão, tirando meus tênis com os pés. — Nós estamos em uma ilha amaldiçoada cercada por neblina assassina, governada por duas bruxas loucas. Eu realmente não posso começar a adivinhar, Jen.

— Lara, saindo do porão. — ela disse, soprando sua mecha rosa fora da testa. — E parecendo super secreta e suspeita. Bem, quero dizer, mais super secreta e suspeita do que de costume.

Ah, o porão. Um lugar úmido e assustador cheio de artefatos mágicos que tinham uma tendência para se deslocar. Archer e eu tínhamos gasto uma quantidade terrível de tempo de qualidade lá embaixo no ano passado.

— De qualquer forma, eu mencionei isso para Taylor, e ela disse que viu Lara descer até lá todos os dias desde que chegamos aqui. O que me faz pensar...

— Que há algo de importante lá embaixo. Como talvez o grimoire, — eu disse, e podia jurar que minha magia fez um salto de entusiasmo dentro do meu peito.

Jenna deu um aceno, mas antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, uma presença familiar assumiu. — Eu estava vindo justamente contar a vocês duas a mesma coisa. — eu me ouvi dizer. — Ela está definitivamente escondendo algo lá embaixo porque a porta está encantada como louca.

Q*uanto tempo*, eu disse a ela.

E*u estive ocupada.*

Jenna piscou rapidamente. Era sempre um choque para mim, de repente, me tornar Elodie. Eu não podia imaginar o quão estranho deveria parecer para as pessoas observando isso acontecer. Mas Jenna acompanhou. — Você poderia abrir a porta usando a sua magia?

— É claro. — Elodie zombou. Sentando-se, ela foi atirar o meu cabelo, mas meus dedos apenas ficaram irremediavelmente emaranhados.

— Oh, pelo amor de Deus. — ela murmurou, tentando desenrolar os fios de um anel que eu usava.

Houve uma batida na porta, e pude sentir Elodie prestes a assobiar para fora, quando Archer disse: — Mercer? Você está aí dentro?

C*ontinue*, eu disse a Elodie, mas ela não se moveu. Felizmente, Jenna abriu a porta e imediatamente disse: — Sophie está aqui, mas Elodie está possuindo-a neste momento.

— Nesse caso, eu vou esperar aqui fora. — ele disse.

Eu podia sentir... *Algum* tipo de emoção se construindo em Elodie. Mas antes que eu tivesse tempo para sequer identificar o que ela estava sentindo, ela se foi.

Quando eu voltei a mim, Archer estava sentado ao meu lado na minha cama, um braço em volta dos meus ombros. Jenna o preencheu, tanto sobre minha conversa inútil com a Sra. Casnoff e o que tínhamos aprendido sobre o porão. — Elodie acha que pode fazer um feitiço sobre a porta que vai deixar Sophie entrar. — ela terminou.

Archer se deslocou na cama para que pudesse olhar para o meu rosto. — Eu vou com você. — ele disse.

Eu levantei as duas sobrancelhas para ele. — Cross, você é a cobaia de tortura pessoal das Casnoffs. É um milagre que estão deixando você ficar no seu quarto e não, tipo, acorrentando você em uma masmorra. Se elas te pegarem perambulando no porão...

— Se as Casnoffs fossem me prender, já teriam feito isso.

— Por que elas não fizeram? — Jenna se perguntou em voz alta, e Archer deu de ombros.

— Talvez seja porque sabem que eu não posso escapar? Ou talvez ter que olhar para o cara que elas têm esfolado vivo todo dia seja um castigo para os outros alunos. De qualquer maneira, eu vou levar.

Archer virou de novo para mim, e aquele sorriso familiar brilhou em seu rosto. — Vamos lá, Mercer. Eu, você, o porão. O que poderia dar errado?

CAPÍTULO 20



Alguns dias depois, eu me encontrei de volta ao porão. Mas dessa vez, eu estava envolvida em um jeito de atividade mais divertido que catalogação de lixo mágico.

— O que aconteceu com a promessa de nos beijarmos em castelos? — Eu perguntei enquanto Archer e eu nos puxamos para trás para respirar. Eu estava recostada contra uma das prateleiras, minhas mãos agarrando a cintura de Archer. Por cima de seu ombro, havia uma jarra de globos oculares me encarando, e eu acenei para isso. — Por que, veja, coisas assim? Meio que acaba com o humor.

Ele olhou para a jarra e depois voltou a olhar para mim, balançando as sobrancelhas. — Sério? Eu acho que tem o efeito contrário.

Rindo, eu acotovelei-o no estômago e saí da prateleira. — Você é doente.

Ele sorriu e abaixou a cabeça para me beijar de novo, mas eu o contornei. — Vamos lá, Cross, nós viemos aqui por uma razão, e não era brincar.

Sorrindo, Archer cruzou os braços sobre o peito. — Pode não ter sido o motivo, mas...

Eu o cortei. — Não. Não me distraia com sua conversa sensual. Nós precisamos pesquisar esse lugar, e esse feitiço que Elodie fez vai durar pouco tempo. — Elodie tinha entrado em meu corpo na porta do porão, fazendo um rápido feitiço para desbloqueá-la. Ela nem ao menos olhou para Archer, muito menos disse alguma coisa. E no segundo em que a fechadura se abriu, ela desapareceu.

O sorriso afetado desapareceu do rosto de Archer, ele na verdade parecia um pouco mal-humorado.

— Você está, honestamente, chateado por não ficarmos agora? — eu o provoquei.

Mas ele estava terrivelmente sério quando balançou a cabeça e disse: — Não é isso. É Elodie.

— O que tem ela?

Archer rolou os olhos. — Eu não sei, Mercer. Talvez seja porque eu não estou completamente louco sobre o fantasma da minha ex-namorada ocasionalmente estar habitando o corpo da minha atual namorada.

Eu dei um passo para trás e encontrei outra prateleira. Algo caiu e bateu no chão sujo. — Uau, agora eu sou sua namorada?

Archer encolheu os ombros. — Nós tentamos matar um ao outro, lutamos contra demônios, e nos beijamos um monte. Eu tenho certeza que somos casados em algumas culturas.

Foi a minha vez de rolar os olhos. — Que seja. Olhe, o fato da questão é, eu não tenho nenhuma magia agora. Elodie tem. Se ela ocasionalmente me usar como seu fantoche, significa que eu tenho poderes novamente, então estou bem com isso. E você também deveria estar. Meu corpo, meu espírito, e tudo isso.

Obviamente havia mais coisas que Archer queria dizer, mas no final, ele apenas acenou e disse: — Certo. Eu vou lidar com isso.

Algo no jeito que ele falou aquilo me irritou, mas eu deixei isso de lado. — Ok, então por onde devemos começar?

Archer desabotoou os punhos e começou a arregaçar as mangas.

— Bem, Jenna disse que Lara tem vindo aqui, a o que? Ao menos três vezes essa semana?

Eu acenei. — Sim. Nunca traz nada com ela pra cá, nunca tem nada com ela quando volta.

— Ok. — ele disse, soprando um longo suspiro. — Então seja o que for que ela esteja fazendo, ela deve estar usando um ou mais dos artefatos já aqui embaixo.

Olhei em volta para as prateleiras cheias de geleia. — Então deixe-me ver se entendi: Ela está fazendo... Algo. Com alguma coisa. Em algum lugar.

— Que está bem coberto, sim. — Archer respondeu.

— Um viva para o vago. — eu murmurei, tirando o blazer dos meus ombros. Joguei-o na prateleira mais próxima e fiz uma careta quando uma nuvem de poeira e sujeira subiu no ar. — Ugh, nojento. Mataria as Casnoffs fazer o ocasional feitiço de limpeza? Eu juro por Deus, tudo aqui é coberto com pelo menos um centímetro de... — Minhas palavras sumiram com um pensamento que me ocorreu. Do repentino sorriso de Archer, ele aparentemente teve a mesma ideia.

— Aposto que se você estiver usando um artefato pelo menos três vezes por semana, fica bastante livre de poeira. — ele disse.

— Então nós procurarmos pela prateleira menos nojenta. Fácil suficiente.

Ou ao menos era isso o que eu achava. Por uns vinte minutos, Archer e eu andamos ao redor de cada e todos os casos, olhando em toda abertura. Eu vi alguns itens que reconheci do sótão (um pedaço vermelho de tecido, algumas presas de vampiros numa jarra), e algumas coisas que eu tinha certeza de só ter visto em pesadelos. O que eu não vi foi uma prateleira limpa. Mesmo os artefatos estavam cobertos em poeira, o que era estranho. Porque eles eram mágicos, os itens no porão moviam ao redor por si mesmos todo tempo. Eles geralmente não tinham tempo para se reunir... Um pensamento de repente ocorreu a mim.

Fiquei na ponta dos pés para olhar por cima da estante de livros.

— Cross.

Sua cabeça apareceu a algumas prateleiras. — O que?

— Olhe a porcaria mágica.

Ele me lançou um olhar. — Ah, é isso o que supostamente estaríamos fazendo? Porque eu acabei de desenhar corações e nossas iniciais na sujeira.

— Hilário. — eu brinquei. — O que eu quero dizer é, porque todas as jarras e caixas estão cobertas de poeira também? Quero dizer, elas se movem a droga do tempo inteiro, certo? Elas não deveriam estar no mesmo lugar tempo suficiente para ficarem sujas.

— Bom ponto. — Os olhos de Archer examinaram a prateleira em sua frente por um momento antes dele dizer. — Aqui vamos nós. — e tirou uma grande jarra de vidro. Dentro, eu poderia ver apenas um par de luvas brancas. Lembrei-me delas; elas voavam, Archer e eu já havíamos gasto cerca de meia hora perseguindo-as em torno do porão. Isso tinha tomado tanto de nós para forçar as luvas a entrarem na jarra.

Agora Archer desenroscava a tampa e despejava as luvas em cima da prateleira. Elas permaneceram ali, completamente imóveis, eu não conseguia afastar a sensação de que elas tinham morrido.

Archer se moveu para outra prateleira, e depois de remexer, tirou um tambor velho, sua pele mofada e rasgada. — Não há magia deixada nesse também. — ele disse, segurando-o para que eu visse.

Virando em um círculo, eu peguei em todas as bugigangas mágicas, sentindo sua... Bem, quietude. — Não há magia em nenhum deles. — eu disse a Archer. — Pode a magia ter simplesmente... Ido embora?

Ele deu a volta para ficar ao meu lado. — Eu nunca ouvi sobre isso acontecer, mas quem sabe? No entanto, é estranho, com certeza.

— Coisas estranhas acontecendo em Hex Hall. Quem teria pensado nisso? — Eu disse levemente, mas meu coração afundou com decepção. Eu tinha tanta certeza que acharíamos algo aqui embaixo que pudesse parar seja o que for que as Casnoffs estivessem planejando. Eu não sei por que achei que seria tão fácil.

Archer colocou um braço em volta do meu pescoço, me puxando para que ele pudesse roçar os lábios contra o topo da minha cabeça. — Nós vamos solucionar isso, Mercer. — ele murmurou, e eu pressionei meu rosto mais perto de seu peito.

Nós ficamos lá por um longo momento antes de ele falar. — Você sabe, nós ainda temos cerca de meia hora aqui embaixo. Parece uma vergonha desperdiçá-la.

Eu o cutuquei nas costelas, e ele se contorceu exageradamente. — De jeito nenhum, cara. Meus dias de amor no porão, moinho e calabouço acabaram. Vá ao castelo ou para casa.

— Justo suficiente. — ele disse enquanto entrelaçamos nossos dedos e olhamos para as estrelas. — Mas tem que ser um castelo *real* ou poderia servir uma daquelas coisas infláveis flexíveis?

Eu ri. — Oh, castelos infláveis são totalmente fora do...

Eu derrapei numa parada no primeiro passo, fazendo com que Archer esbarrasse em mim.

— O que diabos é isso? — eu perguntei, apontando para uma mancha escura no canto mais próximo.

— Ok, a pergunta número um que você *não quer* ouvir em um porão assustador. — Archer disse, mas eu o ignorei e desci a escadaria. A mancha de sangue por debaixo do muro de pedra, cobrindo talvez um pé do chão sujo. Parecia preto e vagamente... Pegajoso. Eu engoli meu nojo enquanto ajoelhava e delicadamente toquei a mancha com um dedo.

Archer se agachou ao meu lado e enfiou a mão no bolso. Ele tirou um isqueiro, e depois de algumas tentativas, uma chama vacilante surgiu.

Estudamos meu dedo no brilho ofuscante.

— Então, isso é...

— É sangue, sim, — eu disse, sem tirar os olhos da minha mão.

— Assustador.

— Eu diria *repugnante*, mas assustador serve.

Archer pescou em seu bolso novamente, e dessa vez, tirou um guardanapo de papel. Eu o tomei dele e dei a Lady Macbeth uma corrida pelo seu dinheiro no departamento de limpeza. Mas enquanto eu tentava remover uma camada de pele do meu dedo, algo estava me incomodando. Quero dizer, algo *além* do fato que eu tinha acabado de tocar numa poça de sangue.

— Verifique os outros cantos. — eu disse a Archer.

Ele levantou e se moveu pela sala. Eu permaneci onde estava, tentando me lembrar da tarde em que eu e papai nos sentamos com o grimório da família Thorne. Nós olhamos para as dezenas de magias, mas houve uma...

— Há sangue em todo canto. — Archer chamou do outro lado do porão. — Ou ao menos é o que eu estou achando que é. Ao contrário de algumas pessoas, eu não tenho o desejo de enfiar meu dedo neles.

Baixei a cabeça e cerrei os olhos fechados. — Eu sei o que é isso. Eu li sobre um feitiço que usava sangue nos quatro cantos de uma sala. — Imaginei o grimório, vi meus dedos virando as páginas. — Era um feitiço de posse. — Eu disse finalmente. — O sangue contornava a sala numa gaiola, mas isso levava uma quantidade extrema de magia. Uma bruxa não poderia fazer isso sozinha, porque isso drenaria todo seu poder. — Eu olhei pra cima, Archer encontrou meus olhos. — Ao menos que a bruxa consiga drenar magia de alguma outra coisa. — eu disse.

Archer olhou ao redor do porão. — Ou um monte de outras coisas.

— Bem, esse é um mistério resolvido. — eu disse, me levantando.

— É claro, agora a pergunta é, o que Sra. Casnoff está prendendo aqui embaixo?

— E onde? — Archer adicionou, mas eu balancei a cabeça.

— Eu sei onde. — eu disse a ele. — Ao menos eu acho que sei. O feitiço de fixação funciona como um tipo de rede mágica. O sangue nos canto dá a base, e o próprio feitiço se levanta pela sala.

Nós dois olhamos para cima, como se estivéssemos esperando ver fios tremeluzir ao andar em círculos através do teto. Mas não havia nada, exceto a usual viga empoeirada.

— A magia é mais forte no centro da sala. — eu adicionei. — Então seja o que for que você queira segurar, você quer colocá-lo tão perto do centro morto quanto puder.

— Você deveria ter uma ótima memória quando criança. — Archer meditou.

Eu encolhi os ombros. — Quando você está folheando um livro cheio das magias negras mais poderosas existentes, você presta atenção.

Nossos olhares foram para o centro da sala, onde não havia nada além de uma adaga nas trocentas prateleiras do porão. E sobre elas, um monte de poeira.

Nós dois nos movemos para ambos os finais da prateleira. Isso levou um momento (e um par de palavras grosseiras vindo de ambos), mas conseguimos movê-la alguns metros a mais. Então ficamos ali, respirando com dificuldade e suando um pouco, e olhamos para o alçapão no chão.

— Seja lá o que tiver lá embaixo — Archer disse depois de um momento. — é comprometido o suficiente para que Casnoff tenha tido todo esse problema para mantê-lo. Você tem certeza que quer fazer isso, Mercer?

— É claro que eu não tenho. — eu disse, pegando o anel de ferro fixado no alçapão. — Mas eu vou.

Eu puxei o anel e a porta veio facilmente. O ar fresco, cheirando levemente a sujeira e decadência, flutuava acima. Uma escada metálica estava aparafusada ao lado da abertura, e contei dez degraus antes de desaparecer na escuridão abaixo.

Archer se moveu para entrar no buraco, mas eu o parei. — Eu vou descer primeiro. Você só vai olhar para a minha saia se eu ir depois de você.

— Sophie...

Mas era tarde demais. Tentando afastar o sentimento de que eu estava entrando numa sepultura, eu agarrei a escada e comecei a descer.

CAPÍTULO 21



Provavelmente existam algumas coisas piores do que escalar para dentro de um buraco que é abaixo de um porão assustador, mas naquele momento, era difícil pensar em qualquer um deles.

Eu estava apenas alguns degraus acima de mergulhar na escuridão. A luz fraca no teto não era forte o suficiente para penetrar a escuridão. Eu também estava bastante segura que o túnel era estreito agora, e enquanto eu dava mais um passo para baixo, ambos os meus ombros roçaram as paredes.

O gosto metálico do medo inundou minha boca enquanto minhas mãos suadas de repente deslizaram sobre o ferro dos degraus.

— Mercer? — Archer chamou acima de mim. — Você está bem?

Descansei minha testa na parte de trás das minhas mãos, tentei manter o pânico fora da minha voz enquanto eu respondia: — Sim, tudo bem. Por que você pergunta?

— Porque você está ofegante.

Oh. Agora que ele mencionou, minha respiração estava pesando dentro e fora dos meus pulmões muito rapidamente. Fiz um esforço pra diminuí-lo enquanto ele perguntava: — É o escuro, ou... — Ele resmungou um pouco e mudou. Sujeira choveu sobre mim, e fechei meus olhos.

— Ambos. — eu engasguei. — Aparentemente sou claustrofóbica agora. Isso é, hm, novo. Provavelmente um efeito colateral de fugir de um prédio em chamas através de um túnel subterrâneo. — Tomei outra respiração precária. — Um viva para o trauma psicológico.

— Volte para cima. — Archer disse automaticamente, e eu meio que o amava por isso.

— Não. — eu disse, desejando que meus pés se mantivessem em movimento. — Estamos tentando salvar o mundo aqui, Cross. Não há tempo para ataques de pânico.

Eu continuei, um degrau de cada vez, e eventualmente, Archer começou a se mover também. Eu não tinha certeza de quanto tempo isso tinha levado para fazermos nosso caminho. Pareciam horas, e meu coração estava em minha boca todo o tempo enquanto a própria terra parecia pressionar abaixo de mim.

Finalmente, o túnel começou a alargar, e a luz fraca penetrou a escuridão. Quando meus pés finalmente bateram no chão de terra, virei e me encontrei encarando outro pequeno túnel. Esse era pelo menos seis pés de altura e cerca de quatro pés de profundidade. Qualquer que fosse a luz, estava vindo de algo no fim deste enorme túnel. Virei-me para ver Archer em pé atrás de mim, uma expressão cautelosa no rosto. — Em minha experiência, nada bom *brilha*. — ele disse.

— Isso não é verdade. — eu respondi, deslizando minha mão na sua. Começamos a andar em direção a luz. — Muitas coisas boas brilham. Colas brilhosas. Vagalumes. Incríveis camisetas que brilham no escuro...

Ele bufou com uma risada, mas seus dedos se apertaram nos meus. Continuamos andando, e algo frio e úmido escorreu em meu pescoço. Eu tremi, mas continuei andando. A luz cresceu mais brilhante. Archer e eu viramos a esquina, e assim que nos aproximamos, um gemido baixo encheu o ar. Levei um segundo para perceber que tinha vindo de mim.

Estávamos enfrentando uma sala grande e de tijolos alinhados. O brilho que tínhamos visto vinha de uma única lâmpada em uma corda, assim como no andar de cima no porão. Em pé na sala, ombro a ombro, estavam cerca de doze crianças. Ou pelo menos, uma vez tinham sido crianças.

Eles mal olhavam para frente, braços rígidos aos seus lados, como bonecas mecânicas esperando para alguém ligá-los. Atrás de mim, Archer murmurou algo, mas realmente não podia ouvi-lo. Uma onda de náusea me varreu enquanto eu me movia em frente ao Nick, olhando em seus olhos brancos. Daisy estava ao seu lado, seu cabelo escuro uma bagunça, lábios levemente abertos, como se ela tivesse estado no meio de dizer algo quando a congelaram. Atrás deles, vi Anna e Chaston. O glamour que tinham usado para fazê-las tão bonitas como Elodie tinha ido agora, então elas se pareciam mais simples do que eu lembrava. Elas também pareciam mais jovens, e dor atravessou meu peito.

Lembrei-me de brincar com Nick no jardim Thorne, usando mágica para vestir um ao outro em estúpidas roupas. E como ele costumava olhar para Daisy. A maneira como ela inconscientemente se enrolava nele sempre que estavam sentados juntos.

— Ela está mantendo pessoas aqui no depósito. — eu disse, minha voz ecoando. — Como se eles fossem *coisas*. Archer. Isso é... Olhe, eu sabia que o que estava aqui seria ruim. Não é como se Lara Casnoff usasse um feitiço poderoso de sangue para guardar sua receita de cookies de chocolate. Mas isso?

— Sim. — Acher disse suavemente. — Isso vai além de ruim, e direto para um pesadelo. — Ele pousou a mão em minha nuca. — Esse é o cara que me atacou na fábrica, certo? — Ele acenou para Nick.

— Sim, eles devem tê-lo pego de alguma forma. — Estiquei o braço e toquei a mão de Nick. Estava fria e feita de cera.

— O que você acha que aconteceu com todos eles?

— Eu não sei. Pode ser a magia de fixação. Ou pode ser algum outro tipo de magia em cima disso. — Havia tanta energia escura saindo dessas crianças que eu sabia que eram todos demônios. Cada um deles.

Entre isso e meus próprios poderes frenéticos dentro de mim, eu não poderia ter uma noção de quanta magia estava realmente acontecendo nessa pequena caverna horrível.

Archer soltou um longo suspiro. — Eu nunca pensei que sentiria pena de alguém que tentou me estripar.

— Não era ele. Quero dizer, era, mas não era. As Casnoffs fizeram dele um monstro. Desde que elas o ressuscitaram, elas... Eu não sei, incitaram-no a atacar você. Eles transformaram todos em monstros. — Acenei minha mão para as outras crianças em pé naquela pequena cela.

— E se as Casnoffs têm seus costumes, todos nós vamos acabar aqui.

Puxando-me mais perto, Archer murmurou: — Não vamos deixar isso acontecer.

— Como? — eu gritei, a palavra quicando ao redor da sala. — Olhe o que estamos enfrentando, Cross. Não podemos usar magia. Não podemos deixar esse lugar. — Eu agitei minha mão. — Nós nem sequer sabemos o que está acontecendo ao resto do mundo. Tudo o que podemos fazer é - é brincar de Scooby-Doo no porão.

— Isso não é tudo o que podemos fazer, Sophie. — Archer disse.

Sempre que Archer dizia meu primeiro nome, eu sabia que ele estava falando sério. — O que você quer dizer?

Ele se afastou alguns passos. — Olhe, você quer que as Casnoffs partam e essas crianças salvas, ou pelo menos... Bem, as tire dessa miséria, eu acho. Você não quer ninguém para levantar demônios novamente. Há outras pessoas que querem essas coisas também.

— Por favor, não me diga que você está falando sobre O Olho.

Ele desviou o olhar e enfiou suas mãos no bolso. — Só estou dizendo que você e O Olho tem um objetivo comum aqui.

Eu não tinha certeza se eu estava chocada, zangada, ou revoltada. Era uma espécie de mistura dos três. — Tudo bem, há um vazamento de gás aqui embaixo? Ou você bateu sua cabeça no túnel? Porque essa realmente é a única desculpa para você dizer algo tão estupidamente esquisita.

— Ah, você está certa, Mercer. — ele disse. — A ideia de tentar lutar contra um exército de demônios com um grupo de soldados treinados está além de ridículo. Talvez possamos buscar Nausicaa e ver se ela nos dá algum pó de fada para fazer o problema desaparecer.

— Não seja um idiota. — eu estalei.

— Então não seja ingênua. — ele respondeu. — Isso é muito grande para nós lidarmos, Sophie. Isso é muito grande para os Prodígios lidarem com eles próprios. Mas se pudéssemos trabalhar juntos, há uma chance que...

— O que você pensa, Cross? Que vamos pedir para O Olho nos ajudar, e eles virão todos, "Claro, sem problemas! E já que terminamos de exterminar os demônios, nós certamente não mataremos o resto de vocês, mesmo que isso seja, tipo, nossa missão na vida!"

Olhando para mim, Archer disse: — E alguns meses atrás, você pensou que todas as Brannicks eram também. Assassinos de Prodígios. Mas você certamente não se opôs a obter a ajuda delas para lidar com isso.

Eu pisquei para ele, vacilando. — Isso... Isso é diferente. — eu gaguejei. — Eles são minha fa...

— Sua família? — ele perguntou em voz baixa. — Porque O Olho é a minha.

— Mas você não é um deles. Não de verdade.

— Sim, Mercer, eu sou. — ele disse. — E se você não entendeu isso até agora... — Ele soltou um suspiro enquanto esfregava sua nuca, olhando para algum ponto sobre meu ombro. — Tanto faz. — ele finalmente resumiu.

Ele se virou e começou a andar de volta em direção às escadas. Encarei suas costas alguns segundos antes de segui-lo. Era difícil acreditar que apenas algum tempo atrás, estávamos brincando e nos beijando; e pensando nisso, tive uma súbita vontade de chorar. Não era possível nosso relacionamento ser fácil e feliz por mais tempo que um par de horas?

Nós fizemos nosso caminho de volta às escadas, e desta vez, eu estava muito triste e com raiva, para sentir claustrofobia. No topo, ele se inclinou para me dar uma mão, mas eu a golpeei para longe e lancei-me eu mesma para fora do túnel.

Bati a porta do alçapão atrás de mim, e sem dizer nada, manobramos a tábua de volta sobre ela. Então passei por ele, seguindo para os degraus do porão. Eu estava no primeiro quando senti seus dedos circular meu pulso. — Sophie, vamos lá. Não quero brigar com você.

Virando, abri minha boca para dizer que não queria brigar com ele também. Mas antes que eu pudesse, eu vi o lampejo revelador sair com o canto do meu olho, e a próxima coisa que eu soube, meu braço estava sendo empurrado fora do aperto dele. — Se você não quer brigar com ela, talvez você não devesse sugerir que ela se junte a pessoas que querem matá-la. — minha voz rosnou.

Archer se afastou tão rápido que quase tropeçou, e eu não tinha certeza se já o tinha visto tão assustado. Mas ele se recuperou rapidamente. — Elodie, se eu quisesse falar com você, eu faria uma sessão espírita ou algo assim. Talvez ir a um episódio de *Caçadores de Fantasmas*. Mas agora, quero falar com Sophie. Então, saia.

Elodie não tinha intenção de fazer isso. — Você sempre foi um namorado ruim. — ela disse. — Quando você foi embora, eu resumi isso para você, sabe, não gostando de mim ultimamente. Mas a não ser que eu seja cega assim como estou morta, você realmente gosta da Sophie. Na verdade, por mais difícil que seja para eu admitir, eu acho que você a ama.

Cala a boca, cala a, boca, cala a boca!

F*oda-se,* ela respondeu. *Vocês dois passam todo o tempo de vocês fazendo piadas estúpidas e sendo espirituosos. Alguém tem que cair na real.*

— Qual o seu ponto? — Archer perguntou, estreitando seus olhos para mim. Ela. Que seja. Deus, isso estava ficando confuso.

— Cal a ama também, você sabe. E da última vez que verifiquei, ele não fazia parte de uma seita de monstros assassinos. Só estou dizendo que se você *vai ter* lealdades divididas, talvez seja hora de retirar-se graciosamente.

Você não poderia dizer que Elodie não sabia fazer uma saída dramática. A próxima coisa que eu soube, era que eu estava sendo lançada em direção aos braços de Archer, minha cabeça nadando.

Archer agarrou minha cintura e então abruptamente me empurrou para o comprimento de seu braço. — Sophie? — ele perguntou, olhando atentamente para meus olhos.

— Sim. — eu disse, minha voz tremendo. — Estou de volta.

Seus dedos afrouxaram, tornando-se mais uma carícia que um aperto. — Então você não consegue controlar quando ela ataca assim? Ela pode simplesmente tomar conta de você... Quando quiser?

Tentei sorrir, mas saiu mais como uma tosse. — Você conhece Elodie. Não acho que alguém já a controlou.

Franzindo o cenho, Archer puxou suas mãos de volta e as enfiou nos bolsos. — Bem, isso foi impressionante.

Agarrei o corrimão para me equilibrar. — Archer... Aquela coisa que ela disse. Você sabe que não é verdade.

Ele deu de ombros e passou por mim para as escadas. — Dizer a coisa mais odiosa possível é como o super-poder de Elodie. Não se preocupe sobre isso. — Ele parou e olhou sobre seu ombro. — Provavelmente devemos dizer a Jenna o que encontramos lá embaixo.

Oh, certo. Acabamos de desenterrar um bando de demônios. Isso provavelmente superou as questões do nosso relacionamento. Alguns segundos se passaram. — Vamos Mercer. — Archer disse, estendendo sua mão para mim.

Desta vez eu peguei.

CAPÍTULO 22



— Veja, assim está muito melhor. — Elodie disse, enquanto nós estudávamos o meu reflexo no espelho ao longo da minha cômoda. Mesmo que a imagem fosse deformada e distorcida, eu tinha que admitir que eu parecia agradável. Elodie tinha passado a mão sobre o meu cabelo e a próxima coisa que eu sabia, ele estava caindo em ondas suaves sobre os meus ombros.

I*sso é incrível,* eu disse a ela*, mas eu estou deixando você usar meu corpo para que nós possamos entrar no escritório de Lara, não para que você possa me dar uma mudança. Além disso, se eu andar assim, as pessoas vão saber que eu estou fazendo magia de alguma forma ou querer saber como eu conseguir esgueirar uma chapinha para Hex Hall.*

Era uma coisa estranha, vendo meu rosto amassado e distorcido em uma carranca em… mim.

— Você é extremamente irritante quando você está certa. — ela disse, acenando com a mão. Mais uma vez, meu cabelo voltou a ser uma bagunça de cachos.

Depois que havíamos voltado do porão, Archer e eu dissemos a Jenna e Cal sobre as crianças que estavam lá embaixo. Todos nós tínhamos decidido que entrar no escritório de Lara era o próximo plano de ataque.

— Tem que ter algo lá dentro. — Jenna disse. — Ou o feitiço que transforma as crianças em demônios, ou o grimoire...

— Talvez ela tenha uma pasta de arquivos rotulada, Meu Plano do Mal. — eu sugeri. — Seria super útil.

Isso havia nos tomado três dias para chegarmos com uma estratégia para entrar no escritório. Cal estava distraindo Lara com perguntas sobre seus próprios poderes e como eles podiam ser úteis para "a causa", enquanto Jenna e Archer mantinham um olho na Sra. Casnoff. Desde que ela estava apenas andando em círculos em volta da lagoa, isso não era particularmente desafiador.

O que deixou a parte mais importante para mim e Elodie: usar a magia de Elodie para entrar no escritório e procurar qualquer coisa que pudesse nos ajudar a parar as Casnoffs. Na medida em que os planos ocorriam, não era exatamente o dia D, mas era o melhor passo seguinte.

Agora Elodie olhou para o meu reflexo e disse: — Isso é estranho. Olhar no espelho e ver você.

S*im, eu acho que estabelecemos que isso é terrível para todos os envolvidos. Podemos ir agora? Não temos muito tempo.*

Começando a suspirar, ela se afastou da cômoda. Enquanto ela fazia, eu pensei que vi o espelho... Eu não sei, ondular por um segundo.

V*ocê viu isso? No espelho?*

Elodie olhou para trás. — Tudo o que vejo é você. Eu. — Ela acenou com a mão. — Você sabe.

Eu estudei o vidro, mas Elodie estava certa. Nada estava lá.

P*rovavelmente apenas um truque da luz*, eu disse a ela. *Desculpe.*

— Não me surpreenderia. — ela murmurou, abrindo a porta. — Esse espelho é super elevado.

Nós fizemos nosso caminho para o patamar. Eu notei algumas das bruxas mais jovens em um dos sofás, suas cabeças juntas. Não era a primeira vez que eu via um desses grupos de crianças sussurrando e me perguntei se talvez nós não fossemos os únicos bolando planos.

E*u não balanço meus quadris assim quando eu ando*, eu disse para Elodie enquanto nós passamos por elas. *Pare com isso.*

Ela não deu nenhum sinal de me ouvir.

A casa estava quase silenciosa. O jantar tinha terminado há uma hora atrás ou algo assim, e estava chegando perto do por do sol. Todos estariam trancados em seus quartos, o que significava que nós tínhamos que correr.

Eu podia sentir meu coração batendo quando nós entramos no corredor principal. Mais vidro tinha caído dos vitrais da janela. Agora o anjo que havia criado as bruxas e feiticeiros estava com metade de seu rosto faltando, e um pequeno estremecimento passou por mim enquanto andávamos com cuidado em torno do vidro. Eu não tinha certeza se era eu que estava assustada ou Elodie. Provavelmente nós duas.

Quando chegamos ao escritório de Lara, Elodie colocou minha mão sobre a maçaneta. Eu pude sentir a magia chiar até meu braço, e dei um suspiro mental.

— Por que você acha que Lara é Lara Casnoff e a Sra. Casnoff é Sra. Casnoff? — Elodie sussurrou, enquanto trabalhava sua magia sobre a porta encantada. — É o seu nome de família, certo? Então ela não deveria ser Senhorita Casnoff? Ou Srta.?

D*e todas as coisas para pensar, isso é no que você está se focando? Seu estado civil?*

— É estranho, isso é tudo que eu estou dizendo. — ela assobiou em resposta.

V*ocê sabe que você pode falar na minha cabeça, certo? Você não tem que falar em voz alta e fazer com que todos pensem que eu sou uma pessoa louca. Só para você saber.*

— A única vez que eu posso falar é quando estou em seu corpo, então me processe, estou levando vantagem disso.

Antes que nós pudéssemos implicar mais uma com a outra, a porta de repente se abriu. Deixando ela aberta Elodie entrou, fechando a porta atrás dela. O escritório de Lara Casnoff era o oposto total do escritório da Sra. Casnoff, cheio de estantes crescentes e uma pesada mesa de madeira tão brilhantemente polida que eu podia me ver nela.

— Alguma ideia sobre onde devemos começar? — Elodie sussurrou.

N*a mesa,* eu finalmente disse. *Vai estar trancada, e se for qualquer coisa parecida com a da Sra. Casnoff, magia não vai funcionar. Há um prego no meu bolso. Pegue-o, e eu vou lhe falar como você abre.*

O desdém de Elodie inundou sobre mim, mas ela pegou o prego e começou a trabalhar na tranca. — Você era uma assaltante no mundo real? — Ela murmurou enquanto trabalhava.

N*ão. Minha mãe e eu moramos em um apartamento particularmente ruim uma vez. A tranca nunca funcionou bem, e sempre tivemos que arrombar. Tenho que admitir, eu nunca pensei que a habilidade viria ser útil novamente.*

Ela deu uma pequena risada. — Por que você precisou arrombar a tranca da Sra. Casnoff?

I*nformações sobre Archer. Depois que ele saiu.*

— Ah. De nada, a propósito?

P*elo quê?*

Ela tentou de novo. — Por colocá-lo em seu lugar na outra noite. Trabalhando com O Olho. — ela zombou. — Sim, isso foi um plano brilhante.

E*le está apenas tentando pensar em alguma coisa*, eu disse automaticamente. Eu não tinha certeza por que eu estava defendendo-o quando eu tinha basicamente dito que a ideia era a coisa mais estúpida em toda estupidez, mas eu não gostei do desprezo em sua voz. Bem, *minha* voz, suas palavras.

Elodie parou de tentar abrir a gaveta da mesa e empurrou meu cabelo de volta com ambas as mãos. — O que vai fazer quando você perceber que Archer Cross é má notícia? Ele é um Olho. Ele é um mentiroso e um imbecil, e ele não é nem de perto tão engraçado quanto ele acha que é. E você está noiva de Cal. Garotos que podem curar todas as feridas e são super quentes? Não aparecem exatamente todos os dias.

E*u não penso em Cal desse jeito.*

Pressionando de volta na tranca, Elodie bufou. — Hum, oi, eu tenho estado em sua cabeça. Você totalmente pensa sobre ele desse jeito.

O*lha, isso não é uma festa de pijama,* eu falei. *Você pode, por favor, voltar a trabalhar?*

— Tudo bem. — ela murmurou. — Não me dê ouvidos. Mas estou lhe dizendo, Cal é o caminho certo. Infernos, se eu tivesse um corpo, eu não me importaria...

E*u vou precisar que você pare aqui mesmo.*

Eu estava noventa e nove por cento certa de que ela não ia parar, mas antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, a tranca da gaveta cedeu.

— Ahá! — Elodie sussurrou. — Sucesso!

Aqui estava a coisa. Quando ela abriu a gaveta, eu não esperava encontrar nada. Não realmente. Quero dizer, talvez uma nota enigmática ou duas, ou um enigma estúpido escrito em pergaminho que tínhamos de decifrar.

Então, quando eu vi o livro sobre o topo de uma pilha de papéis, eu não sabia o que eu estava olhando. Foi só quando Elodie disse: — Hum… esse é o grimoire que você estava falando?

Eu olhei para a capa de couro-preto retorcida, senti o poder vindo em ondas. *Sim. É exatamente esse.*

— Bem, isso foi... Fácil.

Ela fez menção de pegar, e sem pensar, eu gritei *Não!*

Tremendo, ela levantou minhas mãos para as minhas orelhas. — Oh! Eu disse a você, voz interna!

N*ão pode ser tão simples assim*, eu disse a ela, as palavras de Torin soando em meus ouvidos. *É uma armadilha. Um truque.*

— Ou talvez algo está finalmente saindo do nosso jeito. — ela sugeriu. — Vamos lá, Sophie. Cavalo de presente. Boca. Não olhe para isso[6].

Mais uma vez, ela fez menção para pegar o grimoire, mas desta vez, não foi meu grito mental que a parou.

Foi o rangido baixo da abertura da porta.

[6] Aqui a autora faz referência ao ditado popular: "A cavalo dado não se olha os dentes".

CAPÍTULO 23



Antes que a porta se movesse mais um centímetro, Elodie pegou o grimoire e empurrou-o desajeitadamente no cós da minha saia. Logo que o livro tocou a pele das minhas costas, ambas nos escolhemos. A magia saindo dele parecia como um choque elétrico de baixo nível, e os meus braços e pernas ficaram arrepiados.

Eu tinha que dar meu braço a torcer a Elodie. Se eu estivesse no controle do meu corpo, me debatendo e derrubando coisas, eu provavelmente teria prendido minha roupa na gaveta. Mas Elodie suavemente fechou a gaveta sem um único som, e sentou-se na cadeira de Lara como se ela pertencesse ali. Uma desculpa já se formulando na cabeça dela — ou minha cabeça, era difícil de dizer — quando Cal enfiou a cabeça pela porta.

Elodie sentou-se aliviada. — Ah, é você.

Fazendo uma careta, Cal deu um aceno curto. — Eu distraí a Lara o quanto pude. Ela disse que ela estava indo para a estufa, mas mesmo assim eu queria avisar você.

Elodie ficou de pé e deu a volta na mesa. — Está tudo bem. — ela disse. — Eu encontrei o que eu estava procurando.

E*u? Por que você está dizendo "eu" e não "nós"?*

Não houve resposta na minha cabeça enquanto ela sorria para Cal.

— Obrigada por avisar.

Ele observou o meu rosto com outra de suas expressões inescrutáveis. Eu me perguntei se elas eram a marca registrada dele. — Então, você é a Sophie? Ou Elodie na Sophie?

— Só eu. — ela disse com um erguer de ombros. — Elodie saiu daqui quando você abriu a porta.

Eu não me preocupei sobre vozes internas agora. *O que você está fazendo?* Eu gritei tão alto quanto eu pude. Ela endureceu um pouco e pegou o braço de Cal. — Vamos. Nós devemos sair daqui.

Enquanto ela e Cal subiam as escadas, o grimoire zumbia contra as minhas costas, e os meus dedos se aninharam na dobra do braço dele, eu mantive um freio constante na Elodie.

P*are. Agora mesmo. Ou você diga que você sou eu, ou saia do meu corpo.*

Nós alcançamos o terceiro andar. A sala de estudos estava vazia, e Elodie guiou Cal passando pela sala até o meu quarto. *Confie em mim*, Elodie finalmente respondeu. *Eu estou fazendo um favor a você.*

Ela abriu a porta e gesticulou para Cal segui-la. Eu o vi hesitar, e por um segundo, eu pensei que ele iria perceber que não era eu. Mas então ele a seguiu. Jenna não estava, e Elodie pulou na cômoda, com os tornozelos cruzados. Cal fechou a porta suavemente atrás dele. — Você encontrou algo? — ele perguntou em uma voz baixa.

Elodie assentiu. — Encontrei. Eu encontrei o grimoire.

Cal piscou para ela. — O grimoire? Como assim, estava apenas lá para todos verem?

— Na mesa trancada da Lara. Ei, você sabe por que a Sra. Casnoff, é, bem, Sra. Casnoff? Quero dizer, este era o nome do pai dela, então por que senhora?

Sério? Eu perguntei.

Esfregando a nuca, Cal disse: — Hum? Oh, hm, ela foi casada há um longo tempo atrás, mas todas as Casnoffs mantêm o nome. É uma tradição ou algo assim. Mas sobre o grimoire...

— Ela teve um casamento arranjado? Como nós? — Elodie perguntou, deslizando da cômoda. Ela se moveu para ficar na frente ao Cal, tão perto que eu podia ver o meu reflexo em seus olhos. Tão estúpido quanto isso soa, eu estava surpresa pelo quanto eu parecia *comigo*. Eu estava tão certa de que algum traço da Elodie iria aparecer no meu rosto. Mas não havia nada.

Mesmo assim, Cal ofereceu a ela um olhar estranho enquanto ela se aproximava. *Vamos lá*, eu implorei silenciosamente. *Veja.* Me *veja.*

Mas o momento passou, e depois de dar um pequeno balançar de cabeça, Cal disse: — Sim, eu acho. Sophie, você viu o feitiço? Aquele que poderia dar a você seus poderes de volta?

Elodie foi surpreendida por isso, e minha mão foi em direção ao livro, ainda pressionado às minhas costas. — Ah, certo, isso. Sim, eu estava prestes a achar aquele feitiço, na verdade.

N*ão!* Eu grite novamente, mas agradecidamente, Cal teve o mesmo pensamento. — Não. — ele retrucou, pegando o meu pulso enquanto os meus dedos se esticaram em direção ao grimoire. Já que a minha mão estava inda atrás das minhas costas, isso basicamente significava que ele estava me segurando contra ele. *Resultado*, Elodie exultou em minha cabeça.

A respiração de Cal estava quente no meu rosto quando ele disse:

— Talvez ela tenha deixado o livro fácil para ser encontrado de propósito. Se você tocar aquela página e conseguir seus poderes de volta, você será um demônio de novo. Talvez é isso que as Casnoffs querem.

Agora o redemoinho no meu estômago não tinha nada a ver com o que seja que a Elodie estava fazendo, e tudo a ver com o que Torin havia dito para mim. Pela primeira vez, eu me deixei pensar que havia uma chance de que ele não estivesse apenas tentando brincar comigo. O pensamento era quase muito aterrorizante para aguentar.

— Eu não havia pensado nisso. — Elodie disse, e eu nunca havia ouvido minha voz assim. Era rouca. Quase sexy.

Pela primeira vez na vida, eu vi Cal hesitar. — Eu apenas acho que você não deveria tocar naquele feitiço. Não agora, pelo menos.

— Eu não vou.

— Bom.

— Então por que você ainda está me segurando?

Eu me senti como se estivesse vendo um acidente de carro em câmera lenta, só que eu na verdade estava dentro do carro. *Pare*, eu disse de novo, e desta vez eu não estava gritando. Eu estava implorando. *Não por mim, mas pelo Cal. Você está zoando com ele, e ele não merece isso.*

N*ão*, ela respondeu enquanto ela curvava os dedos ao redor da nuca do Cal. *Mas o Archer merece.*

Os lábios de Cal estavam experimentando os meus, e havia uma parte de mim que se perguntou se ele suspeitava. Mas então Elodie o puxou com firmeza, e eu acho que mesmo se ele suspeitasse, ele apenas não ligava mais. O beijo na tenda havia sido intenso, mas isso era... Bem, era quente. Provavelmente porque Elodie estava praticamente enroscando o meu corpo ao redor de Cal, beijando-o com bem mais fervor do que eu jamais havia mostrado.

Tantos sentimentos estavam correndo pelo meu sistema, eu não conseguia descobrir quais eram meus e quais eram de Elodie. Raiva, luxúria, tristeza, triunfo. Todos eles reverberavam dentro da minha pele, e entre isso e a magia retumbando como uma segunda batida de coração no meu peito, o choque elétrico do grimoire contra a minha espinha, eu senti como se eu fosse verdadeiramente explodir em milhões de pedaços de pano azul.

Mas antes que isso pudesse acontecer, a porta se abriu, e mesmo enquanto eu gritava para a Elodie largar o Cal, eu sabia que era tarde demais.

— Opa. — eu escutei Jenna dizer, e então Archer perguntar. — O quê?

De repente, meus olhos estavam abertos, e eu podia ver os dois parados na entrada da porta. Jenna apenas parecia confusa, mais do que qualquer coisa. Mas o Archer...

Se eu tivesse quaisquer dúvidas a respeito de como Archer se sentia sobre mim, eles foram erradicados quando eu vi o olhar em seu rosto. Eu nunca tive o meu baço arrancado, mas se eu tivesse, eu imaginei que eu teria a mesma expressão que Archer tinha agora.

Eu senti os meus lábios se retorcerem em um escárnio, e dentro da minha cabeça, Elodie estava praticamente dançando. — Não é uma sensação tão boa ver alguém que você está apaixonado ficar com outra pessoa, não é? — ela disse para o Archer.

Cal, que ainda não havia largado do meu pulso, de repente deu um passo para trás. — Elodie. — ele disse. Não era uma pergunta.

E*u nunca vou te perdoar por isso*, eu disse a ela. *Eu não ligo que eu não possa mais fazer mágica pelo resto da minha vida, você nunca mais entrará no meu corpo de novo.*

I*sso não era sobre você*, foi a única resposta dela.

E então ela se foi.

Eu atingi o chão, um dos meus joelhos arranhando dolorosamente o chão duro. Cal e Jenna correram para me ajudar a ficar de pé. No instante que eu me senti firme, Cal abaixou sua mão e se moveu para longe de mim. Jenna manteve um aperto firme no meu cotovelo, e quando eu olhei para cima, eu percebi o motivo para o Archer não ter me ajudado.

Ele tinha ido embora.

Eu me virei para Cal, miserável. — Eu sinto muito. De novo. Mais um pouco. Eu... Eu nunca teria...

Ele me cortou com um rápido aceno de cabeça. — Não era você, — ele disse, mas a voz dele estava rouca, e ele ainda não estava olhando para mim.

Incerta do que mais dizer, eu peguei atrapalhadamente o grimoire, entregando-o para Jenna. — Nós encontramos isso na mesa de Lara. Cal acha que pode ser algum tipo de armadilha. Quero dizer, por que elas o deixariam fácil para ser encontrado? — eu me lembrei do que a Sra. Casnoff havia dito no outro dia sobre eu ser a melhor esperança delas, sobre algo "no sangue". Se as Casnoffs quisessem que eu tivesse os meus poderes de volta, não seria uma boa coisa.

Jenna pegou o livro, mas não o abriu. — Ok. — ela disse. – Vá lidar com Archer.

— Ele está chateado, mas isso é mais importante. — eu disse, acenando para o grimoire. Deixei Cal e Jenna acharem que eu era corajosa e abnegada. Isso era melhor do que contar para eles que eu era muito covarde para falar com Archer agora. Como alguém exatamente diz: "Sinto muito que o fantasma da sua ex-namorada me usou para se pegar com o meu noivo?"

Mas Jenna era a minha melhor amiga. — Soph. — ela disse baixinho. — Vá falar com ele. Agora.

Eu suspirei. — Sabe, ser mandona é a coisa menos favorita dos seus traços de personalidade. Bem junto com a sua habilidade infalível de estar certa o tempo todo.

Ela sorriu. — Você me ama.

Antes que eu deixasse o quarto, eu notei a expressão guardada de Cal, a tensão em seus ombros. Eu teria dado qualquer coisa para ter poderes de ler a mente.

Eu não demorei muito para encontrar Archer. Ele estava na sala de desenho verde, aquela onde eu encontrei a Elodie, Chaston e Anna pela primeira vez. Sentado no chão, as costas dele estavam contra o sofá, longas pernas esticadas na frente dele, ele estava estudando a única fotografia que permanecia na parede.

Eu me sentei ao lado dele, mesmo com o tapete estando desagradavelmente úmido. Uma luz pálida doentia de um abajur na sala mantinha grande parte do rosto dele na sombra.

— Então, isso foi uma droga, — eu disse, tentando soar tão jovial quanto era possível. — Efeito colateral de namorar no mundo mágico, eu acho.

Ele fez um som de divertimento, seus ombros se mexendo um pouco. Mas ele ainda não olhou para mim. — Você acha que aqueles caras já tiveram estes tipos de problemas? — ele perguntou, acenando na direção da foto. Era uma mostrando a primeira turma em Hecate Hall, em 1903. Havia apenas uns poucos estudantes naquele ano, quando a escola não era usada para punição e sim como um abrigo.

— Provavelmente. — eu disse. — Aquela garota sobre a palha parece um pouco biscate.

Ele riu de verdade então e finalmente virou a cabeça na minha direção. — Eu sei que era ela. — ele disse, esticando a mão para alcançar a minha. Nossos dedos entrelaçados juntos. — Mas mesmo assim.

Era ver a menina que eu... Era ver você beijando o Cal. E apesar de eu saber que era ela logo que eu vi vocês dois...

— Ainda foi ruim. — eu terminei suavemente. — Eu entendo isso, eu entendo. Costumava me matar ver você beijar a Elodie.

— Me matou beijá-la. — ele disse, e mais uma vez, seus olhos desviaram para a foto. — Mas não era apenas uma droga ver sua namorada com a língua dentro da garganta de outro cara.

Eu me retraí com isso, me lembrando do como as coisas estavam quentes quando Archer e Jenna haviam entrado. Archer nem notou ou fingiu não notar. — É que Elodie está certa. Cal gosta de você. E ele é realmente um cara bom. E apesar de eu querer odiá-lo por ser prometido a você... — Ele deu uma encolhida nos ombros impotente. — Eu não posso. O que deve significar que ele é extra maravilhoso.

— Pare. — eu disse, puxando nossas mãos entrelaçadas. — Cal é meu amigo. É só isso. Você é o cara que eu...

A*mo*, eu queria dizer. Mas a palavra se congelou na minha língua, e eu terminei apenas dizendo: — Quero. Escolho. Que seja.

Ele segurou o meu olhar, e seus olhos escuros estavam tão sérios como eu nunca havia visto eles antes. — Talvez eu não devesse ser.

Chocada, eu me inclinei para longe dele. — O que isso quer dizer?

— É só que... Se você estivesse com ele, você seria mais feliz. Melhor.

Ok, agora eu estava ficando brava. — Isso não é realmente uma decisão sua. E se você se sente dessa forma, talvez você devesse apenas ir em frente e me dar o discurso "Não é você, sou eu" agora mesmo.

Para a minha surpresa, Archer sorriu. — Este que é o negócio, no entanto. — ele disse. — Eu não posso. Eu podia suportar se você me deixasse, mas eu não acho que há jeito de que eu possa deixar *você*.

Eu pisquei para ele. — Você é tão complicado.

— É isso que eu estive tentando dizer a você.

Colocando minha mão ao redor da nuca dele, eu puxei seu rosto para o meu. — Acontece que eu gosto de complicado. — eu sussurrei, nossos lábios quase se tocando. — Então nunca mais diga uma merda como essa de novo, ok?

Eu notei que havia mais que ele queria dizer. Ao invés disso, ele apenas suspirou: — Ok.

— Bem, isso não é um momento adorável.

Eu virei minha cabeça. Lara estava de pé dentro da sala, sorrindo beatificamente para nós. — Estou tão feliz que eu encontrei você, Senhorita Mercer. — ela disse para mim. — Eu acho que é hora de nós termos uma conversinha.

CAPÍTULO 24



Pela segunda vez naquele dia, eu me encontrei no escritório de Lara.

A sala ficava de frente para as árvores da parte de trás da casa, e eu observei a neblina enrolando-se ao redor dos troncos escuros. Eu me concentrei nisso para que eu não precisasse me concentrar na pequena espreguiçadeira em frente à janela, onde a Sra. Casnoff sentou-se, com as mãos no colo, e seu rosto sem expressão.

Afundando em uma cadeira de couro no outro lado da mesa, Lara me estudou. Ela não parecia irritada. Apenas curiosa. Quase divertida.

— Acredito que eu não tenha interrompido nada muito importante entre você e o Sr. Cross.

Eu apertei meus dedos fortemente para que ela não os visse tremer.

— Não, apenas o de sempre. Você sabe - como arruinar você e esse seu plano depravado, e escapar dessa ilha maluca.

Ela riu. — Mesmo agora, seu senso de humor não abandona você. Se não fosse tão irritante, eu respeitaria isso. — Ela inclinou-se sobre a mesa, juntou as palmas das mãos, e havia algo nela que me lembrou de todos os orientadores educacionais que eu já conheci (e confie em mim, quando eu ia para uma escola regular, eu conhecia muitos). — É por isso que você tem tentado falar com minha irmã? Por isso invadiu meu escritório hoje?

Eu estremeci, e Lara se acomodou em sua cadeira, os lábios curvando-se em um sorriso de satisfação.

— Não achou que eu saberia sobre isso, não é?

Eu queria debochar. Eu queria dizer algo que pudesse mostrar a ela que não tinha me assustado. Nós tivemos vantagem, por o que, talvez dez minutos? E se ela sabia que estivemos em seu escritório, ela sabia que tínhamos o grimoire?

Ao menos eu ainda tinha o sarcasmo do meu lado. — Eu estou frustrada que você saiba sobre isso — eu disse à Lara, sentando-me na cadeira diante da sua mesa. — mas sabendo o quanto você é uma bruxa perversa, eu não estou exatamente *surpresa.*

Ela estreitou os olhos. — É tudo uma brincadeira para você. Um jogo. O trabalho da vida do meu pai, a salvação de nossa espécie...

— O trabalho da vida do seu pai era escravizar um bando de adolescentes? Não me surpreendo que vocês duas se tornaram pessoas tão incríveis. — eu disse, sacudindo minha cabeça em direção a Sra. Casnoff. Ela não demonstrou nenhum sinal de ter me ouvido.

Ok, agora Lara estava irritada mesmo. Ela se arrumou na cadeira.

— Você sabe o que meu pai sacrificou para criar você e sua linhagem? Você sabe do que *nós* desistimos? — Ela apontou um dedo longo para a Sra. Casnoff. — Para manter nossa espécie segura. Para nos proteger daqueles que poderiam nos erradicar.

— Vocês estão transformando pessoas em monstros. — eu disse. — Crianças. O que seu pai fez destruiu Alice. E depois destruiu sua filha, e se vocês duas tivessem achado uma maneira, teriam feito a mesma coisa para mim e meu pai.

— Os fins...

— Justificam os meios. Foi o que *ela* disse. O que é isso, o slogan da família ou algo do tipo?

Lara ficou imóvel, os nós de seus dedos brancos. — Você gostaria de conhecer a respeito da minha família, Sophie?

Forçando-me de volta contra a minha cadeira, eu balancei a cabeça.

— Eu acho que eu conheço o suficiente sobre sua família, obrigada.

— Você não sabe nada. — Lara disse, e então ela movimentou os dedos em minha direção.

No início, nada aconteceu, e eu me perguntei se tudo o que ela tinha feito era mostrar o dedo do meio em uma versão bruxa.

E então minha visão começou a escurecer. Tremendo, tentei agarrar os braços da cadeira, mas a cadeira não estava mais lá. *Eu* não estava mais lá. Cercada pela escuridão, quase me senti de volta ao Itineris. Aquela sensação de claustrofobia ameaçava me sufocar.

Uma faísca se destacou em meia à escuridão, uma partícula brilhante que lentamente transformou-se em um tipo de imagem. Eu estava olhando para a pintura de um vilarejo nevoado, e então, enquanto eu observava, a pintura começou a ganhar movimento. Homens e mulheres se arrastavam em uma travessa coberta de neve, suas cabeças encolhidas contra o frio e o vento. Ninguém me disse para o que eu estava olhando, mas o conhecimento inundou minha mente, como se eu sempre soubesse. Essa era a cidade natal de Alexei Casnoff, e a pequena casa exatamente no centro da imagem era a dele.

Então eu o vi, um garoto de cabelos escuros, seu rosto pressionado contra uma janela. Ele estava esperando por seu pai, eu conseguia sentir sua impaciência e preocupação como se fossem minhas próprias emoções. Atrás dele, uma mulher bonita com cabelos longos e escuros afagou sua cabeça e murmurou para ele em russo. Mesmo que eu não falasse uma palavra daquela língua, eu ainda conseguia entender o que ela estava dizendo. — Vai dar tudo certo, Alexei. Seu pai e os outros vão nos manter a salvo, eu prometo.

E então eu entendi que todo o vilarejo era composto por Prodígios, e alguma coisa importante estava sendo decidida hoje. Alguma coisa sobre mudança, segurança. Se esconder. Mas antes que eu pudesse formar uma ideia, a pintura mudou novamente.

Não havia ruas cobertas por neve agora, nem chalezinhos excêntricos. Agora havia caos, fogo e fumaça. As chamas eram tão brilhantes, eu queria cobrir meus olhos, mas eu não tinha mãos. Ou olhos, de qualquer modo. Eu vi Alexei, correndo pela rua, perseguido por moradores.

E*les sabem o que somos*, Alexei estava pensando. *Eles nos acharam,* e*les nos acharam, eles nos acharam...*

Atrás dele, figuras estavam deitadas imóveis na rua, e eu sabia que eles eram seus pais. Eu podia ver o cabelo loiro de sua mãe balançando em volta da cabeça, algumas mechas ainda em chamas. E uma minúscula forma do lado deles, era sua irmãzinha, e ele estava *assustado* demais. Seu terror e luto me invadiram, foi quase insuportável. As chamas desapareceram, a figura começou a ficar borrada e transformou-se em outra cena. Alexei era mais velho agora, talvez em seus vinte e poucos. Ele era lindo, menos sério do que ele parecia em algumas fotografias que vi dele.

Ele viajava na traseira de um carro, passando por montanhas e uma grama verde que parecia muito familiar. Ele estava empolgado, batia seus dedos nervosamente no livro que segurava em seu colo.

O grimoire.

O carro sacudiu sobre uma ponte de pedras, e Thorne Abbey apareceu à vista.

Alexei podia ver as meninas sentadas no gramado, todas as estudantes de uma universidade para mulheres em Londres. Elas estavam hospedadas em Thorne porque não era mais seguro na cidade. Alexei as observava, e um sorriso forçado formou-se em seu rosto. *Finalmente*, ele estava pensando. *Finalmente*.

E então a cena ficou escura de repente, e a próxima coisa que eu sabia era que eu estava de volta ao escritório de Lara, ofegando na minha cadeira.

— Acredito que isso dê a você uma essência do que aconteceu. — Lara disse calmamente enquanto embaralhava alguns papéis.

Eu ainda estava tremendo, tentando colocar na minha cabeça que a minha família não era aquela que foi assassinada nas ruas. Quando senti que conseguiria falar novamente, eu disse: — Humanos mataram a família dele. E ele estava assustado e queria um jeito de proteger os outros Prodígios e talvez conseguir vingança no processo. Mas isso... Isso ainda não justifica o que ele fez. — Eu engoli em seco, com repugnância, ao me lembrar da expectativa que brilhava em seu rosto enquanto ele observava um grupo de meninas inocentes espalhadas no gramado de Thorne Abbey. Alice, minha bisavó, era uma delas. — Além disso, eu sei que isso não é apenas sobre proteção. Talvez tenha sido quando começou, mas para qual motivo seu pai realmente queria Alice? Quer saber o que eu penso? Eu penso que um demônio de estimação seria bastante útil se você quisesse ter controle sobre cada Prodígio do planeta.

Lara não tentou negar. — Possivelmente. É claro que um pelotão de "demônios de estimação" viria a calhar bem mais. — Ela abaixou seus papéis, e cuidadosamente abriu uma gaveta. E então tirou o grimoire de lá, meu coração disparou.

— De onde você...

— Oh, a Senhorita Talbot foi muito rápida em me devolver. Se você quisesse o livro, tudo o que precisava fazer era pedir. — ela falou, e eu a encarei, completamente confusa.

— O que?

— Nós iríamos dá-lo a você eventualmente. Você não é muito útil para nós sem seus poderes. — Ela folheou as páginas até encontrar o feitiço que devolveria minha magia. Só de ver as palavras na página me senti como se eu fosse saltar para fora do meu corpo.

Lara segurou o livro em minha direção. — Vá em frente, toque-o. — Então ela riu. — Ah, sim, Sophie, eu sabia que seu pai tinha feito você tocar esse feitiço. Eu sabia tudo sobre as horas que vocês passavam juntos discutindo e descobrindo mais sobre esse livro.

Minha magia estava a apenas alguns centímetros. Dentro de mim eu gritava por esse feitiço. Mas eu encarei Lara e perguntei: — Porque você iria querer que eu tivesse meus poderes de volta? Porque no segundo que eu tiver, eu vou explodir tudo que estiver no meu caminho para sair daqui.

Mas Lara apenas sorriu para mim. — Sophie, quando seu pai lhe ensinou sobre demônios, ele te contou como eles são controlados?

— A bruxa ou o feiticeiro que criaram o demônio podem controla-lo. Mas já que tecnicamente ninguém me criou, ninguém me controla.

— Isso foi o que pensamos também. — Lara assentiu balançando a cabeça. — Mas então fizemos uma pesquisa. Sabe, a coleção de seu pai em Thorne foi muito útil. E imagine nossa surpresa quando descobrimos que a capacidade de controlar um demônio é passada através do sangue.

A*través do sangue*, Sra. Casnoff tinha dito. *Sangue. Seu, meu, do meu pai, e de Alice.*

E de repente eu entendi o que ela quis dizer.

— Nosso pai realizou o ritual que transformou sua bisavó em um demônio. — Lara disse. — Nosso sangue criou o seu. O que significa que uma vez que você recupere seus poderes, você estará sob nosso controle.

Eu não conseguia tirar meus olhos do feitiço, mesmo quando eu comecei a tremer. — Isso é impossível. — eu disse, como se isso fosse anular a verdade. — Se você pudesse me controlar, você teria feito antes.

— Nós não sabíamos que podíamos, por isso nunca tentamos. — A Sra. Casnoff disse, falando pela primeira vez.

— Mas por quê? Porque vocês iriam querer me controlar quando podem criar quantos demônios quiserem?

— Demônios recém-nascidos podem ser... Imprevisíveis. — Lara disse. — Mas você? Um demônio da quarta geração? A chance de você... Perder o controle, vamos dizer, é muito, muito baixa. O que faz de você a melhor para um cargo de liderança. — Lara sorriu para mim, e não havia nenhuma sanidade em seus olhos. — Afinal de contas, todo exército precisa de um Comandante.

Com meu estômago embrulhado, eu fiquei de pé e me afastei da mesa. — Não. Não, eu prefiro ficar sem poderes para sempre, do que ficar sob seu controle.

Lara jogou o livro aberto sobre sua mesa, e minha magia uivou dentro de mim.

— Você diz isso. — ela falou, se acomodando em sua cadeira. — Mas seus poderes querem liberdade. Ser um demônio é o que você é, e agora que você viu o feitiço, a magia dentro de você não vai descansar até ser restaurada.

Tudo o que eu queria fazer era colocar minhas mãos sob a página.

— Por que você simplesmente não me obriga? — Eu perguntei. Se tudo o que eu precisava fazer era tocar a página, ela poderia dar a volta na mesa e me obrigar. Aterrorizada, eu percebi que eu desejava que ela fizesse isso, então eu recuei.

— Feitiços como esse são delicados. — ela me falou. — Você não pode forçar algo tão poderoso em alguém. Então tem que ser uma escolha sua. E o grimoire irá permanecer aqui — Lara falou enquanto eu corria para a porta. — aberto nesse feitiço, todo dia, Sophie. Chamando você. Você pode poupar muita dor se apenas não resistir.

Eu me atrapalhei com a maçaneta, minha pele de repente estava encharcada com um suor frio. Eu corri, minha magia gritando tão alto que tudo o que eu queria era ficar surda.

Jenna estava me esperando em nosso quarto, ela se levantou rapidamente. — Oh meu Deus, está tudo bem? Quando Lara veio aqui e pediu pelo grimoire, eu quase morri e - Soph?

Aqui em cima, o anseio pelo grimoire não era tão intenso, mas eu ainda estava tremendo enquanto eu deixava Jenna me guiar para sua cama. Ela me abraçou. — O que aconteceu? — ela perguntou suavemente.

No momento em que eu terminei de contar a Jenna sobre o que aconteceu no escritório de Lara, eu já tinha parado de tremer, mas então eu *comecei* a chorar. — Eu quero meus poderes de volta, eu quero tanto — eu disse a Jenna enquanto ela acariciava meu cabelo, — mas eu não posso arriscar me tornar alguma... Coisa que eles possam controlar. Eu estava tão certa que se eu conseguisse meus poderes de voltar tudo ficaria bem. Mas isso? Deus, Jenna, isso é muito pior.

— Shhh. — ela murmurou. — Nós vamos dar um jeito, vamos dar um jeito.

Mas sua voz estava falhando, e nós caímos no sono em sua cama, agarradas uma na outra como crianças.

Pensei que tinha sido um trovão que me acordou. Sentei-me na cama, piscando, quando um estrondo encheu a casa. As janelas sacudiram, e quando coloquei meus pés no chão, pude sentir uma pequena vibração.

— Que isso? — Jenna murmurou sonolenta.

Fui até a janela, tentando compreender o que acontecia. Luzes estavam dançando no nevoeiro, piscando e fraquejando no início, mas em seguida, crescendo tão intensamente que eu podia ver as formas escuras das árvores que a neblina geralmente escondia. Eu podia ouvir as portas se abrindo no corredor, o som de pés descalços no assoalho de madeira.

Mais luz brilhou no nosso quarto, e houve outro estrondo, este tão forte que eu senti meus dentes baterem. Totalmente acordada agora, Jenna pulou da cama e abriu a nossa porta. As outras meninas estavam todas reunidas, olhando para o vidro colorido da janela, todo quebrado. Eu ainda podia sentir o

grimoire, e eu cravei minhas unhas em minhas mãos, esperando que a dor me impedisse de correr lá pra baixo. Luzes continuaram a piscar, e o estrondo ficou mais alto e mais forte. Várias das meninas mais novas cobriram os seus ouvidos.

Alguém cutucou meu cotovelo, e eu olhei para trás e vi Nausicaa parada ali, suas asas batendo suavemente contra o ar denso. — Lara veio ao nosso quarto para pegar Taylor esta noite. — ela disse. — Você acha que... — Ela acenou para as luzes. — Será que elas fizeram alguma coisa com ela?

Minha magia estava quase me sufocando enquanto as vibrações ficavam mais fortes, sacudindo mais cacos de vidro para fora da janela. Eu não consegui ouvi-los baterem no chão. A luz queimou uma última vez, tão brilhante que todos nós fechamos os olhos e giramos a cabeça para longe.

E então tudo tinha parado.

Nós ficamos ali tremendo, enquanto um súbito vento frio soprou através da janela quebrada.

Em algum lugar distante, eu ouvi um uivo desumano.

— Sim. — eu disse à Nausicaa. — Acho que elas fizeram.

CAPÍTULO 25



No segundo em que acordei na manhã seguinte, eu podia sentir o grimoire como uma dor em meus ossos. Era bem depois do meio dia quando senti que conseguiria sair da cama. Ir lá embaixo era uma agonia, mas eu tinha que ver o que estava acontecendo.

Acabou sendo muito pior do que eu pensava, e confie em mim, eu tinha me preparado para todos os tipos de coisas horríveis. O vitral estava completamente destruído agora, apenas alguns poucos fragmentos ainda se agarravam à moldura de madeira. Em algum momento da noite tinha começado a chover, e agora a água derramava através da abertura irregular. Jenna e eu ficamos no saguão principal assistindo a chuva escorrer pela parede, ensopando o tapete.

— Você acha que a Taylor foi a única estudante levada na noite passada? — Jenna perguntou.

Eu estava tão ocupada tentando não empurrá-la para o escritório de Lara e trancá-la com o grimoire que levei um momento para responder.

— Eu não sei. Eu não sei se elas podem transformar mais do que um de cada vez. Mas isso não importa. De qualquer maneira, elas começaram agora. — Um tremor acumulou em meu corpo e meus poderes empurraram contra a minha pele, implorando para serem libertados.

— O que vocês duas estão fazendo aqui? — uma voz estalou.

Vandy estava atrás de nós, com as mãos nos quadris. Mesmo carrancuda, seus olhos estavam cansados, os vincos em torno deles mais pronunciado.

— Nós estávamos apenas... — Jenna disse, mas Vandy levantou a mão.

— Eu não ligo para o que você estava fazendo. Suba de volta para seu quarto. Agora.

Jenna se moveu para as escadas, mas eu fiquei onde eu estava. — É isso o que você quer também? — Eu perguntei para Vandy. — Todas as crianças aqui se transformando em demônios? Porque eu sei que você é uma idiota, mas eu não pensei que você fosse má.

Sua carranca se transformou em algo mais feio. Algo quase pesaroso. — Já basta! — Ela disse apontando para as escadas. — Vão.

Inclinando pesadamente sobre Jenna, eu fiz meu caminho de volta até o nosso quarto. Assim que a porta se fechou atrás de nós, eu ouvi o clique da fechadura. Enquanto eu desabava sobre a cama, tremendo de dor e necessidade, Jenna andava de um lado para outro. — Elas apenas continuarão vindo por todos nós. Toda noite, nós deitaremos nas nossas camas e ouviremos aquele - aquele pesadelo, e nos perguntando se somos os próximos.

Ela sentou-se pesadamente em sua cama. — Sophie, o que vamos fazer?

Obter o grimoire. Restaurar os meus poderes. O pensamento era tão forte, eu gemia e tapei os ouvidos com as mãos. — Eu não sei. — eu disse a Jenna, e lágrimas entupiam minha garganta. Havia algum sentimento no mundo pior do que a desesperança?

Eu rolei para o meu lado, e a necessidade pelo grimoire bateu ao lado do meu pulso. Eu estava tão envolvida em minha própria agonia que quando vi algo se movendo no espelho, eu pensei que estava tendo alucinações. Mas, então, Jenna disse: — Que diabos foi isso?

Forçando-me a concentrar, eu sentei e olhei para o vidro. Outra tremulação, quase como uma sombra, estava se movendo dentro do espelho. E então a imagem ficou clara.

Torin.

Ele estava lá apenas um segundo antes de desaparecer novamente, mas eu pulei da cama, ignorando os gritos na minha cabeça. — Você viu isso, certo? — Eu perguntei para Jenna.

Ela ainda estava em sua cama, de olhos arregalados. — Sim. Havia um cara no espelho. O que...

Mas eu já estava pressionando as palmas das mãos contra o vidro.

— Torin? Você está aí? — Eu não tinha ideia de como ele tinha conseguido passar do espelho das Brannicks para este, mas eu não estava reclamando. Sua imagem vacilou na minha frente de novo, quase como uma TV que foi ficando com uma má recepção. Eu peguei o flash de irritação em seu rosto quando ele desapareceu de volta. Mas antes que ele fizesse, ele balbuciou duas palavras: — Seus pais.

— O quê? — Eu gritei, batendo no vidro com uma mão. — O que tem os meus pais? Torin? TORIN!

Quando ele não reapareceu, eu queria gritar de frustração.

Jenna apareceu ao meu lado. — Elodie. Veja se a magia de Elodie pode... Eu não sei, puxá-lo completamente.

Depois do que ela tinha feito, eu odiava a ideia de Elodie voltar ao meu corpo. Mas em tempos desesperados...

— El — foi tudo que saiu antes que ela pulasse para dentro de mim.

P*uxe-o completamente*, eu lhe disse, minha voz fria.

Ela não respondeu, mas eu podia sentir sua chuva mágica descendo em cima de mim e por meus dedos. Mas tão forte quanto ela tentou, tanto quanto eu ficava dizendo, *Vamos, vamos, vamos,* não havia nenhum sinal de Torin. Finalmente, minhas mãos caíram longe do vidro, e Elodie disse: — Eu não posso. O que seja que ele está tentando fazer, minha magia não é forte o suficiente para ajudar.

Suspirando, ela virou-se e encostou-se à cômoda. Jenna ainda estava de pé na minha frente, os braços cruzados fortemente sobre o peito.

— A magia de Sophie poderia fazê-lo. — Elodie disse a ela.

Jenna se aproximou, e eu sabia que ela estava procurando os olhos de Elodie por mim. — Ela não pode conseguir seus poderes de volta. Se ela fizer, as Casnoffs poderiam...

— Controlarem ela? Sim, eu sei. Mas você não acha que vale a pena o risco?

H*um, não?* Eu disse, quando Jenna mordeu o lábio e não respondeu.

— Tudo que estou dizendo — Elodie continuou, — é que em um concurso de vontades entre Sophie e Lara Casnoff? Eu colocaria meu dinheiro em Sophie. Talvez elas sejam capazes de controlá-la. Ou talvez, apenas talvez, ela pudesse lutar contra isso.

E*u não posso. É um risco muito grande. O que aconteceria com Jenna se eu estiver sob o controle de Lara?*

O *que vai acontecer com ela se você continuar assim? Eu posso sentir você, Sophie. Você vai estar agonizando até que você toque aquele maldito feitiço. Então eu digo: vá tocá-lo e veja o que acontece.*

Jenna ergueu as mãos para emoldurar o meu rosto, inclinando a minha cabeça para baixo. — Soph. — ela disse. — Eu não posso acreditar que estou prestes a dizer isso, mas... Eu acho que Elodie está certa. Com seus poderes, há uma chance de que você estaria entregando-se mais para as Casnoffs, sim. Mas sem os seus poderes? *Não* há chance de que vamos sair dessa.

Elodie se virou e abriu a gaveta superior. Lá, em cima de uma pilha de roupas, estava o grimoire.

C*omo isso entrou aqui?* Eu perguntei, de repente entendendo por que a atração havia sido tão forte esta manhã.

E*u o trouxe aqui para fazer isso.* Minha mão pegou o livro, procurando o feitiço, e Elodie trouxe minha mão sobre a página.

N*ÃO*, eu gritei, e Elodie hesitou.

V*ocê tem*, ela finalmente disse, sua voz firme. *Eu pensei que seria mais fácil se eu fizesse isso por você.*

N*ão*, eu disse de novo, mas mesmo dentro da minha própria cabeça, eu parecia fraca.

F*aça isso*, Elodie respondeu. *Acabe com isso.*

Senti a sua saída, e tropecei contra a cômoda. Depois de obter um fôlego, ergui a cabeça e olhei para a porta aberta. Minha magia estava tumultuosa dentro de mim.

Jenna pegou minha mão. — Você pode fazer isso. — ela disse. — Eu sei que você pode. Você é mais forte que elas.

Eu não tinha tanta certeza sobre isso.

Mas eu tinha certeza sobre o que eu tinha que fazer.

Eu não me deixei pensar nisso. Eu só peguei o grimoire do chão onde eu tinha deixado cair quando Elodie se foi. Meus dedos infalivelmente procuraram o feitiço que estava gritando para mim. E então, sem deixar de respirar fundo, eu apertei minha mão contra a página.

Era como se algo explodisse dentro do meu peito. Eu parei, congelada, enquanto meus poderes se desenrolavam, magia derramando em minhas veias. Os pisos de madeira em torno de meus pés racharam, e Jenna saltou para trás com um grito.

Respirando tão fortemente que eu estava quase ofegante, eu joguei o grimoire para o chão e bati as duas mãos contra o espelho. *Torin*, pensei, e puxei.

Ele apareceu tão de repente no vidro que eu pulei.

— O que no inferno sangrento foi isso? — Ele gritou, piscando furiosamente antes de seu olhar finalmente pousar em mim. Quando isso aconteceu, ele sorriu. — Oh, bom trabalho, Sophia.

Eu não tinha muito tempo. Eu podia sentir algo, como uma coceira na parte de trás da minha mente, e eu sabia que Lara, em algum lugar da Ilha Graymalkin, de repente tornou-se consciente do que tinha acontecido. — Por que você tentou me alcançar? Onde estão meus pais?

— Hmm? Ah, bem, minha missão gloriosa. Depois que você se foi...

— Poupe-me! — Eu soltei. — O que você quer e onde eles estão?

Ele franziu a testa. — Tudo bem, tudo bem. Eles estão na Irlanda. No Lough Bealach. Era para eu passar e ver se você foi prejudicada de alguma forma, mas...

Eu já estava em movimento, pegando o grimoire, empurrando-o mais uma vez em minha cintura.

Foi um trabalho fácil explodir a fechadura da porta. Foi até mais fácil usar minha magia para chamar Cal e Archer. Cal estava em sua cabine, Archer em seu quarto, e eu falei em ambas as suas cabeças ao mesmo tempo. *Encontre Jenna e eu lá fora. Preparem-se para correr*. E, em seguida, percebi que tinha basicamente gritado dentro de seus cérebros, eu adicionei, P*or favor. E desculpe por gritar.*

Jenna me seguiu para fora. Eu tinha talvez dado uns três passos nas escadas quando isso aconteceu.

Com um safanão, cheguei a uma parada. Eu não podia correr. Eu não poderia deixar a ilha. Quão tolo de mim. Não, o que eu precisava fazer agora era ir para Lara. Lara precisava de mim, e ela iria...

— Sophie? — Jenna perguntou, tocando o meu cotovelo.

Eu me virei e olhei para Jenna. Ela estava no meu caminho. Ela iria tentar me impedir de chegar a Lara, de cumprir o meu destino. Assim só havia uma coisa a fazer, realmente.

Eu tinha que matá-la.

Capítulo 26



Agarrei Jenna com uma mão, prendendo-a contra mim, e não havia arrependimento ou tristeza em meu coração. Se senti alguma coisa, foi um pouco de aborrecimento, como se estivesse matando um inseto. Essa... *Coisa* estava no meu caminho. Eu tinha que descartá-la.

A mágica surgiu a partir das solas dos meus pés, fazendo-me sentir tonta e completa.

Eu a vi perceber o que estava prestes a acontecer, vi o medo e desespero caindo sobre ela. Mas, mais uma vez, eu não senti nada. Não tinha pena ou mesmo satisfação. Eu só queria que ela saísse para que eu pudesse chegar até Lara.

Mas antes que o feitiço pudesse fazer o seu caminho para meus dedos, Jenna agarrou meu rosto. — Sophie. — ela disse calmamente. Com urgência. — Olhe para mim. Você é melhor do que elas. Você pode lutar contra elas. — Lágrimas encheram seus olhos, e houve uma pontada em meu peito. Seus dedos apertavam minhas bochechas. — Por favor. — ela implorou. — Soph, você é minha melhor amiga. Eu te amo, e eu conheço você. Eu sei que você pode lutar contra isso.

Eu apertei meus olhos fechados, mesmo tudo dentro de mim doendo para matá-la. Para destruí-la, para destruir tudo. Segurando o corrimão, eu senti a madeira quebrando sob as minhas mãos.

— Sophie. — Jenna disse de novo, e de repente eu podia vê-la, sentada na cama, rindo na primeira noite que eu a conheci. Eu podia sentir seus braços em volta de mim na noite passada quando tinha chorado sobre o grimoire.

Jenna, pensei. *Eu não posso ferir Jenna*.

Algo dentro de mim cedeu, quase como uma corrente se partindo. Dentro da minha cabeça, eu podia ouvir o uivo de Lara de raiva, e então eu estava chorando e abraçando Jenna tão apertado que fiquei surpresa que ela não se partisse ao meio.

— Ai meu Deus, me desculpe, eu sinto muito, — eu disse a ela.

Ela riu, mas era um som choroso. — Eu disse que você era melhor que elas.

À distância, algo quebrou, e eu puxei Jenna para trás para olhar a janela quebrada. O dia era ainda mais sombrio, e os tentáculos de neblina estavam começando a se enrolar na moldura da janela. — Espero que sim, — eu disse.

— Mercer! — Eu me virei para ver Archer de pé no topo das escadas. No mesmo momento, Cal irrompeu pela porta da frente.

Eu olhei para trás e para frente entre eles antes de dizer: — Ok, eu prometo que vou explicar mais detalhadamente quando não estivermos mortos. Mas, por agora, tenho meus poderes de volta, sei onde meus pais estão, e nós estamos indo para o Itineris para sair dessa ilha. Então vamos lá!

Eu não sei se foi o meu tom ou o fato de que o estrondo tinha ficado mais alto, mas os dois rapazes entraram em ação.

Nós quatro corremos para fora de Hex Hall na chuva forte. O nevoeiro estava alto na frente, e eu parei, levantando uma mão. Tiros de faísca saíram dos meus dedos, e a névoa se reverteu, se desintegrando. Um sentimento de contentamento me inundou quando senti a mágica surgindo dos meus pés. Abri minha outra mão, e a neblina parecia vacilar em sua pressa para voltar. — Ok. — Jenna disse, puxando o meu braço.

— Você voltou a ser fodona. Agora, *corre.*

Atrás podíamos ouvir a abertura da porta da frente da casa. Não olhei para trás. Cal, Jenna, Archer, e eu corremos para fora através do gramado que agora estava claro, indo para a floresta. Só ousei dar uma olhada rápida sobre o meu ombro. Alguém estava parado na porta. De sua altura, eu pensei que poderia ser Nick. E então a figura saltou da varanda e começou a correr em nossa direção, e eu *sabia* que era Nick. Nada podia se mover tão rápido, nem mesmo um mutante. Ao se aproximar, podia ver seu rosto, esses terríveis olhos vermelhos. Eu tinha sido forte o suficiente para me libertar do controle de Lara, mas era óbvio que Nick ainda era seu brinquedo. Eu joguei um feitiço de ataque, mas ele respondeu simplesmente batendo nele com a sua mão.

Eu parei, preparando-me, mas ele não estava vindo para mim. Mãos para fora, garras estendidas, ele pulou para Jenna. — Não! — Eu gritei. E então tudo aconteceu de uma vez. Jenna parou para olhar para trás dela, Nick avançou e, de repente Archer estava entre eles, agarrando o braço estendido de Nick e arrancando-o longe de Jenna, assim a outra garra de Nick acabou cravada no peito de Archer. Eu vi sua cara de dor antes de enviar outro golpe de magia em Nick. Este bateu nele com força suficiente para mandá-lo longe de Archer, e ele caiu no chão.

O sangue de Archer espirrou na grama. Cal se moveu em direção a ele, mas Archer se desvencilhou dele. — Nós não temos tempo. Vamos.

Eu cheguei a Jenna, que estava pálida e trêmula, mas ilesa. — O-obrigada. — ela disse para Archer, que apenas repetiu: — Nós não temos tempo.

E ele estava certo. Algo estava se movendo em nossa direção, vindo da casa. Eu podia sentir a magia negra saindo, e sabia que era outro demônio. Mergulhamos na mata.

Eu parei tempo suficiente para dizer a Archer: — Conduza-os ao Itineris. — Archer tinha usado o Itineris em Graymalkin para escapar antes. — Eu fico atrás.

Ele não respondeu, apenas apontou para Jenna e Cal, que correram atrás dele. Corri atrás, com meus ouvidos atentos, em antecipação de um feitiço de ataque. Mas mesmo podendo ouvir gritos e choros, nenhuma mágica veio.

Saímos da mata em um trecho de praia.

E então me lembrei de algo. Droga, eu obviamente fiquei sem mágica por muito tempo e esqueci uma das melhores feitiços que eu poderia fazer.

— Parem! — Eu gritei. Archer, Cal e Jenna derraparam com tudo até parar na areia. Acenei as mãos para eles se aproximarem. — Ok, todo mundo de mãos dadas. — eu disse.

Archer olhou para mim, uma mão apertou contra seu peito sangrando. — Sophie, esse realmente não é o momento para um círculo de amizade.

— Não é isso. — eu disse. — É isso.

Eu fechei os meus olhos e canalizei toda a minha mágica em um feitiço de transporte. Houve uma onda de ar gelado, e então estávamos no bosque de árvores onde Hex Hall alojava o Itineris.

— Uau. — Jenna respirava. — É *incrível* ter você de volta.

Magia e satisfação correram através de mim. — Se você diz. — eu concordei. — Agora, vamos.

E com isso, nós quatro mergulhamos no Itineris.

PARTE III



Assim, lentamente, um a um, seus curiosos eventos acabaram — E agora está feito o conto, e à casa vamos, todos juntos, sob o sol poente.

— "Um Prefácio," Alice no País das Maravilhas.

CAPÍTULO 27



Você sabe o que seria ótimo? Se eu tivesse uma instância de viagem mágica que não me deixasse sentir apenas como se alguém tivesse tentado arrancar minha espinha fora através do meu nariz. Eu deitei no chão frio e pedregoso, meus órgãos internos tentando se reorganizar. Próximo à mim, eu ouvi alguém ofegando e engasgando, e uma voz familiar dizendo: — Está tudo bem. Apenas espere alguns minutos.

Mamãe.

Eu virei minha cabeça para o lado para vê-la ajoelhada sobre Jenna, que estava enrolada, tremendo. A viagem de Itineris era especialmente dura para vampiros. Eu subi em minhas mãos e joelhos, olhando ao redor. Era de noite, e nós estávamos perto de algum grande corpo de água. Eu podia ouvi-lo bater contra a costa, e sentir o ar úmido. Atrás de mim tinha uma grande pedra, uma alcova superficial esculpida em seu centro.

Eu estava supondo que era o Itineris. Logo depois de Jenna e mamãe, Archer estava sentado, olhando em volta dele em confusão. Cal estava parado próximo à... Eu apertei meus olhos, tentando ver melhor. Finley. Eu reconheci sua longa trança vermelha.

Em pânico, de repente me lembrei do grimoire, minhas mãos voando para parte inferior das minhas costas. Para meu choque e alívio, ele ainda estava lá, encravado com segurança contra minha pele.

Eu me levantei, mas meus joelhos pareciam feitos de água, e o terreno de repente vacilou diante de mim.

Uma mão apoiou meu cotovelo. — Devagar. — meu pai disse. Ele estava sorrindo para mim, às escuras marcas pareciam pretas em seu rosto ao luar. Com um pequeno grito de alívio, eu joguei meus braços em volta de seu pescoço, enterrando meu rosto em sua jaqueta. Quando finalmente senti como se eu pudesse falar, eu me afastei e grasnei: — Como? Como você levou Torin para a Hex Hall?

Papai piscou rapidamente, e num primeiro momento, pensei que ele ficou surpreso com a minha pergunta. Então eu percebi que não, ele estava lutando contra as lágrimas. Vendo meu pai, que praticamente tinha PhD em não mostrar seus sentimentos, à beira de chorar porque ele estava tão feliz em me ver fez meus próprios olhos lacrimejarem. Em seguida, ele limpou sua garganta, endireitou seus ombros e disse: — Foi muito difícil.

Eu ri através das minhas lágrimas. — Aposto.

— Foi ideia de Torin. — alguém disse atrás de mim e eu virei para ver Izzy parada lá. Como meus pais e sua irmã, ela estava vestida de jeans e um casaco preto, embora ela usasse um boné preto puxado sobre seu cabelo brilhante. — Tivemos toneladas de velhos livros de feitiços, e depois de você e Cal

desaparecerem, ele começou a olhar através deles. Encontrou um feitiço que iria deixá-lo viajar para um espelho diferente.

— Claro, o problema era encontrar *seu* espelho. — Aislinn disse, saindo da escuridão.

— Você não teve medo de que ele saísse permanentemente do *seu* espelho e começasse a rondar os vestiários das meninas ou algo assim?

Os olhos de Aislinn deslizaram para Izzy. — Torin tem seus motivos para querer ficar com a gente. — ela disse, e mesmo na luz fraca, eu vi o vermelho rastejar até bochechas de Izzy. Talvez um dia, eu entenderia tudo o que estava acontecendo aqui. De preferência quando eu entendesse as mil *outras* coisas em minha agenda.

Jenna tinha começado a respirar normalmente novamente, seus dedos enrolados fortemente sobre a sua pedra de sangue. Satisfeita, mamãe bateu em seu ombro e disse: — Basta ficar quieta um pouco. Descanse.

Fechando os olhos, Jenna assentiu. Só depois, minha mãe veio e colocou seus braços ao meu redor. — Eu acho que nós já tivemos nossa cota de reencontros chorosos. — ela riu contra o topo da minha cabeça.

— Quando isso tiver terminado, eu prometo que nunca mais vou sair de casa. Nós vamos apenas ficar em casa e pedir pizza e assistir programação ruim na televisão.

Mamãe se afastou e olhou por cima do meu ombro. — Ah, eu acho que você pode querer sair de vez em quando. — ela disse.

Eu senti o peso quente da mão de Archer em minha cintura. — Ei, eu gosto de pizza e TV ruim.

Virei-me para ele, surpresa. — Seu peito...

— Cal. — ele disse explicando. — Eu devo a esse cara, tanto quanto uma montanha de hambúrgueres. Está ficando embaraçoso.

Mamãe me lançou um pequeno sorriso pouco antes de dizer: — Você sabe, isso não é como eu imaginei conhecer o primeiro namorado real de Sophie.

— Mamãe.

Archer me apertou um pouco. — Você quer dizer que eu sou o primeiro cara que seus pais têm que salvar de uma ilha encantada pelo uso de um espelho mágico? Eu me sinto tão especial.

Eu rolei os olhos e virei-me para olhar a água. — Então isso é Lough Bealach.

— É. — Aislinn disse. — Nós estivemos ocupadas desde que você desapareceu. — Finley e Izzy estavam logo atrás dela. Mamãe recuou ligeiramente de modo que ela estava ao lado de sua irmã.

— Tanto quanto nós. — Cal disse, e eu de repente percebi que ele estava parado do meu outro lado.

— Vamos lá, querida. — mamãe me disse. — Vamos para dentro.

— Para dentro do que? — Eu perguntei.

— Por aqui. — Finley disse, apontando para um pequeno edifício de pedra coberta de musgo. Eu segui todos para a cabana. Talvez uma vez, este tenha sido um lugar um pouco aconchegante. E ei, talvez a falta de janelas tenha conseguido manter a casa quente do vento frio do lago. Mas com nove pessoas abarrotadas dentro, uma pequena área com uma lareira, era estreitamente e quentemente desconfortável. Não ajudava eu me encontrar apertada entre Cal e Archer, ambos pressionados firmemente ao meu lado.

Uma mesa que parecia velha estava no meio da sala, coberta de mapas e livros. Cara, dê às Brannicks qualquer espaço e elas vão transformá-lo em uma sala de guerra.

Aislinn assumiu sua posição habitual em um lado da mesa. — Tudo bem. — ela disse. — Nos conte tudo o que aconteceu.

Cal, Archer, Jenna e eu conseguimos alcançar algo verdadeiramente impressionante: o *olhar dos quatro*. — É realmente complicado. — Jenna disse finalmente.

— Usamos um bruxo do século XVI preso em um espelho para dizer onde vocês estavam. — meu pai disse secamente. — Eu acho que é seguro dizer que nós estamos bem acostumados com "complicado" nesse ponto.

Archer deu uma pequena risada. — Eu gosto de seu pai. — Ele sussurrou no meu ouvido.

— Sei. — eu murmurei volta.

— As Casnoffs estão usando a escola como um solo de reprodução de demônios. — Cal disse, indo direto ao ponto em sua forma usual. Pela primeira vez, eu notei a linha em torno de sua boca, o apertado caminho que ele estava segurando em seus ombros. Cal mantinha tanto dentro dele, que eu às vezes esquecia que o que as Casnoffs estavam fazendo era tanto um pesadelo para ele como foi para mim. Eu fui tomar sua mão, mas assim que meus dedos passaram pela manga, eu mudei de ideia. Depois do que Elodie tinha feito, tocar Cal estava agora fora de questão.

Limpando minha garganta, eu virei minha atenção de volta para o meu pai. — O que Cal disse. Mas tem mais do que isso. — Eu estendi a mão em direção ao meu pai, e mesmo que tecnicamente ele estivesse do outro lado do quarto, foi fácil para ele compreender os meus dedos. Uma vez que ele compreendeu, eu mandei um pulso baixo de magia para ele e seus olhos se alargaram.

— Seus poderes. — ele respirou.

Eu concordei. — Totalmente funcional. — Eu retirei o grimoire e joguei-o em cima da mesa. — Graças a isso.

Tão brevemente quanto podia, expliquei sobre as Cansoffs e como sua linhagem deveria ter deixado elas me controlar.

— Lara fez um feitiço que me mostrou a história da família. — eu continuei. — É material difícil. Seres humanos basicamente dizimaram toda aldeia de Alexei Casnoff. Estranho como pareça, isso tudo começou com um menino tentando se sentir seguro. Ele estava tão certo de que os demônios iriam manter todos os Prodígios protegidos que ele passou suas crenças para as suas filhas. — Olhei ao redor do quarto minúsculo, esfumaçado. — Isso é o que vocês talvez não entendam. Nós não estamos

lidando com pessoas que são todos, “Muahahaha - uhul, o mal”, as Casnoffs acham que elas estão em seu direito.

— Que é o que as torna tão aterrorizantes. — meu pai disse, concordando. — As pessoas são tão raramente vilãs em suas próprias mentes.

Eu pensei na Sra. Casnoff resmungando, *Os fins justificam os meios*, e teria tremido se o quarto não estivesse tão quente.

— Ok, então estes são os planos delas. — Archer disse com um suspiro. — Quais são os seus?

— Nós estamos indo para o Submundo. — Izzy disse. Ela saltou um pouco enquanto dizia isso e seus olhos brilhavam, seu tom implicava que "o Submundo" era semelhante à “Terra dos Doces”.

— Calma Iz. — Finley disse, colocando uma mão no ombro de sua irmã. — Não é tão simples assim.

— Vai entender. — Jenna disse fracamente.

— Em primeiro lugar, Sophie é a única que vai. — Finley disse; Aislinn interrompe para adicionar, — Ela é a única que *pode* ir.

— Ok, mas vocês não sabiam que eu tinha meus poderes quando vocês vieram para cá. — eu disse, tirando minha mão da mão de Archer e enxugando uma gota de suor da minha testa. — Então, como você sabia que eu seria capaz de ir?

— Nós não sabíamos. — mamãe disse, sustentando um quadril sobre a mesa. — Tínhamos pensado em enviar seu pai, esperando que talvez seu DNA fosse suficiente para levá-lo ao outro lado. — Ela suspirou e esfregou os olhos, parecendo mais velha e mais cansada do que eu jamais a vi. — Nós tínhamos que tentar algo.

— Mas agora que você tem seus poderes, você deve ser capaz de acessar o Submundo sem problemas. — papai disse. — Você vai se aventurar lá em baixo – sozinha - para coletar tanto demonglass quanto você possa.

— Por que todo mundo continua falando como isso fosse um passeio no parque? — Archer perguntou. Ele tentou levantar a mão, provavelmente para empurrá-la através de seus cabelos, fazendo eu me desviar do seu cotovelo. — “Oh, Sophie só vai saltar para o Submundo e colocar alguns demonglass em uma cesta!”

— Ninguém leva a segurança de Sophie mais seriamente do que o seu pai e eu fazemos. — mamãe disse. Sua voz era baixa e constante, mas os olhos eram de aço. Eu não tinha certeza se era a Brannick nela, ou apenas a mãe.

— Eu sei disso. — Archer disse, se afastando. — E eu sei... Olha, eu sei que Sophie é um demônio. Ela poderia limpar o chão com qualquer um de nós, magicamente falando. Mas o que exatamente ela vai encontrar no Submundo? Quero dizer, existem outros demônios lá embaixo? Monstros? O que poderia acontecer com ela?

Meus pais trocaram rapidamente um olhar, e em seguida, Aislinn limpou sua garganta. — Nós não sabemos realmente. Ninguém nunca tentou isso antes.

— Então, o quê? — Archer perguntou claramente irritado agora.

— Você está apenas enviando ela e esperando o melhor? Isso é insano! Tem de haver alguma outra maneira de combater as Casnoffs.

Medo de que ele estivesse indo trazer à tona O Olho novamente, eu puxei a manga de sua camisa. — Ei. — eu disse baixinho, desejando que nós não estivéssemos tendo essa conversa na frente de toda a minha família. — Ninguém está me fazendo fazer qualquer coisa que eu não queira fazer. — Eu olhei para Aislinn. — Os demônios que Lara tem criado… Demonglass é a única maneira de nos defender contra eles?

— É.

Eu parei para tomar uma respiração profunda, esperando que minha voz não fosse falhar enquanto eu dizia: — Então eu vou para o Submundo.

— Obrigado, Sophie. — meu pai disse e Aislinn deu um aceno. — Então está decidido. Amanhã ao amanhecer, Sophie vai para a ilha no meio do lago e de lá, através do portal.

Meu estômago estava embrulhado, eu encarei todas as pessoas que eu me preocupava mais que tudo no mundo, e calmamente concordei. — Amanhã.

CAPÍTULO 28



Na manhã seguinte, eu andava ao longo da costa rochosa de Lough Bealach tentando descobrir a melhor maneira de atravessar.

A simples sugestão de rosa- pálido estava apenas começando a aparecer no horizonte. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas o meu corpo me disse que era tipo "Ouch, Ainda É Muito Cedo" horas. Eu só tinha conseguido algumas horas de sono. Após o anúncio do meu pai de que eu estaria indo para o maldito Submundo no dia seguinte, ninguém havia estado realmente com vontade de dormir. Aislinn, Finley, Izzy, e minha mãe haviam se espalhado em sacos de dormir na barraca enquanto eu conjurava barracas para o papai, Archer, Cal, eu e Jenna. Elas não se pareciam em nada com uma casa (e a que eu dividi com Jenna era meio que sem firmeza no meio), mas elas ainda eram as primeiras coisas que eu consegui criar por algum tempo.

Quando eu terminei, meu papai disse: — Você criou algo do nada. Você entende isso, não é?

Eu levei um tempo absorvendo isso. Criar algo do nada era quase impossível para bruxas e feiticeiros regulares fazerem. Sob os cuidados de Alice, Elodie tinha dominado, mas o feitiço sempre foi complicado para mim. E papai estava certo: eu acabara de fazer, quase sem pensar.

— É tão bom vê-la usando seus poderes de novo. — ele disse suavemente. Eu olhei para as marcas roxas no seu rosto, e apenas passei meus braços em torno dele em resposta.

Agora, como eu estava junto à água, senti meus poderes girando pacificamente dentro de mim. Quando eu quis ir para a Remoção, papai tinha me dito que tirar minha mágica era semelhante a tentar arrancar a cor dos meus olhos. Ele tinha razão. Sem meus poderes, eu sentia como se um pedaço enorme de mim estivesse faltando.

Eu esfreguei meus braços, mesmo tendo usado a minha magia para transformar meu uniforme da Hex Hall em um grosso suéter preto e jeans. A Irlanda em Setembro era muito mais fria do que a Geórgia tinha estado. Claro, o frio não era a única coisa me fazendo tremer. Elevando-se para fora da água estava uma maldita pedra gigante.

Eu esfreguei meus braços, ainda mais forte, e me sentei ao lado de Aislinn em uma das pedras que estavam na borda da costa. Eu tinha chegado de madrugada na esperança de evitar quaisquer despedidas lacrimosas, mas Aislinn já havia acordado e estava esperando por mim na margem do lago.

— Eu disse a Grace para me deixar colocá-la para fora. — ela disse. — Eu estava com medo de que perturbaria demais você se ela mesma fizesse isso. O mesmo para o seu pai, e você precisa se concentrar agora. — Sua voz era rouca, mas eu ainda estava grata por ela.

— Então eu deveria apenas invocar um barco? — Eu perguntei a ela.

Ela encolheu os ombros. — Eu não sou aquela que tem a mágica. Só supere do melhor jeito que você quiser.

— Eu poderia nadar. — eu sugeri. — Ooh! Ou talvez faça uma mágica para aparecer um lindo Jet Ski? — Eu estendi minhas mãos para frente como se eu estivesse segurando o guidão da referida Jet Ski.

Aislinn ficou me olhando por um momento antes de dizer: — É isso que você sempre faz quando está nervosa?

Minhas mãos caíram para os meus lados. — Basicamente.

Voltei para a água. — Veja, o negócio é, eu tenho certeza que conseguiria fazer um barco. Mas se eu fizer, dou um motor a ele? Ou uma vela? Ou esperam que eu reme sozinha por todo o caminho...

— Por favor, fique quieta até você pensar em alguma coisa. — As palavras em si não eram particularmente ameaçadoras, mas Aislinn tinha uma maneira de olhar para você que fazia você se sentir como se ela estivesse a apenas alguns segundos de distância de chutar você na cara.

O único som era o bater das ondas contra a costa e a vibração dos meus dentes. Olhei por cima do ombro para o anel de cabanas. Jenna estava dormindo quando eu me arrastei para fora pouco antes do amanhecer. Eu não tinha a acordado, em parte porque eu pensei que ela poderia descansar mais. Mas a razão principal era que acordá-la teria significado dizer adeus, e dizer adeus a alguém quando você está planejando caminhar para o inferno teria parecido o... Final.

Foi a mesma razão pela qual eu não tinha ido para a cabana para encontrar minha mãe, e porque eu tinha contornado a tenda de Archer. Eu estava quase na praia quando eu o ouvi chamar baixinho: — Mercer.

Ajoelhado na porta de sua tenda, seu cabelo uma bagunça, com seu uniforme Hex Hall ridiculamente enrugado, ele quase quebrou meu coração. E quando eu corri para ele o mais silenciosamente que pude e praticamente me joguei em cima dele, eu disse a mim mesma que o nosso beijo foi apenas o normal do tipo namorado/namorada dizendo bom dia. Mesmo quando ele me puxou para dentro, a tenda quente, aconchegante e cheirando a ele, eu não me deixei pensar que essa poderia ser a última vez que eu iria vê-lo.

E quando ele me puxou para perto e murmurou: — Mercer, eu amo... — eu cobri a sua boca com a minha mão.

— Não diga isso. Agora não. Diga quando não houver absolutamente nenhuma chance de morte no horizonte, ok?

Ele resmungou alguma coisa debaixo da minha mão, e eu rolei os meus olhos enquanto a tirava de perto da boca dele. Ele beijou a ponta do meu nariz.

— Tudo o que eu ia dizer era que eu amo essa barraca que você fez para mim. Mas eu acho que posso dizer a você de novo mais tarde. Quando você voltar.

Enrolando minha mão em volta do seu pescoço, eu o puxei para baixo até mim. — É melhor.

Um rubor foi subindo pelo meu pescoço pela memória, eu desviei meu olhar para longe de sua tenda e de volta na direção do lago. Eu iria voltar. Eu ficaria bem, e descer até o Submundo para coletar demonglass não seria nenhum pouco difícil. Talvez eu conseguisse voltar antes do almoço.

É claro, eu não poderia voltar se eu nunca fosse.

E assim, a maneira mais simples para atravessar o lago me ocorreu.

Em pé, eu apontei o dedo para a água. A superfície do lago começou a ondular, e, em seguida, com um grande whoosh, a água à nossa frente deslizou para trás, deixando uma estreita, trilha lamacenta de prata no fundo do longo lago. O caminho teceu todo o caminho até a base da ilha rochosa.

— O que falta em estilo, compensa em praticidade. — eu disse, esperando Aislinn não percebesse quão assustada eu estava. Mas ela pôs a mão em meu ombro - a primeira vez que me tocou - e disse: — Você vai ficar bem. Se há uma coisa que eu aprendi com você, Sophie Brannick, é que você é dura na queda.

Eu quase disse, “Sophie Mercer”. Em vez disso, apenas disse: — Obrigada, hum, tia Aislinn.

Ela puxou sua mão de volta. — Não vamos nos deixar levar.

— Certo, desculpe.

Eu virei para o caminho aguado e tentei lembrar que eu já tinha feito todo o tipo de coisas assustadoras. Escapei de um prédio em chamas. Fiquei cara a cara com um lobisomem. Lutei contra o controle mental de um demônio esquisito. Então andar pela água não devia ser tão assustador. Ainda assim, os meus pés se recusavam a se mover.

— Você está pronta para ir? — uma voz disse por trás de mim. `

Cal.

Ele estava parado na borda da água, mãos nos bolsos.

Eu o encarei confusa. — Você não pode ir.

— Eu não posso ir até o Submundo com você, mas não há nenhuma regra contra ter uma escolta lá.

Aislinn olhou para nós dois, finalmente dizendo: — Vocês podem tentar.

Experimentando, Cal colocou um pé no caminho. Eu fiquei tensa, esperando a água voltar correndo para cima dele. Quando isso não aconteceu, eu deixei sair a respiração que eu estava segurando.

— Parece seguro o suficiente. — Cal disse, e Aislinn encolheu os ombros.

— Bem, aí vai você. — ela disse.

Sem sequer um "Ei, tente não ser morta", ela voltou para a cabana de pedra. Eu não deixei meus olhos acompanharem Aislinn. Tinha medo de que se olhasse para trás, sairia correndo atrás dela.

Ao invés disso eu andei para ficar ao lado de Cal. No chão, a superfície cedeu ligeiramente. Cautelosamente, fizemos o nosso caminho na estrada aguada. — Brannicks, magia e o inferno, oh meu. — eu brinquei, e Cal deu um suspiro do que poderia ter sido uma risada.

Eu bati em um ponto particularmente escorregadio e vacilei por um segundo antes de Cal agarrar meu cotovelo. Eu não queria que isso ficasse estranho, e eu realmente não queria que o meu rosto ficasse todo vermelho, mas isso foi exatamente o que aconteceu. Olhei para cima. Nossos olhos se encontraram, e Cal retirou a mão tão rápido que ele se desequilibrou. Quando ele começou a cair, eu fui agarrá-lo, e a próxima coisa que eu soube, era que ambos tínhamos caído. Eu bati na parede de água pela direita, assim como Cal deslizou para a esquerda. Eu caí na água, completamente imersa, apenas para tê-la cuspindo-me de volta para o caminho.

Eu sentei lá, braços e pernas numa bola, meu cabelo pingando água nos meus olhos. Cal se sentou à minha frente, tão encharcado, parecendo totalmente desnorteado. Mais uma vez, nossos olhares travaram.

E desta vez, ambos desatamos a rir.

— Oh Deus. — eu balbuciei. — Seu rosto!

— Meu rosto? — Ele disse, sua risada diminuindo a um riso abafado. — Você deveria ver o seu cabelo.

Ele levantou-se e se inclinou para me oferecer uma mão. Eu aceitei com gratidão. Uma vez que eu estava de pé novamente, passei a mão na frente do meu corpo, a mágica vibrava fora dos meus dedos para secar meu cabelo e roupas. Cal fez o mesmo e em seguida, estudamos um ao outro.

— Tudo bem, agora que a estranheza entre nós realmente causou dano físico, eu acho que está na hora de conversarmos, não é?

Ele deu um meio sorriso e, em seguida, virou-se para o caminho. — Nós não precisamos ficar estranhos. — ele disse. — Nestes últimos dias, depois do que aconteceu com Elodie, eu estive pensando. — Ele respirou fundo, e eu sabia que esta era uma daquelas raras ocasiões em que Cal estava prestes a dizer um monte de palavras de uma só vez. — Eu gosto de você, Sophie, muito. Por um tempo, eu pensei que poderia ser mais do que isso. Mas você ama Cross.

Ele disse o assunto com naturalidade, mas eu ainda peguei o modo como suas orelhas ficaram vermelhas. — Eu sei que eu disse algumas coisas muito ruins sobre ele, mas... Eu estava errado. Ele é um bom cara. Então, estou dizendo que acho que como o cara que noivou você, eu desejaria que pudéssemos ser mais que amigos. — Ele parou, virando-se para me encarar. — Mas como seu amigo, eu quero que você seja feliz. Mas se Cross é quem você quer, então eu não vou ficar no caminho disso.

— Eu sou a pior noiva do mundo, não sou?

Cal levantou um ombro. — Não. Teve um bruxo que eu conheci, sua noiva tocou fogo nele.

Rindo para não chorar, eu timidamente levantei meus braços para abraçá-lo. Ele abraçou-me contra o seu peito, e não houve constrangimento entre nós, e eu sabia que o calor na boca do meu estômago *era* amor. Apenas de um tipo diferente.

Fungando, eu me afastei, esfregando o meu nariz. — Ok, agora que a parte mais difícil acabou, vamos enfrentar o Submundo.

— Têm espaço para mais dois?

Assustada, me virei para ver Jenna e Archer de pé no caminho, a mão de Jenna agarrando a manga de Archer enquanto tentava ficar de pé. — O quê? — era tudo que eu podia dizer.

Archer deu cuidadosamente alguns passos para frente. — Ei, este tem sido um esforço em grupo até o momento. Não há razão para parar agora.

— Vocês não podem ir para o Submundo comigo. — eu disse a eles. — Você ouviu o papai, eu sou a única com...

— Com poderes suficientemente forte. Sim, nós lembramos. — Jenna disse. — Mas como você vai carregar um monte de demonglass para fora do lugar? Ele vai queimar você. E ei, talvez os seus poderes sejam fortes o suficiente para levar todos nós também. — Ela fez um gesto para ela mesma e os meninos. — Além disso, não é como se nós não tivéssemos os nossos próprios poderes também.

Eu sabia que devia dizer a eles para voltar. Mas ter os três lá me fez sentir muito melhor e menos aterrorizada. Então, no final, eu dei um suspiro exagerado e disse: — Ok, tudo bem. Mas só para você saber, me seguir para o inferno significa que vocês são *definitivamente* os ajudantes.

— Droga, eu estava esperando ser interesse amoroso depravadamente encantador. — Archer disse, tomando minha mão.

— Cal, tem algum papel que você queira? — Eu perguntei a ele, e ele olhou pesarosamente para a rocha iminente acima de nós. Quando ele o fez, houve o som de moagem de pedra contra pedra. Nós todos olhamos para a abertura que apareceu.

— Apenas tenho a esperança de não ser O Cara Morto. — Cal murmurou.

Encaramos a entrada. — Entre os quatro de nós, lutamos contra ghouls, sobrevivemos a ataques de demônios e do L'Occhio di Dio, e praticamente ressuscitamos os mortos. — eu disse. — Nós podemos fazer isso.

— Veja, discursos inspiradores como esse são o motivo de você ser a líder. — Archer disse, apertando a minha mão.

E então, nos movendo quase como um só, entramos na rocha.

CAPÍTULO 29



Assim que entramos, a abertura se fechou atrás de nós. — É claro. — eu ouvi Archer dizer sob sua respiração. Eu levantei meus dedos, e um globo de luz surgiu a partir deles. Não que isso fosse particularmente útil. Tudo o que eu vi foi um monte de granito escuro, liso, e nada mais.

— Então... é isso? — Jenna perguntou. — Estamos no Submundo? Porque, para ser honesta, eu pensei que seria mais quente.

Olhei em volta na escuridão. — Eu... não sei. — eu disse finalmente. — Qualquer um vê uma placa que diz: "Submundo Por Este Lado"? De preferência, com uma flecha?

— Infelizmente, não. — Acher disse. — Mas me sinto estranho. Ou sou somente eu?

Agora que ele mencionou, eu podia sentir alguma coisa também. Era como se a caverna tivesse uma carga sutil. Quando olhei para baixo, vi que os cabelos em meus braços estavam todos de pé. Dentro de mim, minha magia se agitou e bateu. — Não, eu definitivamente acho que estamos no lugar certo. O que significa que provavelmente devo fazer isso.

— Enfrentando os três, eu me concentrei o máximo que eu podia. *Esteja seguro*, era tudo o que eu conseguia pensar, tanto por feitiços de proteção, mas eu senti a oscilação de energia para cima e então fluir suavemente das minhas mãos. O feitiço era um branco leitoso, e enrolou em torno de Archer, Jenna, e Cal como uma fumaça, antes de se estabelecer. — Ok, vocês se sentem protegidos?

— Eu sinto. — Archer disse. — E também, um pouco violado, mas isso não está nem aqui nem lá.

Revirei os olhos. — Vocês dois?

— Sim. — Cal disse. — Seja lá o que você fez, eu acho que funcionou.

— O mesmo. — Jenna acrescentou.

— Impressionante. — Eu comecei a andar para frente, os outros me seguindo. — Archer, algum fato útil sobre demonglass que você gostaria de compartilhar?

— Hum, ok. Bem, depois da guerra no céu, os anjos que lutaram do lado errado foram reduzidos a apenas o seu nível mais básico.

— Certo. — eu balancei a cabeça. — Papai me disse isso. Demônios são apenas pura magia escura, nada mais. Até que sejam colocados em um corpo, obviamente.

— Eu não sei, há momentos em que você parece como se fosse apenas pura escura... - ow. — Archer interrompeu enquanto eu o cutucava nas costelas. — De qualquer forma, os demônios foram forçados à outra dimensão. O que as pessoas chamam de inferno, ou o Submundo, ou o que seja. Supostamente - e para nós, esperançosamente - é onde você encontrará demonglass. O que, realmente,

nada mais é do que a rocha que foi permeada com toda a magia escura. Kryptonita de demônio, basicamente.

— Então, nós estamos indo para outra dimensão? — Jenna perguntou, a voz um pouco hesitante. — Como o que o Itineris faz?

— Essa é a ideia. — Archer respondeu.

Sabendo como os Itineris quase sempre deixavam Jenna tentando não tossir seus órgãos internos, entendi porque ela parecia um pouco assustada.

— Isso não se sente como outra dimensão, embora. — eu disse. — Isso só se sente como...

— Uma Caverna. — Cal falou.

— Sim, uma caverna. — Assim que eu disse isso, meu coração começou a bater. Ugh, essa coisa de claustrofobia nova era a*ltamente* irritante. — Além da sensação estranha no ar, o que sinceramente, poderia ser algo natural, eu não estou sentindo qualquer coisa que me faz pensar que estamos no *real* Submundo.

Mal as palavras saíram da minha boca, para em seguida, a esfera que eu estava carregando extinguir-se. Ao meu lado, Jenna engasgou, e eu fiz todo o possível para chamar a luz de volta. Quando de repente eu conseguia ver todo mundo de novo, eu pensei que talvez eu tivesse conseguido. Mas então eu percebi que a luz na caverna não era o azul suave que eu tinha feito. Era de um duro amarelo alaranjado, quase como uma lâmpada de rua.

Eu pisquei. *Era* um poste. E eu não estava em uma caverna mais. Eu estava em um quarto. Um quarto de motel, se o tapete barato e as idênticas camas de casal eram qualquer coisa perto. Havia duas figuras em uma das camas, e pelo suave som de sua respiração, eu sabia que eles estavam dormindo.

— Que diabos está acontecendo? — Archer perguntou, no mesmo momento que um gemido baixo encheu meus ouvidos. Era Jenna, ela continuou ao meu lado, com os olhos enormes, mãos apertando a boca.

Eu agarrei o braço dela. — O que é isso? — Eu perguntei. — Jenna... O som de madeira quebrando explodiu através da sala, e três homens, todos de preto, correram para dentro. Um deles esbarrou em mim, senti que era tão real e sólido como Cal do meu outro lado.

As figuras sentaram-se na cama, gritando, e quando elas fizeram, eu vi a luz cair em cima de uma faixa rosa conhecida. Eu assisti Jenna saltar da cama, dentes arreganhados, quando os homens de preto –membros do L'Occhio di Dio – ergueram as estacas de madeira sobre suas cabeças. Houve um som de sucção terrível quando uma das estacas encontrou o seu alvo.

Amanda, a primeira namorada de Jenna. A menina que fez dela uma vampira.

Tanto a Jenna do quarto de motel quanto a Jenna ao meu lado gritaram. E então, abruptamente, tudo ficou escuro novamente. O único som era a nossa respiração irregular e o choro estremecido de Jenna.

— Está tudo bem. — eu murmurei, passando os braços em torno dela. — Não foi real.

— Mas ele foi. — ela gritou. — Is-isso é exatamente como aconteceu.

Não havia nada que eu pudesse dizer sobre isso. Senti alguém se aproximando de nós, e então a voz de Archer, muito baixa, disse: — Jenna, eu sinto muito.

Sua única resposta foi outro doloroso soluço.

— Tudo bem. — Cal disse. — Vamos nos manter em movimento.

Pelo menos não havia dúvidas de que estávamos no inferno agora. Eu estava preparada para o fogo, enxofre e tudo isso. Mas andar em um lugar que fazia você reviver momentos de pesadelo a partir do seu próprio passado? Engolindo em seco, eu segurei Jenna mais apertado, reacendi a esfera, e seguimos em frente.

Conseguimos talvez andar uma dúzia de metros antes da minha luz se apagar novamente. Desta vez, nós estávamos em uma sala bem iluminada, alegre. Nada nela parecia familiar para mim, e eu olhei para Cal e Archer. — Algum de vocês reconhecem isso?

— Não. — disseram em uníssono. Um grito ecoou pela sala, soando como se tivesse vindo de algum lugar acima de nós. Quando olhamos, vimos um homem de cabelos escuros descer por um lance de escadas dando em uma sala de estar. A parte da frente de sua camisa estava coberta de sangue, e seus olhos moviam-se para frente e para trás freneticamente.

— Elise. — ele gritou. Movendo-se com uma velocidade sobrenatural, um outro homem desceu as escadas, saltando sobre o corrimão. Eu peguei um breve vislumbre de garras, e então eu fechei os olhos. Quando eu os abri novamente, o homem que tinha chamado por Elise estava deitado de bruços no tapete. O outro homem estava sobre ele, ofegante, o sangue escorrendo de suas agora-humanas mãos. Ao seu lado estava uma mulher, seus olhos vermelho sangue e sua expressão tão inumana quanto a do homem. Ela também estava totalmente grávida, o que de alguma forma fez a coisa toda dez vezes mais perturbadora.

Em algum lugar na casa, uma pequena criança começou a chorar, e o homem levantou o nariz para aspirar o ar. Eu balancei a cabeça diante da cena, confusa. — Eles são demônios. — Eu sabia que não podiam me ouvir, mas eu não podia deixar de sussurrar. — Mas eu nunca os vi antes. E se ela é um demônio grávida, então seu bebê...

E então eu olhei para o homem - principalmente o cabelo escuro e encaracolado, a forma familiar de seus olhos e nariz. — Oh meu Deus. — eu respirei. — Nick. Estes são os pais de Nick. Ele *nasceu* um demônio.

Jenna tinha parado de chorar. — Então por que é estão nos mostrando isso?

Quando os demônios fugiram pela porta da frente, um menino, talvez de dois ou três anos, entrou na sala. Havia um traço de sangue em seu rosto rechonchudo, seus olhos escuros estavam brilhantes de lágrimas.

Olhei para Archer. Ele estava tão pálido, na verdade ele estava cinza. — Esta era a minha família. — ele disse, assim que a cena ficou escura. — Isto é o que aconteceu com eles. Eu sempre quis saber, mas... Deus. — Sua voz quebrou-se com um som estrangulado.

— É isso. — eu disse. — Vamos sair daqui. — A luz azul brilhou nos meus dedos novamente.

— O demonglass. — Archer começou a dizer, a cor voltando lentamente à sua pele.

— Dane-se. — eu disse. — Nós vamos achar alguma outra maneira, mas não podemos ficar aqui. Eu não quero ver mais nada.

Mas já era tarde demais. Estávamos sob o luar, e eu podia sentir o ar fresco puro sobre a minha pele. O cheiro de lavanda inundando as minhas narinas, e meu coração se afundou. Estávamos em Thorne Abbey. E à nossa frente, curvada na grama, soluçando, estava Alice. Ela parecia tão jovem, tão aterrorizada. Tão diferente da criatura poderosa que eu conhecia. Alexei Casnoff ficou na frente dela, o grimoire em suas mãos. Havia uma mulher loira ao lado dele, as mãos cruzadas atrás das suas costas. Virginia Thorne, a bruxa escura que havia trabalhado com os Casnoffs para encontrar este ritual. Alexei já estava recitando o ritual, a luz piscava no céu escuro. Eu ouvi alguém gritar, e virei minha cabeça para ver um jovem cara bonito correr até Alexei, tentando agarrar o livro de suas mãos. O vento uivava tão alto que eu não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Eu pude ouvir Alice gritar:

— Henry! — Quando ela gritou, sua mão cobriu protetoramente seu estômago, e eu sabia que este deveria ser Henry Thorne, irmão de Virgínia.

Alice estava grávida quando ela foi transformada, e papai tinha suspeitado de que Henry era o pai. Pelo terror no rosto de Alice, eu sabia que era verdade. E então eu vi quando Alexei Casnoff ergueu a mão, como se estivesse espantando um inseto, e mandou um raio de magia na testa de Henry Thorne, que o matou instantaneamente.

— Não! — Alice gemeu, Virginia Thorne gritou também. Com o mesmo movimento descuidado, Alexei a matou tão facilmente como tinha matado o seu irmão. A luz ficou mais brilhante, tanto que tive que virar a minha cabeça. Mas antes eu fizesse, Alice travou os seus olhos em *mim*. Eu sabia que ela não estava olhando para mim. Apenas em minha direção geral. Ainda assim, seus grandes olhos cheios de lágrimas, o mesmo tom de azul como o meu, perfurou diretamente ao meu coração.

E a cena evaporou.

— Por favor. — Jenna choramingou. — *Por favor*, vamos embora.

Tropeçando na escuridão, eu acenei com a cabeça. — Eu estou totalmente a favor. — eu disse, usando uma mão para me equilibrar. Assim que meus dedos tocaram a parede da caverna, eu os tirei de volta com um grito de dor.

— Sophie! — Archer e Cal chamaram ao mesmo tempo.

— Eu estou bem. — eu disse, segurando a minha mão contra o meu peito. — É que... Isso me queimou. A parede.

Convoquei outra esfera de luz e olhei para os vergões rosados levantando-se das pontas dos meus dedos. Então olhei de volta para a parede. Eu pensei que era apenas rocha molhada, mas agora eu podia dizer que o brilho que eu tinha visto não era de água. — Isso é demonglass. — eu disse. — O-o maldito lugar é feito todo de demonglass.

Eu não hesitei. Levantando a minha mão não lesionada, eu disse: — Vocês se preparem para pegar tanto dessas coisas quanto vocês puderem, e então estaremos saindo. Entendido?

— Entendido. — todos responderam de volta.

Respirando fundo, fechei os olhos. — Partir.

Dezenas de fragmentos caíram sem causar danos ao solo. Jenna, Archer e Cal correram para agarrá-los, e então correram de volta na direção que tínhamos vindo. A luz acendeu novamente, seguida de ruídos demasiados tênues para conseguirmos decifrar.

Enquanto corríamos, eu podia ouvir o que a cena estava jogando atrás de mim. Houve gritos, um dos quais soaram estranhamente familiar. Na verdade, parecia *comigo*.

Eu congelei no meu progresso. Cal já estava olhando por cima do ombro, mas antes que eu pudesse ver o que ele estava assistindo, ele foi me empurrando para frente novamente. — Mantenha-se em movimento. — ele grunhiu.

À frente, a abertura tinha reaparecido, e corremos para ela. Assim que meus pés tocaram o caminho lamacento, escorreguei e deslizei, mas eu fiz o meu melhor para ficar em pé. Quanto mais cedo eu poderia fugir daquele lugar, melhor. Só quando ouvimos o ranger de pedra sobre pedra que paramos e olhamos para trás. A entrada na rocha havia desaparecido, e eu quase afundei no chão com alívio. Então olhei para as lâminas pretas que os outros estavam segurando.

— Santa merda. — eu disse sem fôlego. — Nós fizemos isso.

Eu imaginei que se tivéssemos recolhido o demonglass com sucesso, nós praticamente saltaríamos de volta para a costa. Mas o custo de obtenção dessas armas foi muito alto, e à medida que nos arrastamos de volta pelo caminho de lodo, eu sabia que estávamos todos pensando sobre o que o Submundo havia nos mostrado.

Como se ela tivesse lido minha mente, Jenna disse: — Então é isso que o Submundo faz? Mostra a você as coisas mais terríveis que já aconteceu com você - ou sua família... — ela acrescentou, olhando para mim e Archer, —... como uma espécie de filme doente?

— Parecia muito infernal para mim. — Archer disse, ainda um pouco em estado de choque.

— Eu não acho que sejam apenas coisas que aconteceram. — Cal disse. — Talvez sejam coisas que vão acontecer, também.

Eu parei, empurrando meu cabelo para longe do meu rosto. — O que você viu lá, Cal?

Ele balançou a cabeça. — Não importa. — ele disse. Mas quando ele passou por mim, seu olhar permaneceu por breves instantes em Archer. Lembrei-me do grito, o que soava como eu.

E então nós fizemos nosso caminho de volta para os meus pais e as Brannicks, eu não podia ajudar, mas eu sentia que por pior que o pesadelo da caverna tinha sido, o que ainda estava à nossa frente seria ainda pior.

CAPÍTULO 30



De volta à cabana, eu usei minha mágica para mexer a sopa de tomate e o chá quente. Contei a Mamãe e Papai o que tinha acontecido, minimizando o horror disso tanto quanto eu podia. Enquanto fazia, minha mãe andava em volta da mesa, pendurando cobertores sobre nossos ombros. — Nós não estamos em choque. — eu disse a ela, mesmo enquanto segurava o material mais apertado ao redor do meu pescoço.

— Bem, todos vocês parecem terríveis. — ela disse.

— Inferno causa estragos na pele. — Archer brincou, mas eu podia dizer que seu coração não estava assim. Sob a mesa, eu coloquei minha mão em seu joelho, e ele cobriu meus dedos com os seus próprios.

— Você disse que a caverna mostrou-lhe cenas. — meu pai disse, cutucando o fogo mesmo que já estivesse quente no interior. — Jenna, mostrou-lhe a morte de sua senhora.

Jenna soprou sua sopa e deu ao Papai uma olhada. — Eu a chamava de minha namorada, ou Amanda, mas sim.

Papai inclinou a cabeça. — Claro. Perdoe-me. Sophie, você viu a transformação de Alice.

Eu assenti. — E o assassinato do meu bisavô. Estranho me mostrar isso quando tive tantas outras coisas terríveis acontecendo diretamente comigo. — eu disse, começando a contá-las nos meus dedos. — Elodie sendo morta, ter que matar Alice, escapar de um prédio em chamas com a ajuda de um fantasma... — E então, porque os meus pais pareciam tão tristes, acrescentei: — Ah, e esse corte de cabelo pajem realmente hediondo no sexto ano.

Alguns sorrisos pálidos apareceram, mas eu acho que foi apenas para me agradar.

— Sim, mas essa foi a ação que foi diretamente responsável por todos os outros eventos horríveis. — Papai disse. — Bem, exceto pelo corte de cabelo. Eu suspeito que esse pode ser colocado na porta da sua mãe.

— James! — Mamãe protestou, mas eu juro que ouvi afeição por trás disso. Eu acho que meu pai ouviu, também, porque seus lábios torceram para cima brevemente. Sua expressão ficou sóbria, porém, quando ele se virou para Archer. — E você viu seus pais assassinados por demônios.

Archer tilintou a colher contra o fundo da sua tigela. — Só o meu pai. Mas quando eu - hm, eu-bebê cheguei, havia sangue no meu rosto que não era meu, então estou supondo que minha mãe já estava morta.

Papai franziu o cenho, pensativo.

— A senhora demônio estava grávida. — eu disse a ele. — E o cara parecia com Nick. Estou pensando que eles eram seus pais.

— Claro. — meu pai disse, seus olhos se arregalando. — Os irmãos Anderson. Ambos desapareceram, juntamente com suas esposas, cerca de quinze anos atrás. Todo mundo pensou que eles tinham apenas passado à clandestinidade, por assim dizer. Lara era próxima da esposa do mais jovem. Muito próxima.

— Espere. Então, o cara demônio e o pai de Archer eram irmãos? — Eu perguntei. — O que faz Archer e Nick...

— Primos. — Archer completou, ainda agitando a sopa. — Quase assassinado por meu próprio parente. Isso tem que ganhar algum tipo de medalha por disfunção. — Então, sua expressão escureceu. — Ou talvez seja apenas tradição de família.

Um silêncio desconfortável se estendeu. A colher de Archer tilintava em sua tigela enquanto ele a girava e girava. Finalmente, ele disse: — Anderson?

Meu pai encontrou seus olhos. — Sim. Se eu estiver certo, o seu pai era o primogênito. Martin. O nome de sua mãe era Elise.

A garganta de Archer se movia convulsivamente. — Esse é o nome que o cara - meu pai - disse. Na visão, ou o que quer que fosse.

Papai sorriu tristemente. — Eu não conheci seus pais pessoalmente, mas de tudo que ouvi, eles eram pessoas boas. E eles eram muito dedicados ao seu único filho. Você.

Agora o silêncio na sala parecia uma coisa pesada, tangível. Sob a mesa, os dedos de Archer estavam apertando os meus. — Você sabe...

— Daniel. — papai disse, sua voz suave. — Seu nome era Daniel Anderson.

Archer abaixou a cabeça, e vi duas lágrimas escorrerem silenciosamente até sua sopa. E então ele estava empurrando sua cadeira para trás, e saindo pela porta. Levantei-me para segui-lo. Mas meu pai tocou meu braço. — Dê a ele um minuto.

Mordi a parte interna da bochecha e assenti. — Certo.

Fungando, sentei-me de novo e enrolei minhas mãos em volta da minha xícara de chá. — Então o quê agora?

— Bem, agora temos pelo menos alguma forma de nos defender contra os demônios que as Casnoffs têm. — Aislinn disse, manifestando-se pela primeira vez. Ela, Finley e Izzy tinham nos encontrado na praia, e as três estavam no momento envolvendo o demonglass em panos e colocando os cacos em uma bolsa de lona. — Entre nós três — ela disse, apontando para suas filhas — provavelmente poderíamos pegar todos eles.

Eu estremeci. — Você quer dizer, matá-los.

— Não, pegar todos eles para tomar sorvete. — Finley zombou, mas sua mãe disse em uma voz baixa, perigosa: — Finley, Sophie entrou no inferno por nós hoje. Ela é uma Brannick tanto quanto você é, e você vai falar com ela com respeito.

Envergonhada, Finley olhou para mim sob seus cílios e murmurou:

— Desculpe.

— Sem problema. — eu respondi. — Mas eu estou falando sério. É... Matá-los é a única opção?

— É a mais fácil. — Mamãe disse, vindo se sentar na cadeira vazia de Archer. — Querida, eu sei que algumas dessas crianças eram seus amigos, mas não há como tê-los de volta.

— Isso é verdade? — Eu perguntei a meu pai. — Eles se foram de vez?

Papai se mexeu na cadeira, inquieto. — Não necessariamente. Mas Sophie, o risco que envolve em trazê-los de volta... É quase grande demais para imaginar.

— Eu posso imaginar todos os tipos de coisas. — eu disse a ele. — Tente-me.

Acho que poderia ter visto orgulho nos olhos do meu pai. Ou talvez fosse apenas um brilho de *Por que a minha filha é tão insana?*

Ainda assim, ele me respondeu. — Se você destruir tanto o ritual quanto a bruxa ou o feiticeiro que o usou, o próprio feitiço pode ser revertido.

Dei de ombros. — Isso não soa tão difícil.

— Eu não terminei. Eles devem ser destruídos simultaneamente.

Engolindo em seco, tentei soar alegre. — Novamente, não tão ruim. Fazer Lara segurar o pedaço de papel, destruir ambos com, hm, algum fogo ou algo assim e bam! Reversão demônio instantânea.

— E eles devem ser destruídos no poço onde os demônios foram levantados. — meu pai continuou, como se eu não tivesse dito nada. Sério, ele *tinha* que parar de fazer isso. — Ah, e como a pièce de résistance, você precisará fazer um feitiço para fechar o poço em si, tanto o ritual como a bruxa dentro dele. E esse é um ritual tão intenso que na verdade poderia puxar o que quer que estivesse ao redor do poço para dentro dele também.

— Tipo, a pessoa fazendo o feitiço?

— Tipo, toda a maldita ilha onde o poço está.

— Oh. Ok. Bem, isso é definitivamente... Desafiador. Mas não impossível. E temos o grimoire, isso é um bônus, certo? Mesmo se o ritual de levantar demônios não esteja nele.

— Sophia Alice Mercer. — Mamãe disse em advertência, justo quando Papai disse: — Atherton. — e Aislinn disse: — Brannick.

Eu joguei minhas mãos para o alto. — Olha, não importa do que vocês me chamam. Vou hifenizar, que tal isso? Mas me escutem. Eu tenho que tentar, certo? Por Nick, Daisy, Chaston, Anna e todas as outras crianças que elas já transformaram em armas ao longo dos anos. *Por favor.*

— Sophie está certa. — Cal disse, inclinando-se para frente. — Se conseguirmos parar as Casnoffs e transformar essas crianças de volta... Isso não seria melhor do que ter que matá-las?

— Eu sou totalmente a favor disso. — Jenna disse.

Meus pais se entreolharam. Um momento se passou entre eles, então minha mãe virou-se para sua irmã. — Você pode comprá-la algum tempo? Mantê-la segura até que ela possa encontrar o ritual, e esperançosamente destruí-lo?

— Podemos. — Finley disse rapidamente, e Izzy assentiu. — Nós vamos ficar bem perto dela. Mesmo se ela não puder destruir a bruxa, o feitiço e o poço, ela pode pelo menos fazer uma dessas coisas, certo? Isso tem que valer alguma coisa.

Papai soltou uma longa respiração, esfregando as mãos sobre o rosto. — Sim. — ele disse finalmente. — Vale alguma coisa. Seria melhor se chegássemos à noite, vocês não acham? Graças à diferença de tempo, ainda é muito longe da Ilha Graymalkin. Então, o amanhecer? — Ele deu um sorriso irônico. — De novo?

E um por um, todos concordaram. Ao amanhecer pegaríamos o Itineris de volta a Hex Hall, e acabaríamos com isso.

— Deixe-me ir contar a Archer. — eu disse, empurrando o cobertor para longe de mim quando me levantei. Lá fora, o vento tinha aumentado, e ele soprou o meu cabelo no meu rosto enquanto eu fazia uma varredura da costa por ele. Quando não o vi, coloquei a minha cabeça em sua tenda. Ele não estava lá também. Movendo-me para a parte de trás da casa, fiz sombra em meus olhos contra o sol, procurando uma figura escura familiar entre todo o verde e rocha.

Vi um movimento na minha visão periférica, e me virei para ele, aliviada.

Mas não era Archer. Era Elodie, oscilando na brisa. À luz do dia, ela era ainda mais translúcida do que o normal, seu cabelo vermelho flutuava em torno dela como se estivesse debaixo d'água. — Ele se foi. — ela fez com a boca. — Ele pegou o Itineris.

Estômago afundando, eu perguntei: — Onde? — mas eu já sabia.

Elodie apenas confirmou quando disse: — Para O Olho. Ele me disse para dizer a você que sente muito, mas ele tinha que ir.

Pisquei de volta as lágrimas que não tinham nada a ver com o sol ou o vento. — Você o viu?

— Eu estive por aí desde que você chegou aqui. Eu só não estava me fazendo visível. Mas ele deve ter sabido que eu estava aqui porque ele me chamou. Ele disse que eu não devia nada a ele, mas eu devia a você alguma coisa.

Ela estava tão fraca que era difícil dizer, mas pensei ter visto arrependimento cruzar seu rosto. — Ele estava certo. Sinto muito sobre a coisa com Cal. Não era justo ferir vocês dois só para ferir Archer.

— Desculpas aceitas. — eu disse a ela. Fiquei surpresa ao descobrir que quis dizer isso. — O que mais ele disse?

— Só isso. Ele foi para O Olho, e ele sente muito. — Ela torceu o rosto. — Ah, alguma coisa estranha sobre contar a você que ele ainda se sente do mesmo jeito sobre aquela tenda, e que ele promete dizer a você isso pessoalmente da próxima vez que ele te ver.

Eu dei um latido de risada que foi mais um soluço. — Que idiota. — eu disse enquanto chorava.

Elodie assentiu em simpatia. — Tão idiota.

Quando parti da Thorne Abbey, eu tinha segurado a espada de Archer e tive a sensação de que de alguma forma as coisas iriam dar certo.

P*or favor*, eu pensei. *O resto da minha magia está de volta, então deixe-me ter esse poder também.*

Mas não houve resposta exceto o assobio do vento.

CAPÍTULO 31



Na manhã seguinte, nós todos nos reunimos na grande rocha que abrigava o Itineris. Eu estava vestindo meu uniforme de Hex Hall, imaginando que era a coisa menos conspícua que eu poderia usar para me esgueirar de volta ao colégio. Jenna estava vestindo o mesmo, assim como as Brannicks mais jovens. Ambas estavam bem infelizes a respeito disso, se o jeito que puxaram suas saias fosse uma indicação.

— Você usa meias até os joelhos todo dia? — Izzy perguntou, franzindo o rosto com raiva. — Isso é motivo suficiente para levar esse lugar abaixo.

Mesmo que eu estivesse assustada e preocupada, eu ri. — Apenas espere até chegarmos lá e você experimentar a tortura que é usar lã em tempo úmido. Você vai querer afundar toda a ilha.

— Não é tão ruim. — Cal disse, e Jenna gargalhou.

— Sim, falou o garoto que veste flanela em agosto.

— Ok. — Aislinn disse, prendendo um coldre na cintura. Três lâminas de demonglass pendiam dele. Izzy e Finley tinham algo semelhante amarrado em seus blazers, assim como Jenna e Cal. Eu não estava carregando nada, pelo motivo óbvio. Eu olhei para minhas ainda-rosadas pontas dos dedos. Pelo menos elas combinavam com a minha outra cicatriz de demonglass, o grande, arroxeado talho que corta a palma da minha mão. Pensamentos como esse me ajudaram a ficar menos aterrorizada com o que estava prestes a acontecer.

—... E deixe Sophie obter o ritual. — Aislinn estava falando. Eu estava totalmente fora de zona, e balancei a cabeça. Agora não era hora de sonhar acordada. É claro que tínhamos passado por esse plano uma dúzia de vezes já. Nós íamos para o colégio. Aislinn e Finley poderiam atrair as Casnoffs para fora. Enquanto elas faziam isso, Izzy, Jenna, Cal e eu poderíamos nos esgueirar para dentro da casa e tentar encontrar o ritual. Aislinn e Finley poderiam lidar com Lara e muitos dos seus demônios que ela lançasse de volta para o poço. Eu as encontraria lá com o ritual, e então, usando o feitiço do grimoire, destruiria as Casnoffs, o ritual, e o poço em uma grande explosão.

Isso soava totalmente simples. Até mesmo fácil. Mas se eu aprendi alguma coisa ao longo do ano passado, foi que nada é fácil quando vem com mágica.

— Então estamos todos entendidos? — Aislinn disse.

— Perfeitamente entendido. — eu suspirei.

— Ok, Finley e eu iremos primeiro. Esperem alguns minutos, e depois Sophie, Jenna, Cal e Izzy seguem.

— E nós esperaremos aqui. — Papai adicionou, apontando para mamãe. Na noite passada, todos nós tomamos uma decisão de que seria perigoso demais para papai vir conosco para Graymalkin. Sem poderes, ele não teria chances de se defender, e eu ficaria muito distraída me preocupando com ele.

Eu encarei meus pais e embrulhei meus braços ao redor de seus pescoços, os puxando para um abraço em grupo. — Eu vou ficar bem. — eu disse, mesmo que minha voz trêmula tenha me afastado. — Haverão bundas das Casnoffs chutadas e todos os tipos de nomes tomados. E ei, talvez eu pegue algumas cicatrizes novas e fantásticas.

Ambos me abraçaram mais apertado. — Nós amamos você, Soph. — Mamãe disse.

— Tem toda a razão. — Papai adicionou, e eu ri, mesmo que meu estômago tenha se torcido em um animal de balão.

Eu me afastei antes que eu pudesse me envergonhar com mais lágrimas e segurei a mão de Jenna. Aislinn e Finley já tinham ido embora.

— Prontos? — eu perguntei.

— Prontos. — Todos disseram suavemente. Eu olhei pelo meu ombro para mamãe e papai. Eles ainda tinham seus braços ao redor da cintura um do outro, e eu sorri.

Então eu dei um passo à frente. A escuridão empurrada para baixo, e eu senti aquele silêncio terrível dentro de mim. E então, somente assim, eu estava de volta no bosque de árvores da ilha Graymalkin. Eu não tinha certeza se isso era minha magia começando a ficar forte, ou apenas toda a adrenalina correndo por mim, mas o "desembarque" não pareceu tão ruim dessa vez. Jenna não obteve isso tão facilmente, mas assim que Cal apareceu, ele pôs a mão na sua testa. Sua respiração imediatamente acalmou, e um pouco da cor voltou as suas bochechas. — Obrigada. — ela disse com um suspiro de gratidão.

De algum lugar na distância, eu pensei ter ouvido um uivo. — Ok, vocês estão preparados para atacar novamente? — eu perguntei para todos. Izzy ainda parecia um pouco abalada, mas ela prontamente colocou sua mão na minha. Jenna pegou a outra, e Cal se aproximou atrás de mim, envolvendo seus braços em volta da minha cintura.

Fechei meus olhos e me concentrei. Um sopro de ar frio mais tarde, estávamos no gramado de Hex Hall. E exatamente no meio do que parecia ser a Terceira Guerra Mundial.

Logo que abri os olhos, um raio de magia correu em minha direção. Abri a mão a tempo de desviá-lo, mas havia outro logo atrás. Este atingiu Izzy apenas sobre seu ombro esquerdo, e ela gritou. Cal estava ao seu lado em segundos, já a puxando para a cobertura das árvores. Eu tentei absorver o pesadelo que se desenrolava em torno de mim. Havia demônios lá. Em todo lugar. Demônios lobisomens, com os olhos vermelho-sangue e faíscas roxas disparando de suas garras. Demônios fadas, suas asas negras agitando o ar e em chamas com luz sobrenatural. Eles estavam lutando, e primeiramente, meus olhos procuraram por Finley e Aislinn, pensando que elas deveriam estar no meio disso. Mas não, os demônios estavam lutando apenas um com o outro.

Eu balancei minha cabeça, sem querer acreditar no que estava vendo. Eu tinha visto apenas quinze ou mais demônios no porão. Mas havia dezenas no gramado, e Finley e Aislinn não estavam à vista.

Eu tentei recolher meus pensamentos dispersos. Eu precisava entrar na casa e encontrar o ritual. Mas vendo como uma fada demoníaca estava pairando na porta, era provavelmente fora de questão.

Então eu segui Cal e Izzy para as árvores, Jenna atrás de mim. Nós quatro nos agachamos ali, absorvendo a cena infernal na frente de nós. — O que eles estão fazendo? — Cal perguntou.

Olhei para os demônios enquanto eles rosnavam, assobiavam e agarravam um ao outro. — Eles estão lutando. — eu murmurei. — Essa é a coisa sobre demônios. Eles não são exatamente a coisa mais controlável do universo. Deus, eu aposto que Lara nem imagina o que ela desencadeou.

Eu estremeci quando um dos demônios fada voou em uma figura familiar - Daisy. Eu achava que a fada podia ser Nausicaa uma vez, mas era difícil dizer. Suas asas anteriormente verdes eram agora azul escuro, e elas pareciam ter bordas afiadas. Enquanto eu olhava, as asas cortaram nos braços levantados de Daisy.

Sufocando o meu medo, eu balancei minha cabeça e disse: — Mas isso não importa. O que importa é encontrar o ritual e as Casnoffs, e...

Eu parei de falar com um grito como algo tentando empurrar contra mim. Não, não contra. Dentro.

Elodie.

Dessa vez, minha magia a empurrou de volta, seu fantasma flutuava a poucos metros de mim, acenando com as mãos. — Desculpe, desculpe. — ela gesticulou com os lábios. — Eu estava com pressa. O ritual não está na casa. Está com Lara.

— O que?

— Ela sabe que você estava vindo. Eu não sei como, mas ela sabia. Sophie, todos eles são demônios. Cada criança que estava aqui. Ela os transformou.

Havia mais de cem crianças na escola.

— Onde está Lara?

— Ela está na cova. Ainda há alguns no qual ela está trabalhando.

Estremeci com o termo: *trabalhando*. — Izzy, como você está?

Ela ainda estava encostada contra Cal, mas seu rosto estava emburrado quando ela alcançou dentro de sua jaqueta e tirou seu caco de demonglass. — Eu estou bem.

Eu duvidei disso, mas eu alcancei sua mão. — Nós vamos usar o feitiço de transporte. Isso nos levará direto à cova. Mas quando chegarmos lá... — Eu olhei para todos. — Vai ser ruim. Pior que ruim, provavelmente.

— Nós vamos conseguir. — Cal disse.

— Sim. — Jenna disse, sorrindo trêmula. — Nós somos o tipo de mauzão por direito próprio.

Eu agarrei sua mão. — Malditamente certo.

Amontoamo-nos, e mesmo que eu estivesse exausta de toda a magia que estava fazendo, eu senti a familiar corrida de ar.

Eu soube logo que desembarcamos, que estávamos no lugar certo. Meus dentes e pele doíam de toda a magia pulsante em torno de nós. Eu abri meus olhos para ver a escancarada cova que Archer e eu visitamos no verão. Então, não tinha nada além de um grande buraco no chão. Agora ele estava em chamas com uma luz verde brilhante. Lara estava na borda do poço, o pedaço de pergaminho amassado em suas mãos. Meu coração saltou à vista dele. O ritual. Levantei-me para os meus pés. Atrás de mim, eu podia ouvir um latido distante. Nós tínhamos provavelmente poucos minutos antes de ao menos alguns demônios de Lara nos atacar.

Através da cova, Lara me viu. Seu rosto estava iluminado com o assustador brilho verde, transformando o sorriso sinistro quando ela disse:

— Sophie. Eu tinha um sentimento de que eu a veria novamente.

Se ela pensou que eu estava prestes a fazer todo o "ter uma conversa com o vilão", ela estava mortamente errada. Eu levantei uma mão enquanto a outra alcançou minha cinta pelo grimoire. Uma super magia de destruição estava por vir.

Poder agrupado em torno das solas dos meus pés, elevando-se através de meus tornozelos, enchendo minhas pernas e do tronco até que correu os meus braços e crepitava na ponta dos meus dedos.

— Ah, sim. — Lara disse, segurando o ritual apertado contra o peito. — Mate-me. Destrua o feitiço. Feche a cova. E todos os seus pequenos amigos demônios voltarão ao normal.

Eu foquei meus poderes. Isso tinha que ser perfeito. Não haveria nenhuma segunda chance.

— Pena sobre sua família, é claro.

Eu abri os olhos, confusa. Então eu segui o olhar de Lara para dentro da cova, e toda a magia - e sangue - pareceu drenar para fora de mim.

Lá, inconscientes no fundo, estavam Finley e Aislinn.

CAPÍTULO 32



Atrás de mim, eu pude ouvir o lamento de Izzy. Olhei para trás enquanto Jenna se movia para ela e abraçava-a, murmurando. Mas seus olhos encontraram os meus sobre a cabeça de Izzy, e eu sabia o que ela estava pensando. Essa era minha única chance de acabar com isso. Para matar Lara e destruir o ritual. Para fechar esse buraco horrível, de modo que ninguém mais pudesse ser transformado em monstro novamente. Isso é o que Finley e Aislinn teriam desejado.

Os fins justificam os meios.

Enquanto ela me observava vacilar, Lara riu. — Você vê? É por isso que sua família nunca serviu para governar. Sempre colocando os outros antes do bem de sua própria espécie.

— É realmente sobre isso, não é? — Eu perguntei, e tive o prazer de observar algumas de suas diversões escorrerem por seu rosto. — Você está chateada porque seu Papai decidiu que ele gostava mais de seus demônios de estimação que seus próprios filhos. Você continua falando sobre tudo o que ele sacrificou, tudo o que você desistiu por esta "causa". O que tudo isso inclui, Lara? Sua mãe? Eu nunca ouvi falar nada sobre a Mamãe Casnoff.

— Cala a boca. — ela vaiou, tremulando seus dedos para mim. Bloqueei o feitiço facilmente.

— E a Sra. Casnoff era casada. O que aconteceu com seu marido? Admita isso. Seu pai tomou tudo de você, de ambas, e então ele fez *meu* pai Chefe do Conselho. — Eu sacudi minha cabeça. — Isso nada mais é que uma birra de temperamento com um número de baixas, e estou acabando com isso. Ninguém mais está morrendo por isso.

Com isso, apontei para o buraco, concentrando toda minha magia em Finley e Aislinn. Enquanto eu fazia, eu vi um raio de poder voar atrás de mim, sem dúvida de Cal. Mas a especialidade de Cal era a mágica de cura, e seus ataques de magia eram fracos. Isso ricocheteou inofensivamente em Lara.

Ela levantou ambas as mãos em direção a Cal, Izzy e Jenna, enviando um pulso de magia que mandou os três de volta vários metros.

Ouvi seus dolorosos "whoofs" enquanto pousavam no chão. Então, eu vi Lara disparar outra coisa para o céu, quase como um sinal luminoso, e de repente ela tinha ido. Cerrei meus dentes, mas não me atrevi a quebrar minha concentração. A magia que saía do buraco era tão forte e escura que tomou tudo o que eu tinha dentro de mim para lutar contra. Eu não sabia se era o próprio buraco as segurava, ou se Lara tinha feito um feitiço.

Lentamente, porém, Finley e Aislinn começaram a sair do buraco. Somente quando elas estavam a vários metros de distância da borda, usei meus poderes para abaixá-las gentilmente para o chão.

Izzy e Cal, ambos foram até elas, Izzy para lançar -se em seus corpos flácidos, e Cal para tentar trazê-las de volta a sua consciência.

Prendi minha respiração até que, finalmente, eu vi as pálpebras de Aislinn tremularem e os dedos de Finley começarem a se mover.

Jenna veio ao meu lado e pousou sua mão em meu braço. — Você fez a coisa certa. — ela disse. Observando Izzy abraçar sua mãe e irmã, eu sabia que tinha. Mas enquanto os desastres, uivos e rosnados se aproximavam, era difícil se *sentir* muito bem.

— Você já esteve em uma luta entre gangues de demônios antes, Jenna? — Eu perguntei.

Subindo sua própria adaga demonglass, ela balançou a sua cabeça. — Não. Tenho a sensação de que será super violento.

— Talvez possamos conversar com eles. — eu disse, esfregando o nariz com a costa da minha mão. — Ter uma pequena conversa sentada.

— Com chá.

— Oh, sim, com uma agradável porcelana, e aqueles pequenos sanduíches que não têm cascas.

Cal veio ficar de pé conosco. Aislinn e Finley estavam sob seus pés, mas eu poderia dizer que elas estavam longe de sua ótima força Brannick.

— Não quero matar aquelas crianças. — Cal disse.

— Nem eu. Mas não quero que eles me matem também.

— Não tenho certeza se o que queremos vai importar muito. — Jenna disse. Olhei para as árvores, ouvindo meu destino se aproximar.

E aqui está a coisa: eu sabia que era suposto ser corajosa. Era para eu usar minha mágica pelo tempo que pudesse, e ter todo o *Coração Valente* sobre isso. Mas eu não queria. Eu queria chorar. Eu queria abraçar minha mãe e meu pai novamente. Eu queria ver Archer. E eu queria saber que o que eu tinha feito aqui era mais do que atrasar as mortes de Aislinn e Finley por alguns minutos.

Portanto, não houve pessoas fodonas trazendo para baixo hordas de demônios. Houve apenas uma adolescente com lágrimas escorrendo por seu rosto, seus dois melhores amigos ao seu lado, enquanto todos os tipos de criaturas infernais corriam.

Eu podia ver a silhueta de uma das fadas demoníacas vindo em nossa direção. Lembrei-me de suas asas afiadas como navalhas e a forma como haviam cortado o braço de Daisy, meu próprio braço tremeu enquanto eu o levantava. A mágica que eu havia usado para tirar Aislinn e Finley do buraco, havia fulminado muito a minha força, e agora os meus poderes não fluíam tanto como redemoinhos em volta dos meus pés. Ainda assim, eu poderia aguentar por enquanto.

Eu podia ouvir o som de aproximação das asas da fada enquanto se aproximavam, e atirei um feitiço de ataque dos meus dedos. Mas antes de bater, outra coisa serpenteou e enrolou ao redor do tornozelo da fada - um chicote prateado. Com um grito, a fada caiu no chão, e meu coração estava de repente correndo.

— Oh, Deus. — Jenna disse. Ela não precisou dizer mais nada. Jenna e eu já tínhamos visto aquela arma antes, quando O Olho invadiu o clube de Prodígios em Londres.

— É O Olho. — eu disse incrédula. E então, provavelmente pela primeira vez na história Prodígio, um demônio, um bruxo e um vampiro, todos sorriram uns aos outros enquanto eu repetia: — É O Olho!

E com certeza, correndo através das árvores, da direção do Itineris, estavam vários caras de preto. — Como? — Cal perguntou. E então um dos caras de preto começou a correr em direção a nós. Eu acho que é possível que ele pudesse ter sido algum outro tipo de Olho magricela com cabelo escuro encaracolado, mas saltei para ele de qualquer maneira.

Archer e eu colidimos com força suficiente para tirar minha respiração, mas eu não me importei. Eu podia respirar mais tarde.

— Eu pensei que você pudesse precisar de alguma ajuda. — ele disse contra minha têmpora. — Há apenas cerca de vinte de nós - os únicos caras que eu pude conseguir trazer comigo. Mas ainda assim. É algo, certo?

Eu o apertei mais forte. — Melhor que algo.

Mas tanto quanto eu poderia amar ficar lá, segurando-o para sempre, agora não havia tempo. Eu me afastei e disse: — Tente não matá-los, tudo bem?

Ele levantou uma sobrancelha para mim, e eu imediatamente levantei a mão. — Não. Sem tempo para sarcasmos. Apenas... Tente mantê-los fora, ok? Ainda há uma chance de salvá-los.

Pela primeira vez em sua vida, Archer não tentou fazer brincadeira comigo. Na verdade, ele não disse nada. Ele apenas correu na direção da luta. Girei ao redor, planejando sair correndo atrás de Lara.

Mas no fim, não precisei.

Ela estava mais uma vez na beira do poço - só que desta vez, ela não parecia superior ou divertida. E ela não estava sozinha. Sra. Casnoff estava ao lado dela, seu cabelo ainda branco neve, mas de volta ao seu penteado elaborado. Ela estava usando um de seus ternos azul da Hecate Hall, e não havia nada inexpressivo em seu rosto agora. Ela segurou uma de suas mãos, e percebi que Lara estava congelada, presa em algum tipo de magia. — Esta escola costumava ser um paraíso para nossa espécie. — Sra. Casnoff gritou. Sua voz estava rouca e crua, mas eu pude ouvir o eco da mulher que eu tinha conhecido uma vez. — E você a transformou em um inferno na terra, Lara.

— Eu fiz isso por nós. — Lara gritou de volta. — Isso era o que papai queria.

Mas a Sra. Casnoff não estava comprando nada mais além do que eu. — Isso tem que acabar. — ela disse, e havia décadas de tristeza em sua voz. Ela repetiu: — Isso tem que acabar. — Do outro lado do buraco, seus olhos encontraram os meus, e eu sabia o que tinha de fazer.

Com mãos trêmulas, puxei o grimoire de trás da minha saia e virei para a página que detalhava o ritual que fecharia este poço para sempre. Eu sussurrei as palavras, mas elas ainda queimavam dentro da minha boca enquanto eu as dizia. De dentro do buraco, uma luz verde começou escurecer.

— Não. — Lara disse, mais confusa que com raiva. Ela ainda estava congelada na borda, seus braços travados contra seu corpo.

Sra. Casnoff enrolou seus braços ao redor dela. — Sinto muito. — eu vi seus lábios dizerem. Mais uma vez ela olhou para mim. — Sinto muito.

Ela apertou sua mão contra a da irmã de volta. Houve uma única vibração de luz roxa. E então ambas caíram sem vida dentro do buraco.

Eu estava chorando abertamente agora, dizendo as palavras do feitiço mais rápido e mais rápido enquanto a terra ao redor de nós começou a tremer. — Sophie! — Eu ouvi Jenna gritar, mas eu não podia me mover até estar terminado. Este ritual que tinha feito minha família de monstros, que tinha matado mais pessoas do que poderia contar, estava finalmente terminando. Eu estava terminando-o.

Eu estava tão focada nisso que não percebi que o chão sob meus pés estava cedendo.

Eu ouvi mais alguém gritar meu nome, talvez Izzy. E então eu caí no poço.

Eu pousei muito mal e ouvi meu tornozelo dar um estalo. Dor, branco-quente e frio gelado tudo de uma vez, me atravessou, e eu gritei enquanto o grimoire escorregava de minhas mãos. Sujeira chovia em cima de mim enquanto a terra tremia e rolava. Fiz uma breve tentativa usando minha magia para me flutuar, mas o poder aqui embaixo era muito forte. Meus próprios poderes reduzidos não poderiam ultrapassá-lo.

Abaixei a cabeça, tremendo de medo e dor, tentando dizer a mim mesma que estava tudo bem. Depois de tudo, eu estava morrendo por um bem maior. Daisy, até mesmo Anna e Chaston, poderiam voltar a serem crianças normais - ou bruxas e feiticeiros. Ninguém jamais seria transformado em demônio novamente.

Deitei-me no chão, encolhendo-me longe da vista dos olhos sem vida da Sra. Casnoff me encarando. — O fim justifica os meios. — eu murmurei enquanto as paredes do buraco começaram a deslizar.

Quando senti uma mão em meu tornozelo machucado, eu gritei, puxando minha perna de volta mesmo enviando raios de fogo através de mim. Eu meio que esperava ver a Sra. Casnoff me agarrando, ou um dos zumbis que tinham uma vez guardado este buraco. Mas não era nenhuma dessas coisas.

Era Cal.

Enquanto sua mágica de cura corria por mim, os ossos do meu tornozelo tricotavam juntos novamente, eu me sentei. — O que você está fazendo? — Eu gritei sobre o estrondo.

Ele apenas balançou sua cabeça e me puxou para meus pés. Depois disso, tudo aconteceu muito rápido, e eu ainda estava tão chocada, que eu quase não percebi o que ele estava fazendo até suas mãos estarem sob meus pés e eu estava sendo levantada no ar, mãos acima de mim me puxando.

— Não! — Eu gritei, mesmo enquanto Aislinn e Finley me conduziam para a segurança. O poço estava desmoronando cada vez mais rápido agora, e eu lutei na sujeira para a borda, estendendo uma mão para Cal. Invoquei cada gota de magia que eu tinha dentro de mim, tão poderosa que eu podia ouvir as árvores próximas estalando. — Fora! — Eu gritei. — Tirem-no dali.

Minha mágica explodiu de mim, mas era tarde demais. O chão deu um último terremoto, e uma enorme fenda se abriu na boca do poço. Cal cambaleou para trás, contra a parede oposta. Naquele

momento, os olhos dele se encontraram com os meus. Deitei sobre meu estômago, a mão ainda estendida, ofegante. — Está tudo bem, Sophie, — eu vi sua boca dizer. — Está tudo bem.

Houve um clarão de luz e um som de uma montanha cedendo. Jenna me puxou de volta assim que o buraco entrou em colapso. Toda a ilha parecia tremer, e eu entorpecida, me perguntei se era de repulsa ou alívio.

E então, tudo ficou em silêncio.

CAPÍTULO 33



Alguém estava me sacudindo. — Sophie. — uma voz disse no meu ouvido. — Acorde.

Desorientada, eu me virei, fios de cabelo estavam presos em minhas bochechas úmidas. Eu tinha chorado. Mais uma vez. Sentei -me, e por um momento, foi fácil acreditar que as últimas semanas não foram reais. Eu estava de volta ao meu quarto no complexo Brannick, o sol da manhã entrava pela janela. Talvez eu nunca tenha saído daqui, eu fiquei feliz com a possibilidade. Talvez tudo tenha sido um sonho.

Mas não era. Jenna estava sentada na beirada da minha cama, ela parecia preocupada e Archer pairava na porta. E em algum lugar lá embaixo estavam minha mãe, meu pai, as Brannicks, Nick e Daisy...

Mas não Cal.

— Mesmo sonho? — Archer perguntou, e eu confirmei, esfregando o meu rosto com ambas as mãos. Desde a noite que havíamos usado o Itineris para fugir de Hex Hall, com toda a ilha tremendo como se fosse entrar em colapso com o oceano, eu venho tendo pesadelos.

Meu pai disse que era de se esperar, dado tudo o que eu tinha passado. Mas já tinha passado um mês. Eles nunca iriam parar?

— Eu estava gritando de novo? — Eu perguntei enquanto jogava as cobertas para o lado.

— Só chorando. — Jenna disse, seu rosto simpático. — Bastante.

Tentei me lembrar do sonho, mas já estava me escapando. Cal estava lá novamente, no poço, poeira caindo sobre ele. E a Sra. Casnoff, com seus olhos mortos. Eu estremeci.

Jenna tentou pegar minha mão, mas eu fiquei em pé e tentei dar o meu melhor "Esta tudo bem. Sério, realmente está." sorriso. — Foi apenas um sonho. — eu disse a ela. Archer abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu levantei a minha mão. — Apenas um sonho. — eu repeti. — Então, todo mundo já está lá embaixo? Porque eu não sei quanto a vocês, mas eu estou morrendo de fome.

Eu não estava, na verdade. A ideia de comer fez meu estômago embrulhar, e eu já tinha perdido tanto peso que eu tinha que usar magia para encolher minhas roupas. Eu passei por Archer, e ele pôs a mão em meu ombro. — Vai ficar tudo bem, Mercer. — ele disse no meu ouvido, e eu parei um momento, me apoiando nele. Mergulhando em seu calor, em sua presença. Então me endireitei, e disse: — Vamos, vamos lá para baixo. Nick e Daisy sempre comem todo o bacon.

Claro, na hora que chegamos à cozinha, havia apenas duas fatias restantes. Nick e Daisy estavam sentados à mesa de fórmica, os seus pratos quase vazios, enquanto Aislinn fazia ovos mexidos no fogão atrás deles. Fiquei na porta, admirando essa imagem: uma Brannick cozinhando para dois demônios. Quem poderia ter imaginado *isso*?

Nick me viu e sorriu. Bem, tentou. Assim como eu - diabos, assim como todos nós - ele ainda tinha aquele olhar assombrado em seus olhos que fazia com que expressões simpáticas parecessem tristes. — Bom dia, Sophia. Eu deixei uma fatia de bacon para você. Para você também, Jenna, — ele disse, olhando por cima do meu ombro. Seus olhos fitando meu outro lado. — Sinto muito, mas você está sem sorte.

Archer deu pequeno bufar com humor, mas ainda havia cautela enquanto ele se movia pela cozinha. Ele também se sentou o mais distante de Nick que pode. Eu não sabia se Archer e Nick um dia terão algo próximo de uma relação normal, mais isso era provavelmente o esperado. Afinal, os pais de Nick tinham matado os pais de Archer, e Nick tentou matar Archer não apenas uma, mas duas vezes.

Isso iria deixar as reuniões de família bem constrangedoras no futuro.

Também não ajudava que aqueles que Archer considerava família agora estavam determinados a matá-lo.

— Soph? — Aislinn disse, tirando-me do transe em meus pensamentos. — Ovos?

— Hum... Não, obrigada, eu vou tentar comer alguma coisa mais tarde.

Quase todo mundo na cozinha franziu a testa, para não aborrecer eu agarrei a fatia de bacon e parti ao meio. Sentada ao lado de Daisy, eu comecei a mastigar e disse: — Alguma coisa hoje?

Era a mesma pergunta que cada um de nós perguntava todas as manhãs desde que saímos de Hex Hall. Nos primeiros dias havia respostas. "Sim, a ilha ainda está lá. Sim, encontramos Nick e Daisy e sim, podem trazê-los aqui. Sim, o Olho colocou um preço na cabeça de Archer que poderia comprar uma pequena ilha."

Esta última, Archer não encarou com tranquilidade. Aparentemente, sua equipe de Olhos contou à sua chefa que Archer havia usado algum tipo de artefato mágico para colocar um feitiço de compulsão neles. Esta foi a razão por eles terem lutado para os Prodígios.

— Isso é verdade? — Eu perguntei a Archer. Ele tirou seus olhos dos meus, e deu um exagerado encolher de ombros.

Encarei isso como um sim.

Mas depois disso, não havia mais nada. Nenhuma notícia de como o resto do mundo Prodígio estava encarando o que tinha acontecido em Hex Hall. Nada sobre o que tinha acontecido com as crianças que salvamos de serem demônios.

Então, mais uma vez nesta manhã, Aislinn suspirou e disse: — Não. Nada.

— Talvez seja uma coisa boa. — Daisy disse, passando manteiga em sua torrada. — Talvez todos eles simplesmente... Desapareceram.

Agora que ela não era mais um demônio, Daisy não era mais qualquer tipo de Prodígio. Ela era apenas uma criança normal que as Casnoffs tinham transformado em um demônio. Eu entendi seu desejo de deixar as coisas relacionadas à magia para trás.

Daisy se inclinou e descansou a cabeça sobre o ombro de Nick. Bem, talvez não *todas* as coisas. Fiquei contente que Nick tivesse Daisy. Depois de tudo que ele passou, ele precisava dela. Ainda assim, tenho que admitir, tinha uma sombra nos olhos de Nick que me fez pensar se, livre das Casnoff ou não, ele algum dia ficaria bem.

Lá fora eu conseguia ouvir o tilintar distante de metal contra metal, o que significava que Finley e Izzy já estavam de pé e treinando, eu pensei em me juntar a elas. Não para empunhar uma espada nem nada, mas talvez para deixá-las bloquear alguns dos meus feitiços.

Seria bom praticar com elas, me daria alguma coisa para fazer além de sentar no meu quarto e ficar reproduzindo em minha mente a última noite em Hex Hall, várias vezes seguidas.

Eu estava me levantando quando papai entrou na cozinha. Ele estava de pijama, o que era totalmente bizarro. Meu pai nunca tinha descido para o café até que estivesse completamente vestido. Claro, seu pijama tinha até um pequeno bolso com um lenço, então talvez ele se sentisse vestido.

Ele tinha uma folha de papel em suas mãos e a fitava com os olhos arregalados.

— James. — Aislinn chamou. — Você acordou um pouco tarde essa manhã. Grace ainda está dormindo também?

Papai olhou para cima, e eu poderia jurar tê-lo visto corar. — Hmm? Ah. Sim. Bem. Em todo caso. Hm... Até este momento.

— Deixe o papai em paz. — eu disse para Aislinn. — Seu lado Britânico está entrando em curto-circuito. — Em vez de me sentir enojada, eu estava estranhamente feliz com meus pais estarem sendo tão...

O que quer que seja (ok, eu estava *um pouco* enojada). Na verdade, a aparente reconciliação deles era a única coisa boa que saiu de toda essa bagunça. Bem, isso e salvar o mundo, obviamente.

Pai balançou a cabeça e estendeu os papéis. — Eu não vim até aqui para discutir as minhas... Relações pessoais. Eu vim aqui porque esta carta chegou do Conselho, esta manhã.

Eu sentei de volta na cadeira. — O Conselho? Como, o *Conselho* Conselho? Mas eles nem sequer existem mais. Talvez você esteja errado. Talvez seja o Conselho de Para Que Cereal Matinal Você Deve...

— Sophia. — papai disse, me dando um olhar de aviso.

— Desculpe. Estou surtando um pouco.

Ele deu um pequeno sorriso. — Eu sei disso, querida. E para ser perfeitamente honesto talvez você tenha razão em estar.

Ele me entregou os papéis, e eu percebi que era algum tipo de ofício. Ele era dirigido ao papai, mas eu vi meu nome no primeiro parágrafo. Eu o coloquei sobre a mesa para que ninguém me visse tremer.

— Essa carta chegou via coruja? — Eu murmurei. — Por favor, me diga que chegou...

— Sophie! — Quase todo mundo na cozinha gritou. Até mesmo Archer deu um suspiro irritado: — Vamos lá, Mercer.

Eu respirei fundo e comecei a ler. Quando cheguei à metade da página, eu parei, meus olhos se arregalaram, e meu coração disparou. Olhei de volta para o papai. — Eles estão falando sério?

— Acredito que sim.

Eu li as palavras de novo. — Puta que pariu.

CAPÍTULO 34



Eu saí do carro, os pés triturando as pedras e cascalhos na entrada, e olhei para a casa que estava aparecendo na minha frente. — Bem? —Papai perguntou, saindo do lado do passageiro.

Atrás de mim, Archer e Jenna saíram do banco de trás e vieram ficar nos meus dois lados.

Empurrando meus óculos de sol para cima da minha cabeça, eu disse: — Parece melhor. Quero dizer, ainda é assustadora como o inferno, mas ela está de volta ao seu nível *regular* de assustadora.

Hex Hall brilhava sob uma camada de tinta fresca, e as janelas foram reparadas. O escalonamento de samambaias na porta da frente estava de volta ao verde luxuriante, e alguém tinha fixado também na varanda. Ainda assim, as árvores ao redor dela eram negras, e a grama era cinza.

— Ela provavelmente nunca será a mesma. — mamãe disse, dando a volta no carro para ficar com o papai e eu.

Suspirando, eu disse: — Talvez seja uma coisa boa.

— O que você acha que eles vão fazer com ela? — Jenna perguntou, estudando a casa.

— Eu desejo que eles queimassem até o chão. — Archer disse. — Talvez afundar a ilha enquanto está nela.

A brisa do mar agitou meu cabelo enquanto nós fazíamos nosso caminho para a casa. Dentro não havia mais aquela sensação de decadência e dissecação, mas eu pensei que a casa provavelmente sempre seria um pouco triste. Ou talvez fosse só eu. Passamos sob a manchada janela de vidro, e eu olhei para cima, o prazer de ver que todos tinham suas cabeças novamente, o vidro colorido brilhante à luz do outono. Eu já podia ouvir o murmúrio de vozes quando nos aproximamos do salão de baile, e minha mãe pegou a minha mão. — Nervosa?

— Não. — eu respondi, mas desde que eu bali isso como uma ovelha, eu duvido que ela estivesse convencida.

Todas as mesas que não combinavam, onde estávamos habituados a comer, tinham ido embora. Eles foram substituídos por um mar de cadeiras pretas, mas todas elas estavam vazias. Até no estrado onde os professores tinham uma vez se sentado, estavam doze cadeiras que provavelmente deveriam ter sido chamada de tronos. Todos, exceto uma delas estavam ocupadas.

Todos do recém-formado Conselho se levantaram quando entrei no salão, mas eu imediatamente levantei minhas mãos. — Oh, Deus, por favor, não façam isso. Eu estou assustada o suficiente para isso.

Uma das fadas, um homem enorme, com asas verde-esmeralda, franziu a testa para mim. — Mas como herdeira presumível do Presidente do Conselho, estamos proporcionado um certo grau de respeito.

— Eu posso me sentir respeitada com todos vocês sentados. Honestamente.

Eu pensei que eles poderiam argumentar um pouco mais, mas no final, todos se sentaram. — Você já considerou a nossa oferta? — Uma mulher perguntou. Eu pensei que ela era uma bruxa, mas era difícil ter certeza.

Em vez de responder a isso, sentei-me numa das cadeiras pretas.

— Posso perguntar a você uma coisa pessoal? — Ninguém balançou a cabeça, mas eu continuei de qualquer maneira. — Por que você me escolheu? Quero dizer, com certeza, eu sou um demônio, mas assim também é Nick. Por que não perguntar a ele? É por causa de toda a coisa de "Certa Vez, Ele Ficou Louco E Matou Um Monte De Gente?"

A fada de asas verde olhou para mim. — Essa é uma grande parte dela, sim.

— Mas não a única razão. — a mulher falou. Ela entrelaçou os dedos, dobrando-os em seu colo, e eu vi algumas minúsculas faíscas roxas. Uma bruxa afinal. — A coragem, a força de espírito, a iniciativa... Que você mostrou em parar Lara Casnoff foi muito impressionante. Especialmente em alguém tão jovem. Você não deixa que o medo impeça a você de reconhecer o que precisava ser feito. — Ela olhou para seus colegas. — O que é, talvez, algo que todos possam aprender.

— Agora... — um homem alto de cabelos brancos disse, — você fez a sua...

— Por que arrumaram a Hex Hall?

Senti uma onda de suspiro através de todo o Conselho. — Porque — a bruxa disse. — Hecate Hall sempre foi uma instituição útil para nós, e nós não temos nenhuma intenção de deixar essas ocorrências infelizes... Matarem mais de cem anos de tradição. No próximo mês, todos os alunos que já foram sentenciados a esta escola irão voltar aqui, e a vida pode continuar como normal.

Eu queria rir disso. Normal. Como a vida aqui *alguma vez* tenha sido isso.

Mas, ainda assim. Ela me deu a minha resposta.

Tomei uma respiração profunda, eu me levantei e disse: — Ok. Sim, eu aceito a sua oferta para me tornar Presidente do Conselho.

Sorrisos aliviados eclodiram em alguns rostos, mas eu levantei a minha mão. — Com duas condições.

Os sorrisos desapareceram.

— Eu vou me tornar Presidente do Conselho, mas não até que eu termine a escola.

— Certamente. — a bruxa disse. — Podemos providenciar a sua transferência para Prentiss imediatamente.

Prentiss era a cara escola que bruxas e feiticeiros mais ricos enviavam seus filhos. Era supostamente o oposto de Hex Hall em quase todos os sentidos. Eu balancei minha cabeça. — Não, eu não quero dizer escolaridade Prodígio. Quero dizer escolaridade real. Colégio. A faculdade humana normal.

A fada verde franziu a testa. — Mas você ainda tem um ano antes de ir para a faculdade, correto? Não é assim que funciona? E se você não vai para Prentiss, então onde? Uma escola humana parece inviável.

Outra respiração profunda. — Eu sei. Essa é a minha outra condição. Eu quero que vocês reabram a Hex Hall. Não como um reformatório, ou um lugar de castigo, mas o que costumava ser. Um lugar seguro. Uma escola para todos os Prodígios que querem vir para cá. Embora, tenho que admitir que após o ano passado, pode não haver muitos deles. Mas podemos tentar. Portanto, estas são as minhas condições.

Eu fiquei lá, mãos cruzadas na minha frente. Mais uma vez, pensei em Cal, dizendo, "Está tudo bem. Está tudo bem," quando o abismo se fechava sobre ele.

Ele tinha dado a sua vida pela minha. Eu tinha que fazer isso valer a pena. E ele adorava a Hex Hall. Acreditava nela, cuidava dela, chamava de sua casa. O mínimo que eu podia fazer era restaurá-la.

Por Cal.

Então, quando a bruxa olhou para mim e disse: — Nós aceitamos. — não era medo ou arrependimento que me percorreu. Era satisfação.

Mamãe, papai, Jenna, e Archer estavam todos esperando por mim quando saí do salão.

Antes de qualquer um deles poder dizer algo, eu peguei as mãos dos meus pais e disse: — Nós podemos conversar por todo o caminho de casa, prometo. Eu preciso de algum tempo sozinha agora, porém, está bem?

Pai apertou minha mão, envolvendo o outro braço em volta da cintura da mamãe. — Absolutamente.

— Claro. — Jenna disse.

Archer assentiu. — Faça o que você precisa fazer.

Eu andei por eles e para a varanda da frente. Os passos mal rangiam sob meus pés enquanto eu caminhava no gramado. Movi-me para um dos carvalhos gigantes, inclinando contra ele para olhar para a escola.

Eu ainda estava lá quando eu senti uma presença ao meu lado. Elodie flutuava ao meu lado, seu cabelo vermelho oscilando em torno de seu rosto.

— Oi. — eu disse suavemente.

— Então você vai ser a Senhora Grande Chefa?

Eu abri minha boca para fazer algum comentário espirituoso, mas nada veio. Então eu só disse: — Sim. Eu vou.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça. — Você vai ser boa no que faz. Mas se você alguma vez contar a alguém que eu disse isso, eu vou matar você.

Eu ri. — Justo. — Por um longo momento, eu olhava vigiando a casa.

E então, muito discretamente, eu disse: — Se você está pronta para eu... Eu não sei, libertar você ou o que seja, eu posso agora. Pelo menos eu acho que posso.

Elodie se virou para mim, seus pés pairando no chão. — Para onde eu iria?

— Eu não sei.

— Será que você... — Ela parou de falar, e se eu não conhecesse Elodie melhor, eu teria jurado que nervosismo atravessou seu rosto. Então seus lábios se moviam tão rapidamente que eu não podia entender qualquer uma das palavras.

— Uou, desacelere. Minhas habilidades de leitura labial não são *tão* grandes.

Ela se aproximou. — Eu disse, se você estiver hospedada em Hall Hex, então... Eu quero ficar, também.

Eu pisquei. — De verdade? Você quer ficar amarrada a mim por toda a eternidade? Porque se você pensar por um segundo que eu vou deixar você entrar em meu corpo novamente, você pode ter outra ideia.

— Eu não quero estar em seu corpo mais. — ela disse, antes de esfregar o rosto. — Isso soou grosseiro. Enfim, eu só quero ficar aqui. Por agora.

— Por quê?

Ela jogou as mãos para cima. — Porque você é minha amiga, ok? Porque ajudar você e sua tripulação perdedora nestas últimas semanas tem sido... Eu não sei, divertido. É mais diversão do que eu pensei que eu teria estando morta.

Eu estava estranhamente tocada, então eu tentei manter minha voz gentil quando eu disse: — Elodie, eu entendo. E para ser honesta, o pensamento de você piscar fora da existência me faz... —Minha garganta fechou, então eu tentei transformá-lo em uma tosse antes de dizer: — Mas eu não posso ter você presa a mim para sempre. Não é justo para qualquer uma de nós.

— Existe alguma maneira de você puder transferir a ligação? — Ela perguntou. — Todos os outros fantasmas em torno deste lugar, eles estão ligados à ilha. Você poderia fazer isso por mim?

Eu pensei sobre isso, e meus poderes cantarolavam nas minhas veias. — Sim, eu poderia fazer isso. Mas, Elodie, isso irá significar que você vai estar presa aqui na Ilha Graymalkin para sempre. Será apenas você e o que quer que os fantasmas fazem em torno deste lugar.

Elodie desapareceu, e eu revirei os olhos. — Ah, vamos lá!

Mas depois ela reapareceu vários metros de distância, sobre a ascensão do monte que descia para o lago. Acenando o braço para eu segui-la, ela flutuou fora de vista.

Suspirando, subi o morro, e quando eu estava no topo, eu tive que sombrear os olhos contra a luz do sol saltando fora da água.

— Uau. — eu disse, parando quando Elodie pairou perto de mim.

— Essa é a lagoa mais bonita que eu já vi. E olha, a grama não parece tão morta sobre...

Tudo o que eu tinha estado a ponto de dizer morreu em minha garganta, e eu apertei a mão sobre minha boca.

Cal caminhava ao longo da borda da lagoa. Bem, seu fantasma fez, pelo menos. Ele estava tão fraco que eu mal podia vê-lo, mas não havia dúvida em seu longo e suave passo. Ele ajoelhou -se e passou a mão sobre um pedaço da grama cinza, e quando ele fez, ele voltou a um vívido, verde esmeralda.

Ele olhou para a colina onde eu estava, e ele levantou sua mão em uma pequena saudação. Eu acenei de volta, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Ele pode me ver? — Eu perguntei a Elodie. — Ou é só você?

— Ele vê você. — ela respondeu. Então, um pouco tristemente, acrescentou: — Eu não acho que ele iria me dar aquele sorriso especial. — Então seus lábios se contorceram em um sorriso malicioso. — Pelo menos não ainda. Eu tenho toda a eternidade para fazer Cal mudar de ideia sobre mim.

Eu sabia que ela estava brincando, mas eu estava falando sério quando eu disse: — Tome conta dele, ok?

E seu rosto estava surpreendentemente suave quando ela respondeu: — Eu vou.

No final, liberar Elodie de mim e amarrá-la à ilha só precisou de uma simples magia. Mas quando senti aquela pequena cadeia de poder entre nós sumir, eu tinha que admitir que me senti mais do que um pouco triste.

Nesse momento Archer e Jenna me encontraram, Elodie havia desaparecido novamente. Então tinha Cal, embora a grama ao redor da lagoa fosse verde agora.

— Aí está você. — Jenna disse quando ela e Archer apareceram no topo da colina.

— Sim, desculpe. — eu disse, caminhando para ficar entre eles. — Tinha um monte de coisa em minha mente.

— Eu aposto. — Archer disse, envolvendo um braço na minha cintura. — Então, você disse a eles o que você faria.

— Eu disse. Você acha que é idiota?

— Eu acho que é perigoso. — ele disse, virando-me para encará-lo. — Eu acho que *você está* louca. Mas perigosa e louca são as duas coisas que eu mais amo sobre você. Assim, não. Não é idiota. Embora eu esteja desapontado que sua condição para assumir o cargo era reabrir a Hex Hall e não, eu não sei, férias no Caribe com seu namorado.

Ele abaixou a cabeça para me beijar, e Jenna pigarreou. — Hum, Olá? Tenho quase certeza que uma companheira vampira deve ter algum tipo de vantagem, também.

Archer cutucou o ombro de Jenna. — Diga-lhe que quando voltar do Caribe, ela pode levá-la para a Transilvânia ou algo assim. Como isso soa?

Ela socou seu braço, mas não havia afeto no gesto, e de repente eu queria chorar tudo de novo. Então eu me afastei de Archer e disse: — Todas e qualquer férias terão de esperar até que eu termine o ano letivo.

— Quando ambos olharam para mim, acrescentei: — Sim, essa é a outra parte. Quando reabrir a Hex Hall... Eu vou ficar aqui. Apenas pelo resto do ano. — eu me apressei. — Não pela vida toda. E a faculdade era uma outra parte do negócio, por isso há um depois. Mas, quero dizer, nós vamos ser capazes de manter contato. Há todos os tipos de magias para esse tipo de coisa.

Jenna e Archer trocaram um olhar. — Por que precisamos "manter contato"? — Jenna perguntou.

— Bem, porque... Olha, eu não posso pedir a vocês para ficar em Hex Hall por um ano mais. Jenna, você tem Vix, e Archer, você tem... Na verdade, o que você *tem*?

— Você. — ele disse firmemente. — E um bando inteiro de cavaleiros sagrados que querem me matar.

— Vix pode visitar. — Jenna disse. — E a escola será um lugar bom agora, então não é como se mais um ano fosse uma tortura. Embora... — ela disse, franzindo a testa. — Eu tenha que admitir que o lugar é horrível de se olhar. Eu não sei como vamos resolver isso.

De frente para o lago, olhando para aquela verde, verde grama, eu dei uma risada. — Eu não acho que temos que nos preocupar com a ilha, — eu disse, enxugando as lágrimas perdidas com a palma da minha mão.

— Ela está sendo curada.

— Bem, você terá isso, então. — Archer disse. — Vix pode vir para uma visita, a ilha acabará por ser muito menos deprimente, e eu não vou deixar você nunca mais.

— Sim, e ainda temos que lidar com O Olho sendo... Olho-qualquer-coisa, e comigo aprendendo a ser Chefe do Conselho, o que provavelmente envolverá muitos livros chatos e...

Archer pressionou sua boca à minha, efetivamente fechando-a e beijando o inferno fora de mim. Quando ele se puxou para trás, ele estava sorrindo. — E você tem um arrogante ex-caçador de demônios que é estupidamente apaixonado por você.

— E uma vampira deprimida que irá andar para o inferno com você. Na verdade, que *tem* caminhado para o inferno com você. — Jenna acrescentou, dando a volta para o meu outro lado.

— E pais que te amam, e que provavelmente estão se pegando no carro. — Archer disse, e eu ri.

— Então, realmente. — Jenna disse, e enrolou o seu braço com o meu, — O que mais você precisa?

Olhei para trás e mais ainda entre eles, essas duas pessoas que eu tanto amava. A brisa agitava a grama alta em torno da lagoa, e eu pensei que podia ouvir a risada de Elodie.

— Nada. — eu disse a eles, apertando as mãos de ambos. — Nada.

Sobre a Autora



Nascida em 23 de novembro de 1979, Rachel Hawkins é uma ex-professora formada pela Universidade de Auburn, no Alabama. Ela deixou o magistério para terminar de escrever e lançar seu primeiro livro, Hex Hall. Que se saiba, Rachel não é uma bruxa, embora alguns dos antigos alunos possam discordar.

Star Books Digital

